PROJECTAR
NO TERRENO DO LIMA

o desenho da cidade pela habitação

André Santos (coordenação)

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
André Santos

COLABORAÇÃO
André Santos
Helder Casal Ribeiro
Luís Soares Carneiro
Luís Viegas
Marco Ginoulhiac
Maria José Casanova
Marta Rocha

TÍTULO
PROJECTAR NO TERRENO DO LIMA
O desenho da cidade pela habitação

DESIGN
André Santos e Sara Brites Ramos

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro S.A.
Capa em papel Couché Mate Volume 300g
Miolo em papel Couché Mate Volume 150g

1ª EDIÇÃO: PORTO, JUNHO 2018
ISBN: 978-989-8527-16-5
Depósito Legal: 441 964/18

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
Via Panorâmica, S/N 4150-564 Porto | Portugal
T +351 226 057 100
www.fa.up.pt

Os textos e os elementos gráficos de cada um dos trabalhos, bem como a utilização do acordo ortográfico, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

AGRADECIMENTOS

À direção da FAUP, na pessoa do Prof. Doutor Carlos Guimarães, pela adesão e apoio essenciais para a viabilização desta publicação.

À Sara Ramos, pelo empenho, pelo sentido de responsabilidade e rigor, e sobretudo, pela resiliência que manteve neste percurso mais longo do que seria de desejar.

Ao Bernardo Alves e ao Pedro Faustino, pela colaboração na disponibilização de desenhos dos seus projectos, e à Raquel Silva pela participação na definição inicial do *layout*.

À gráfica Maiadouro, em particular ao Senhor Fernando Oliveira pela disponibilidade e pela colaboração técnica no acompanhamento do *layout*.

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA **002**
AGRADECIMENTOS **003**
ÍNDICE **004**

Introdução **006**
O desenho da cidade pela habitação **008**
Projectar no terreno do Lima **010**

PROJETOS **013**
Ana Godinho 013
Ana Rute Malato 017
António Paoletti 021
Beatriz Almeida Nunes 025
Beatriz Vieira 029
Carolina Esteves 033
Catarina Quinaz 037
Catarina Vilarinho 041
Cesare Cantoni 045
Damiano Urbani 049
Daniel Sá 053
João Queiroga 057
José Daniel Mourão 061
Luís Araújo 065
Magda Afonso 069
Maria Francisca Pereira 073
Maria Inês Duarte 077
Mariana Aguiar Antunes 081
Nuno Sarmento 085
Patrícia Fernandes 089

Raquel Silva 093
Rita Gandra 097
Rúben Silva de Sousa 101
Sara Brites Ramos 105
Sofia Borges 109
Verónica Pinto 113

DOCENTES de PROJETO 3 (2016-17) 118
ALUNOS de PROJETO 3 (2016-17) 120

Introdução

O conhecimento desenvolvido e produzido nas universidades deve, sempre que possível, procurar ultrapassar os limites do seu território, projetando-se para o exterior do universo académico. Essa condição, de exposição e de diálogo, contribuirá decisivamente para a caracterização de identidades e, sobretudo, para o aprofundamento e credibilização das relações entre as universidades e a sociedade.

Para além dos trabalhos de investigação desenvolvidos por docentes e investigadores, as experiências de projeto percorridas pelos alunos do Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura (MIArq) da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP), são igualmente matéria significativa que assinala e afirma um espaço de investigação que importa divulgar e debater.

A Unidade Curricular de Projeto 3, perseguindo uma atitude de projeto centrada na função habitacional, vê reforçada a oportunidade (e a capacidade de diálogo) que o programa didático pode e deve estender para o exterior da sua especificidade.

O ato de habitar em comum e, consequentemente, os edifícios de habitação (plurifamiliar) que o sustentam e materializam, representam também, na medida da sua universalidade, a essência da arquitetura, uma vez que a sua concretização qualificada é do interesse de todos os cidadãos que, independentemente das áreas de atuação profissional, se assumem primeiramente, como "habitantes" do espaço doméstico.

É neste contexto que se desenha a vontade de divulgar um conjunto alargado de trabalhos, a partir dos quais se proporcione uma leitura e se compreenda a diversidade das opções, estratégias, percursos e resultados alcançados por alguns dos alunos. Este desafio, que agora se efetiva, é a súmula de um longo processo em que, à semelhança de um projeto, foram definidos princípios, objetivos, hierarquias, caminhos e opções, em avanços e recuos nem sempre lineares que, independentemente de outras possibilidades, permitiram chegar a um produto final.

A fase conclusiva desta iniciativa fez com que a ambição inicial fosse reformulada projetando-a de forma a constituir-se como uma marca de identidade, esperando-se a continuidade desta experiência enquanto prática corrente na finalização dos anos letivos vindouros.

Finalmente, é de grande importância reconhecer que a determinação e envolvimento dos docentes no trabalho, bem como a adesão dos discentes a este desafio, se deve ao Prof. Doutor Luís Soares Carneiro. Além de ter sido o mentor do projeto, a sua iniciativa, motivação e disponibilidade revelaram-se condições essenciais para a prossecução deste objetivo.

Complementarmente, a concretização do mesmo apenas se viabilizou pela enorme generosidade e entrega da aluna Sara Ramos que, em benefício de todos os colegas aqui publicados, emprestou o seu tempo a este projeto, com uma perseverança e capacidades invulgares, superando todas as expectativas.

Os trabalhos são apresentados por ordem alfabética dos seus autores e as peças escritas e desenhadas são da exclusiva responsabilidade dos mesmos, obedecendo a uma matriz comum.

Cada trabalho é organizado a partir de quatro momentos diferenciados que se distribuem ao longo de quatro páginas.
Na primeira, para além da identificação e de um texto enquadrador da proposta, é apresentada a implantação (esc. 1:4.000), e dois esquemas (esc. 1:8.000) que confrontam o espaço público (branco) com o espaço privado da proposta (preto), e o espaço construído da proposta (preto), com o espaço não construído (branco).
Na segunda e terceira páginas é apresentado o projeto na dimensão do edifício e do módulo, ou fogo.
Na última página expressa-se um corte de fachada e a respetiva legenda dos materiais e sistemas construtivos.

André Santos
Porto, Janeiro de 2018

O desenho da cidade pela habitação

A Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto possui uma longa experiência no ensino de Projeto. Aplica-se uma didática assente na convicção da improcedência de um ensino fragmentado, na recusa do processo de desagregar o conhecimento em parcelas, na certeza de que começar pela introdução isolada aos instrumentos de projeto e na abordagem abstrata aos processos metodológicos, não é o melhor caminho. Consequentemente, é um processo de aprendizagem deliberadamente lento e oficinal, obstinadamente estruturado em módulos anuais e não semestrais, e que começa, desde o primeiro ano, pela imersão na prática integral do projeto.

Procura-se uma visão global e generalista, sendo experimentados e trabalhados os diferentes temas e programas arquitetónicos em sucessivas etapas. E ensaia-se a abordagem das questões essenciais da arquitectura em cada um dos exercícios específicos, operando sobre as dificuldades e problemas intrínsecos do projeto.

Apesar das etapas em que está o curso articulado, não se trata de um processo aditivo mas de uma contínua exercitação, desenvolvimento e evolução das capacidades de lidar com a complexidade. Trabalham-se os exercícios de forma concreta, mas de modo a serem superados e transcendidos, e não para se isolarem num tema.

Neste quadro, no percurso de aprendizagem do Projeto há um momento em que é necessariamente abordada a Habitação Plurifamiliar, uma temática incontornável na formação de um arquitecto. A sua permanente necessidade como programa público e privado, somada à sua recorrência na vida profissional dos arquitetos, são uma evidência.

Porém, na abordagem que temos procurado implementar em Projeto 3, e de acordo com a visão geral do nosso entendimento do ensino, o que é essencial aprender não está na temática, nem na natureza da matéria abordada.

A importância enquanto tema da Habitação Plurifamiliar, no contexto da didática de Projeto 3, surge maioritariamente como a oportunidade de colocar em jogo um conjunto diversificado e contrastante de problemas.

A Habitação Plurifamiliar é um fenómeno intrinsecamente urbano: que cidade fazer, como a construir/renovar/completar, como organizar e dispor volumes, como relacionar cheios e vazios, como distinguir público e privado, como distribuir os programas, como relacionar construções com o espaço público, que tratamento e definição dar aos espaços comuns, que qualidades e natureza lhes atribuir..., tudo, neste universo, suscita a necessidade da compreensão das morfologias e das subtilezas do desenho urbano.

Paralelamente e em simultâneo, suscita a atenção para a relação necessária entre as morfologias urbanas e as tipologias habitacionais, pois a definição interna do edifício habitacional não é pensável sem uma visão e uma estratégia urbana e sem a ponderação da escolha, para cada situação, dos sistemas de distribuição interna dos edifícios, do modo de agenciamento das células residenciais no interior dos volumes, da organização do fogo..., pois todos são parte de um mesmo universo de problemas interrelacionados e interdependentes.

As células exigem igualmente atenção, no seu programa, na natureza da sua organização, na conjugação das suas partes pela articulação de espaços e percursos interiores, nas suas hierarquias e prioridades, na calibragem das suas proporções, no modo como libertam ou constringem as oportunidades de apropriação, ou nas qualidades espaciais e formais que promovem. E a sua agregação no edifício, como entidade e como objecto, até mesmo na sua materialidade e construção, buscando uma estudada consistência entre forma construtiva e expressão arquitectónica, são também factores influentes da relação entre arquitetura e cidade.

Em percurso inverso e simultâneo, no trabalhar da habitação plurifamiliar é importante ganhar consciência de que a forma da cidade começa também a partir do seu interior. É da forma a partir da qual os espaços domésticos se estabelecem e da sua agregação serializada que se concebem e se definem as cérceas, os volumes e os alçados, se determinam as superfícies, as aberturas e suas expressões, que vão determinar a forma e o carácter dos volumes, das frentes construídas e do modo como elas caracterizam os espaços públicos.

Ou seja, é tanto a partir do desenho e da morfologia urbana que se pensa a habitação, como, reciprocamente, é a partir da habitação, do edifício e das suas características, que se produz a forma urbana e o carácter de uma parte da cidade. E, portanto, é partindo do entendimento da processualidade implícita entre arquitetura e cidade, entre tipologia e morfologia, que o percurso se faz em Projeto 3. A cidade que concebemos e a habitação que projetamos são duas faces de uma mesma realidade. E compete-nos, como cidadãos e como arquitetos, percebê-lo como caminho para a vida urbana que queremos produzir e usufruir.

O tema da habitação plurifamiliar não constitui um fim nem se esgota em si próprio. É também e sobretudo a oportunidade de conhecer melhor a relação entre a cidade e o objecto — uma das questões centrais da Arquitetura — e que o programa de Projeto 3 permite trabalhar e aprofundar.

Luís Soares Carneiro
Porto, Janeiro de 2018

Projectar no terreno do Lima

A seleção dos lugares que escolhemos como circunstâncias e contextos de intervenção para o desenvolvimento dos exercícios de Projeto 3 obedece a três condições fundamentais: ser um local urbano; estar numa zona de cidade em transformação; e possuir uma área suficientemente significativa para não se resumir a um simples exercício de preenchimento, no qual as determinantes em presença pudessem estabelecer à partida todas as decisões essenciais. Ou seja, um contexto de intervenção onde haja lugar para sujeitar a complexidade à interpretação, e no qual seja necessário encontrar e estabelecer um novo sentido de ordem.

A urbanidade densa é condição da habitação plurifamiliar presente e, muito presumivelmente, futura. E a cidade em transformação irá continuar a ser uma área de ação da arquitetura, para além de ações pontuais de recuperação ou reconstrução de edifícios em zonas restritas da cidade existente, "históricas" ou não. A presença de vazios urbanos e de situações urbanas de evidente perfectibilidade, irão continuar a obrigar a operações inteligentes de completamento, de reparação e de melhoramento dos tecidos urbanos, que ultrapassam as questões e os problemas colocados pela respeitável, mas menos complexa,construção/ renovação de edificado.

As decisões inerentes à necessidade e ao traçado de novas vias – com o correspondente programa, carácter e dimensões –, assim como as decisões sobre os afastamentos, a profundidade edificável, as alturas adequadas, ou sobre a relação com as construções já existentes, continuarão, conjuntamente com o sistema de espaços públicos herdado – ao qual é necessário dar sentido e continuidade, introduzindo novas características e qualidades – a ser instrumentos da produção de áreas urbanas renovadas. Um tipo de operações nas quais o jogo de relações entre a arquitetura – entendida como desenho de edifícios – e o desenho urbano – entendido como o relacionamento entre o construído – se possa desenrolar e a "construção da Cidade" possa acontecer.

O terreno do antigo Estádio do Lima, na rua da Alegria, no Porto, oferece um conjunto de condições que permite abordar muitas das questões relevantes para a aprendizagem do projeto, nomeadamente as questões específicas que a cidade e o seu desenho colocam. A sobreposição de diferentes tempos e modos de produção do espaço urbano contextualizaram uma superfície vasta, cuja utilização sugere a abertura de novas vias; impõe a necessária atenção ao evidente contraste de escalas entre as torres do Campo do Luso e as pequenas casas da rua Costa Cabral; obriga a atender aos prédios de produção corrente da rua da Constituição e à contiguidade imposta pelo conjunto do "Lima 5", constituindo condicionantes que propiciam o aprofundamento e a exploração do método e da prática projectual, desafiando a identificação de problemas a resolver, a colocação de hipóteses e a experimentação e o encontro de soluções.

A proximidade do notável conjunto moderno do vizinho "Campo do Luso", obriga a pensar e a comparar modelos de cidade, suscitando também a questão da expansão e da continuidade dos espaços públicos e semi-públicos, muito para além do restrito limite das vias. Do mesmo modo, coloca a delicada questão da relação entre as manchas construídas existentes e o espaço livre, ou ainda o problema das fachadas posteriores e dos logradouros expostos à cidade, usuais fontes de descontinuidade e descontrole espacial.

Por razões didáticas o programa do exercício impôs diversos constrangimentos: cérceas máximas, a abertura de pelo menos uma nova via, a imprescindível contenção dos espaços públicos — ainda que generosos — um programa maioritariamente habitacional e uma densidade substancial, de modo a criar as condições necessárias para pensar a ocupação deste terreno de modo a reforçar o carácter e as qualidades urbanas do lugar, integrando o existente e a estrutura espacial por ela fornecida, para criar um amplo excerto de tecido novo que, simultaneamente, reinterpretasse e modificasse o existente, reconstituindo-o, para gerar uma nova realidade urbana.

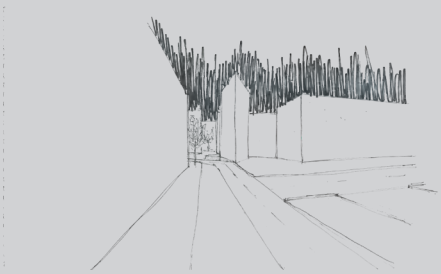
O exercício principal de Projeto 3 — cujos resultados são aqui mostrados — é a etapa final de um longo percurso que percorre escalas muito diferentes, da 1:2000 à 1:2. É um momento que sintetiza o essencial das explorações distributivas e tipológicas do primeiro período, as experimentações urbanas do segundo período, e incorpora um elevado enfoque no desenvolvimento formal e construtivo do período final, onde todo o caminho realizado se condensa e sintetiza.

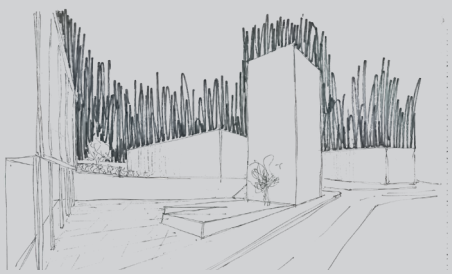
Mais do que as soluções formais encontradas – naturalmente diversas nas suas particularidades – e mais do que os resultados obtidos – também eles distintos – importou, como manifestam os trabalhos que aqui se apresentam, a oportunidade de explorar problemas diversos, de trabalhar conjuntos edificados vastos, de articular uma nova proposta urbana com as formas que previamente definiam e caracterizavam o lugar, num percurso concebido para gerar oportunidades de experimentação e de acrescido entendimento do complexo jogo de reenvios entre a cidade e as suas construções.

Os docentes,

André Santos
Helder Casal Ribeiro
Luís Soares Carneiro
Luís Viegas
Marco Ginoulhiac
Maria José Casanova
Marta Rocha
Porto, Fevereiro de 2018

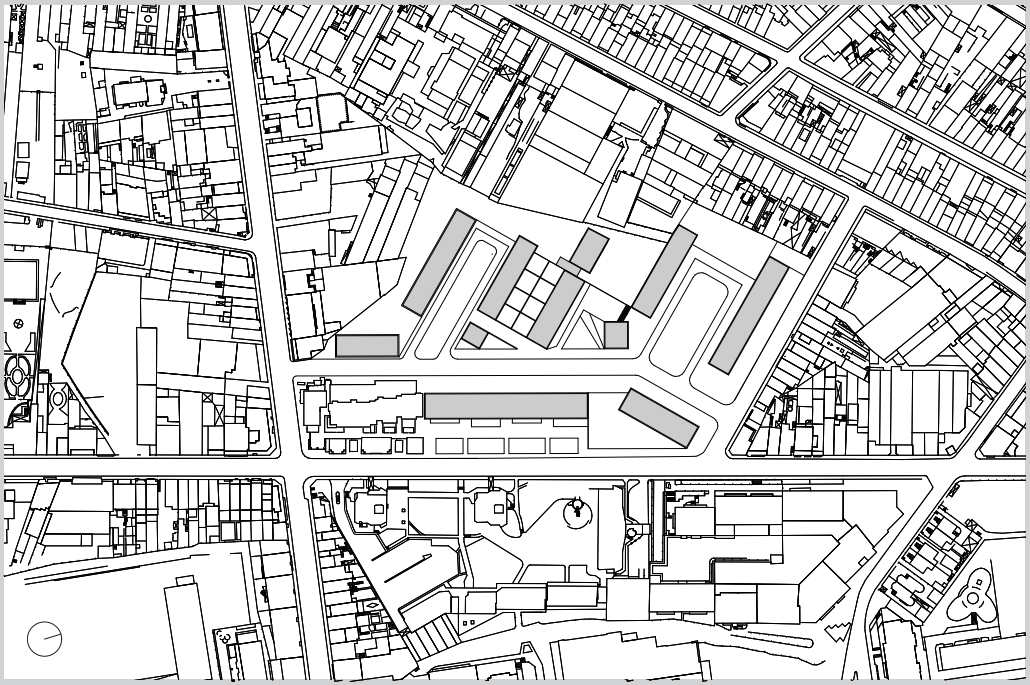


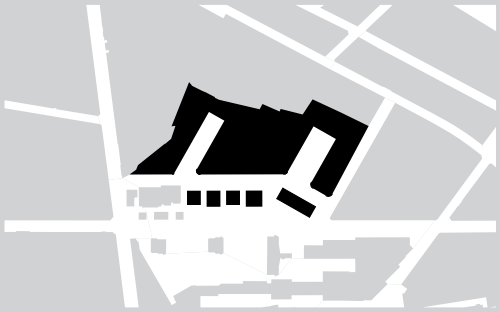




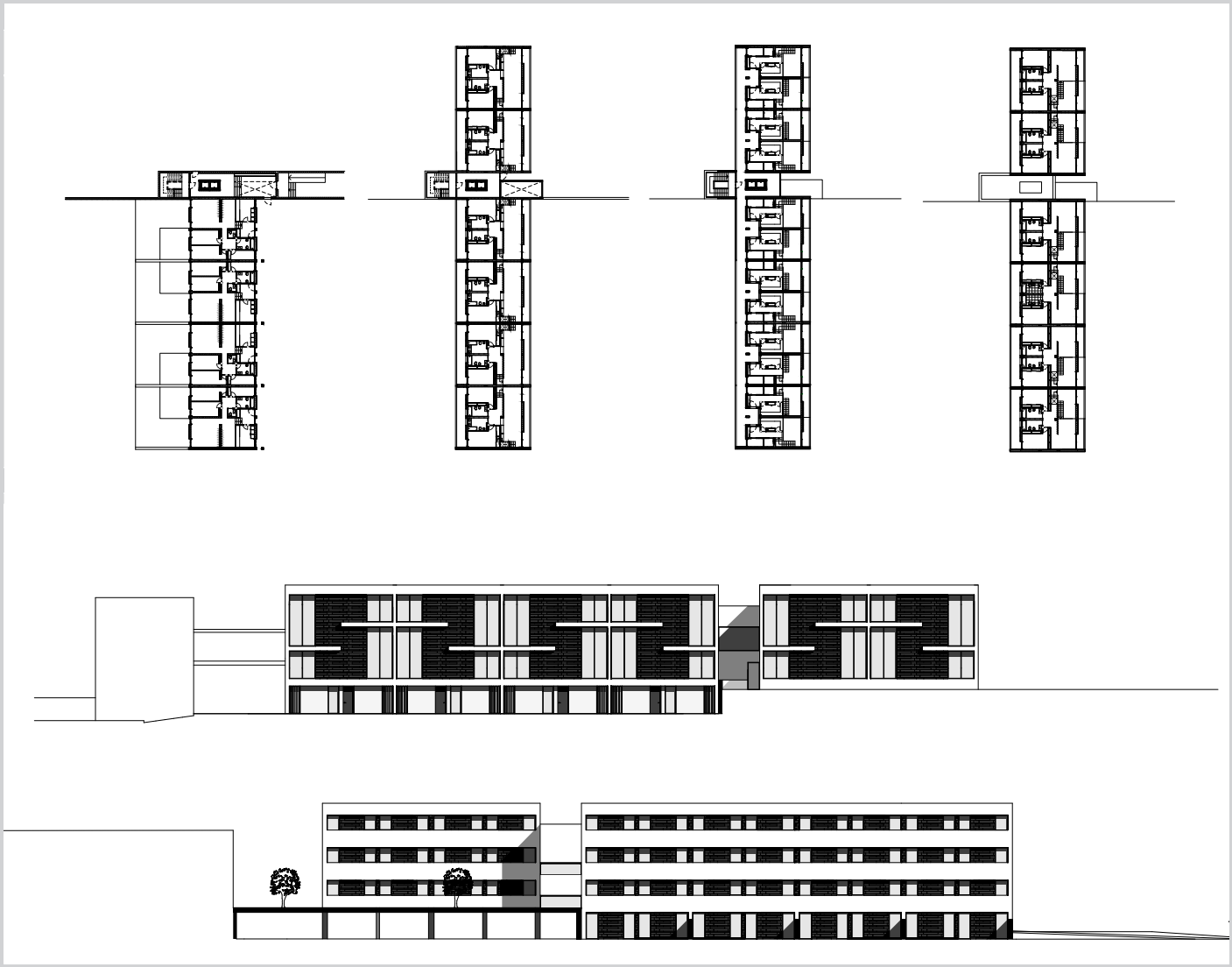
Ana Godinho

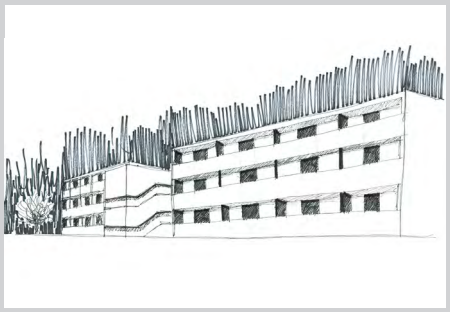
Este projecto baseia-se na divisão do lote em dois, através da definição (prévia) de um novo arruamento.
A edificação ao longo da rua da Alegria, como eixo principal da área de intervenção, é relativamente linear e, em articulação com a envolvente, permite as ligações com o interior do lote.
Neste interior, e a marginar a nova rua, os edifícios propostos são independentes, mas complementares, proporcionando diferentes e diversificados pontos de vista e percursos pedonais: o que reforça o carácter local e residencial deste espaço.
Os módulos-base destes edifícios, de Acessos Diretos e Acessos por Galeria, organizaram-se através de apartamentos simplex e duplex.
Os fogos simplex, no piso térreo e com carácter de acesso direto, potenciam o olhar e as relações para um pátio exterior. Enquanto que os fogos duplex, em galeria, são internamente marcados por uma zona com pé-direito duplo nas salas, em especial articulação com a zona dos quartos.



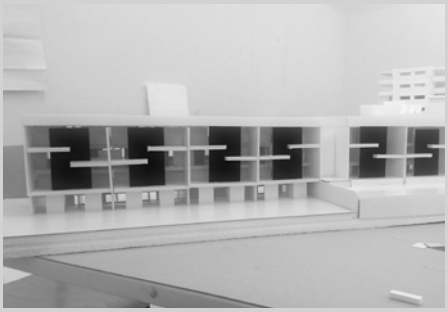


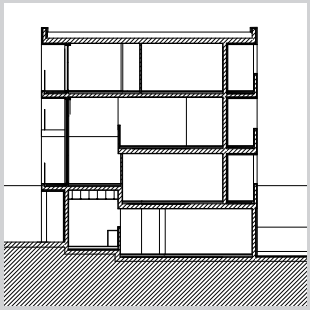


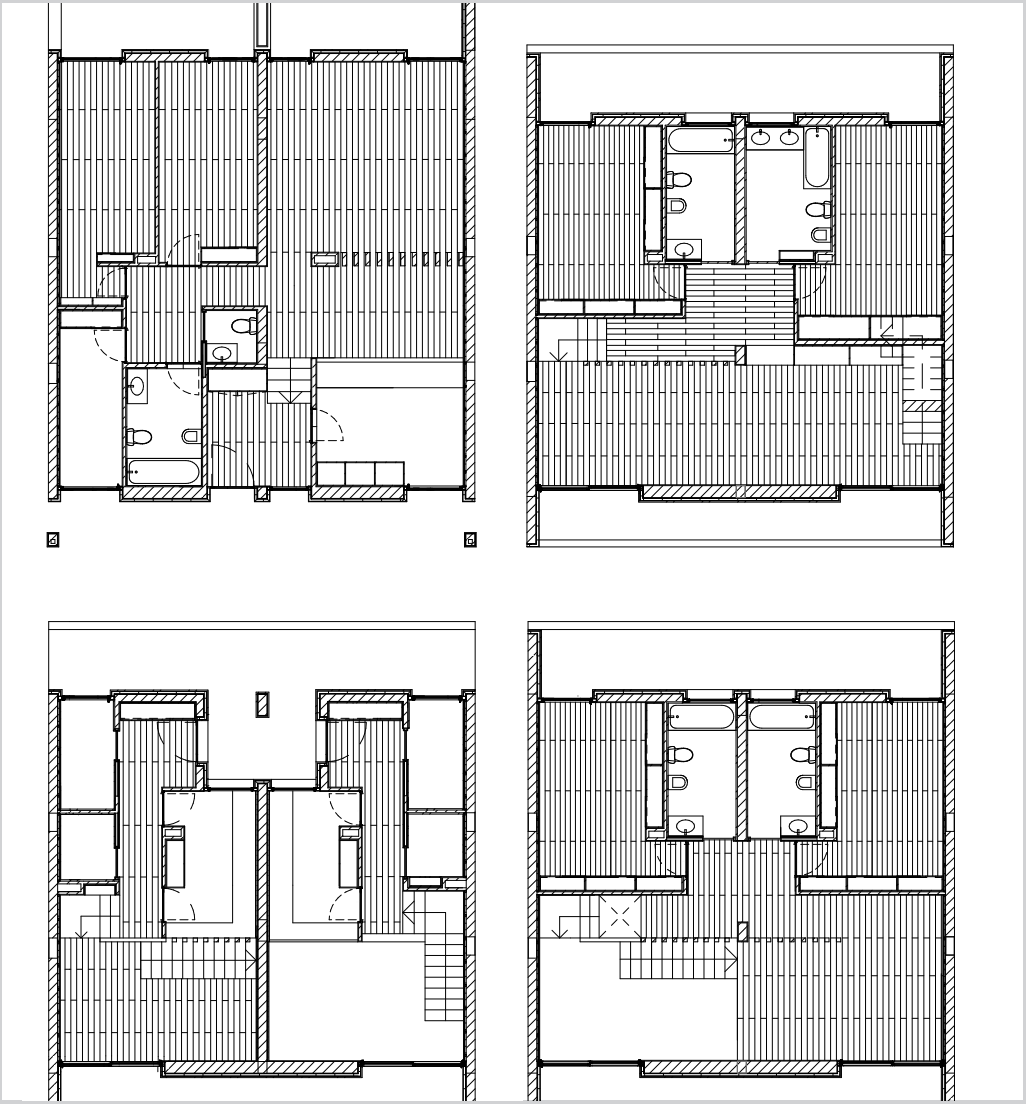


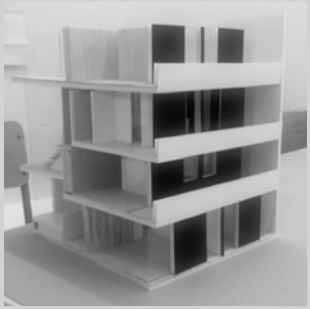


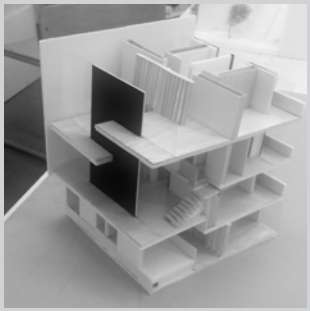


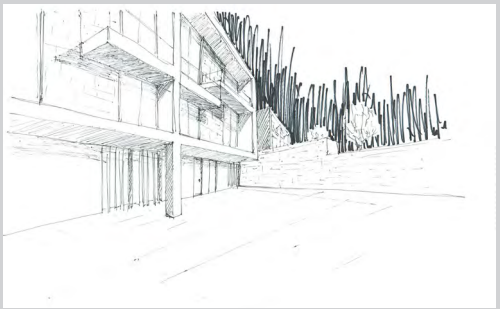


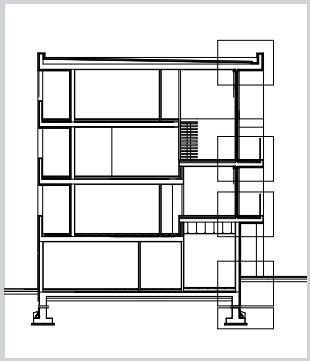




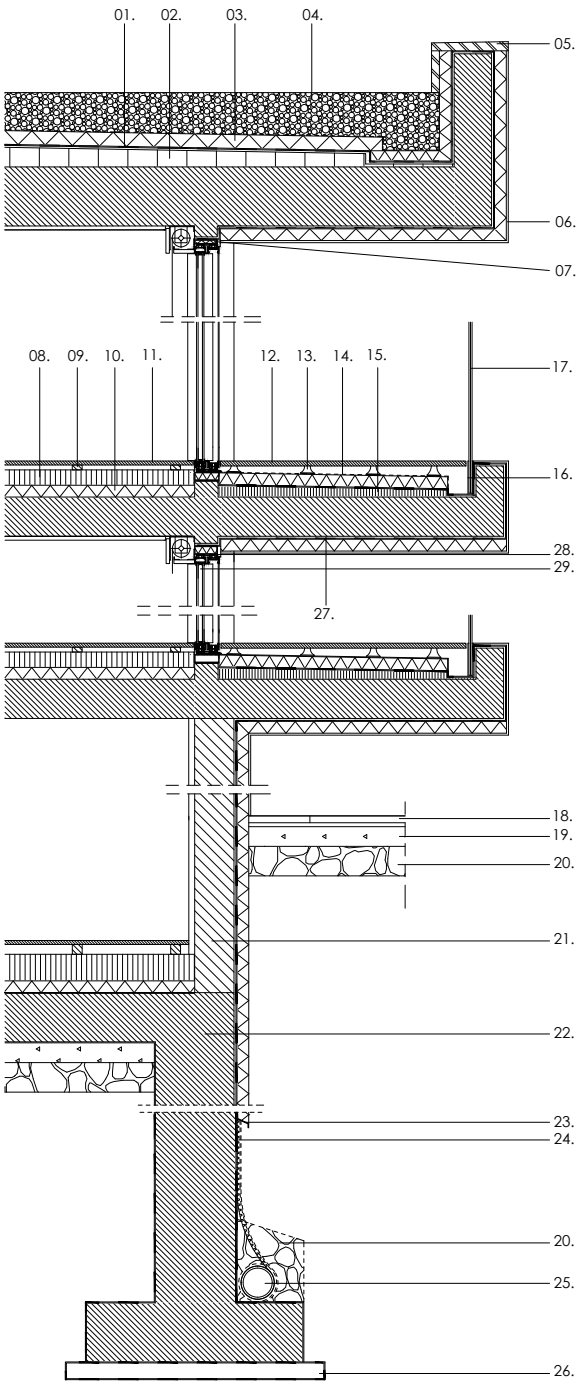




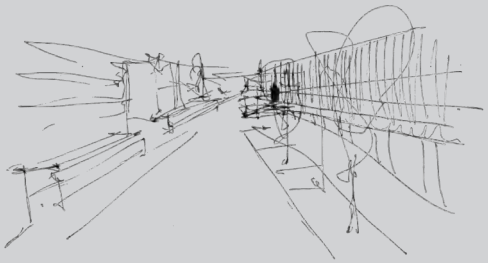


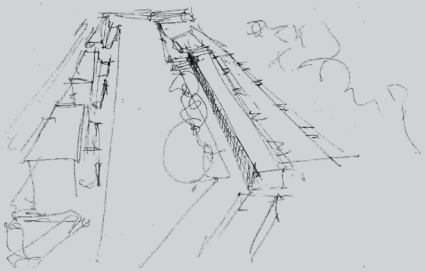


01. Tela asfáltica
02. Camada de forma com pendente
03. Isolamento térmico
04. Seixo rolado
05. Capamento de pedra
06. Sistema RASIT pintado em branco
07. Pré-aro
08. Betão leve
09. Tacos de madeira
10. Isolamento acústico
11. Soalho em madeira de carvalho
12. Deck em madeira
13. Suportes plásticos para nivelamento
14. Manta geotêxtil
15. Betonilha com pendente
16. Perfil de metal da SAPA group
17. Vidro laminado
18. Placa de cerâmica
19. Massame de betão armado com rede electro-soldada
20. Caixa de brita
21. Alvenaria de tijolo vasado
22. Betão armado
23. Rufo plástico
24. Tela drenante
25. Dreno
26. Betão de limpeza
27. Camada de regularização
28. Perfil de fecho
29. Caixilharia panoramAH ph38



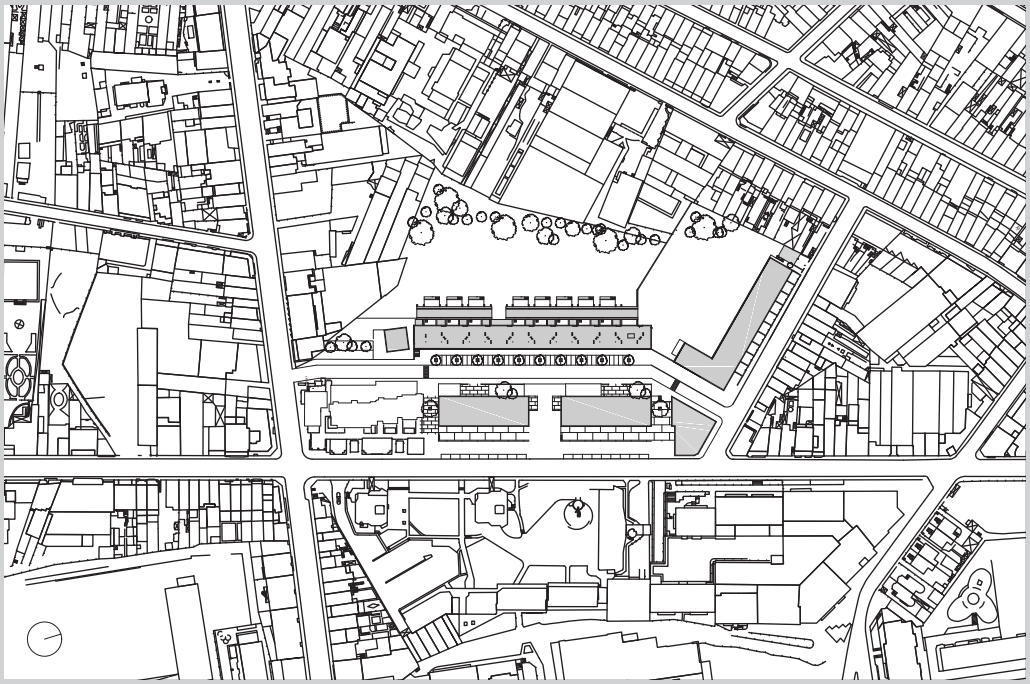


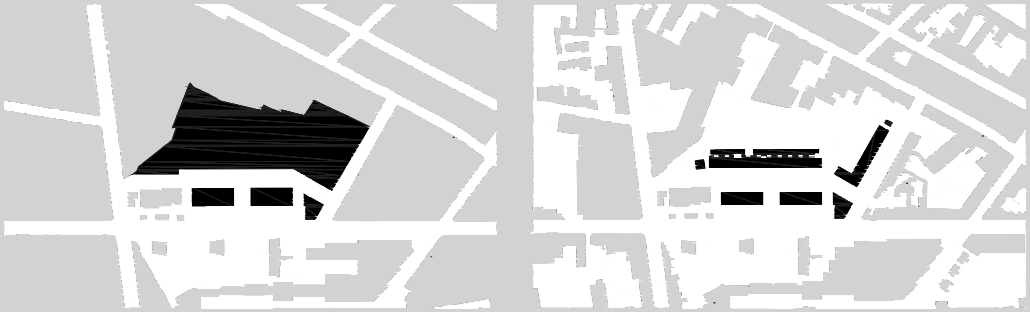


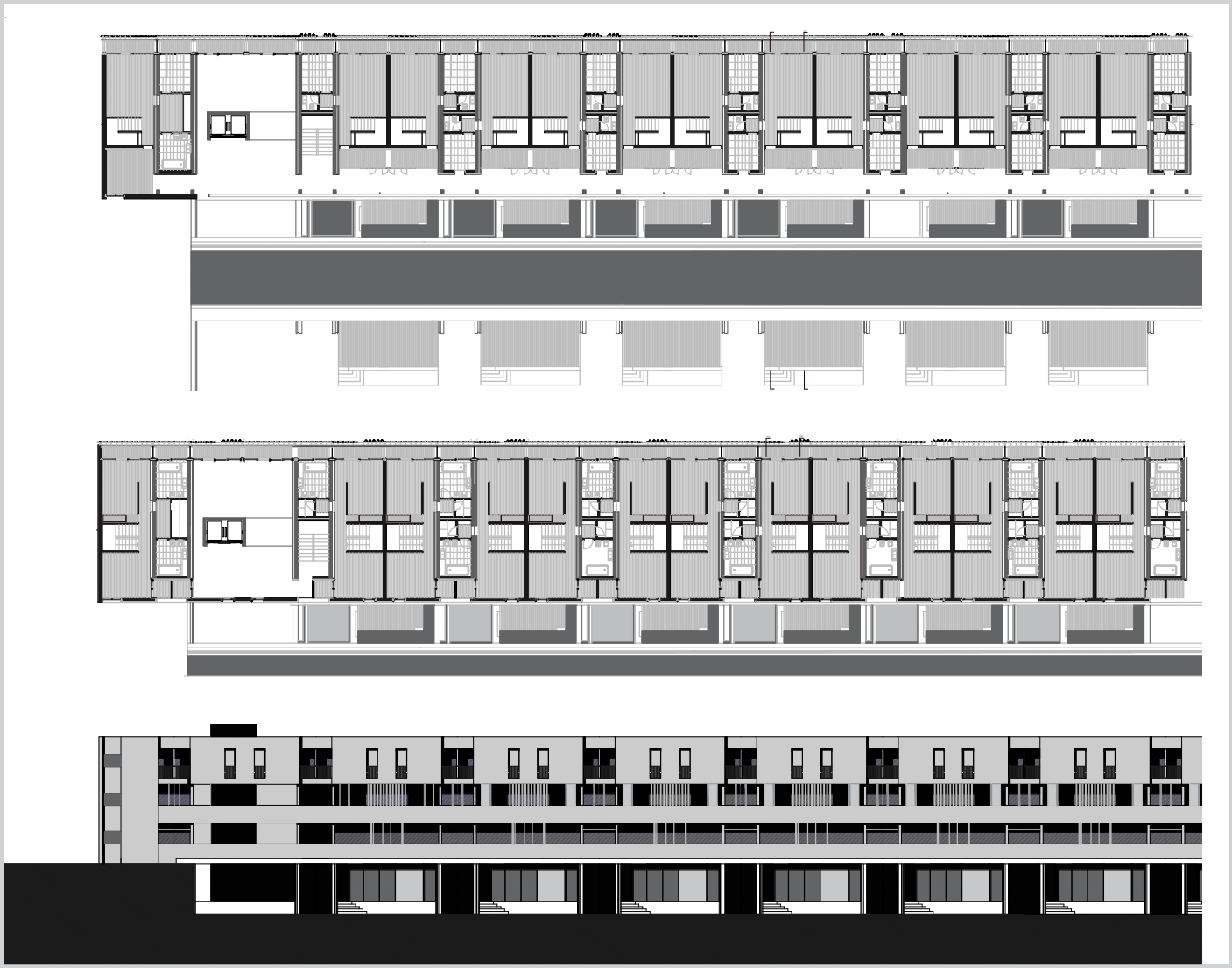


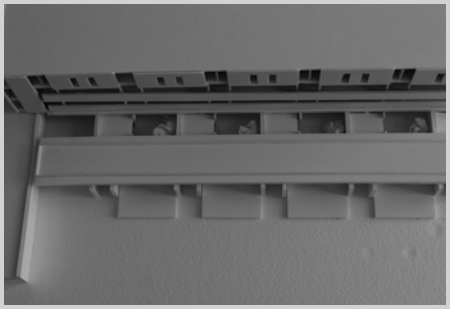
Ana Rute Malato

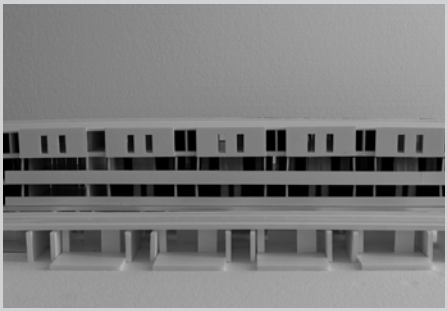
Uma barra, paralela ao novo arruamento, nasceu de uma vontade de redefinir a configuração do quarteirão pré-existente. Esta pousou numa base, que não só pretendia resolver as diferenças de cota das ruas existentes como também permitia que, ao nível do rés do chão, se construísse em profundidade, aproveitando a extensão do logradouro.
O volume avançou em balanço sobre a base, de forma a acolher o momento de entrada.
No espaço interior das habitações, pretendia-se concretizar uma ideia de continuidade espacial, mediante uma lógica de composição por planos, por adição.
Este foi o ponto de partida.
A partir daqui perseguiu-se na solução construtiva a validação do processo; procurou-se a regra; a estrutura; uma ordem que ao mesmo tempo permitisse consistência e flexibilidade, uma estrutura tanto física como conceptual.
O ritmo estrutural que alterna entre dois vãos de dimensões distintas possibilita a definição de uma hierarquia na organização dos compartimentos que se verifica ao longo de todos os fogos - entre as paredes mais próximas (que para além de serem estruturais teriam incorporadas as infraestruturas) localizar-se--iam todas as zonas de serviço e de águas.



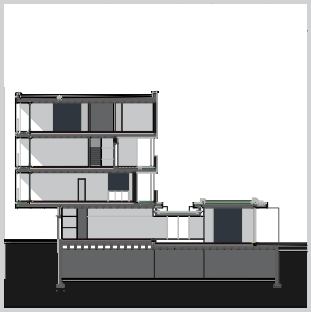


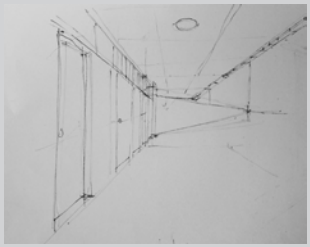






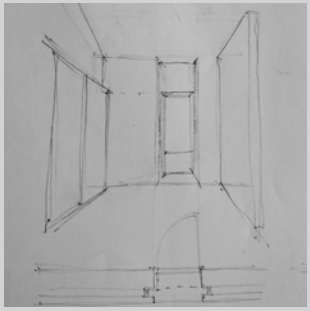






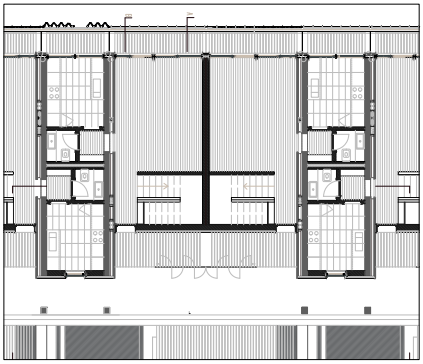


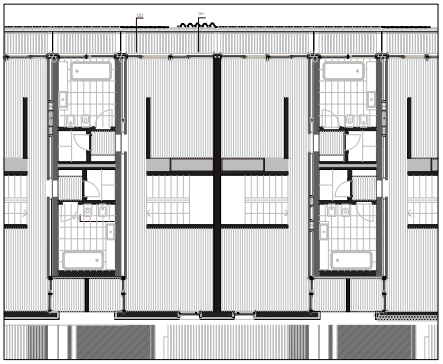


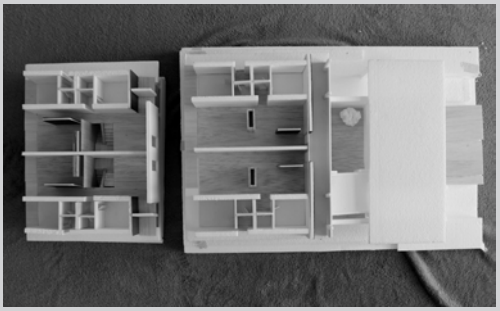


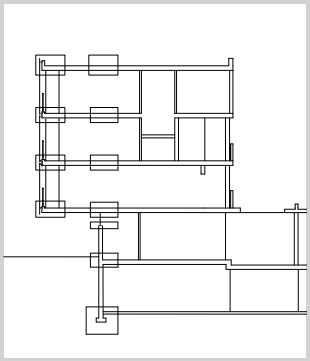




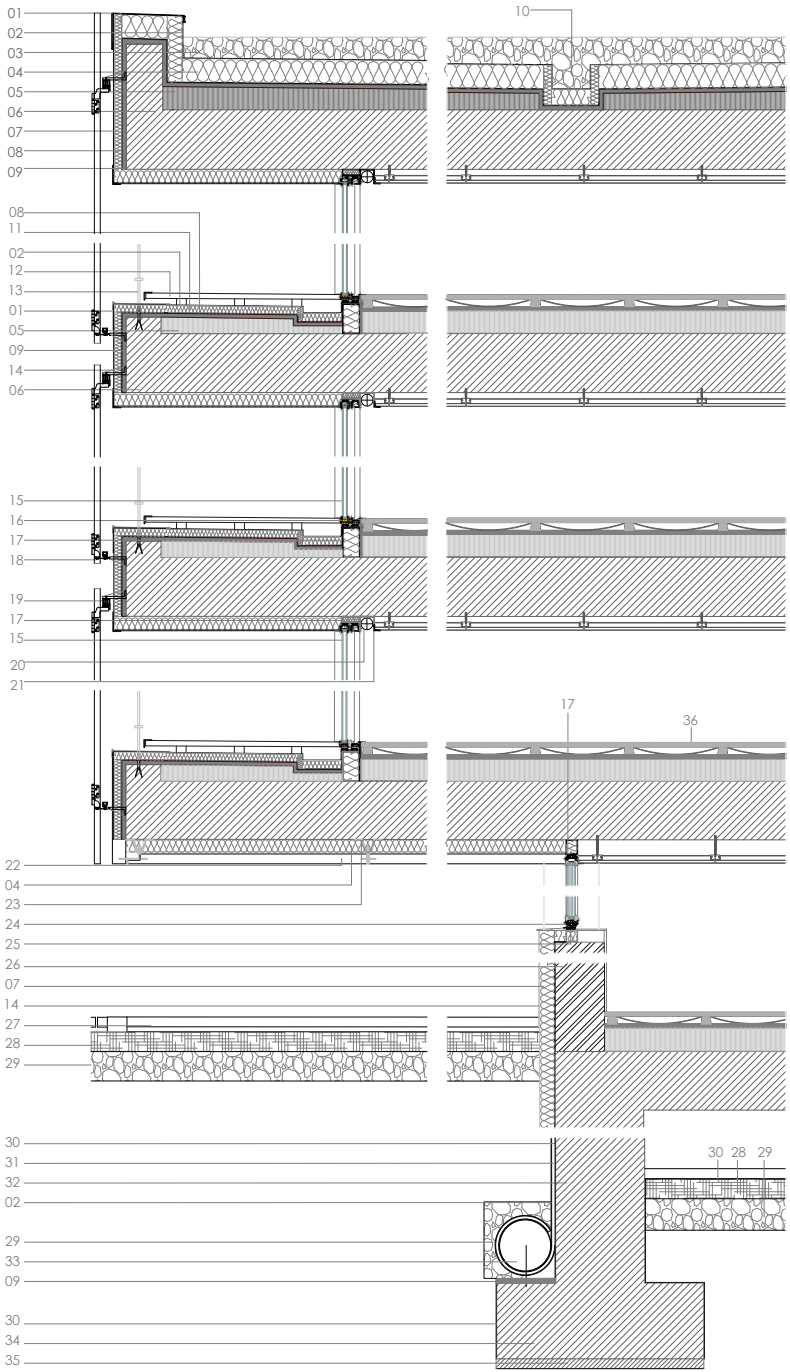




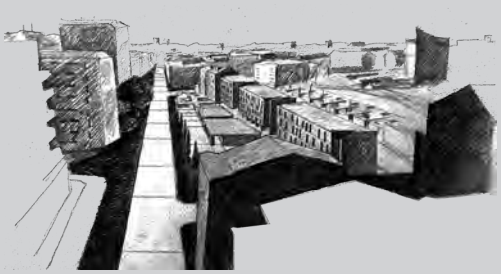


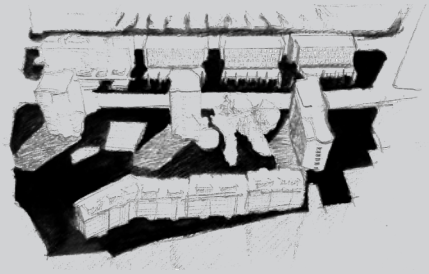


01. Rufo de zinco
02. Manta geotêxtil
03. Godo
04. Isolamento térmico tipo "roofmate"
05. Camada de forma ou enchimento em betão leve
06. Laje de betão armado
07. Isolamento térmico tipo "wallmate"
08. Impermeabilização em tela asfáltica
09. Regularização
10. Caleira
11. Isolamento térmico tipo "floormate"
12. Deck em madeira de afizélia
13. Guarda em alumínio
14. Acabamento em sistema RASIT
15. Vidro
16. Caixilho Panoramah! Birail Ph26 Sliding
17. Pré-aro injetado com polibetano
18. Portadas de madeira formadas por réguas em sistema de harmónio
19. Sistema de calha e dobradiças das portadas - adaptação do sistema HAWA frontfold 20
20. Blackout
21. Perfil em U
22. Placagem de betão
23. Fixação com perfil "Halfen" SOF
24. Caixilho Panoramah! Monorail Ph38 Fixed
25. Pingadeira Panoramah! Monorail PH 38 Fixed e Soleira em alumínio
26. Bloco térmico 25cm
27. Pavimento em placas de granito coladas
28. Massame de betão armado
29. Caixa de brita
30. Impermeabilização em pintura asfáltica
31. Tela drenante tipo Enka Drain
32. Parede de contenção de terras em betão armado
33. Dreno
34. Sapata de fundação em betão armado
35. Betão de limpeza
36. Soalho de madeira 10cm
37. Impermeabilização acústica



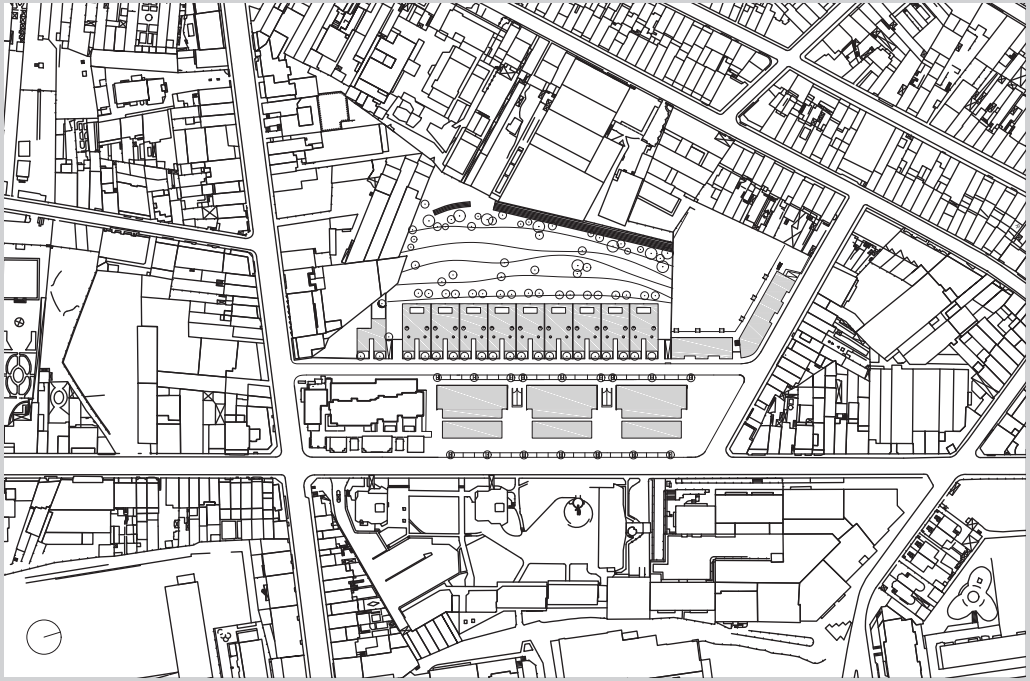


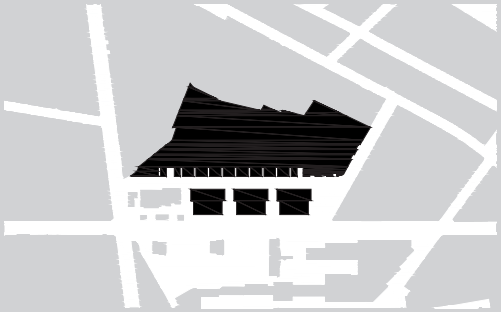


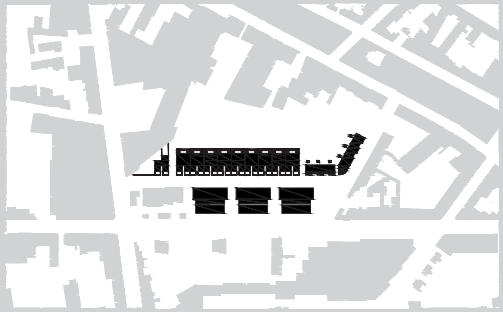


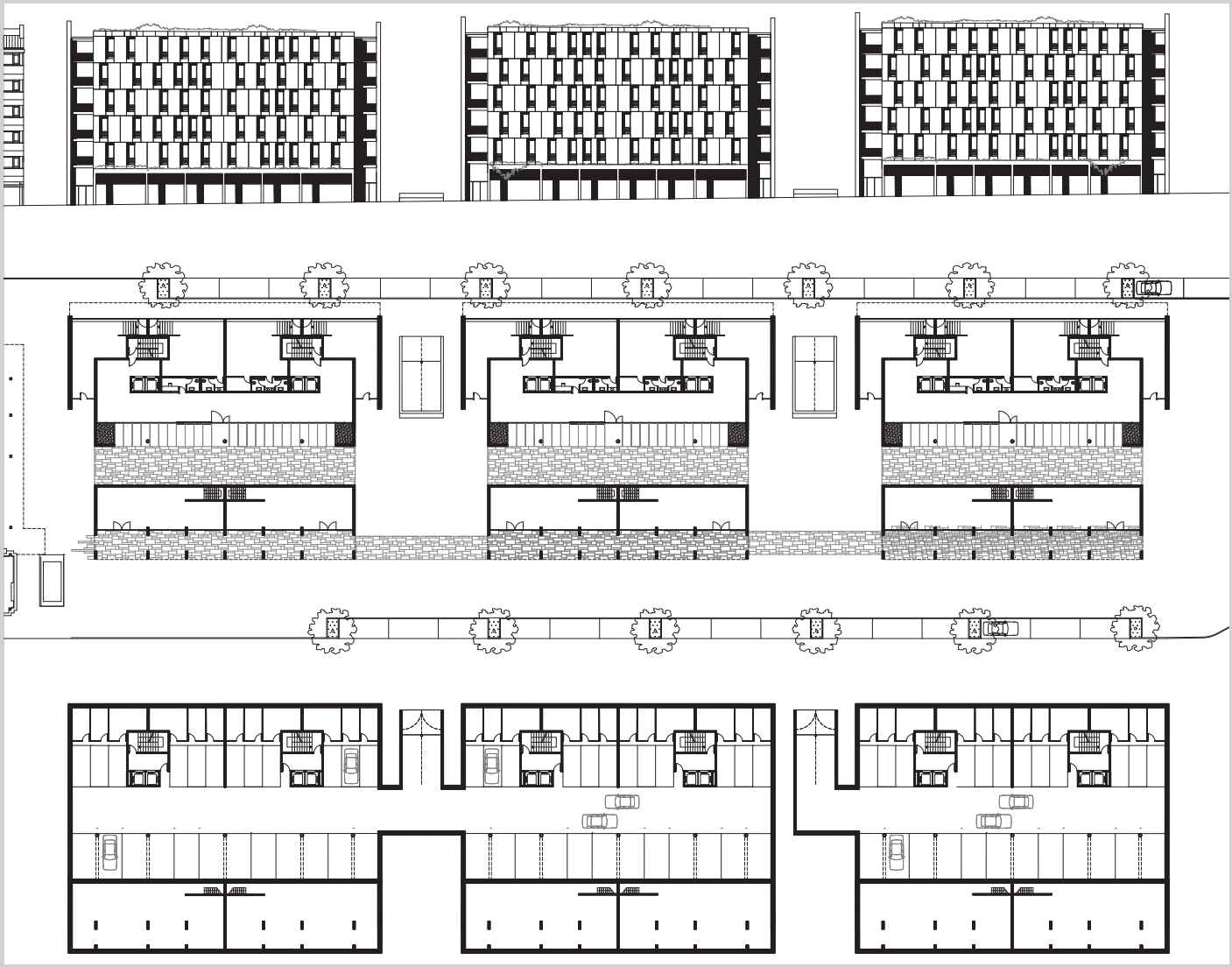
Antonio Paoletti

O desenho deste fragmento de cidade pretende interpretar a relação entre a cidade moderna, que se desenvolve em direcção a leste, ao longo da alameda Eça de Queiroz, e o tecido urbano histórico existente, ao longo da rua de Costa Cabral, traçado que ligava Porto e Guimarães. Dois gestos foram fundamentais: o reconhecimento do quarteirão por meio do desenho duma "muralha" de blocos lineares que, com os seus alçados severos, reforçam a forma da rua principal e criam um lugar protegido no interior em continuidade com as habitações desenhadas por José Carlos Loureiro e a inserção duma banda de casas em pátio orientadas para um jardim comunitário que abrange as tribunas do estádio em ruína. Um ambiente no lugar de objectos livres no espaço. Umas duras peles dobradas, animadas por mutáveis tonalidades cromáticas e por grandes portadas rematadas por paredes mudas, que regram o ritmo dos três blocos, integrando nesta escansão o projeto limítrofe; três volumes, que acolhem funções comerciais, são filtro entre a escala do conjunto alto das habitações e a dimensão humana da rua. Em frente corre um longo pórtico que liga com o projeto preexistente.

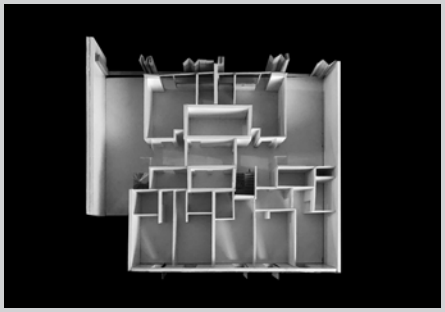


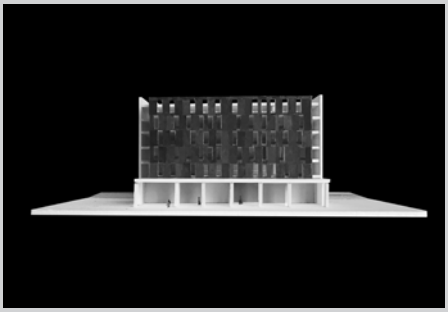


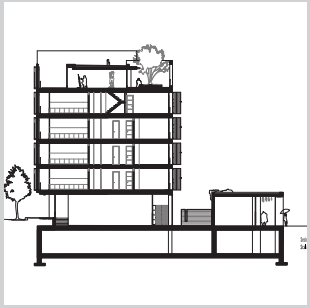


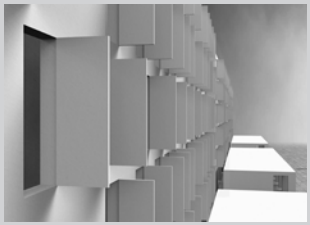




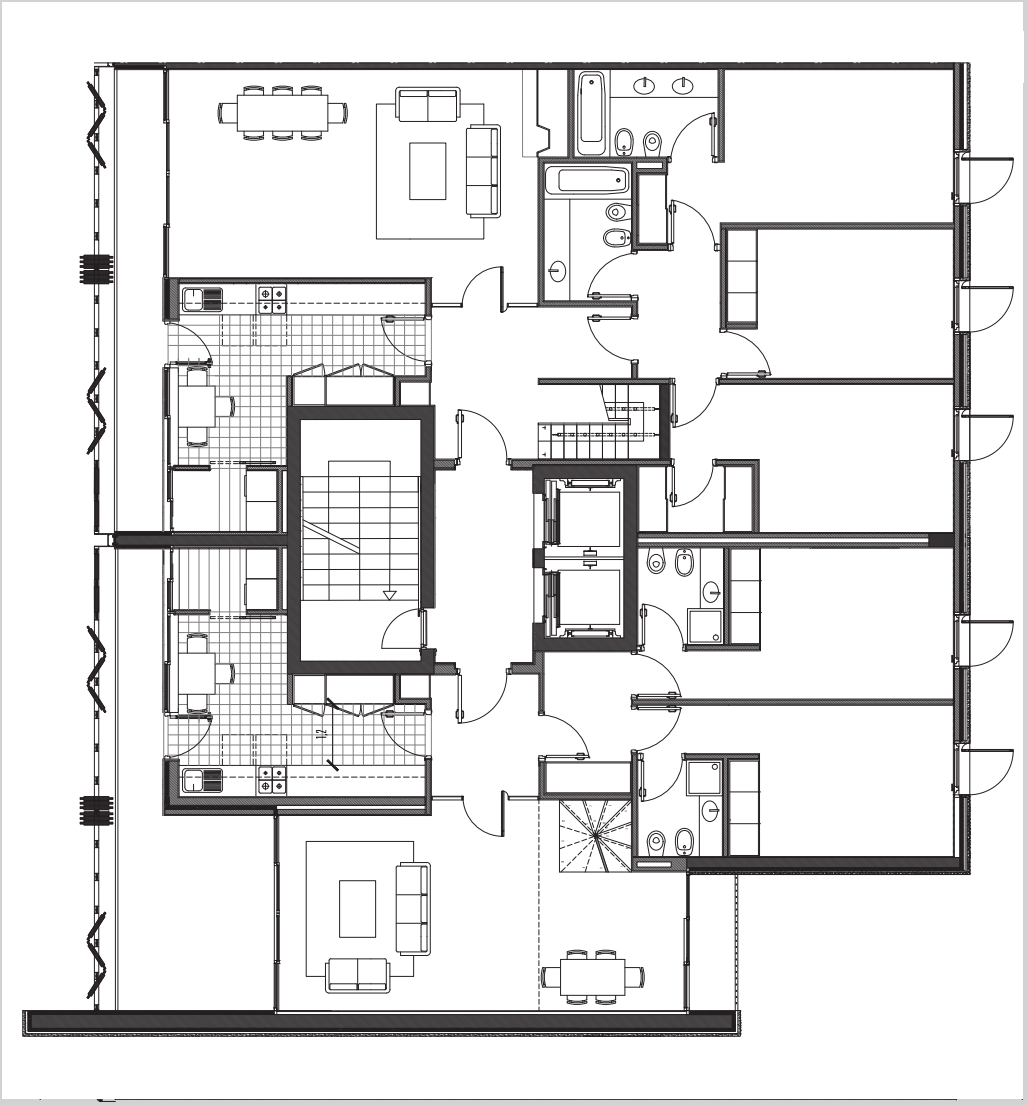




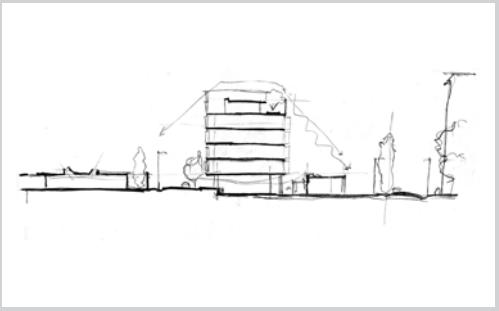


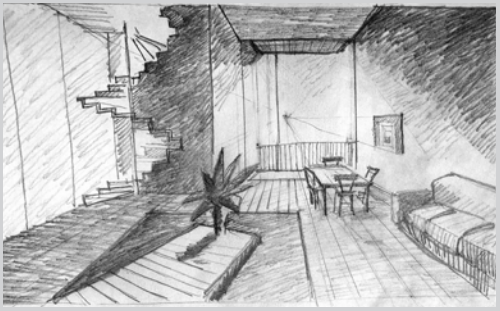


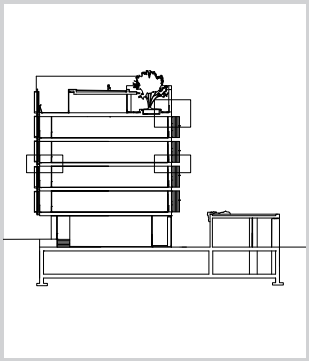


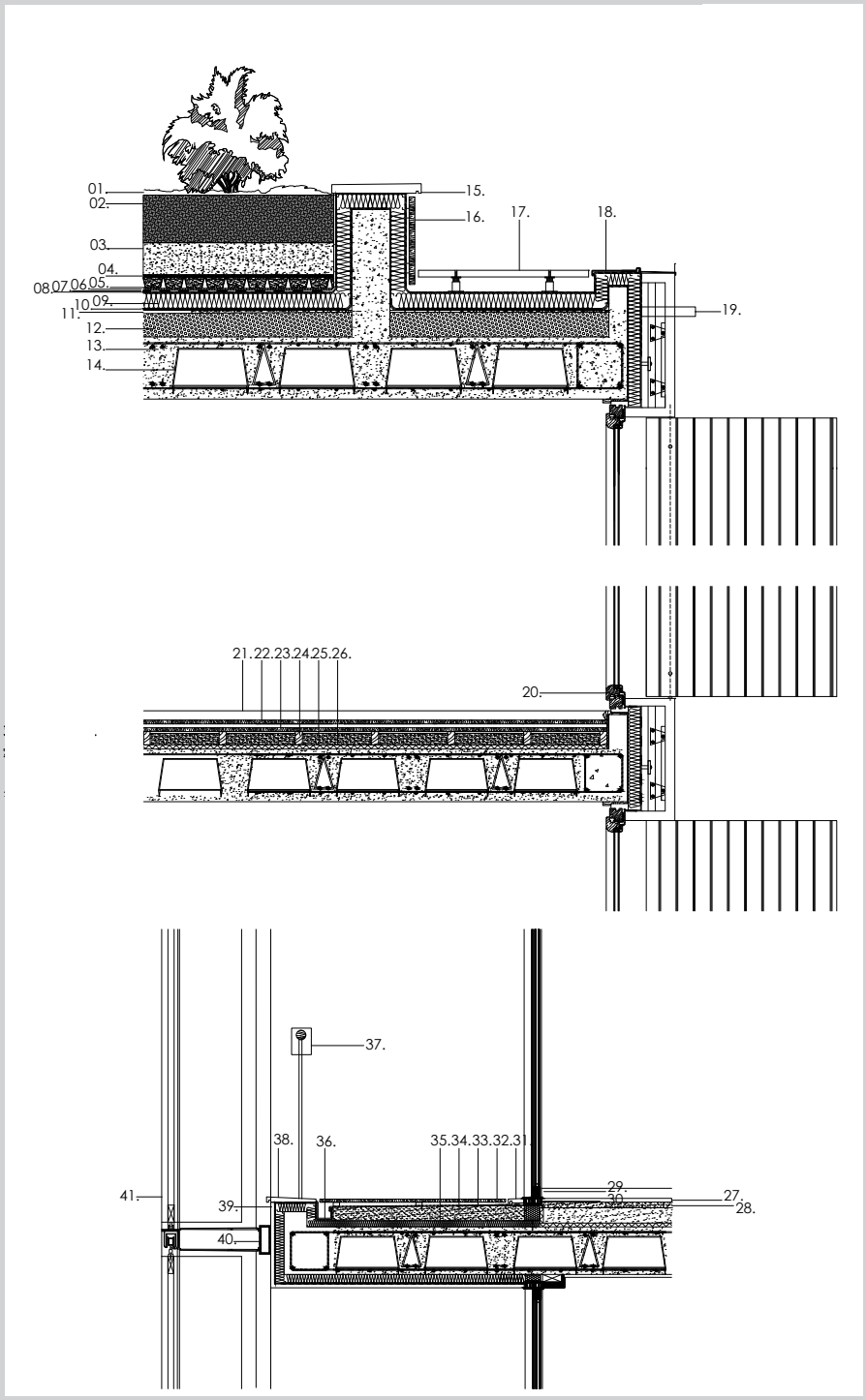








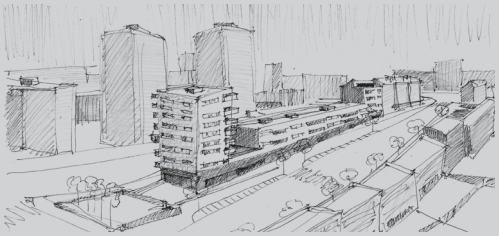




01. Altos arbustos, plantas perenes e aromáticas
02. Substrato de cultura (mineral ou orgânico) 250 mm
03. Camada de ventilação 170 mm
04. Cortina filtrante em polipropileno 2 mm
05. Sistema de drenagem tipo Optigreen FKD 60 BO (60 mm)
06. Camada antiraizes 2 mm
07. Tela de impermeabilização em acrílico
08. Membrana TNT
09. Painel isolante em poliestireno extrudido 80 mm
10. Tela dupla de impermeabilização em betume elastomerico
11. Camada nivelante
12. Camada de forma com pendente em betão leve aligeirado com poliestireno extrudido (max 130 mm)
13. Laje aligeirada bidireccional em betão armado 300 mm
14. Cofragem tipo U-Boot Beton
15. Banco em granito branco
16. Acabamento em placas de madeira
17. Cobertura acessível com placas de betão prefabricado
18. Chapa de latão
19. Acabamento exterior: painéis prefabricados em GRC colorido em massa de óxidos, com apoios em aço zin cado. Estrutura em varões e vigotas de suporte em aço
20. Esquadrias e caixilho em madeira lamelada, dupla guarnição, vidro câmara, acabamento em bronze
21. Rodapé em madeira a fio com a parede
22. Soalho duplo de madeira 20 + 20 mm
23. Substrutura em vigotas de madeira 40x70 mm
24 e 25. Painel isolante em gravilha de mármore 70 mm
26. Painel de isolamento acústico 20 mm

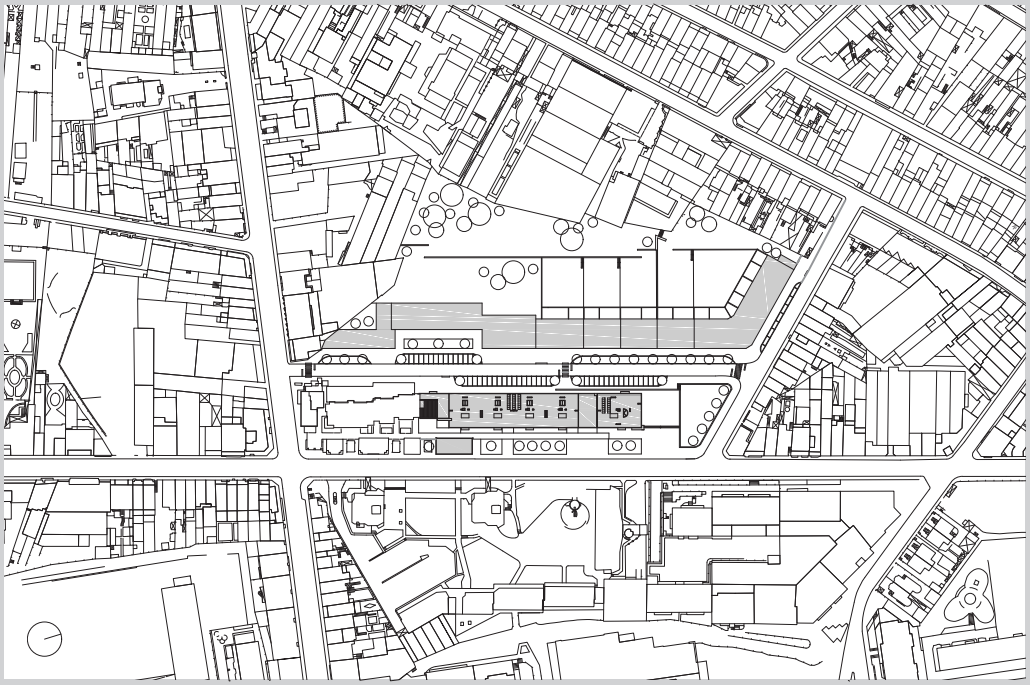




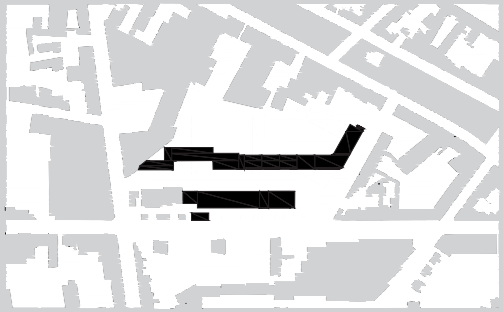


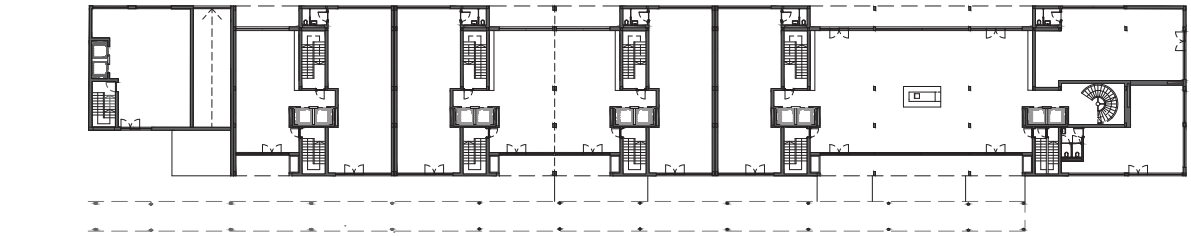
Beatriz Almeida Nunes

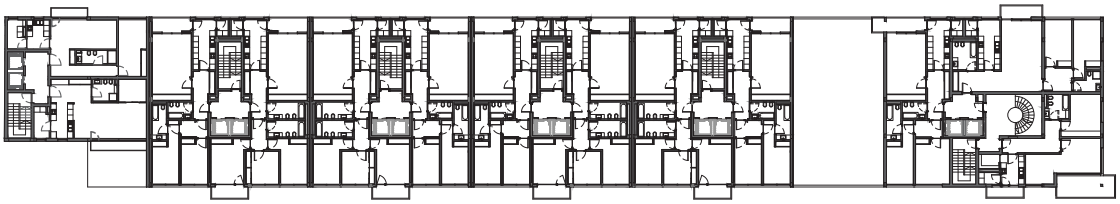
O foco deste projeto é o volume que completa o setor de menor dimensão desta implantação, desenhando a frente da rua da Alegria.
A restante implantação pretende fechar o quarteirão maior, assumindo um grande espaço verde privado no seu interior e pondo em destaque o quarteirão de menor área.
O objetivo desta proposta consistiu na criação de um volume de carácter maioritariamente longitudinal, que respondesse às diferentes situações existentes na envolvente. Por consequência, a linguagem do edifício procura apoiar a sua inserção no contexto real.
Num primeiro momento, atinge a cércea do edifício do Lima, com cobertura inclinada. Seguidamente, com apenas 3 pisos, remata a rua da Alegria, relacionando-se com o conjunto do Luso e, num último momento, surge uma torre que remata o quarteirão, adotando a cércea do edifício em galeria daquele conjunto. Esta torre implanta-se de forma recuada em relação à rua do Lima para minimizar o impacto que a sua maior imponência poderia colocar no confronto com a menor cércea das casas pré-existentes. Com esta solução criam-se duas praças, uma à cota mais baixa e outra à cota da rua.

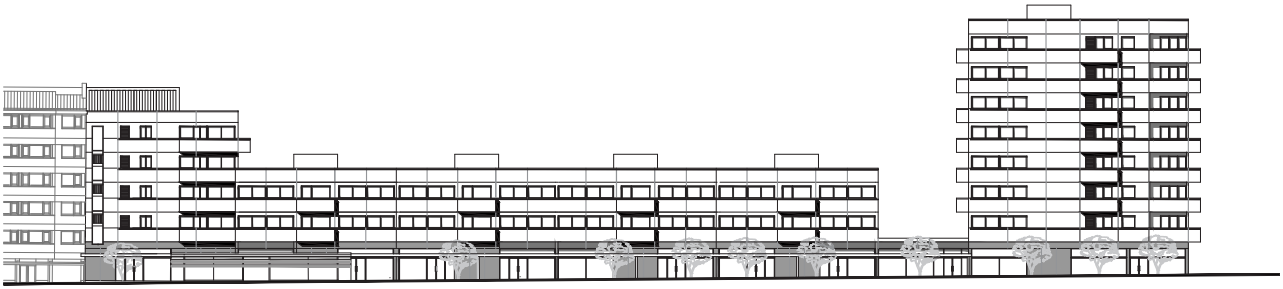








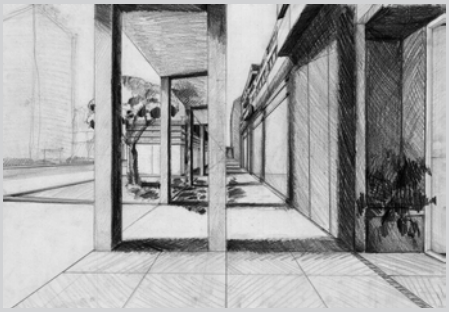


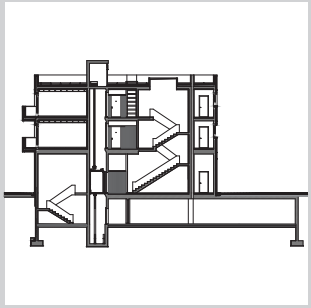


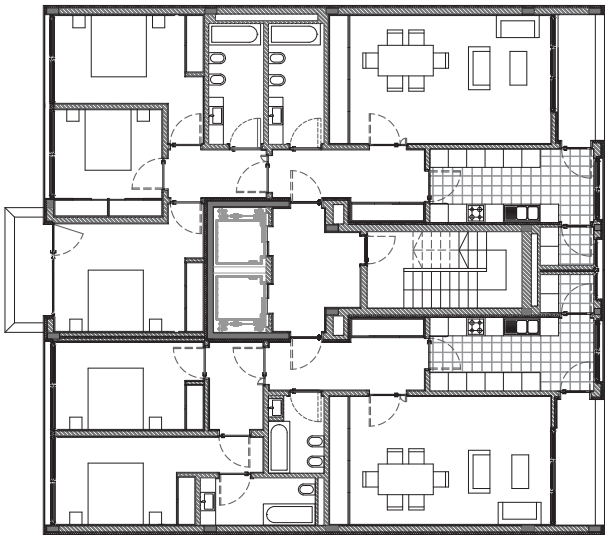




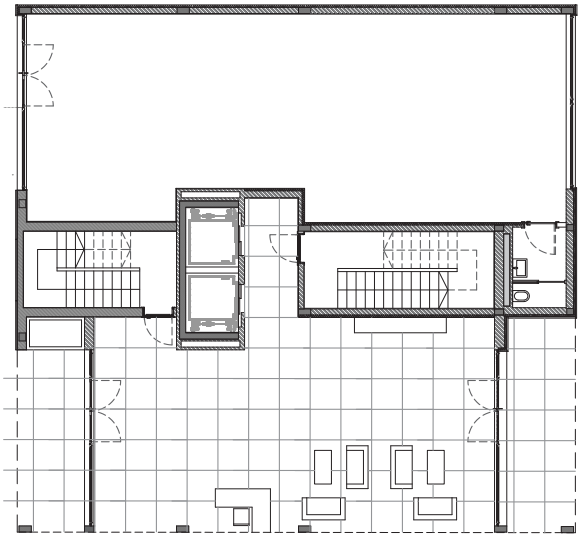








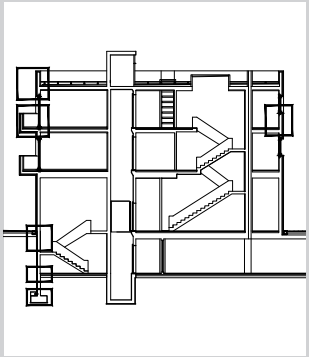




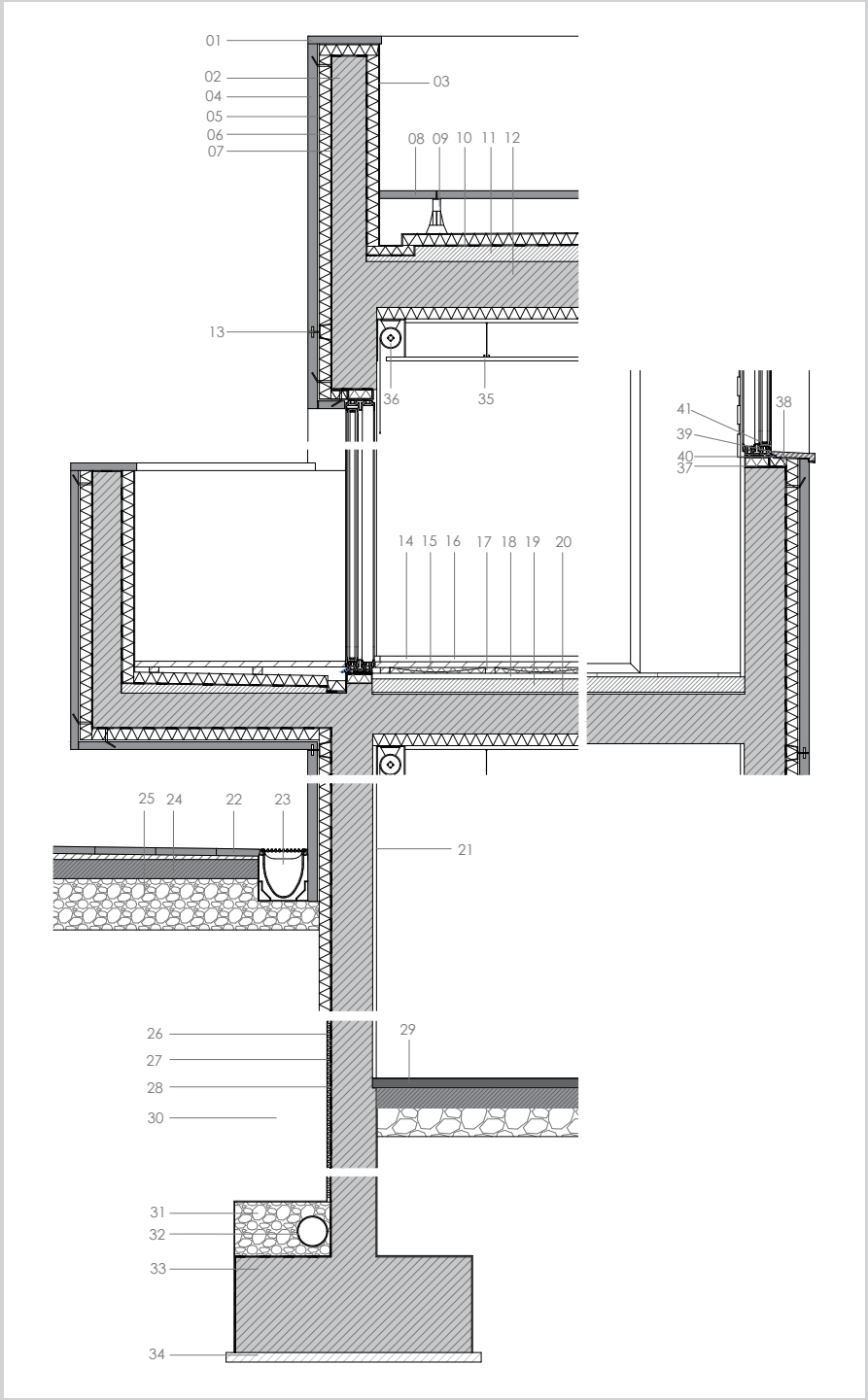




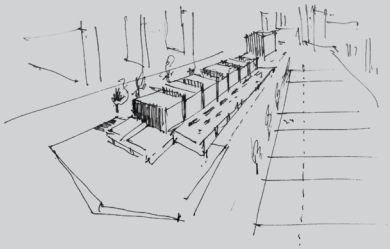


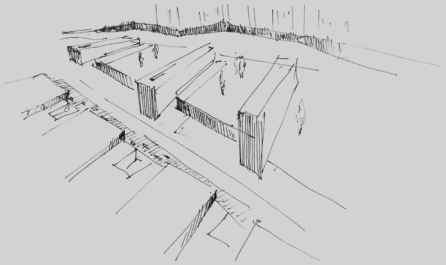


01. Capeamento em pedra
02. Platibanda em betão
03. Reboco armado
04. Placa de granito
05. Caixa de ar
06. Poliestireno extrudido
07. Pintura de impermeabilização
08. Lajetas de pedra
09. Elementos de apoio
10. Tela impermeabilizante
11. Betão leve
12. Laje de betão armado
13. Grampo de aço inoxidável
14. Rodapé
15. Sistema de tratamento acústico com argila expandida e manta geotêxtil
16. Soalho
17. Ripa
18. Argamassa de regularização
19. Camada de enchimento
20. Manta de corte acústico
21. Reboco interior
22. Pavimento exterior
23. Caleira
24. Massame de betão armado
25. Caixa de brita
26. Geotêxtil
27. Tela drenante
28. Tela asfáltica de impermeabilização
29. Microbetão
30. Solo
31. Brita
32. Dreno
33. Fundação
34. Betão de limpeza
35. Sistema de teto falso
36. Estore
37. Pré-aro
38. Chapa quinada
39. Soleira em pedra
40. Pingadeira
41. Caixilho de alumínio Panoramah série 38



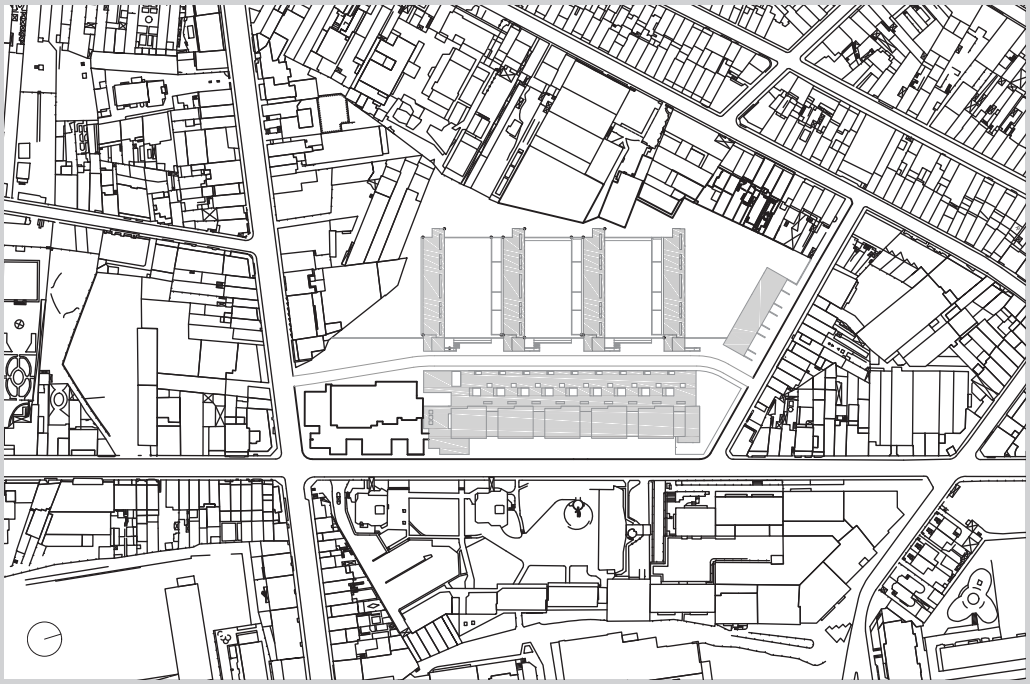


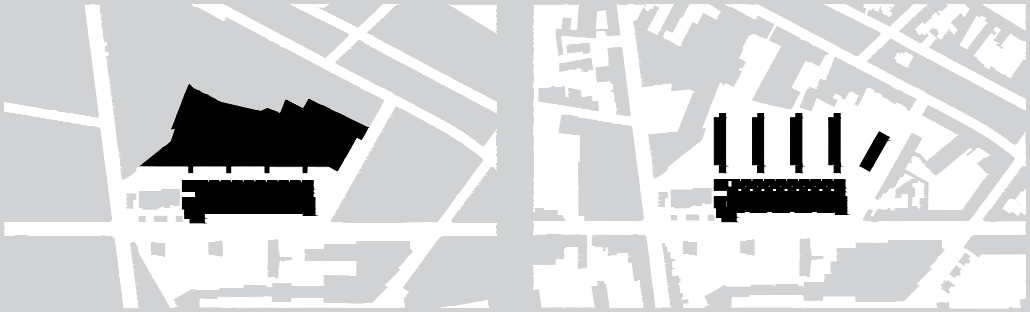


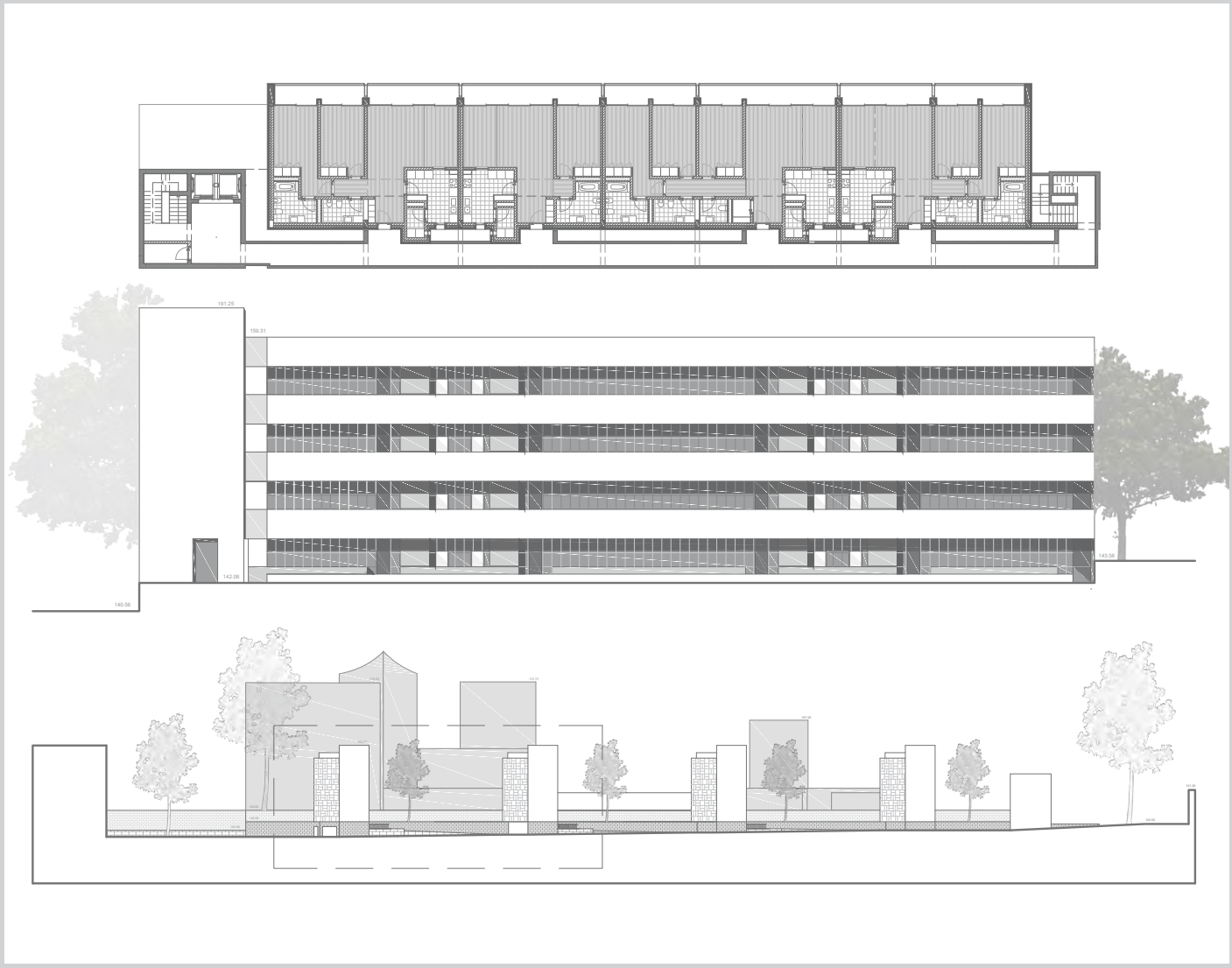


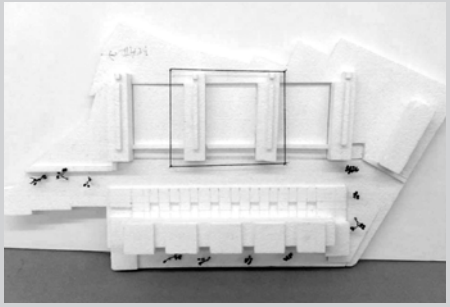
Beatriz Vieira

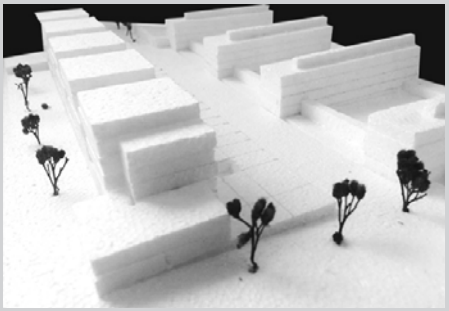
Num olhar atento sobre o território onde o público e privado são exponenciados, evidenciam-se dois momentos com graus de 'intimidade' ímpares. Um que procura delimitar e reafirmar a rua da Alegria a partir um volume marcadamente horizontal que recusa uma posição axial, rompendo com alguma amplitude visível no complexo do Luso, espaço onde a rua parece querer respirar. E um outro, mais ligado ao sentido puro de interior de quarteirão, onde são trabalhados os limites de um 'aqui' e um 'ali' que não esquece os logradouros pré-existentes, procurando valorizá-los num prolongamento do nosso 'olho' não para uma rua perspetivada sem fim, mas sobre espaços verdes que vão intercalando o jogo volumétrico. Entre superfícies recuadas e outras mais próximas, aliadas a uma certa permeabilidade criam-se 'instantes' pensados com e para a escala do habitante, valorizando assim o sentido do HABITAR que trabalha esta grelha quase melódica orientando a nossa perceção tanto num movimento pedonal como automóvel. Neste sentido, toda a implantação distribui-se sobre o território não como uma peça única mas sim a partir de um conjunto de volumes que visam dar resposta a circunstâncias vastas que criam o todo de uma parcela de cidade.

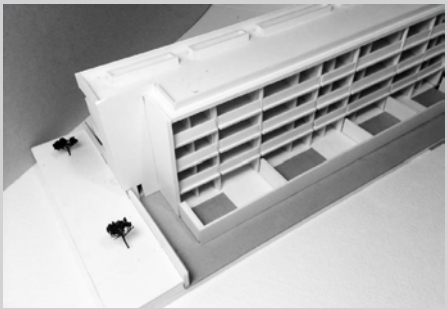








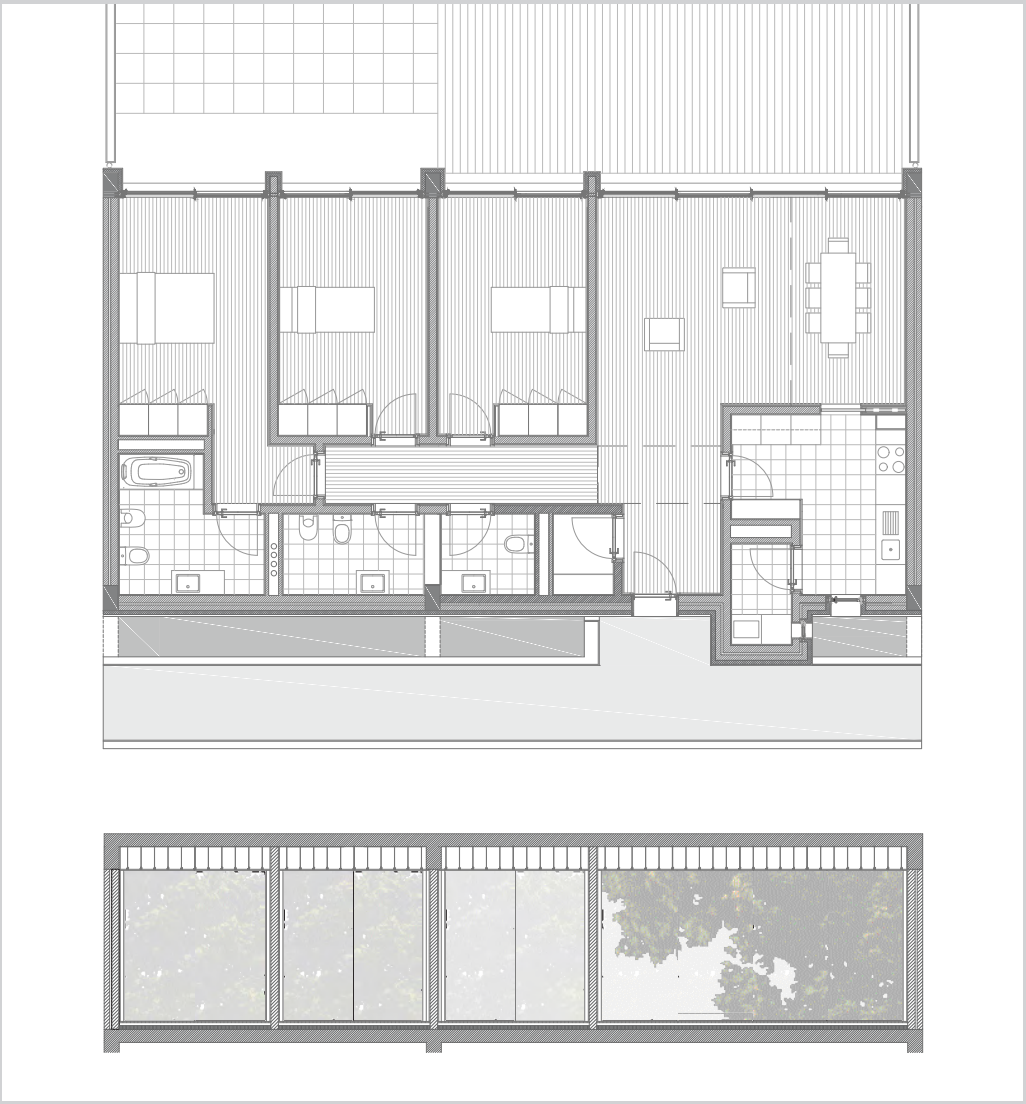


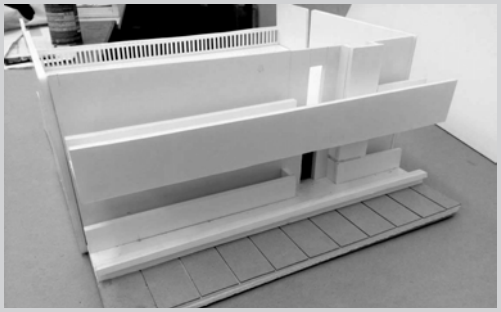


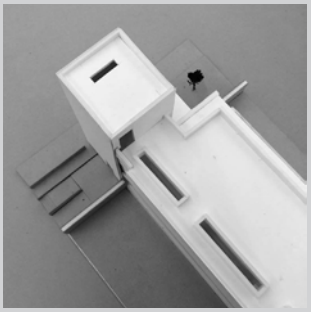


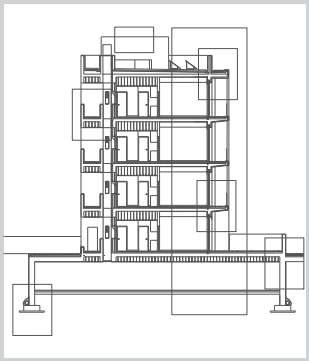


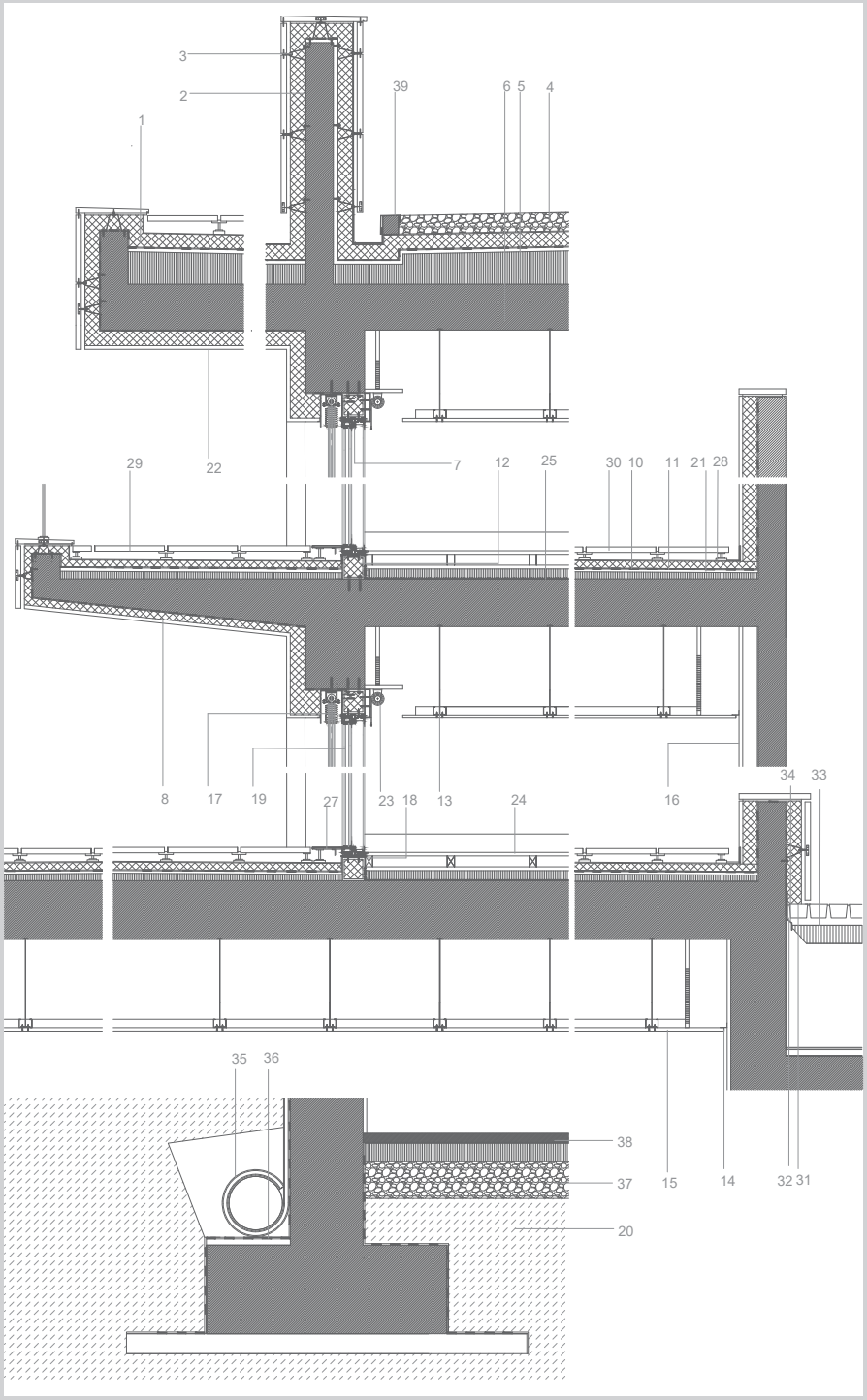












01. Isolamento térmico tipo Wallmate 8 cm
02. Tela de impermeabilização
03. Grampo tipo Halfen LD betão
04. Godo
05. Regularização em betão leve tipo Leca
06. Laje de betão armado
07. Caixilharia Sosoares - Sistema OS
08. Acabamento sistema RASIT
09. Pingadeira RASIT
10. Isolamento térmico tipo Wallmate com 4 mm
11. Tela de impermeabilização
12. Parafuso
13. Montante tipo Pladur M34
14. Perfil em alumínio tipo Pladur
15. Placa de gesso cartonado hidrófuga
16. Reboco e acabamento com tinta branca
17. Veneziana
18. Pré-aro em aço
19. Vidro duplo
20. Terra
21. Betonilha de regularização
22. Reboco estanhado
23. Rolo de sombreamento tipo Screen
24. Soalho em Afizélia 150 mm
25. Tela acústica Polietileno
26. Estrado de madeira
27. Soleira em pedra
28. Suporte regulável para lajetas
29. Placagem de granito
30. Placagem de mármore
31. Calçada portuguesa em cubo de granito
32. Areia
33. Massame de betão
34. Chapa guinada em alumínio
35. Manta geo-textil
36. Impermeabilização de pintura asfáltica
37. Brita
38. Betão de alta densidade tipo Sika
39. Chapa de suporte do rufo

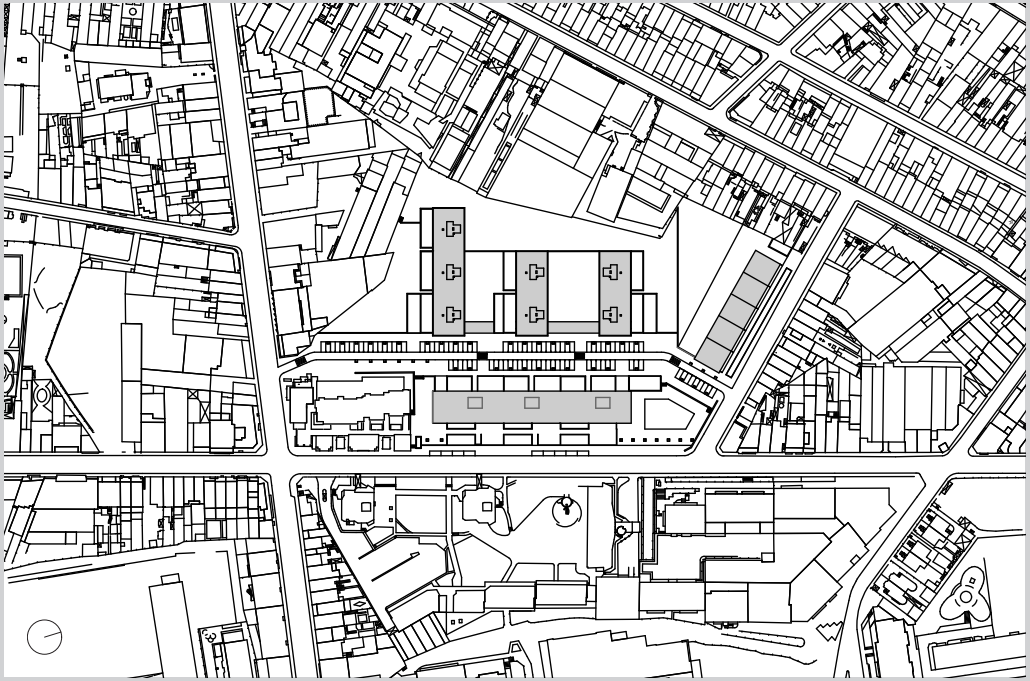


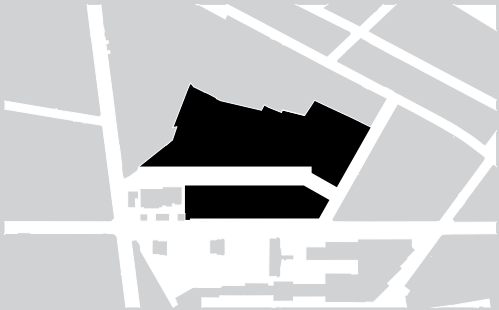




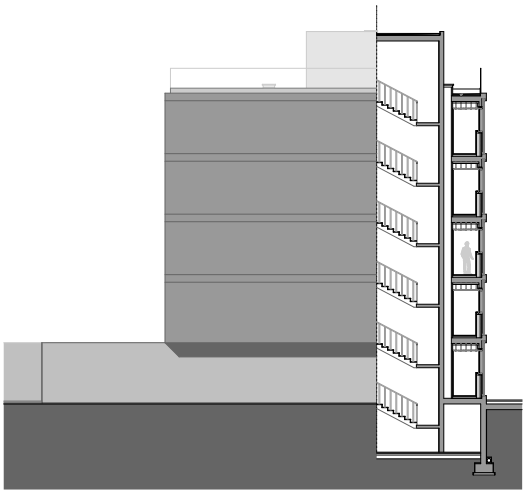
Carolina Esteves

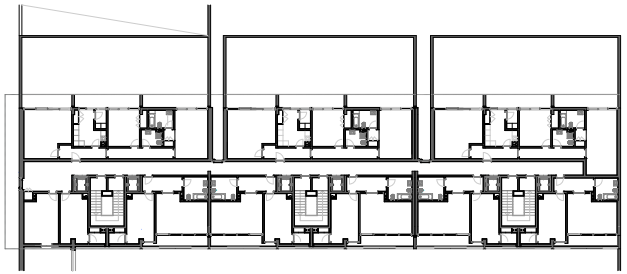
Perante a complexidade do lugar onde o terreno se insere, a proposta tenta afirmar-se segundo princípios que reforçam as características da cidade pré-existente. Com a rua como elemento divisor de duas partes distintas da proposta, surge na direção da mesma um edifício que dá continuidade à construção antiga que entra em contacto direto com o projeto e que cria um fecho à rua da Alegria, pouco definida no seu outro limite. Do mesmo modo, a nova rua é definida no lado oposto com um muro que percorre toda a proposta, transmitindo a ideia de limite claramente definido, rematando a diversidade da pré-existência e que encerra o terreno a poente. É através desse muro que surgem os quatros edifícios que pontuam e preenchem espaço entre a rua nova e a edificação envolvente, e que marcam um contacto indirecto com o lugar através da visibilidade para o mesmo que estes proporcionam mas também pela proximidade entre ambos. Deste modo, o lugar surge como uma premissa para o projeto, lugar este que ajuda a determinar certos princípios orientadores da proposta, como a vontade de esta, face à rua, surgir completamente definida por um muro e topos dos edifícios, mas também por se libertar no interior da mesma, com os edifícios a percorrer o espaço aberto e a definirem pequenos logradouros privados.

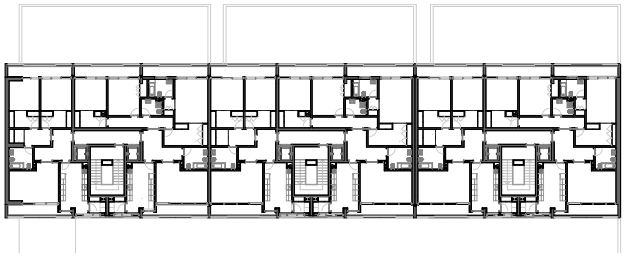


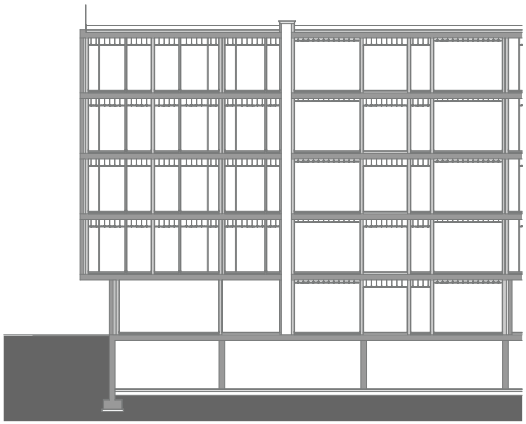










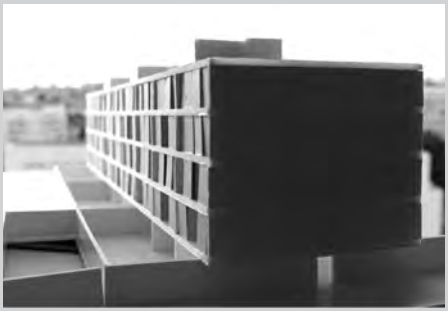


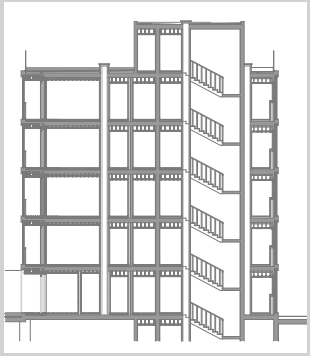


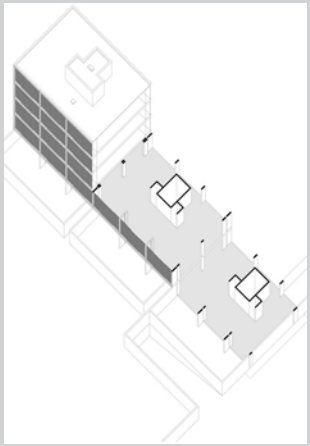


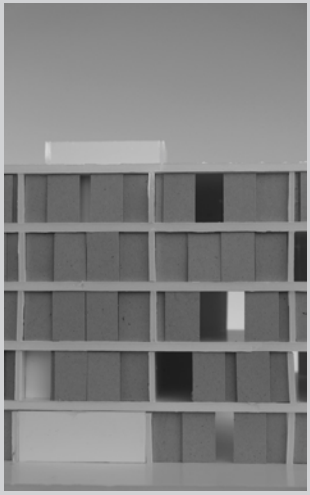


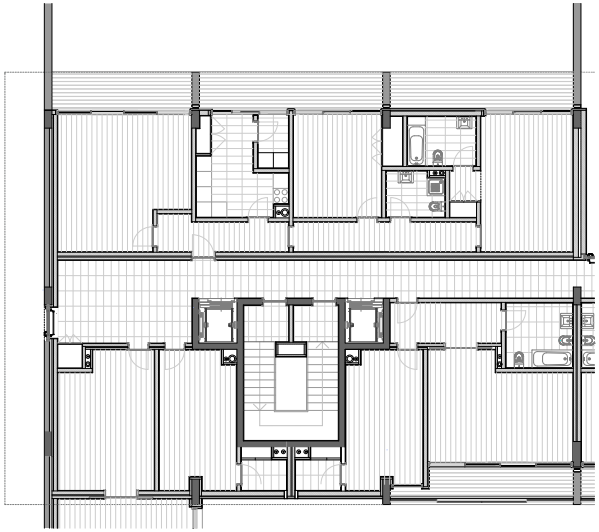


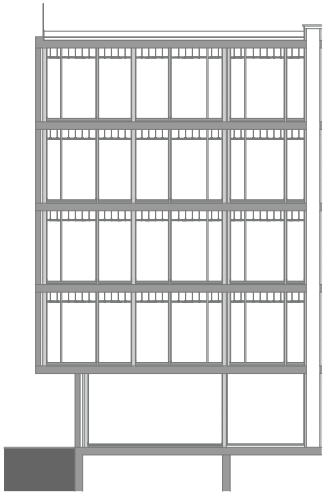


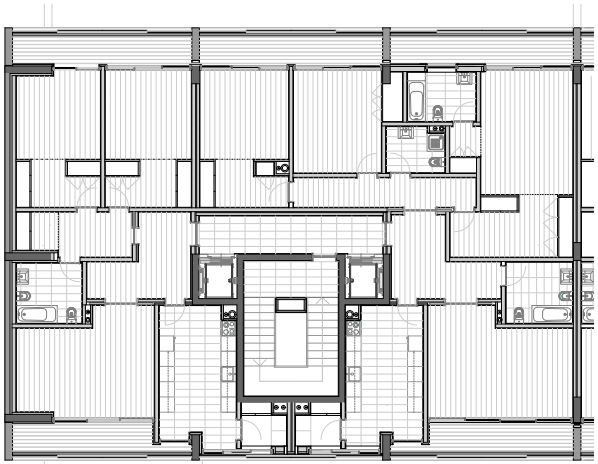


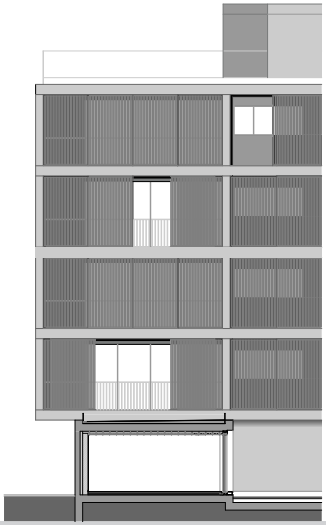


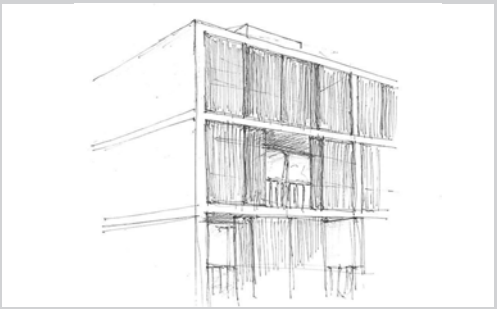


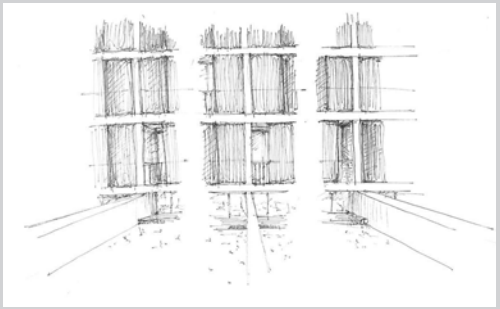


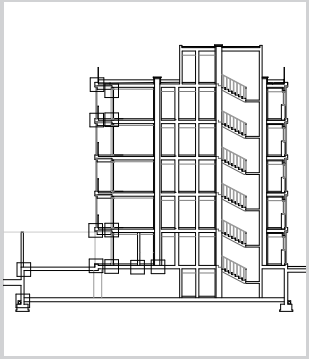


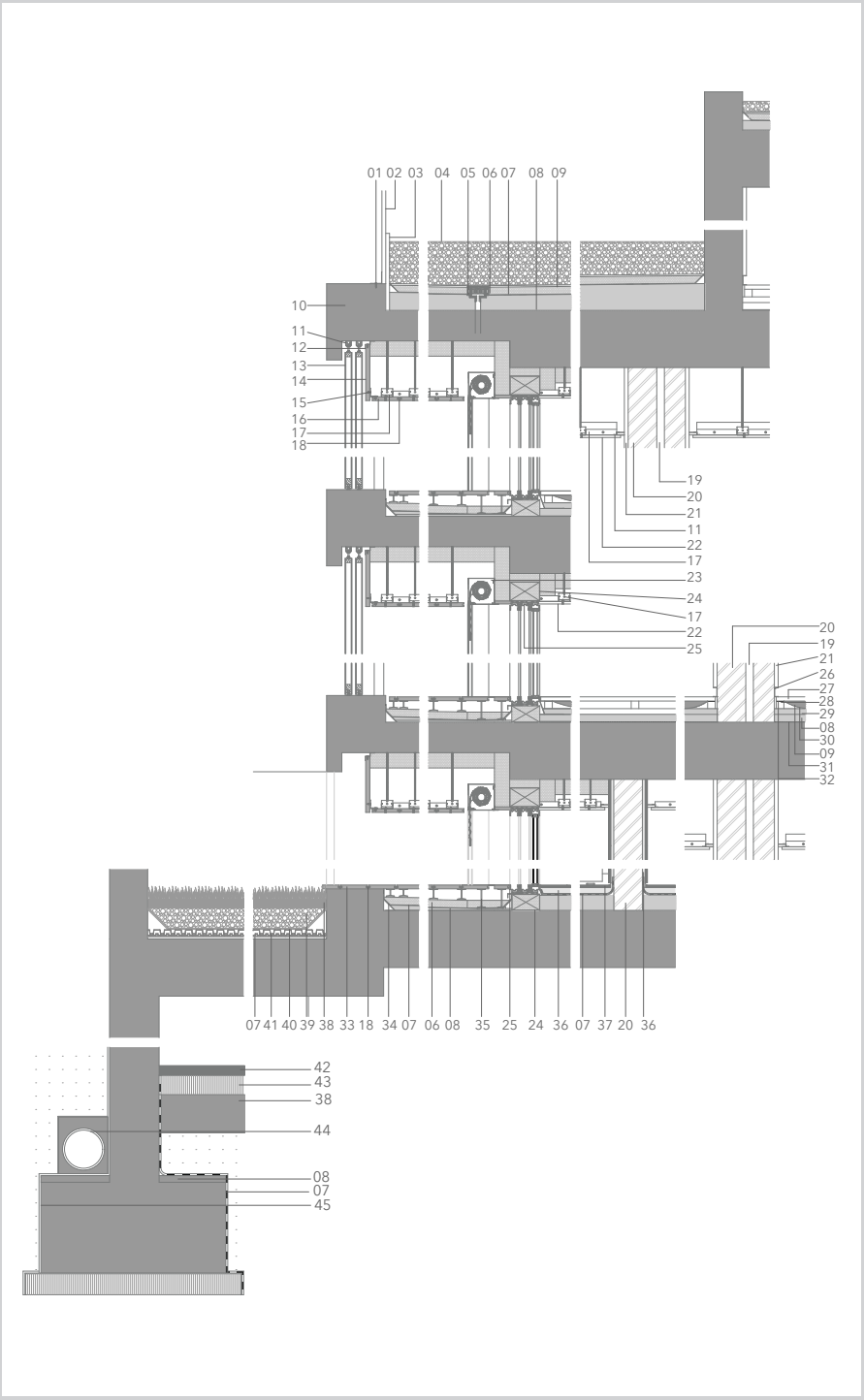






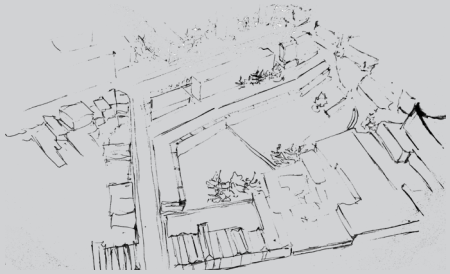


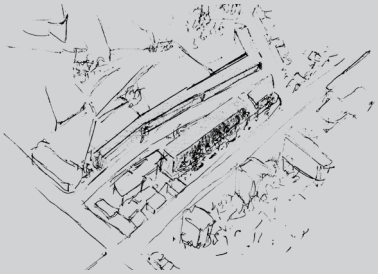




01. Perfil metálico em alumínio
02. Guarda metálica
03. Proteção da guarda em alumínio
04. Camada de godo
05. Sistema de recolha e filtro das águas
06. Isolamento térmico em placas
07. Tela de impermeabilização
08. Camada de betão leve
09. Manta geotextil de poliester
10. Betão autocompactável
11. Carril metálico para a portada
12. Perfil metálico em alumínio
13. Portada de correr em madeira
14. Peça de remate
15. Perfil metálico em alumínio de fixação
16. Revestimento do tecto
17. Perfil metálico de fixação do tecto
18. Perfil metálico em alumínio de fixação
19. Caixa de ar
20. Parede em tijolo
21. Reboco térmico de baixa densidade
22. Placa de gesso cartonado
23. Estore em alumínio
24. Pré-aro metálico em alumínio
25. Caixilho em alumínio VITROCSA
26. Rodapé em perfil metálico de alumínio
27. Soalho em madeira
28. Barrotes em madeira
29. Camada de betão leve
30. Camada de argila expandida
31. Isolamento térmico e acústico
32. Tira de corticite
33. Pavimento exterior
34. Perfil metálico em alumínio
35. Grampos de regularização
36. Argamassa em cimento cola
37. Pavimento em placas de mármore
38. Gravilha de menor granulometria
39. Camada à base de gravilha
40. Filtro
41. Proteção da impermeabilização
42. Pavimento em betão de alta densidade
43. Massame de betão
44. Dreno em betão
45. Impermeabilização com tinta asfáltica

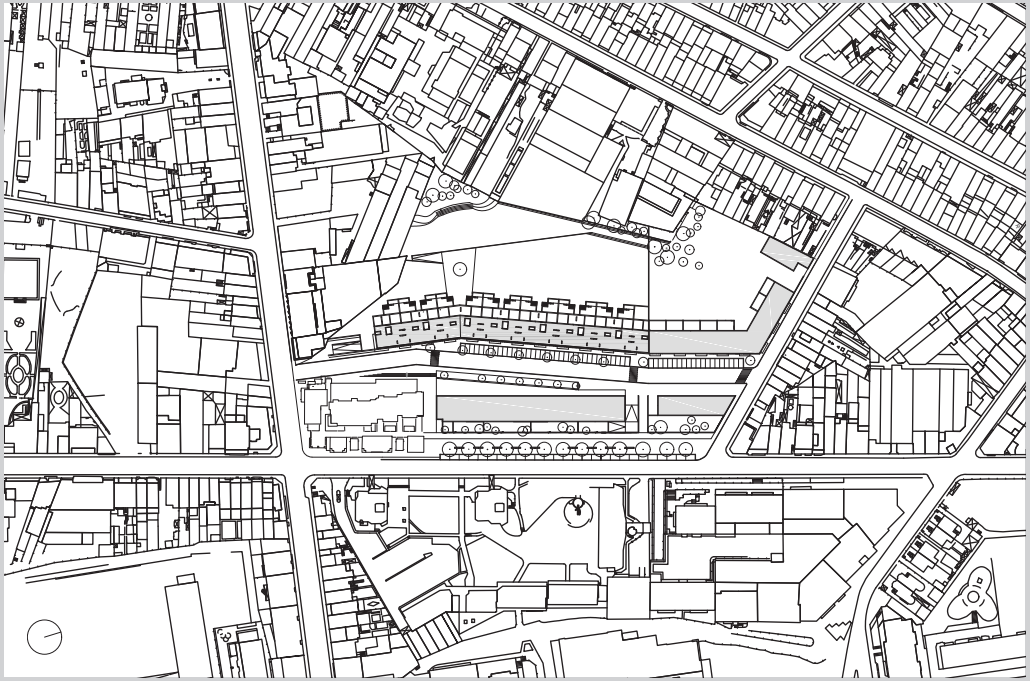


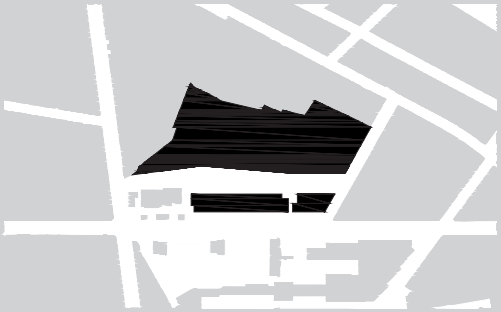


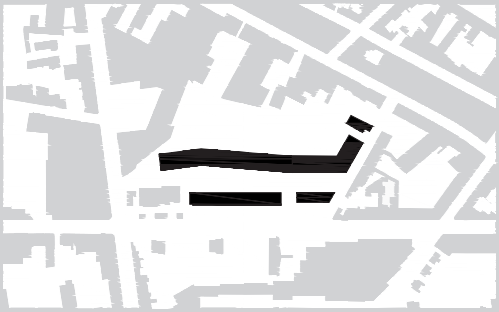


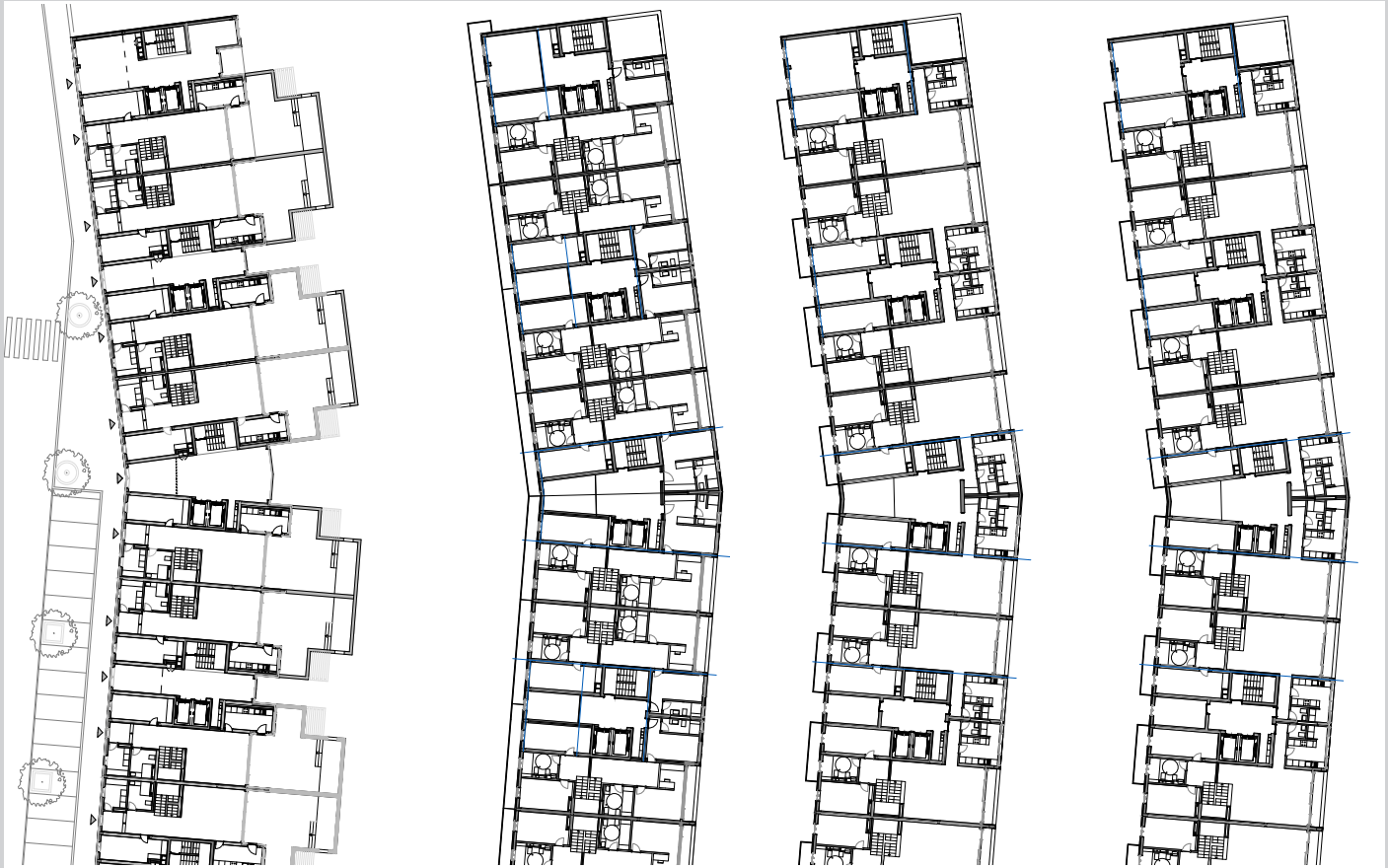
Catarina Quinaz

Com este projecto, procurou-se evidenciar a intenção clara de continuidade na implantação urbana, dando especial destaque ao grande volume que redesenha o lote a oeste do terreno e que se vai desenvolvendo com subtis torções, criando uma certa dinâmica na nova rua proposta. Ao aprofundar parte deste volume quebrado, pretendeu-se explorar uma associação de apartamentos duplex com diferentes acessos e criar alçados contrastantes entre si: o alçado da rua é mais fechado e plano – apenas com umas varandas que avançam ligeiramente da fachada –, enquanto o que se relaciona com o logradouro é mais aberto, com panos de vidro e com jogos de avanços e recuos, procurando que o edifício se relacione e aproprie do logradouro, não só através de pátios privados mas também a partir de terraços na cobertura.



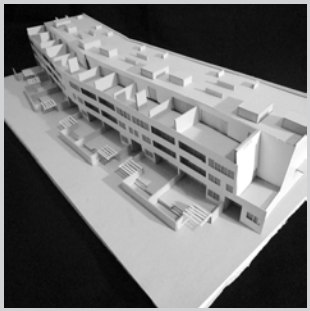


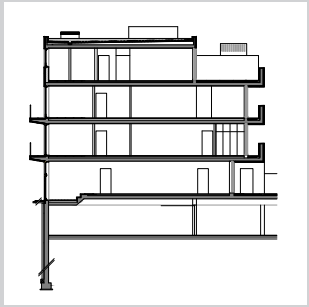


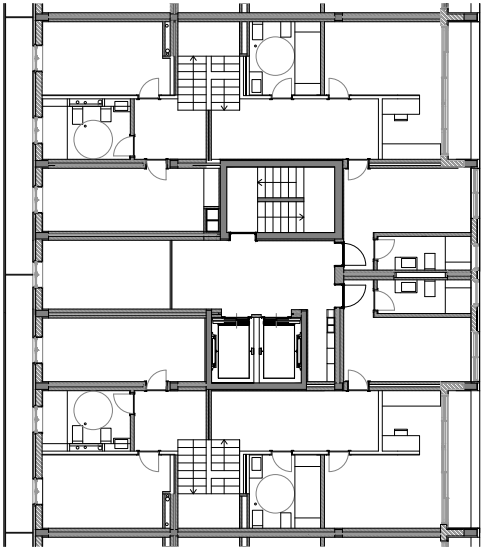


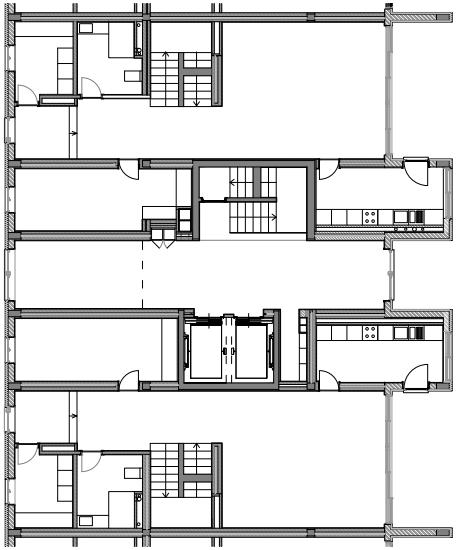




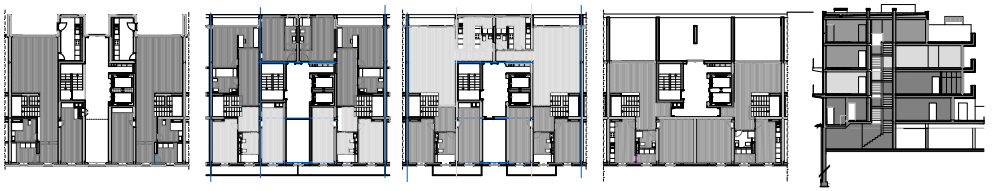


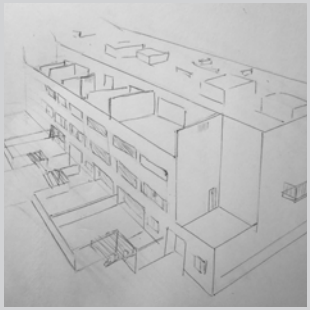


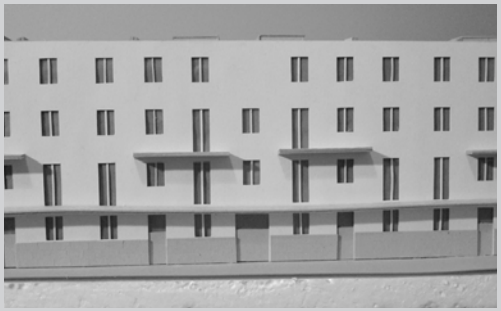


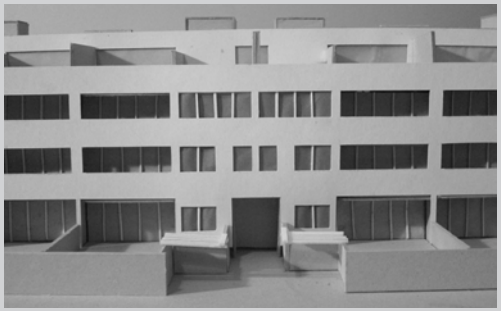


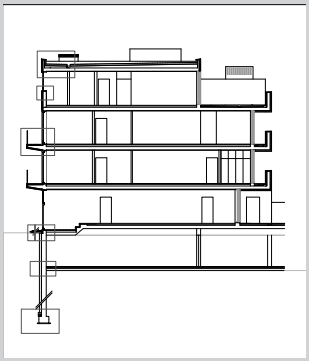




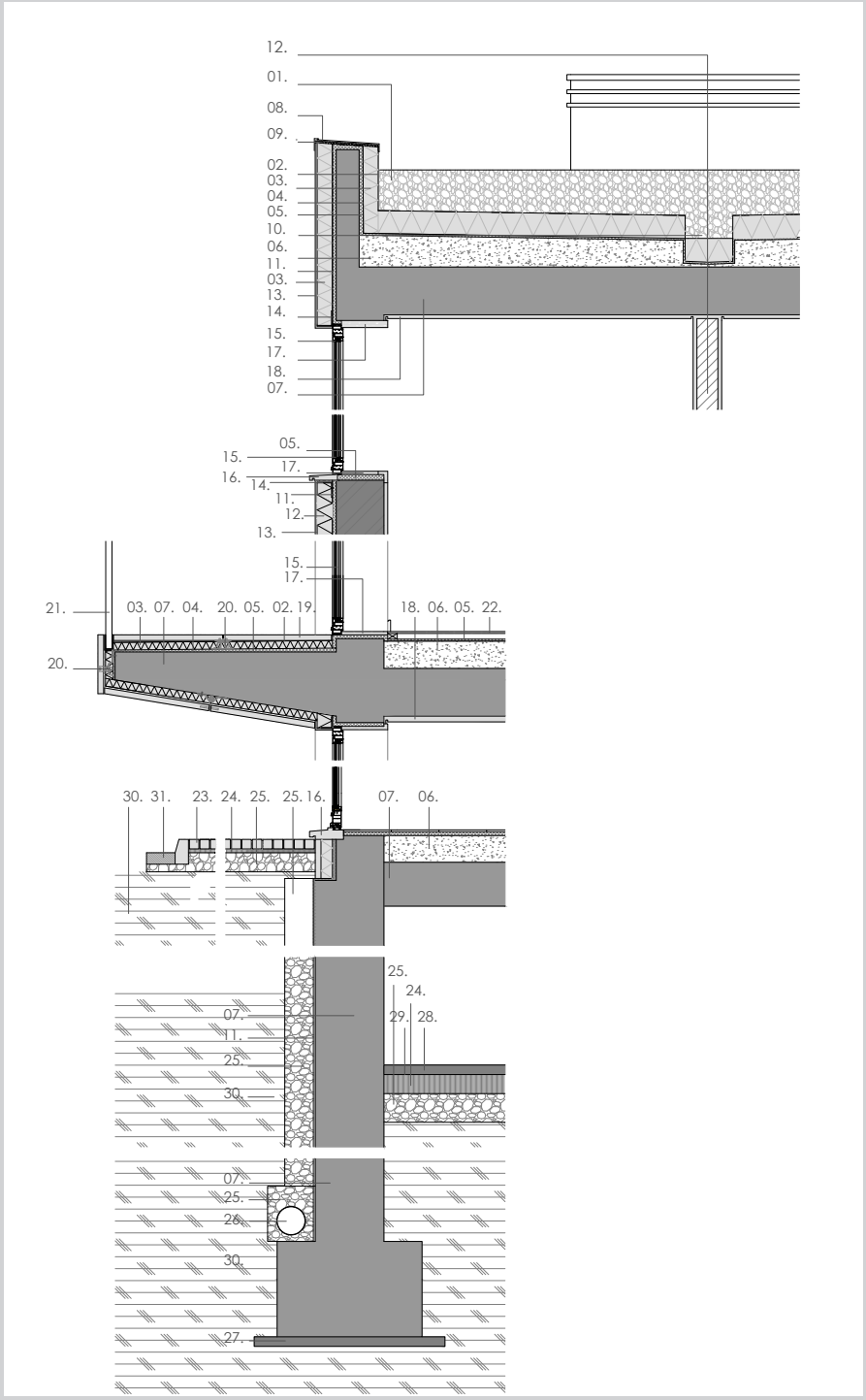








01. Godo
02. Manta geotêxtil
03. Poliestireno extrudido
04. Tela PVC
05. Camada de regularização
06. Enchimento de betão leve
07. Betão armado
08. Chapa de zinco
09. Tela Pitonada
10. Caleira
11. Pintura asfáltica
12. Tijolo vazado
13. Reboco acrílico
14. Cantoneira metálica
15. Caixilho alumínio Technal
16. Peitoril de granito
17. Apainelado de madeira
18. Reboco
19. Lajeado de pedra
20. Grampos Halfen
21. Guarda metálica
22. Soalho madeira
23. Micro cubo
24. Massame de betão armado com rede
25. Caixa de brita
26. Geodreno
27. Betão de limpeza
28. Microbetão
29. Impermeabilização reforçada com tela asfáltica
30. Terreno
31. Alcatrão



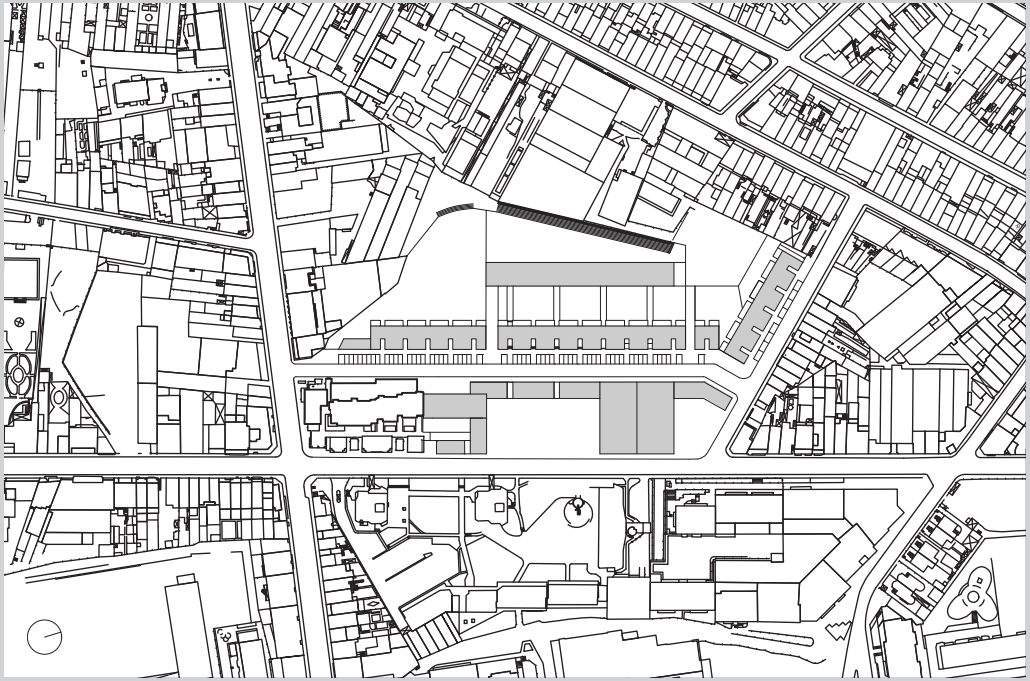


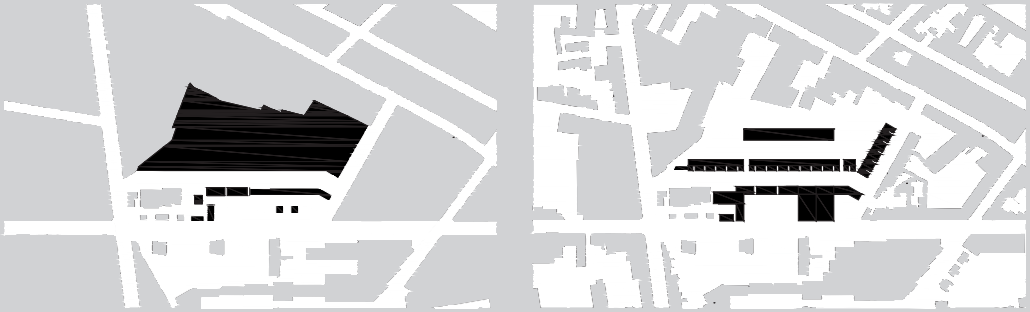


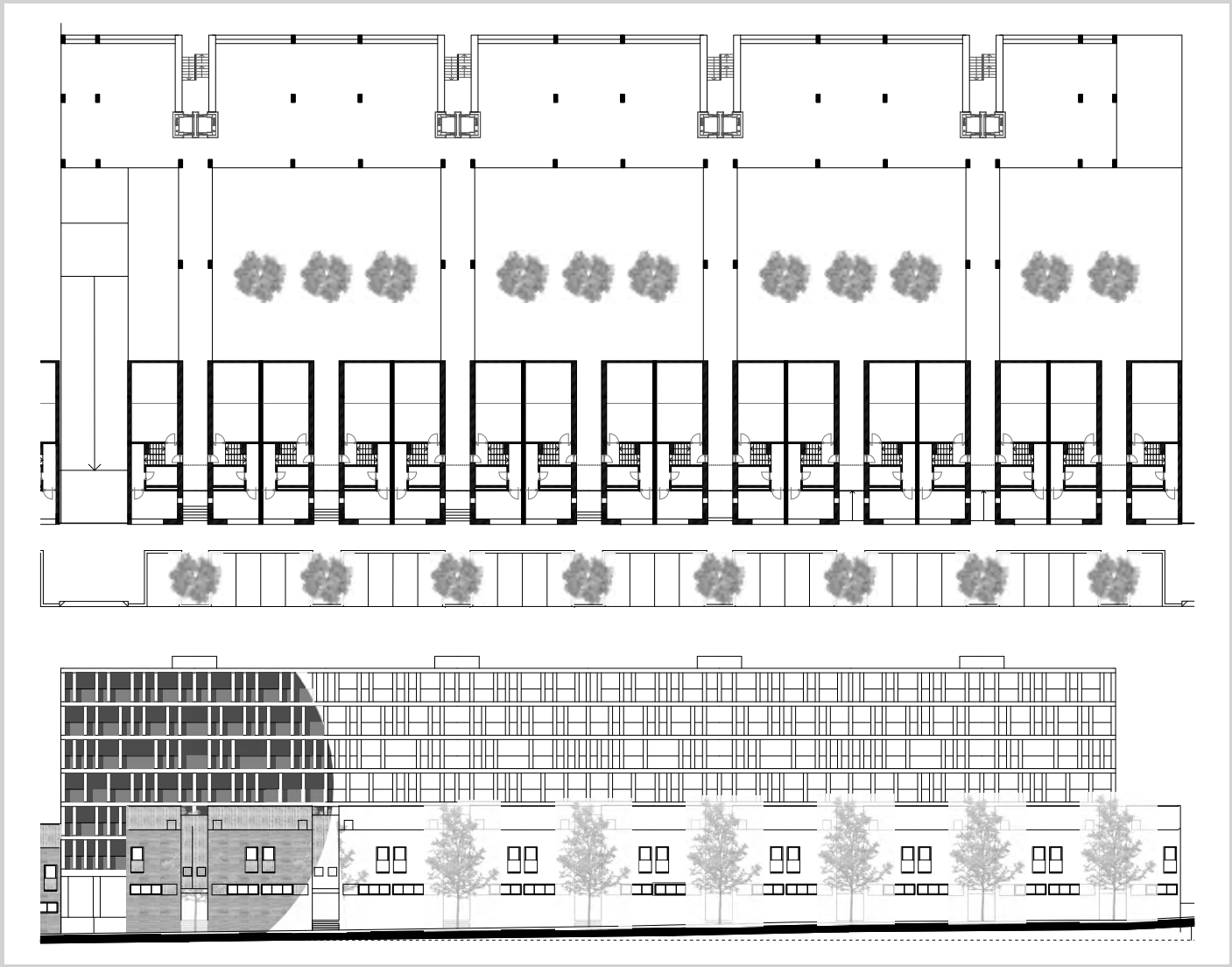


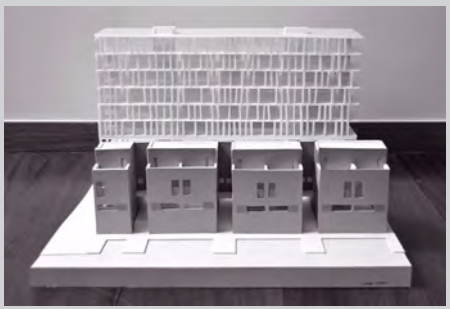
Catarina Vilarinho

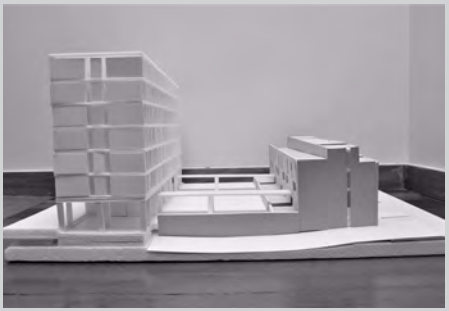
A dinâmica da cidade quebrada por um sítio que anseia ser lugar; um vazio que espera ser ocupado. Um programa do Homem para o Homem; o Homem que ocupa o lugar. Um lugar com memória; a memória de um lugar.
Uma praça comercial bem definida e rematada por blocos de habitação, projeta-se sobre a rua da Alegria, contrapondo-se com a liberdade dos jardins que suportam as torres do complexo do Luso. Não existe necessidade de criar um espaço público verde. Este cria-se nos logradouros, servindo de pano de fundo aos novos volumes.
É aberta uma nova rua limitada por blocos de acesso direto que criam passagens cobertas para o interior do quarteirão, culminando num grande edifício de acesso vertical múltiplo.
Assim, a permeabilidade e a transparência refletem-se nas passagens que rompem com o conceito de quarteirão fechado e rígido. Cria-se uma dinâmica entre volumes e modos de habitar apoiada numa geometria rigorosa que desenha a diversidade de um conjunto que se quer uno.
Os temas afastam-se e reencontram-se: o grande bloco habitacional que levita torna-se leve; os pequenos blocos projetam todo o seu peso para o chão.
A vontade de criar hierarquia; um conjunto transparente e permeável; o público e o privado.

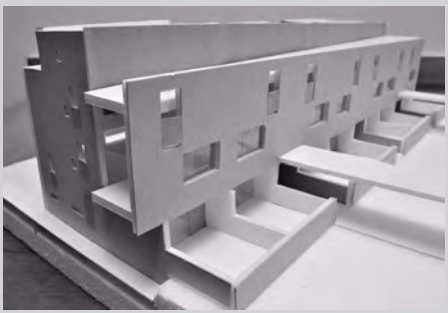










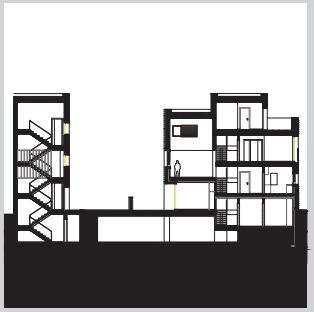


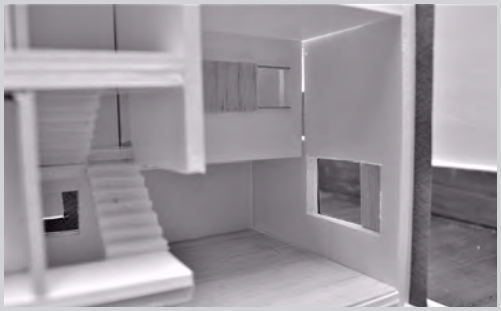




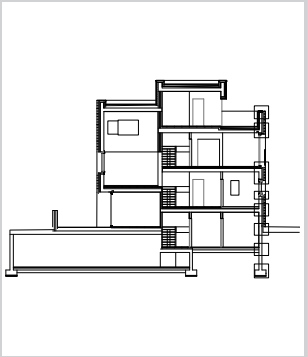




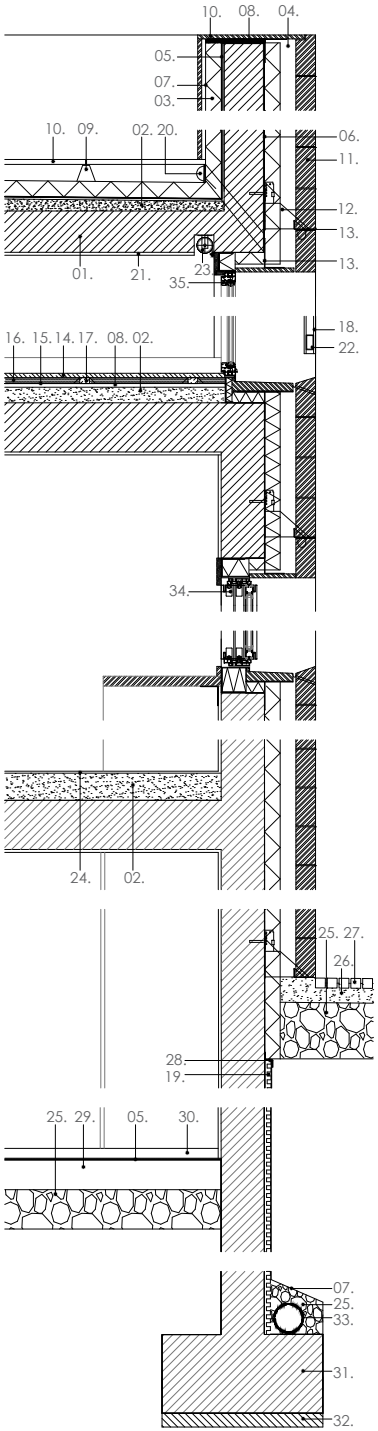




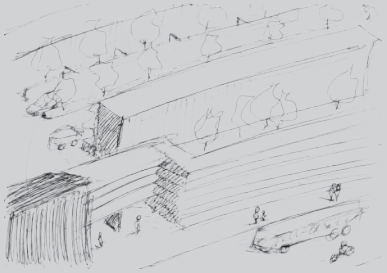


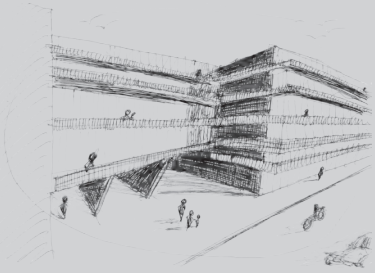


01. Betão armado
02. Camada de forma em betão leve
03. Placa de poliestireno extrudido
04. Caixa de ar
05. Tela asfáltica
06. Pintura asfáltica
07. Manta geotêxtil
08. Argamassa de regularização
09. Apoio para assentamento de placagem de pedra
10. Placagem de pedra basáltica
11. Tiras de pedra basáltica
12. Suporte HK4 para fachada em alvenaria
13. Perfil metálico em L
14. Soalho
15. Tela corte acústico
16. Aglomerado de cortiça
17. Barrotes de madeira 30x50 mm
18. Guarda de madeira (painéis Prodema)
19. Esteira drenante
20. Condutor de águas pluviais para o tubo de queda
21. Reboco
22. Perfil metálico tubular
23. Estore de rolo
24. Microbetão
25. Caixa de brita compactada
26. Caixa de areia
27. Micro-cubo com 5 cm
28. Perfil metálico em Z
29. Massame de betão
30. Betonilha
31. Sapata em betão armado
32. Betão de limpeza
33. Dreno
34. Caixilho metálico de correr de 3 folhas
35. Caixilho metálico de batente



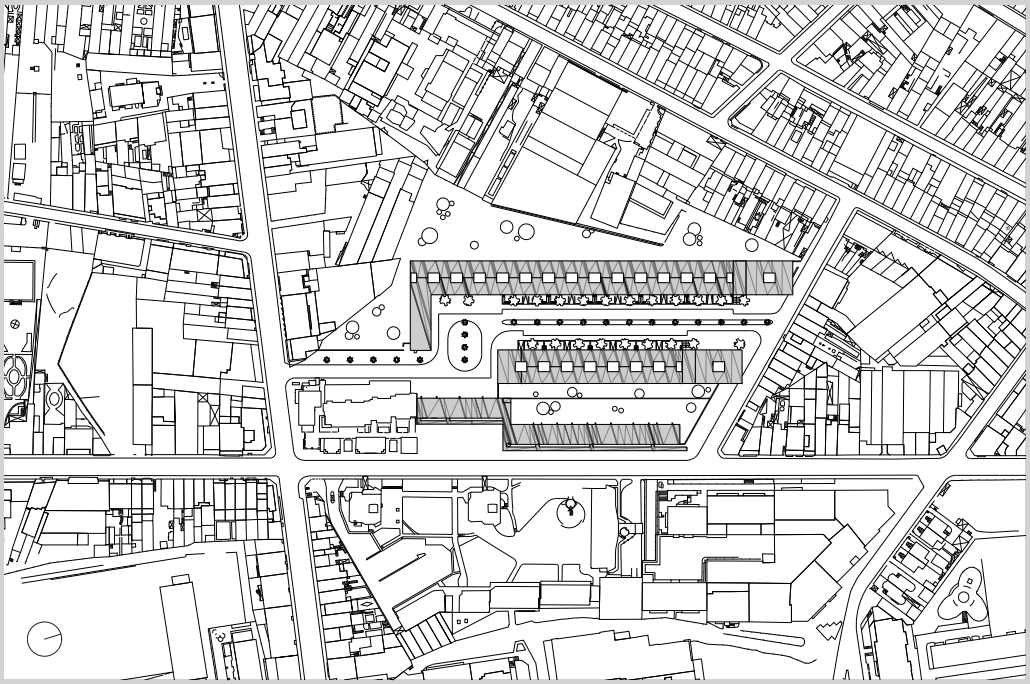


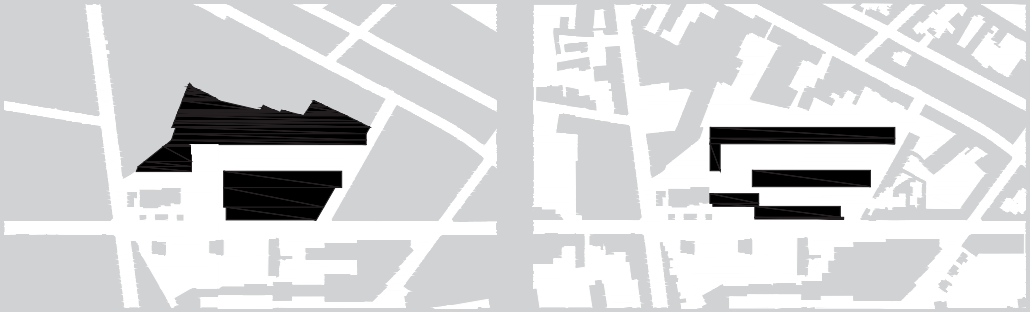


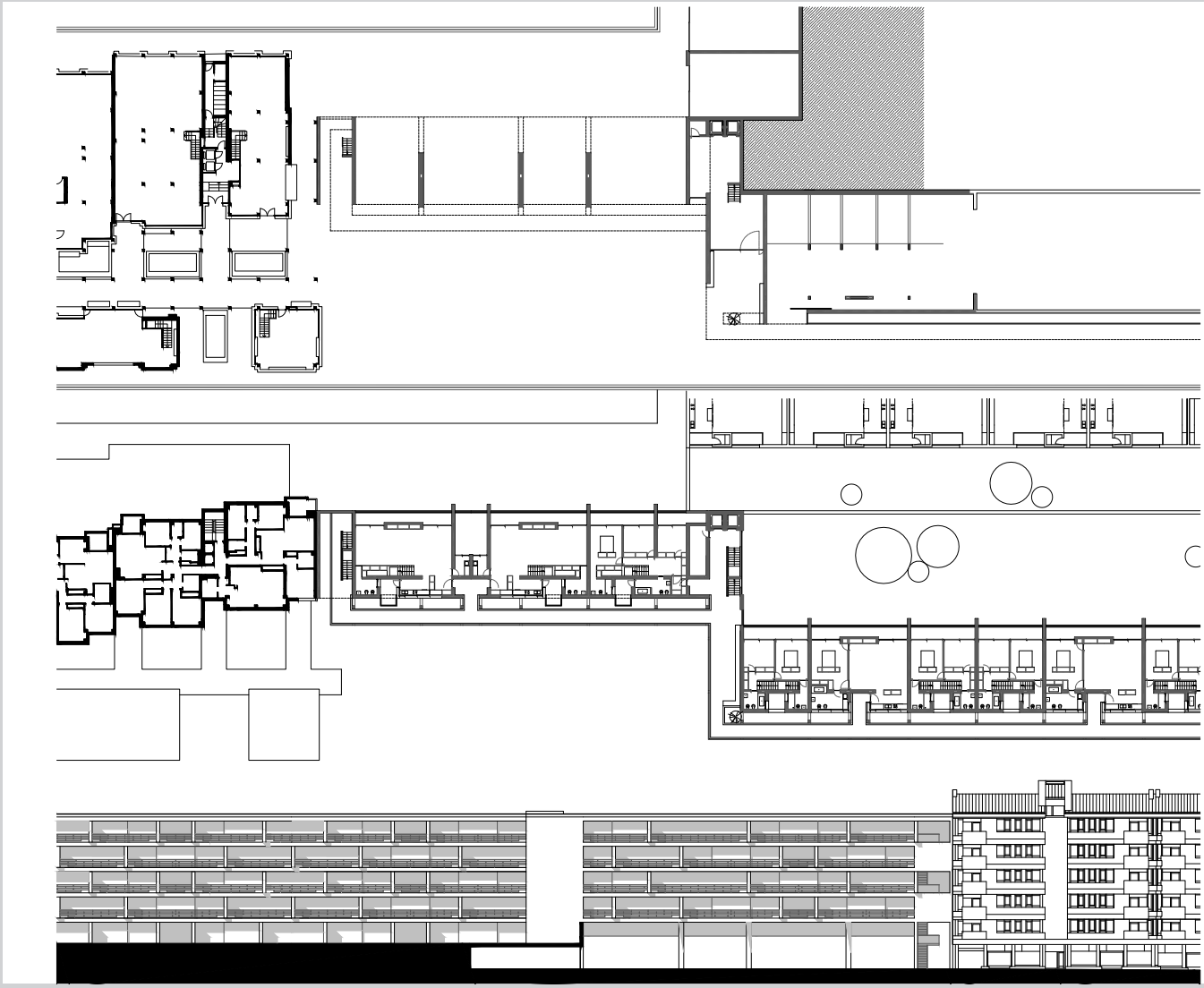


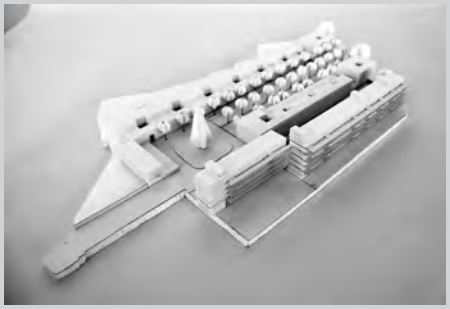
Cesare Cantoni

Na procura de melhor responder às condições do lugar e às necessidades do programa habitacional, propôs-se um novo eixo viário que rasga o terreno, ligando-o à rua da Constituição e à rua do Lima.
Este gesto direto e linear desencadeou, inevitavelmente, uma leitura longitudinal do terreno, definindo duas parcelas principais, com problemas e significados distintos na sua condição urbana, nomeadamente nos pontos de ancoragem ao tecido pré-existente.
Procurou-se dar resposta a este problema com a definição de dois momentos distintos, um no início e outro no final do novo arruamento que, através do desenho do espaço público e da inclusão de áreas comerciais, surgem como "portas" de acesso ao novo sistema urbano. Considerou-se igualmente importante a definição do carácter do novo arruamento, com os volumes a conformar um diálogo transversal constante.
Complementarmente, propôs--se a tipologia de acesso direto, o que permitiu conter a escala do conjunto e dinamizar a nova rua. Em contrapartida, nos edifícios associados à rua da Alegria optou-se pelo acesso em galeria, de forma a construir uma frente urbana contínua, em oposição à fragmentação presente no conjunto do Luso.



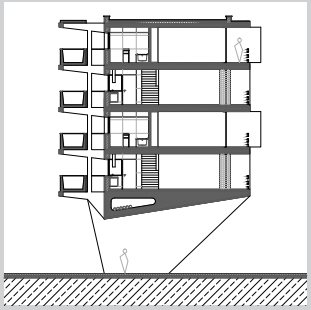


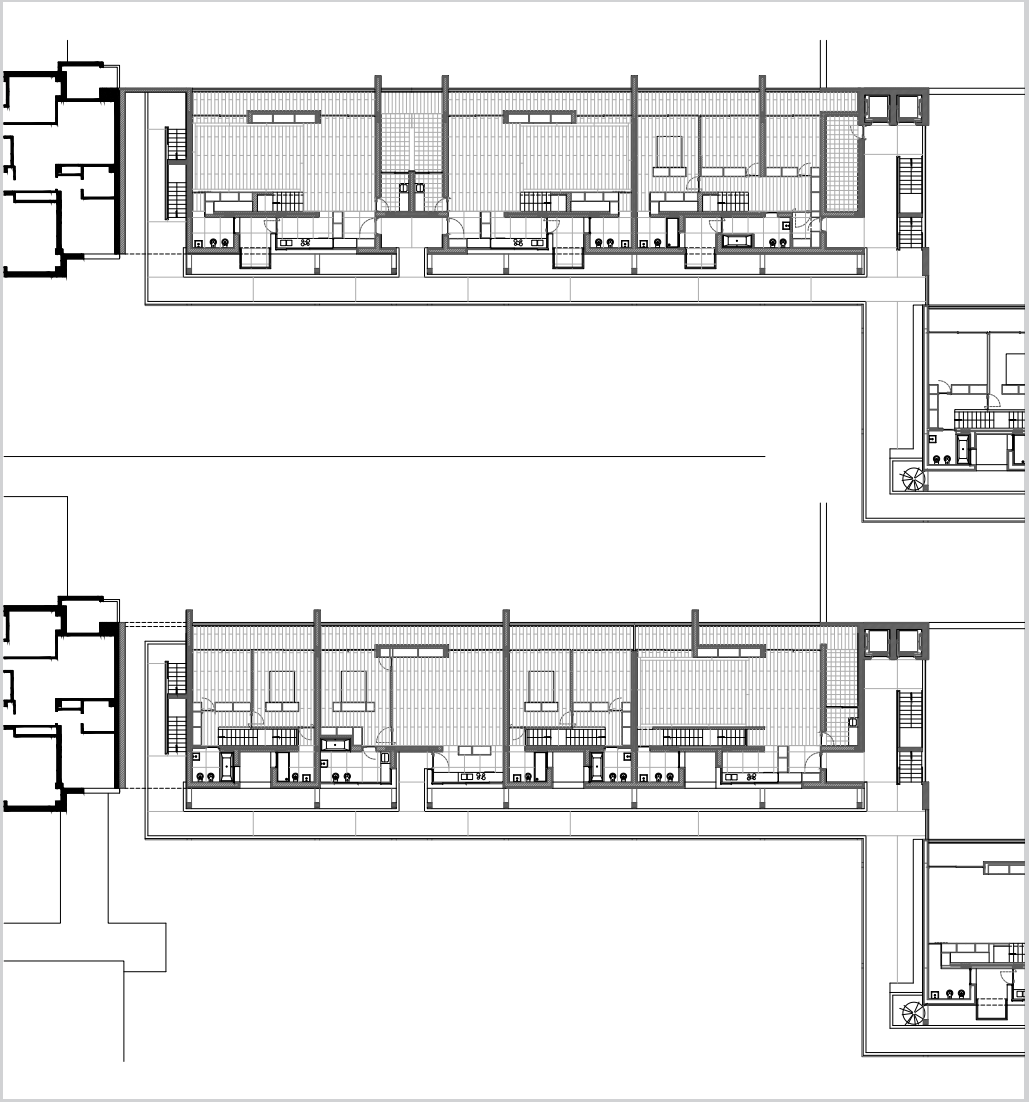


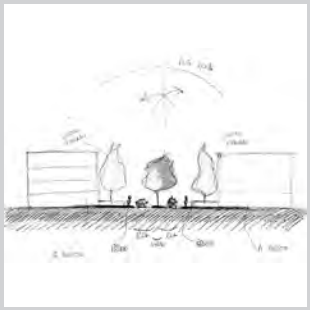




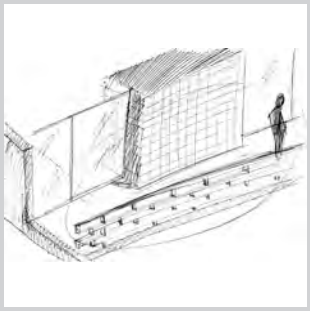


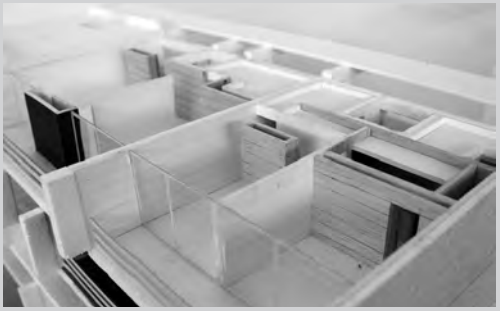






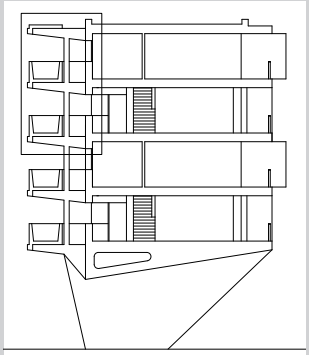




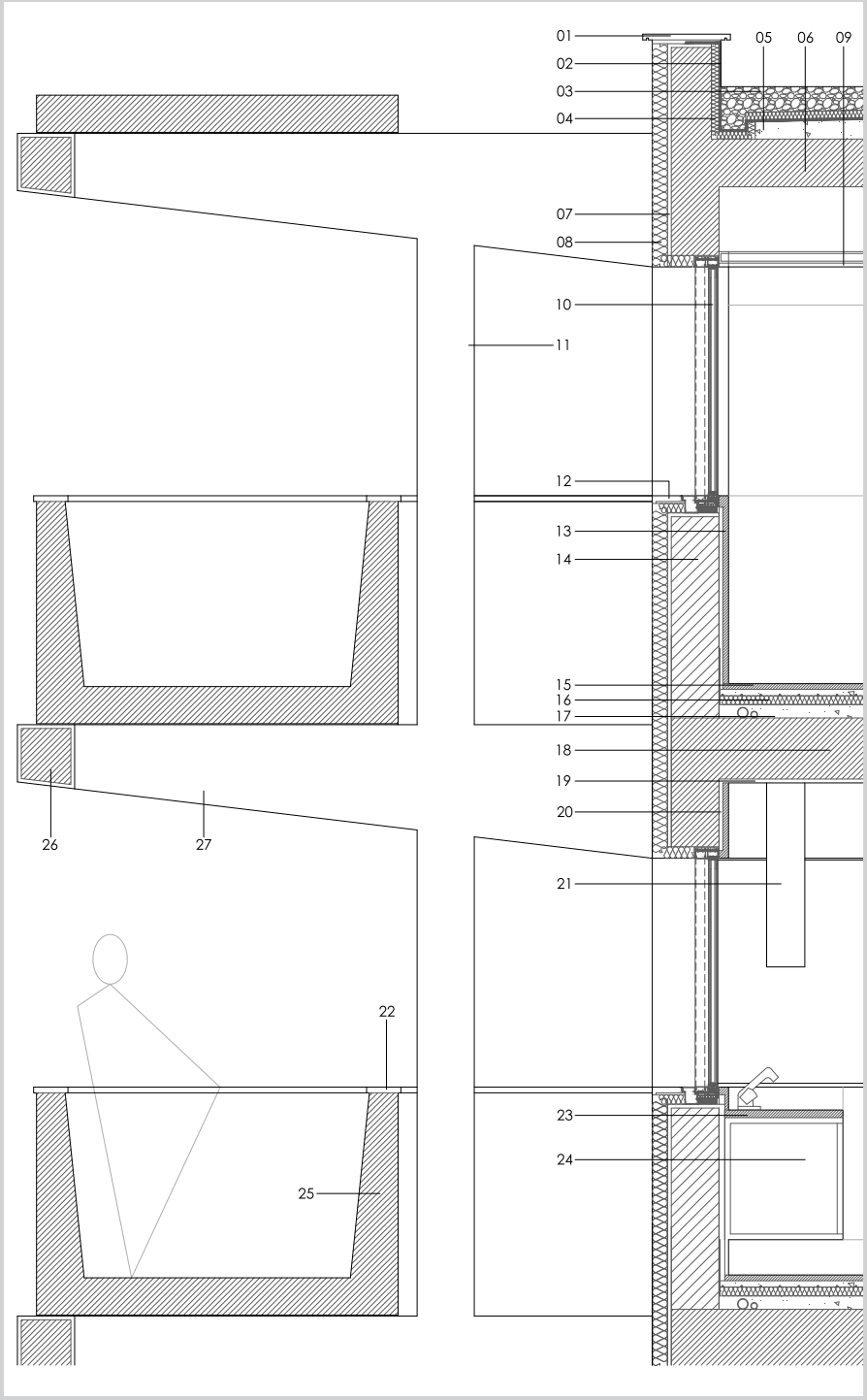




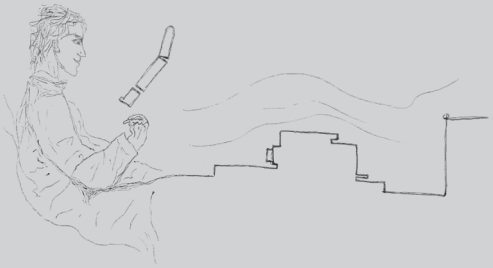


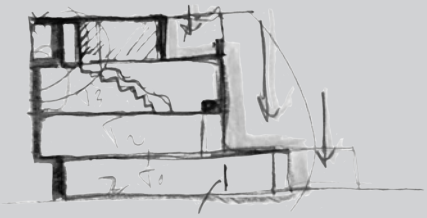


01. Capamento de pedra com 3 cm
02. Tela asfáltica com 0,5 cm
03. Seixo rolado com 5 cm
04. Isolamento térmico de poliestireno extrudido com 4 cm
05. Camada de forma em betão leve com 9 cm
06. Laje de betão armado com 25 cm
07. Regularização hidrófuga com 2 cm
08. Isolamento térmico RASIT com 8 cm
09. Tecto falso em pladur com 2 cm
10. Janela com caixilho kellerag minimal windows
11. Pilar em betão armado
12. Peitoril em pedra com 3 cm
13. Revestimento em pedra de serpentino victoria polida com 3 cm
14. Parede em tijolo vazado com 25 cm
15. Pavimento em pedra de serpentino victoria polida com 3 cm
16. Pavimento radiante com manta acústica com 7 cm
17. Betão leve de enchimento com 8 cm
18. Laje em betão armado com 30 cm
19. Reboco interior com 2 cm
20. Regularização com 2 cm
21. Exaustor cilíndrico com 20 cm
22. Corrimão em madeira teak com 3 cm
23. Revestimento do balcão em pedra de serpentino victoria com 3 cm
24. Elementos suspensos da cozinha lube série georgia
25. Galaria-viga em betão armado com 20 cm
26. Viga em betão armado com 30 cm
27. Viga em betão armado revestida com isolamento RASIT com 50 cm



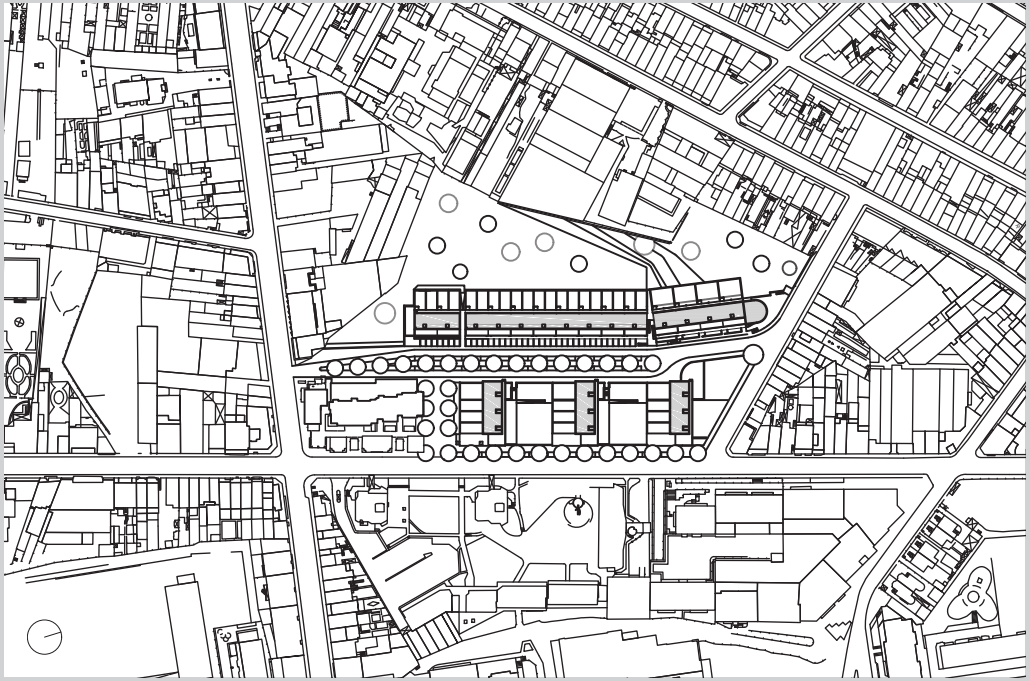




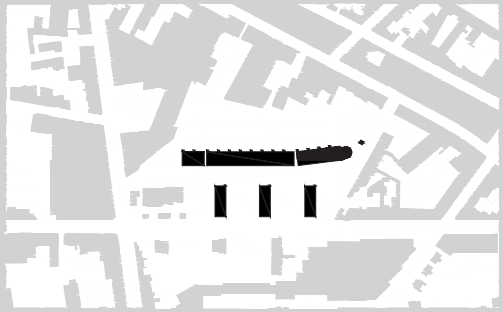


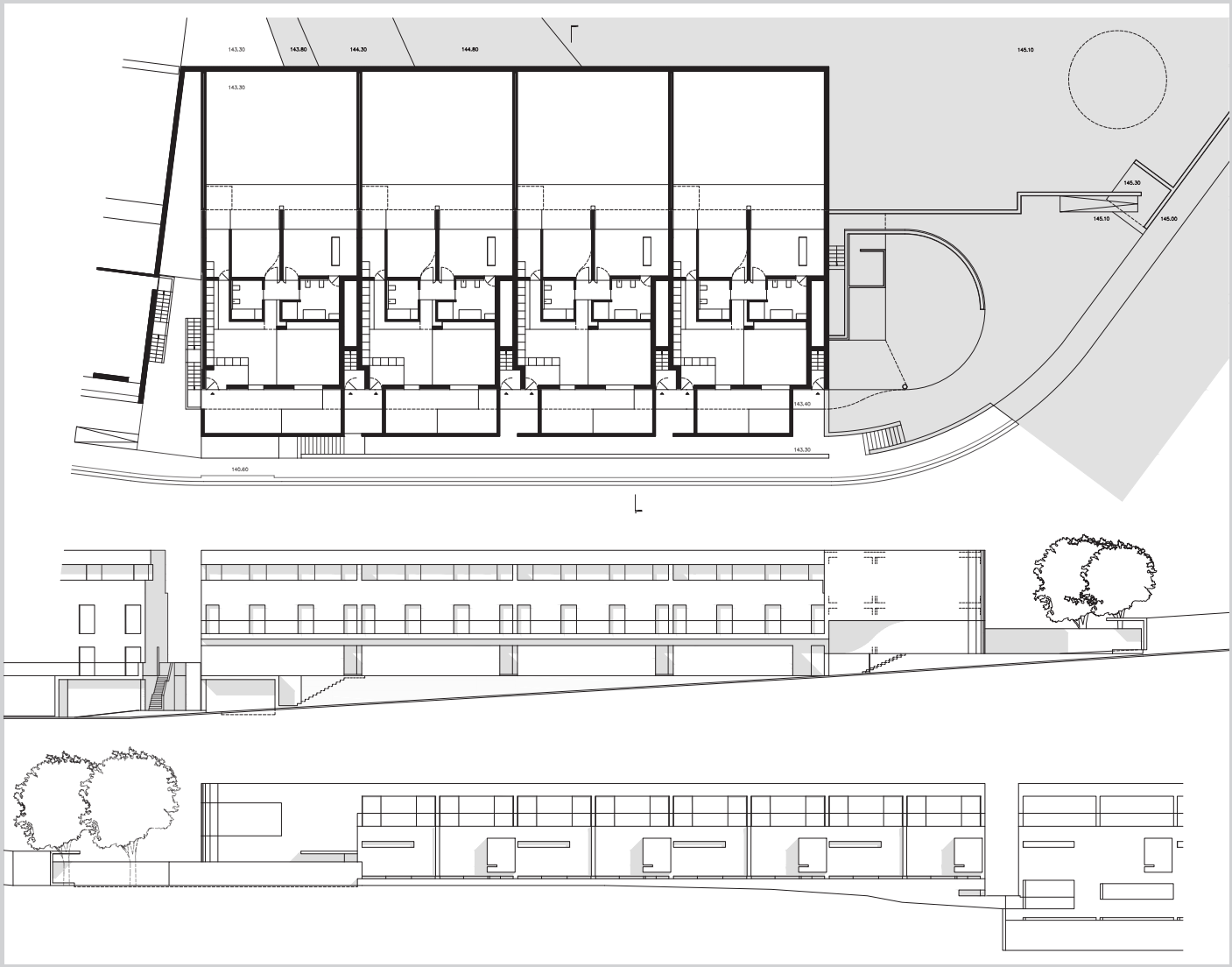
Damiano Urbani

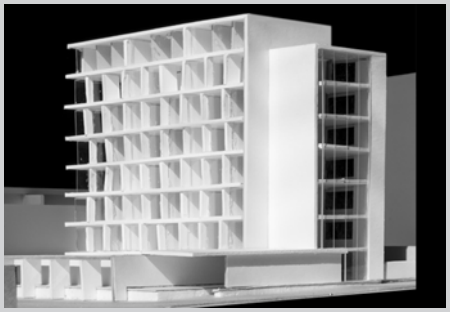
É a partir da abertura de uma nova rua que nasce a intenção arquitetónica da proposta, com a orientação e configuração dos diversos volumes a estabelecer uma composição sequencial de diferentes ritmos, que interpreta o carácter heterogéneo da estrutura urbana envolvente. Esta variação é delineada de forma a que, dentro da sua variedade espacial, possa ser lida uma ideia base comum a todos os volumes, tornando-os um todo coeso e coerente. Um volume de grandes dimensões destaca-se dos outros de maior elegância, criando uma exceção na composição e estabelecendo um diálogo particular com a malha a nascente e o arruamento proposto. Ao nível do rés-do-chão, um plano texturado conforma os limites do edificado e caracteriza os diferentes momentos do espaço público. Este plano horizontal é o elemento arquitetónico que, interagindo com os programas coletivos, serpenteia ao longo dos arruamentos e conforma espaços de diferente intimidade, chegando a atravessar as portas de acesso, transformando-se na parede de um átrio. É sobre este extenso plano que assentam os volumes principais tão abstratos quanto possível, tendo em conta a natureza do programa – habitação plurifamiliar – no qual a abstração é um desafio compositivo.

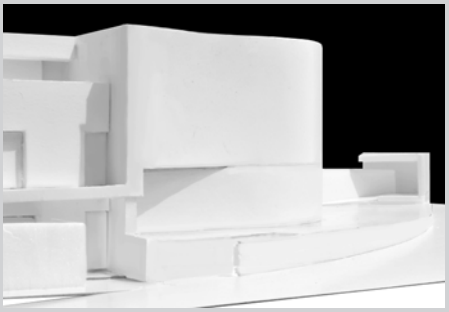


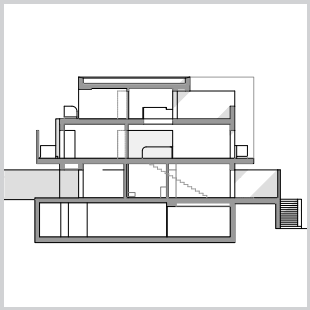


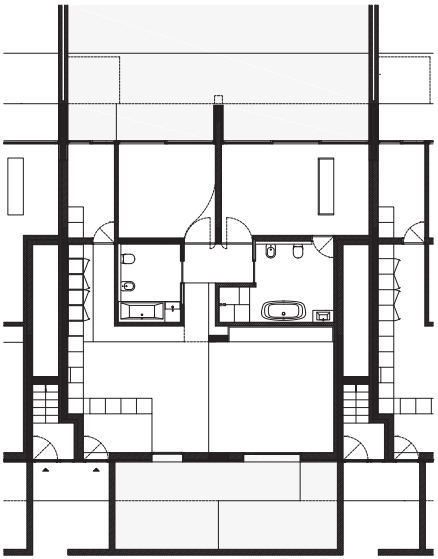


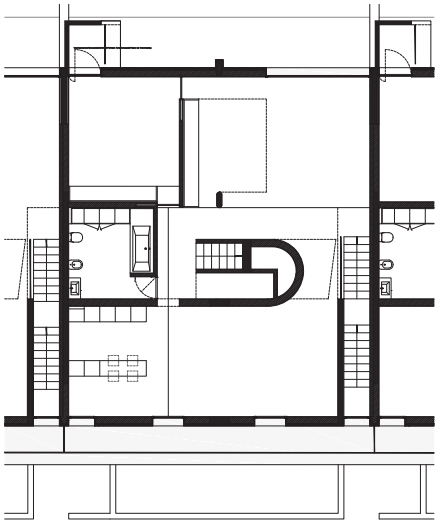

143.30
143.80
144.30
144.80
145.10
145.30
145.10
145.00
143.40
143.30
140.60

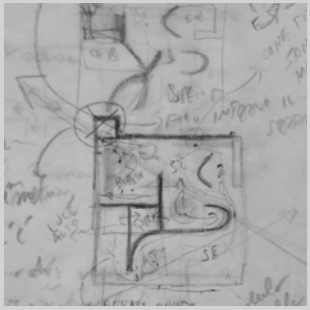


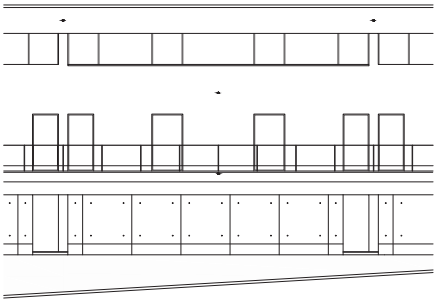




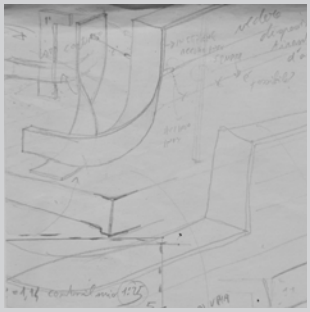


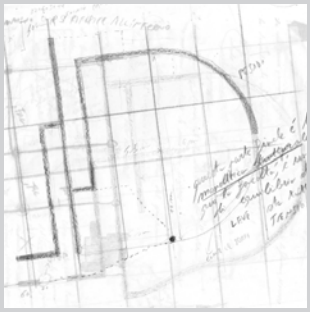


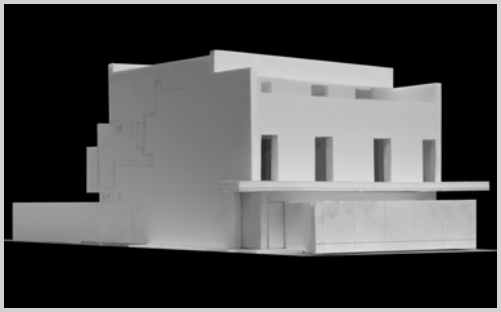


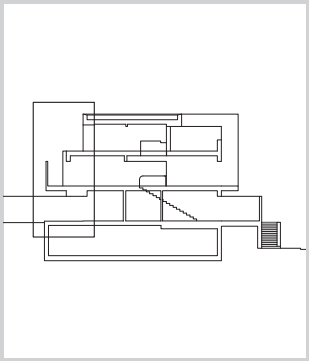




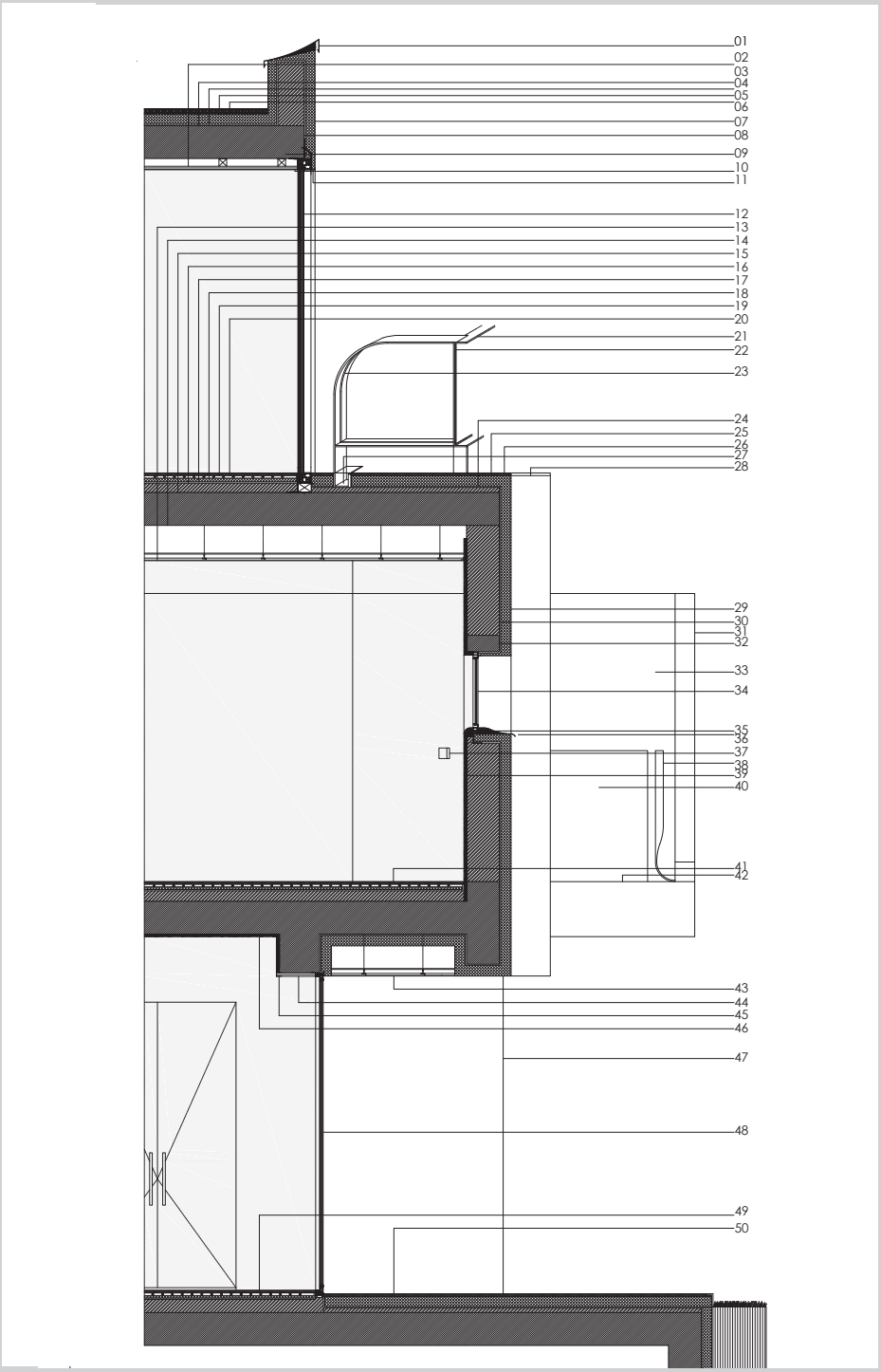






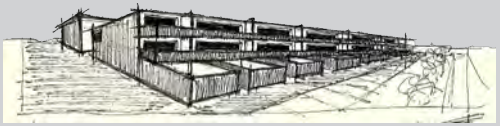


01. Capamento metálico
02. Teto falso em gesso cartonado
03. Regularização hidrófuga
04. Isolamento térmico Xps
05. Barreira pára-vapor
06. Godo
07. Sistema RASIT, acabamento branco
08. Barreira pára-vapor do caixilho
09. Sistema de apoio do teto falso
10. Acabamento pigmentado branco 0,5 mm
11. Perfil de metàlico
12. Janela de correr com caixilho de alumínio
13. Teto falso em gesso cartonado
14. Laje em betão armado 25 cm
15. Betão leve de enchimento
16. Tela plástica
17. Manta acústica
18. Pavimento radiante
19. Camada de regularização
20. Pavimento em resina
21. Guarda de metal
22. Chapa de metal
23. Chapa de vidro
24. Isolamento térmico Eps
25. Camada de regularização
26. Pavimento em betão leve liso
27. Sistema de apoio da guarda
28. Perfil de acabamento em alumínio
29. Sistema RASIT
30. Regularização
31. Muro de Tijolo armado com reboco
32. Verga em betão armado
33. Muro exterior
34. Porta pivotante em aço
35. Camada de forma com perfil em alumínio
36. Perfil de alumínio
37. Porta de correr, cor branco
38. Elemento metálico
39. Reboco interior
40. Guarda em vidro
41. Pavimento em resina
42. Pavimento em mármore branco de Carrara
43. Teto falso exterior
44. Laje dupla
45. Perfil de alumínio de acabamento
46. Reboco interior
47. Muro exterior sistema RASIT, cor branco
48. Janela de correr com caixilho de alumínio
49. Pavimento em resina
50. Pavimento em betão leve liso



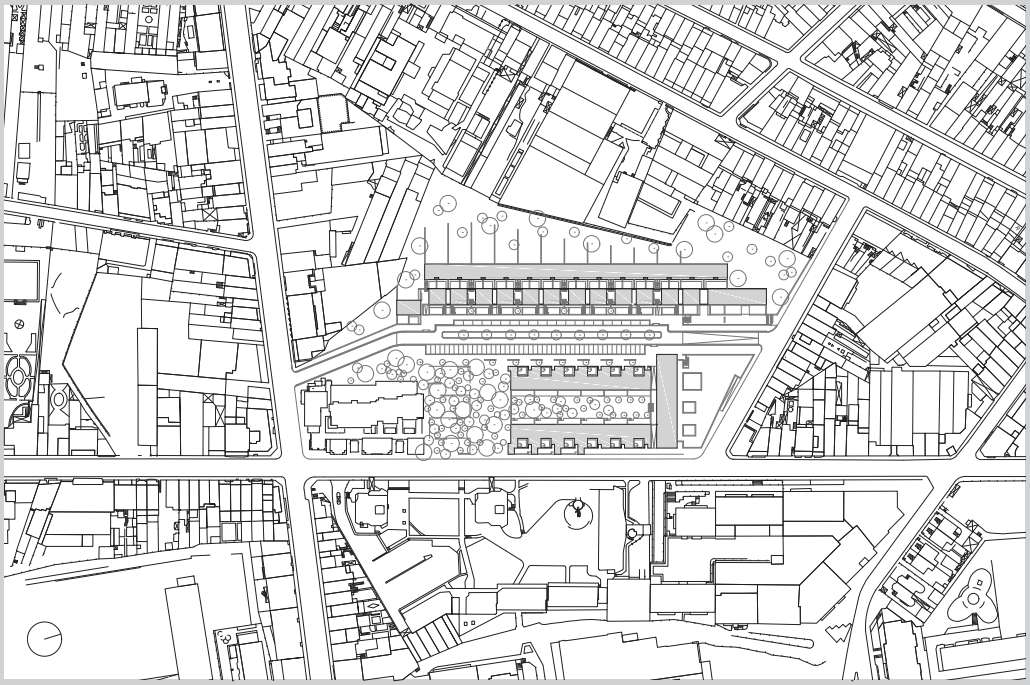


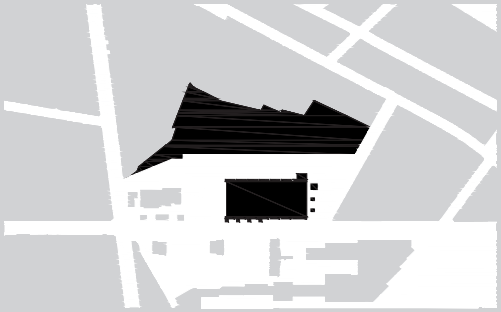


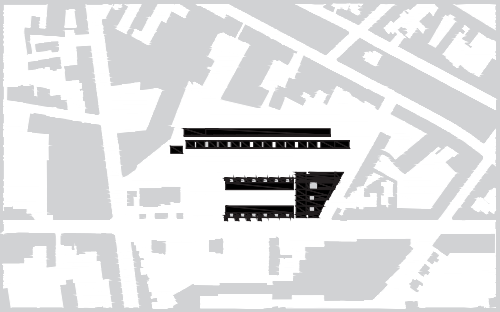


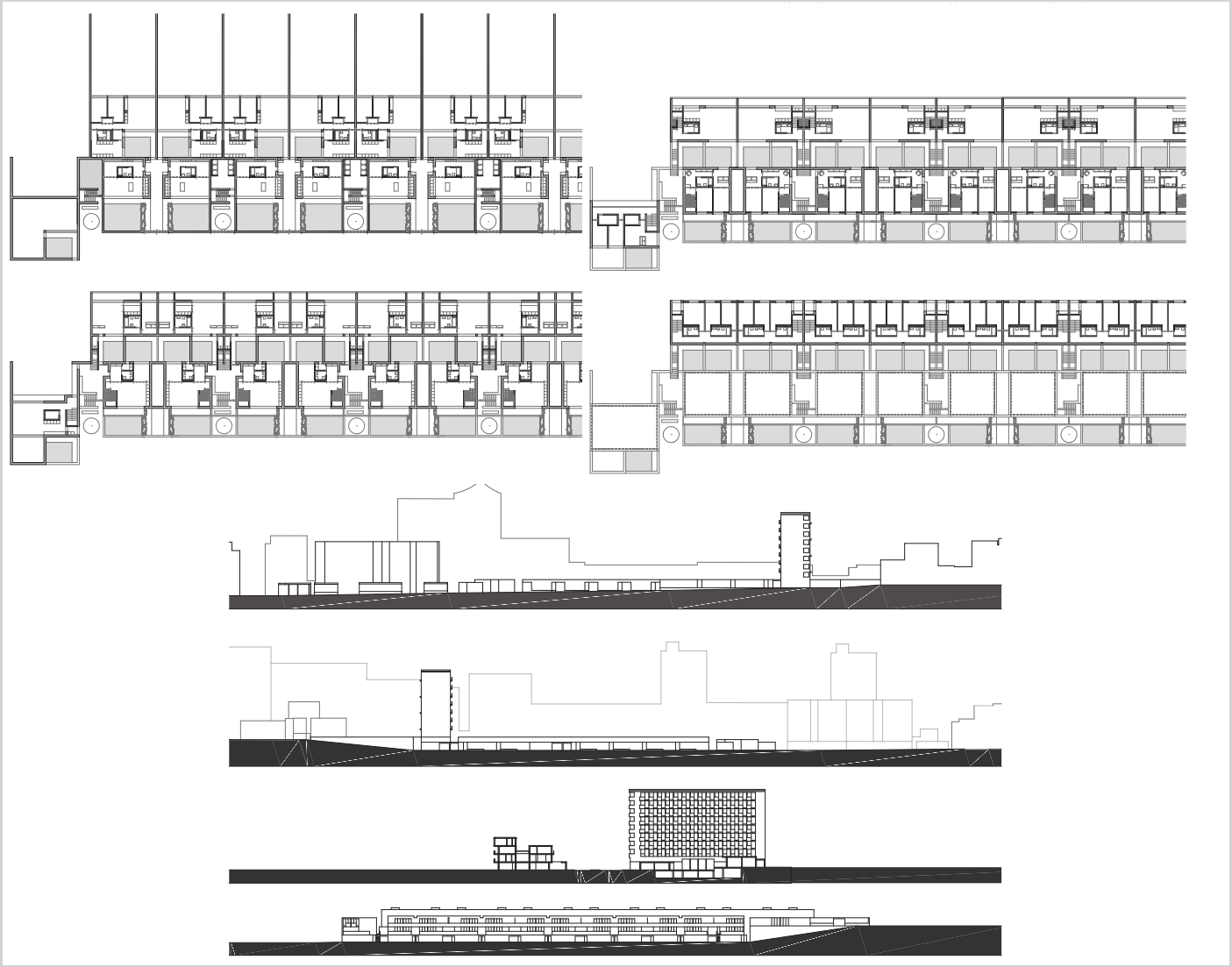
Daniel Sá

O projecto parte do reconhecimento da área de intervenção como momento de confluência entre duas abordagens distintas ao desenho da cidade. A Oeste, a malha concentrada, perfurada de forma aparentemente orgânica, decorre da adição espontânea do edificado, configurando-se o quarteirão como molde da própria rua, reminiscente da cidade tradicional.
A Este, abre-se o espaço livre, cadenciado pela implantação pontual de edifícios, invocando um desígnio moderno na relação entre a volumetria construída, o vazio urbano e os elementos de circulação.
A proposta procura evidenciar as realidades descritas, colocando-as em confronto. Neste sentido, a abertura de um novo eixo, entre as ruas da Constituição e do Lima, pretende definir-se como elemento de charneira entre as duas naturezas de cidade. A Oeste, o conjunto de acesso directo é esculpido como um corpo horizontal, pautado pela abertura sucessiva de negativos, alicerçado no quarteirão existente. Dialoga, ao nível do piso térreo, através do novo arruamento, com o primeiro de dois volumes paralelos, sendo que o segundo resolve a frente da rua da Alegria e a relação com a cidade a Este. A referida série produz um ritmo sequencial de "casas-pátio" que irrompe num volume vertical, de acesso em galeria, o qual "pousa" sobre os corpos baixos e desponta, verticalmente, sobranceiro ao terreno.





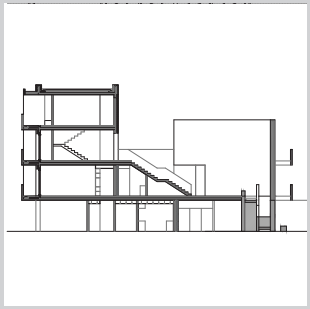


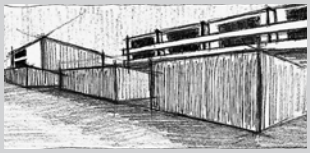


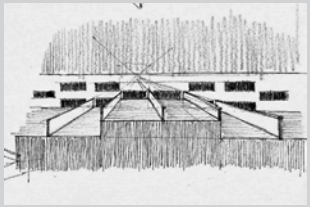


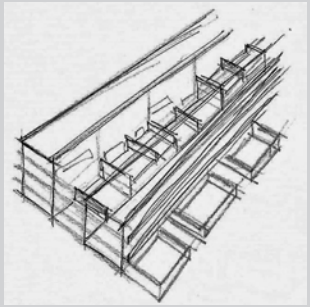


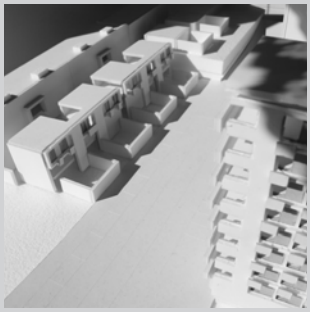


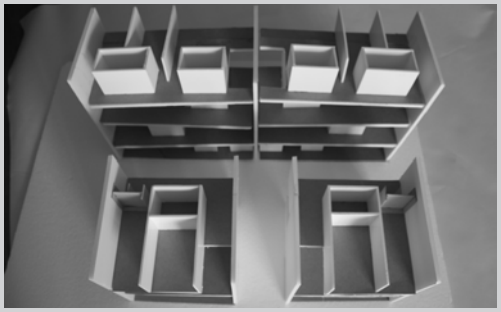




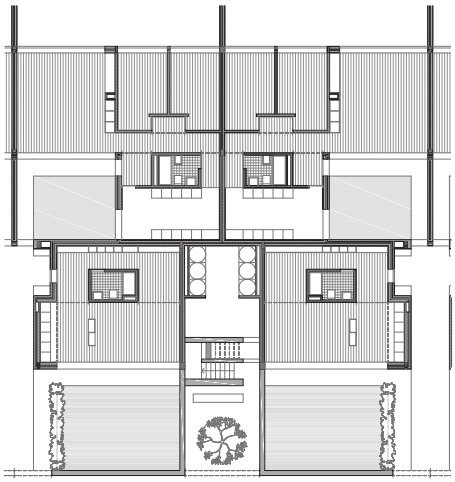


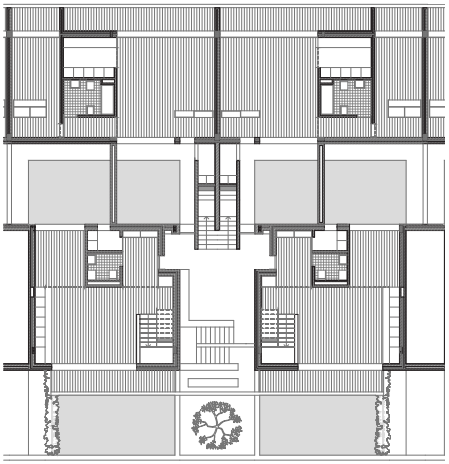


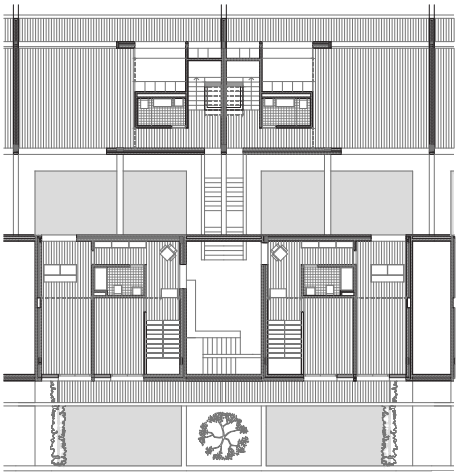


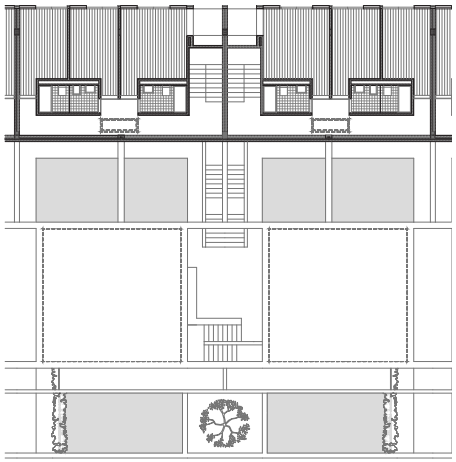


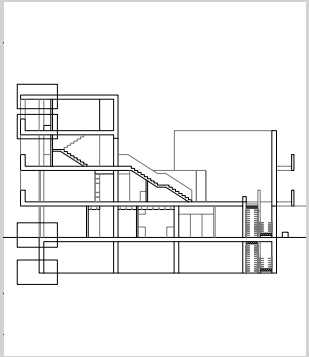




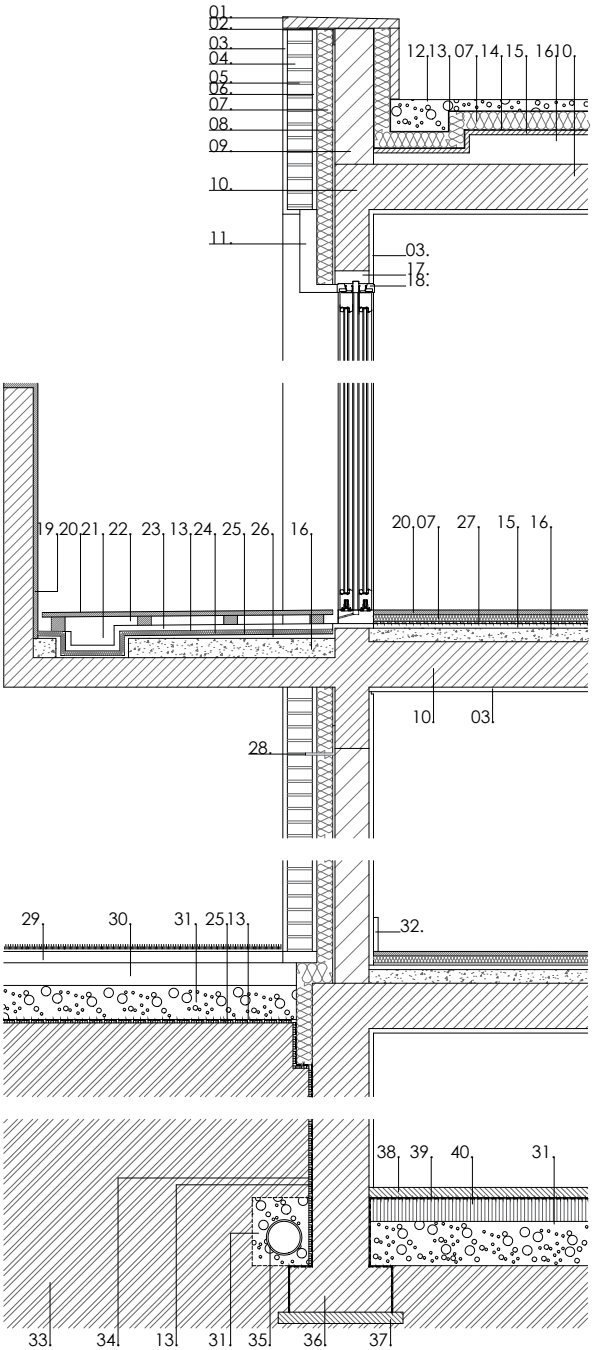






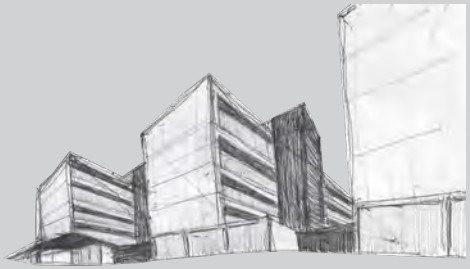


01. Capamento de pedra
02. Perfil metálico
03. Reboco
04. Tijolo maciço (reciclado)
05. Massa de assentamento
06. Caixa de ar
07. Poliestireno extrudido
08. Impermeabilização
09. Tijolo vazado
10. Betão armado
11. Peça de betão
12. Seixo rolado
13. Geotêxtil
14. Tela asfáltica
15. Regularização
16. Betão leve
17. Pré-aro
18. Caixilho de madeira
19. Peça de madeira
20. Soalho
21. Caleira
22. Estrado de madeira para assentamento do soalho
23. Betonilha armada
24. Roofmate
25. Tela
26. Betonilha de regularização
27. Manta acústica
28. Cantoneira
29. Terreno vegetal
30. Massame de betão
31. Brita
32. Rodapé
33. Solo
34. Manta drenante
35. Dreno
36. Fundação
37. Betão de limpeza
38. Microbetão
39. Impermeabilização
40. Massame de betão armado com rede metálica electro-soldada



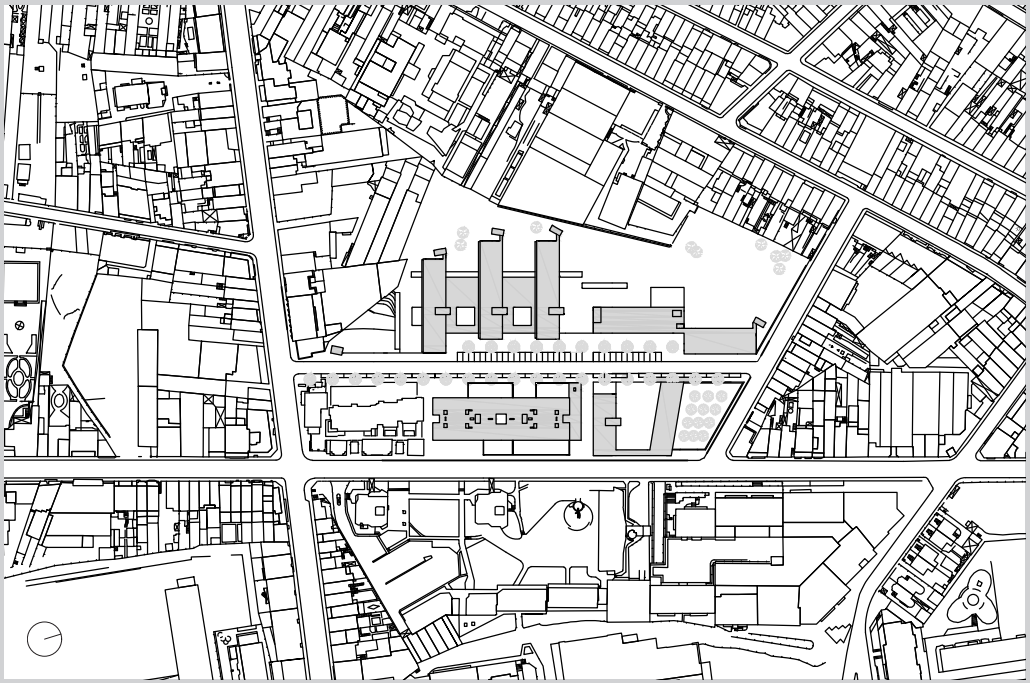


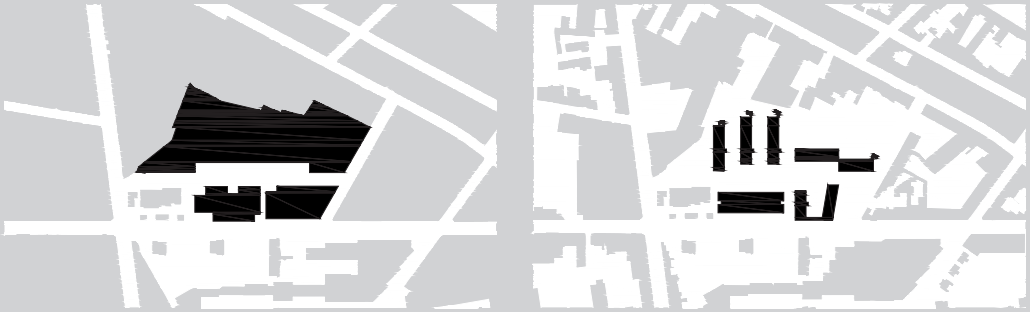


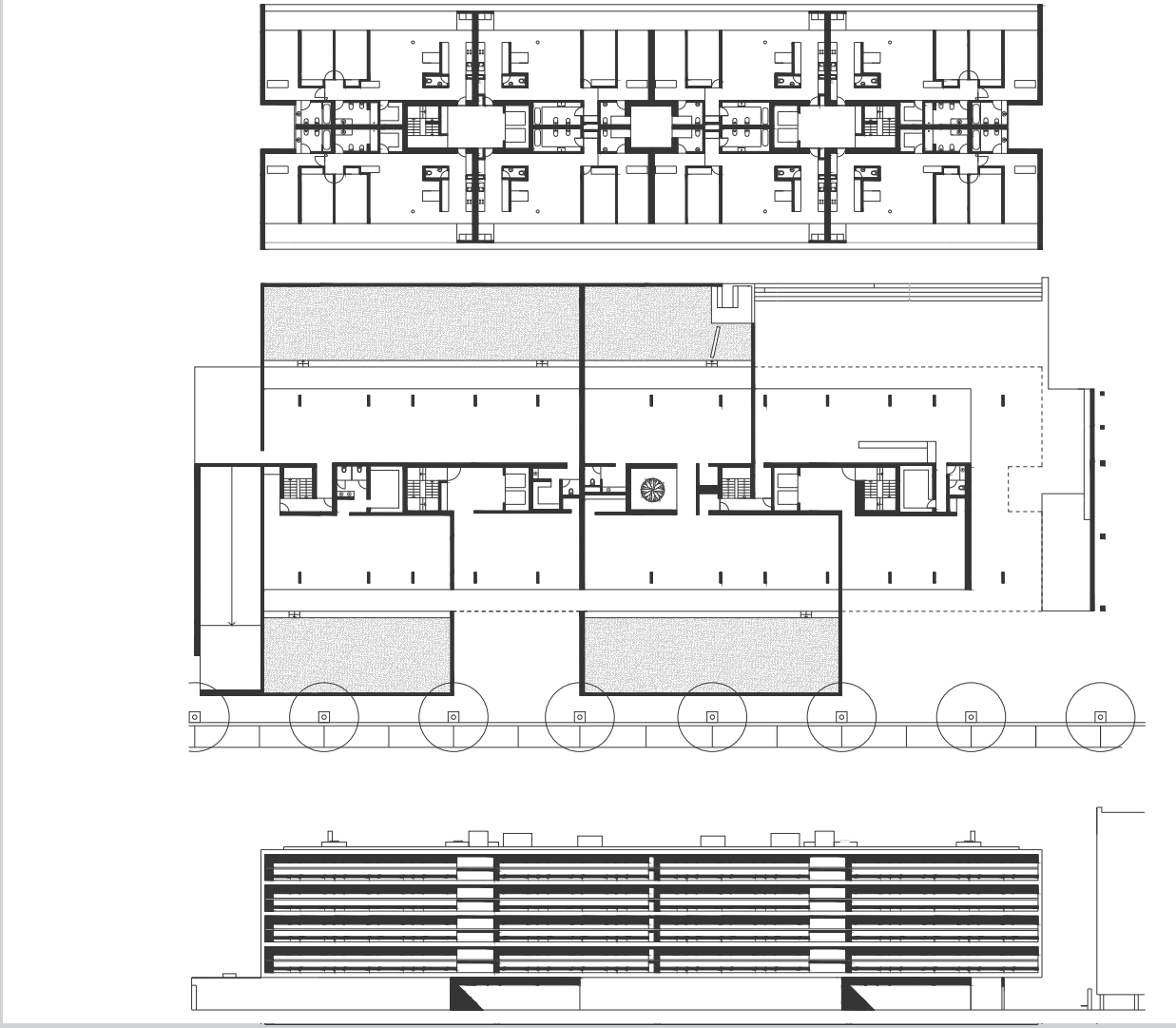


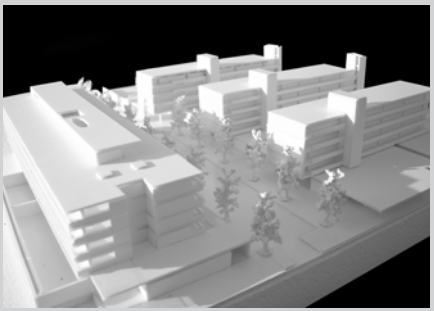
João Queiroga

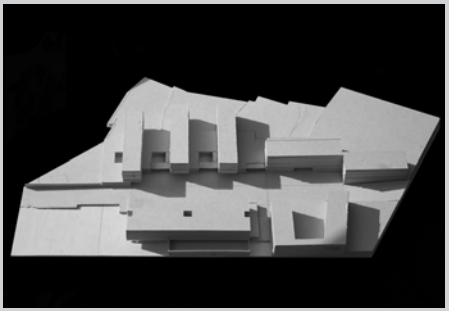
É a partir da abertura de uma nova rua que nasce a intenção arquitetónica da proposta, com a orientação e configuração dos diversos volumes a estabelecer uma composição sequencial de diferentes ritmos, que interpreta o carácter heterogéneo da estrutura urbana envolvente. Esta variação é delineada de forma a que, dentro da sua variedade espacial, possa ser lida uma ideia base comum a todos os volumes, tornando-os um todo coeso e coerente. Um volume de grandes dimensões destaca-se dos outros de maior elegância, criando uma exceção na composição e estabelecendo um diálogo particular com a malha a nascente e o arruamento proposto. Ao nível do rés-do--chão, um plano texturado conforma os limites do edificado e caracteriza os diferentes momentos do espaço público. Este plano horizontal é o elemento arquitetónico que, interagindo com os programas coletivos, serpenteia ao longo dos arruamentos e conforma espaços de diferente intimidade, chegando a atravessar as portas de acesso, transformando-se na parede de um átrio. É sobre este extenso plano que assentam os volumes principais tão abstratos quanto possível, tendo em conta a natureza do programa – habitação plurifamiliar – no qual a abstração é um desafio compositivo.

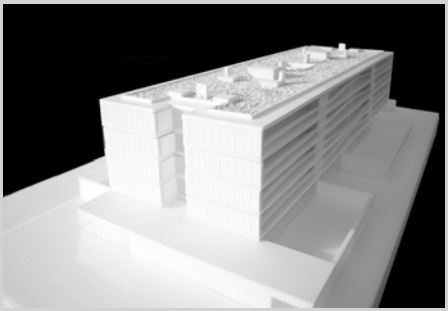


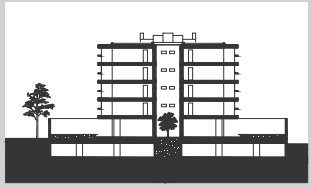


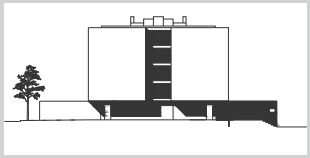


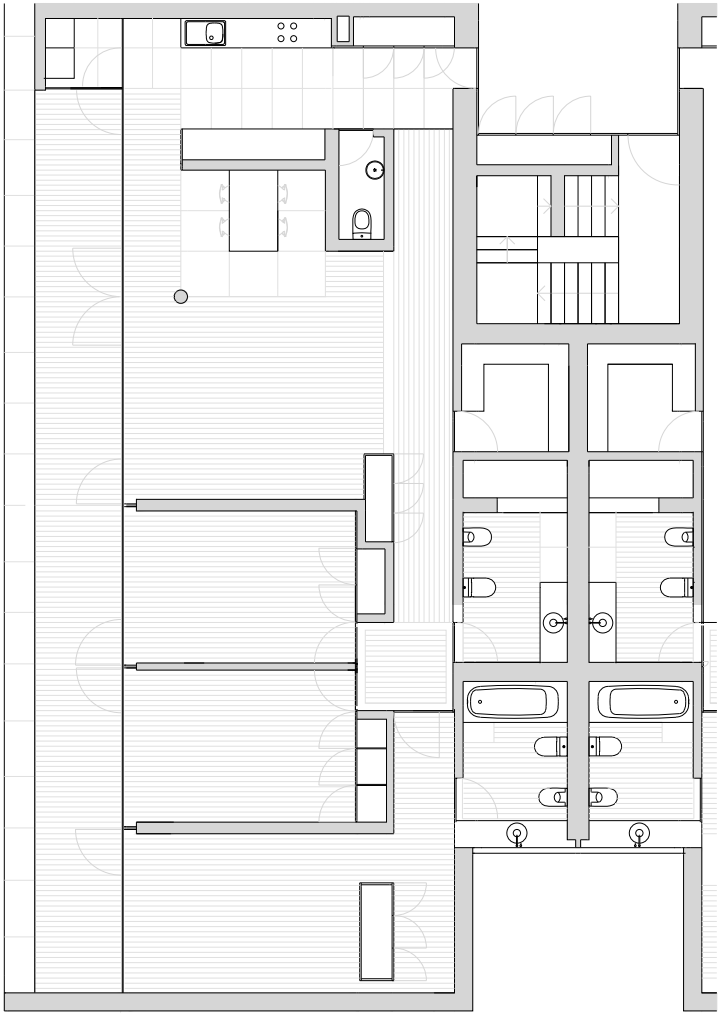


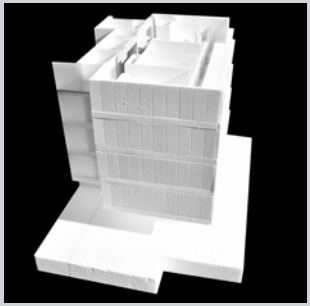


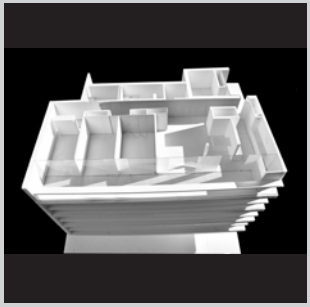


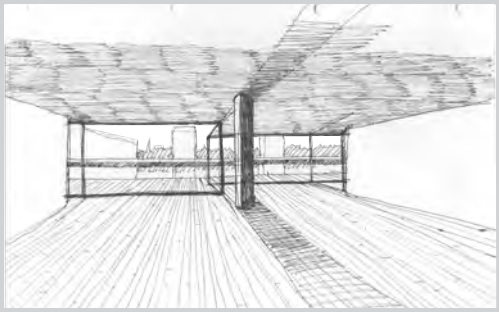


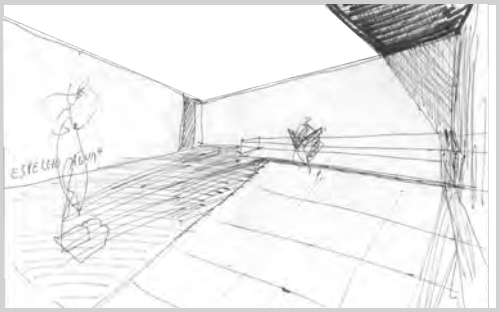


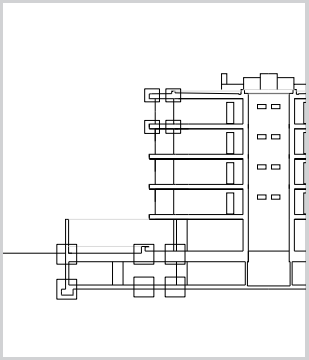




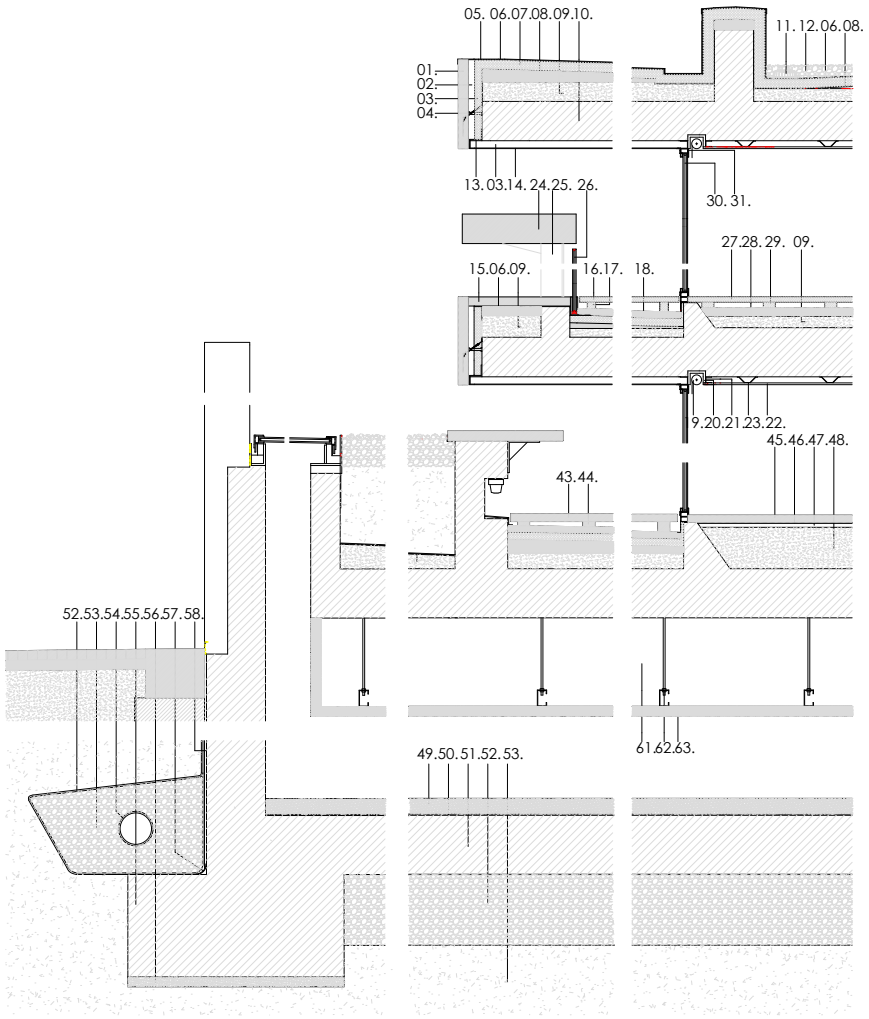




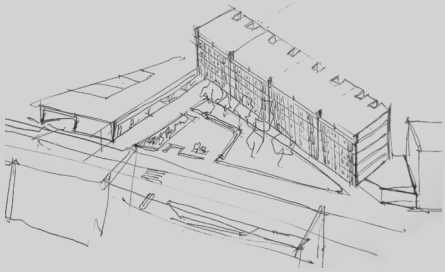


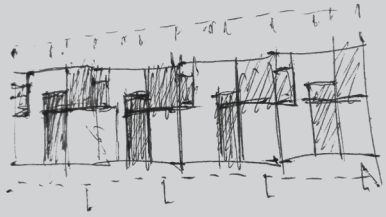


01. Placagem de betão branco com 5 cm
02. Caixa de ar de 3 cm
03. Wallmate com 4 cm
04. Rufo em chapa de zinco nº 4
05. Tela de impermeabilização
06. Roofmate de 5 cm
07. Barreira pára-vapor
08. Camada de forma em betão leve e betonilha de regularização
09. Laje de betão armado
10. Godo
11. Pintura armada pigmentada
12. Placagem de betão branco de 5 cm
13. Soalho com junta aberta
14. Betonilha armada de 3 cm
15. Gesso cartonado de 0.9 cm
16. Guarda - lâmina de betão branco
17. Soalho com 3 cm
18. Ripado de madeira para assentamento do soalho
19. Caixilho fixo em ferro
20. Camada de seixo rolado
21. Terra vegetal
22. Banco em granito com 5 cm
23. Lajeado de granito com 4 cm (com junta aberta)
24. Lajeado de granito com 4 cm
25. Massame de betão com 8 cm (vidrado)
26. Saibro compactado
27. Manta geotêxtil
28. Caixa de brita
29. Sapata de betão armado
30. Betão de limpeza
31. Tela drenante
32. Tecto falso para passagem de infraestruturas





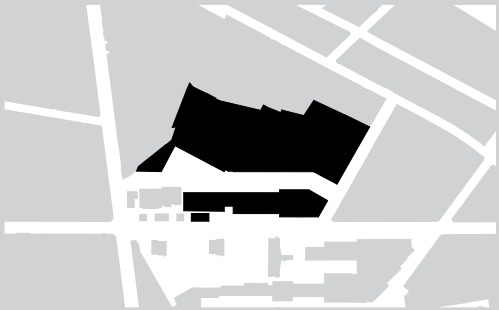


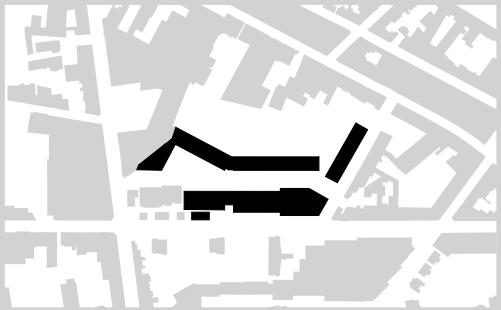


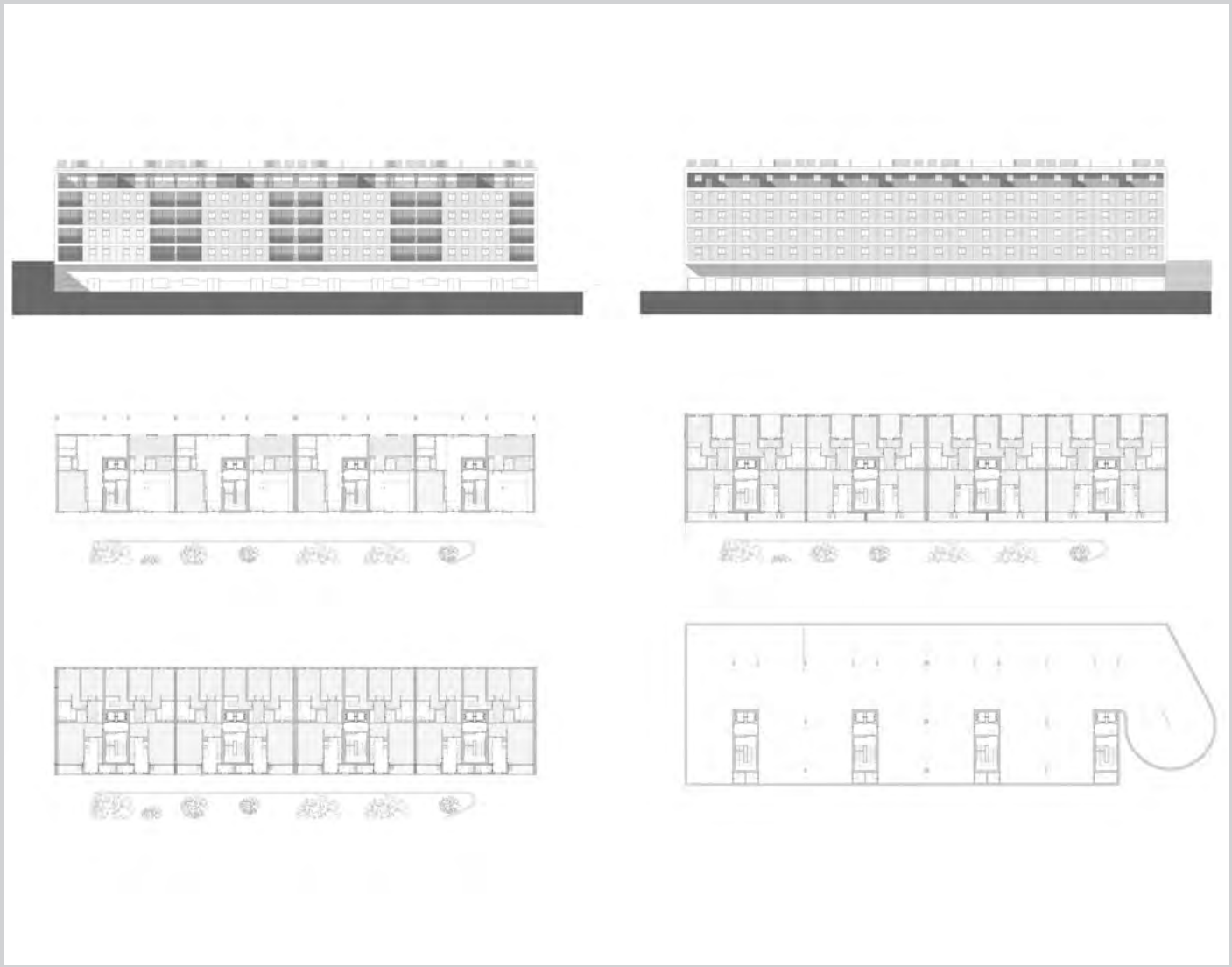
José Daniel Mourão

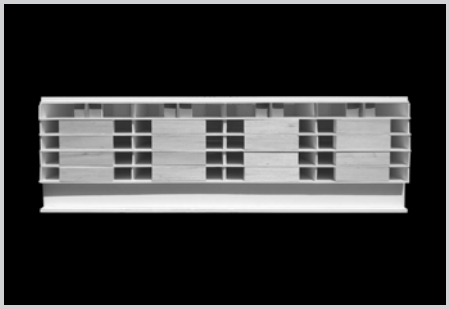
A proposta procura uma implantação perimetral, que busca a definição do quarteirão, com o objetivo de se relacionar com a malha urbana pré-existente, numa atitude de continuidade. A composição é pontuada por um ritmo de sucessivos volumes, unidos por uma base comum, que criam uma torção na secção mais a sul do terreno, ao contactar com a rua da Constituição. Aqui é criado o principal espaço público, elemento dinamizador do projeto, que procura a regularidade, onde se localiza o edifício desenvolvido. Este, concentra a função habitacional nos pisos superiores, seguindo-se pela típica organização "esquerdo/direito", com um último piso recuado, de materialidade diferente, usufruindo de varandas maiores. O piso térreo é dotado de um programa comercial, que se desenvolve alternadamente com os acessos verticais ao estacionamento e aos pisos habitacionais.
O apartamento que se define como "módulo" possui uma organização clara, separando a zona privada da de convívio, aproveitando ao máximo a exposição solar. O seu desenho é minimal, procurando a simplicidade em cada espaço, que é refletida na escolha e definição da sua materialidade.

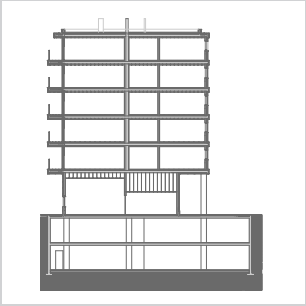


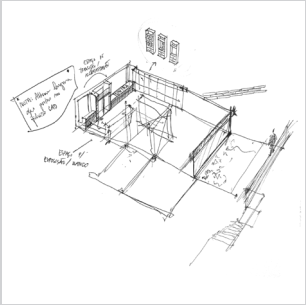


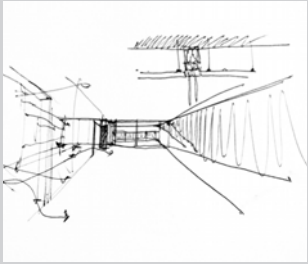


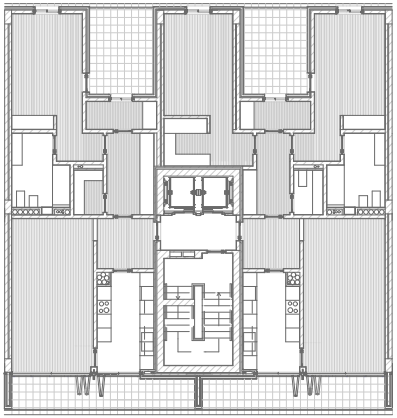




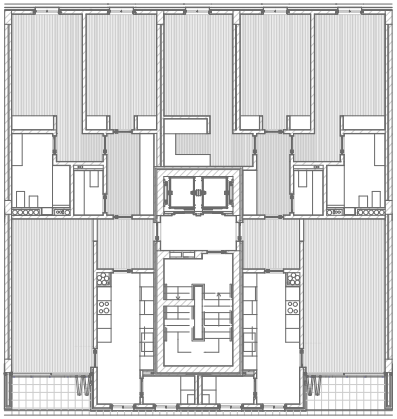


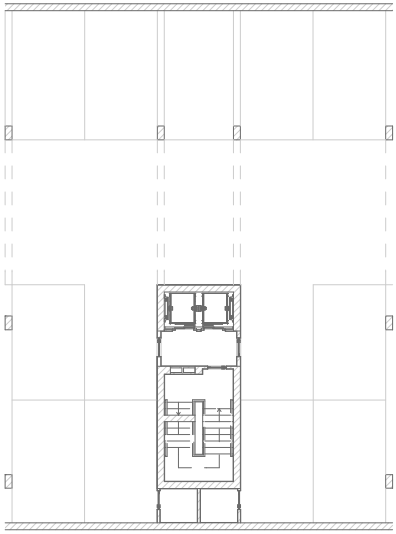


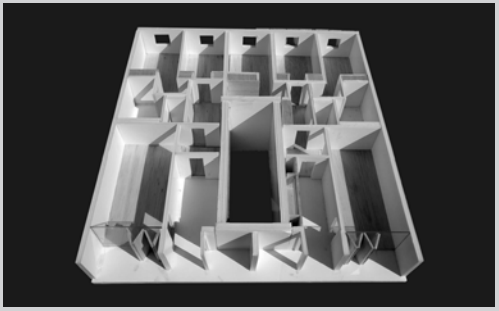


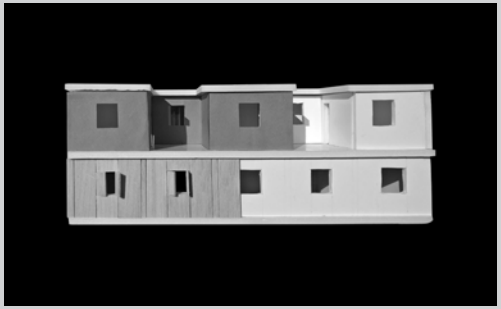


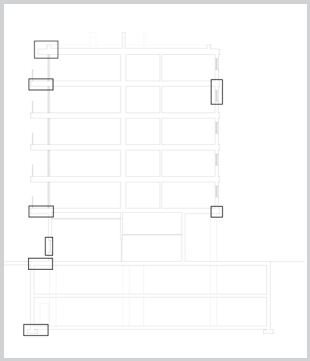


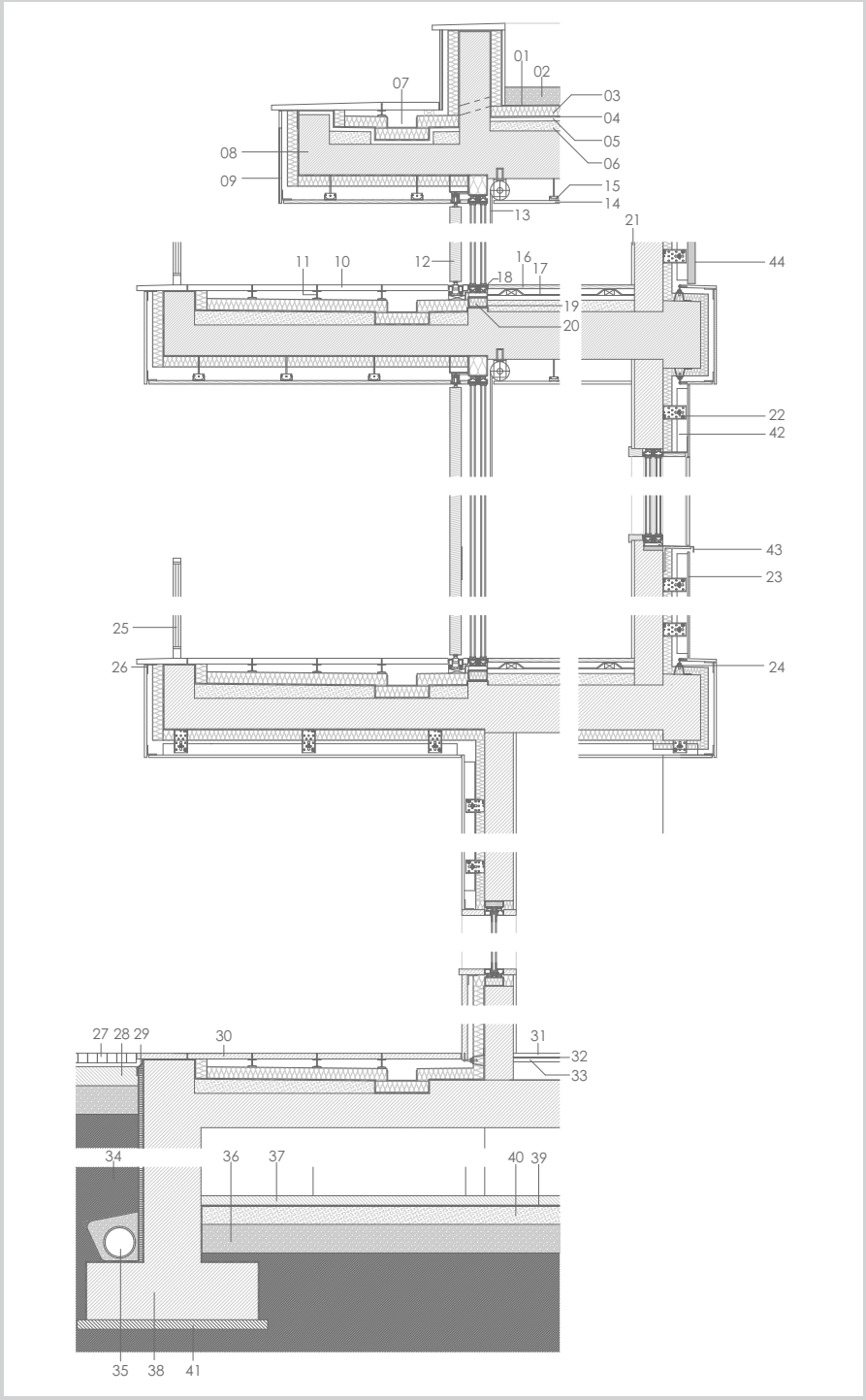








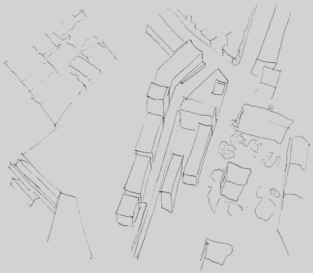




01. Godo
02. Manta geotêxtil
03. Isolamento térmico
04. Tela asfáltica de impermeabilização
05. Camada de regularização
06. Camada de forma de betão leve
07. Caleira
08. Laje de betão
09. Placa de GRC (Glass Reinforced Concrete) em casca
10. Lajetas em mármore
11. Peças de fixação e apoio de lajetas
12. Veneziana dobrável
13. Blackout
14. Teto falso
15. Grampo de fixação de teto falso
16. Soalho de madeira de sucupira
17. Tela acústica
18. Caixilho de correr "Vitrocsa 3001"
19. Pré-aro
20. Isolamento térmico injetado
21. Reboco
22. Suporte de perfil metálico
23. Painel de madeira
24. Grampo de fixação tipo "Halfen"
25. Guarda de aço
26. Cantoneira
27. Micro-cubo
28. Caixa de areia
29. Tela drenante "Enkadrain"
30. Lajetas em granito
31. Microcimento
32. Microbase
33. Argamassa de assentamento
34. Terra vegetal
35. Dreno
36. Caixa de brita
37. Camada de betão de alta resistência "Sika"
38. Sapata em betão armado
39. Tela de impermeabilização "Flintkote"
40. Massame de betão armado com rede metálica
41. Betão de limpeza
42. Perfil metálico
43. Chapa metálica
44. Painel de zinco

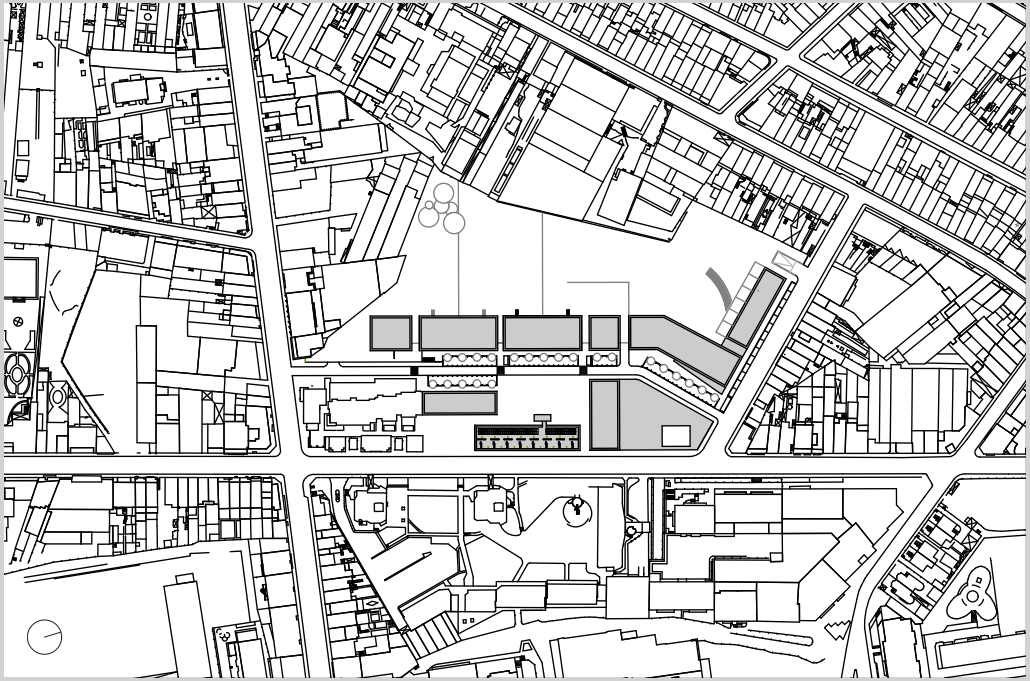


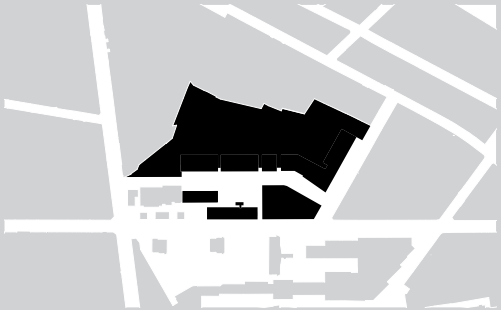




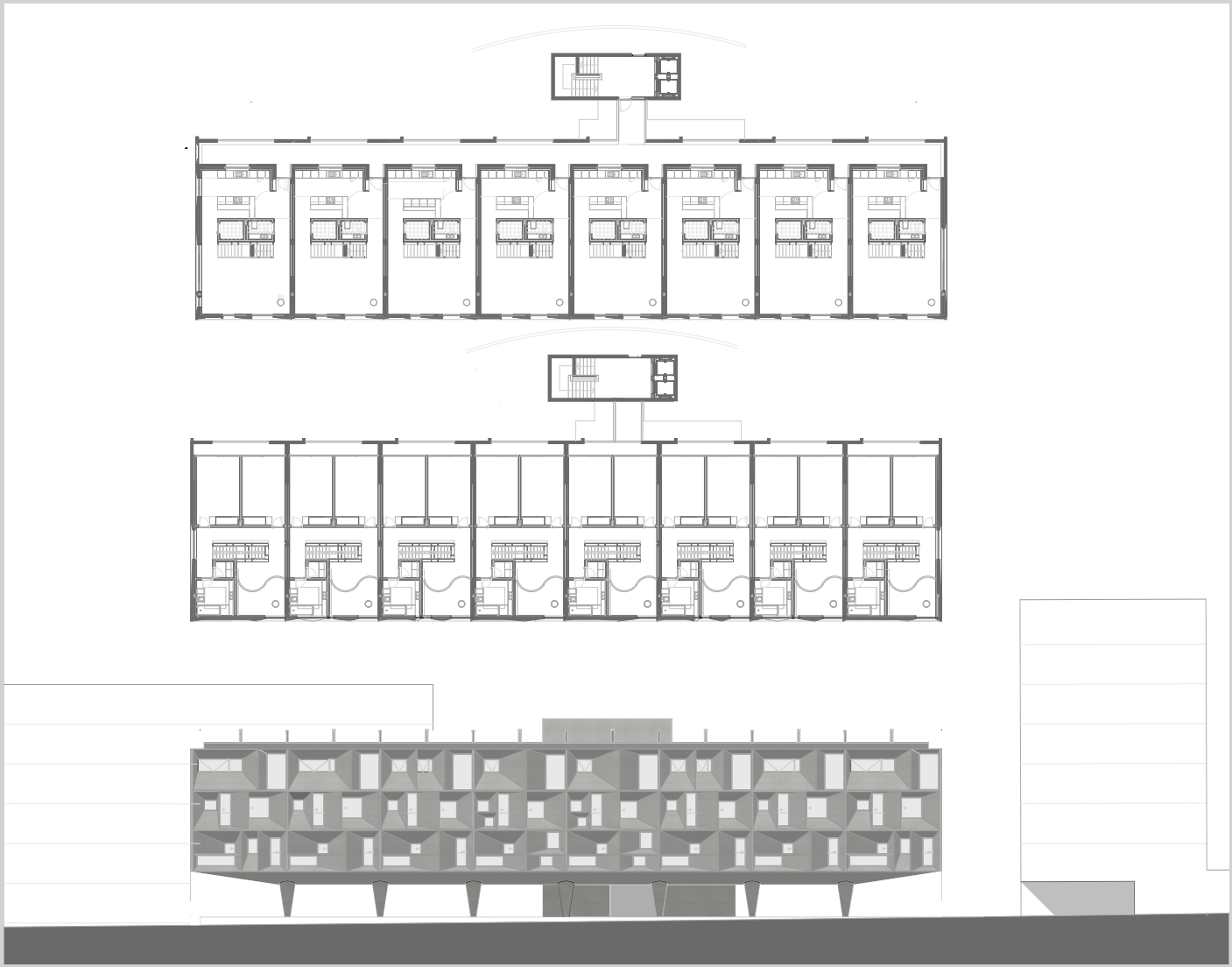
Luís Araújo

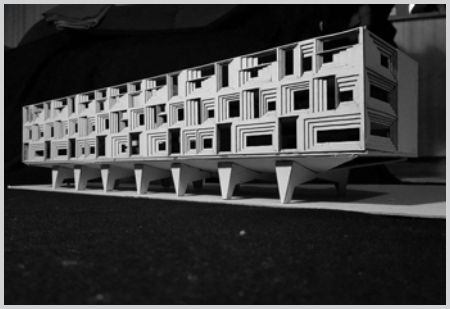
A proposta procura coser o tecido urbano da cidade. A poente, o objetivo de fechar o quarteirão é atingido por uma serie de volumes dispostos em linha criando uma frente para a nova rua. A nascente, surge uma implantação livre em torno de um espaço público. Virando-se sobre um dos eixos mais marcantes da cidade do Porto (rua da Alegria), o objeto escolhido procura ser um filtro e um ponto de articulação entre a antiga cidade e "a nova cidade" idealizada durante o ano letivo. Para tal, é procurada uma relação de continuidade entre o espaço verde que medeia as emblemáticas torres do arquitecto Carlos Loureiro e o novo espaço público idealizado. Tendo em conta este objectivo, o edifício é elevado sobre pilares, assumindo-se todo o volume como uma peça escultórica que permita aos seus habitantes tomar partido das zonas de circulação (galeria) como uma extensão da sua própria habitação. Deste modo, a estrutura assumiu um papel importante na definição do desenho da galeria, permitindo que esta interrompesse de forma controlada a ligação visual entre o espaço públi-co e a mesma. Assim, o tema principal a ser explorado foi a apropriação do espaço público pelos habitantes, in-centivando o ambiente de comunidade e intimidade que o programa habitacional deve proporcionar.

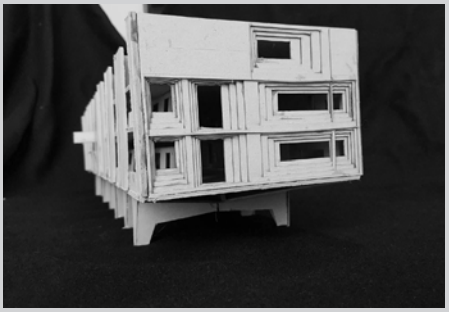


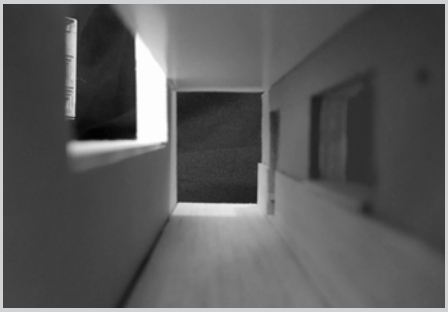


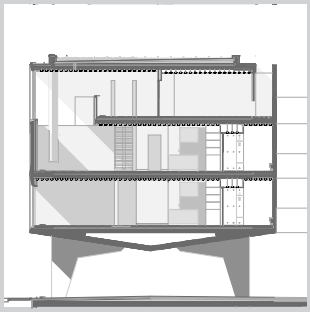


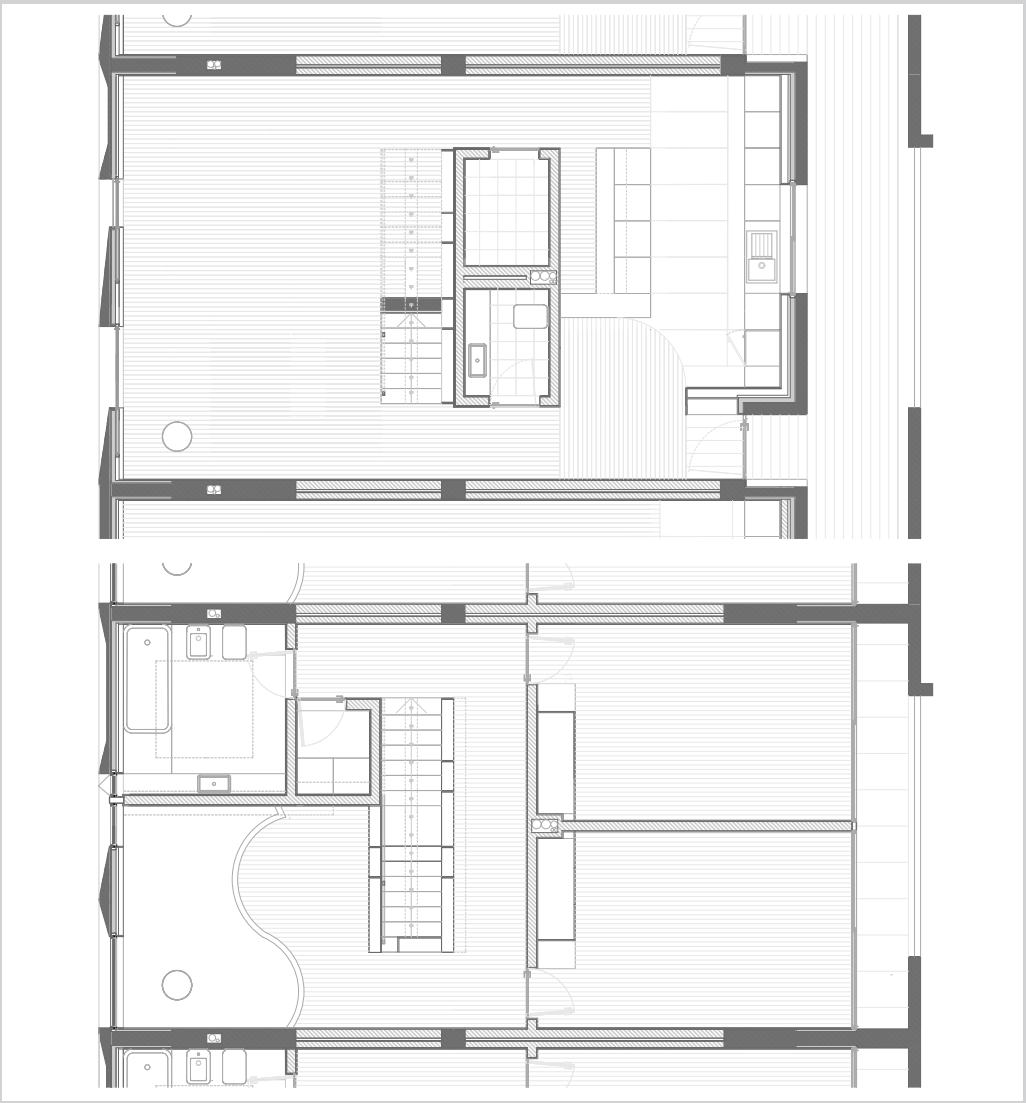




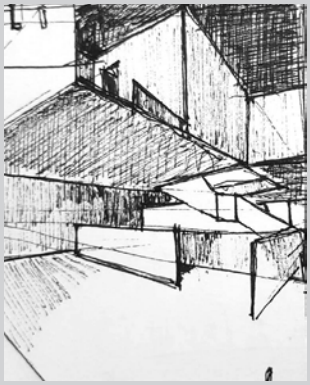




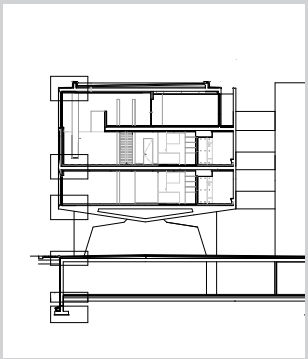




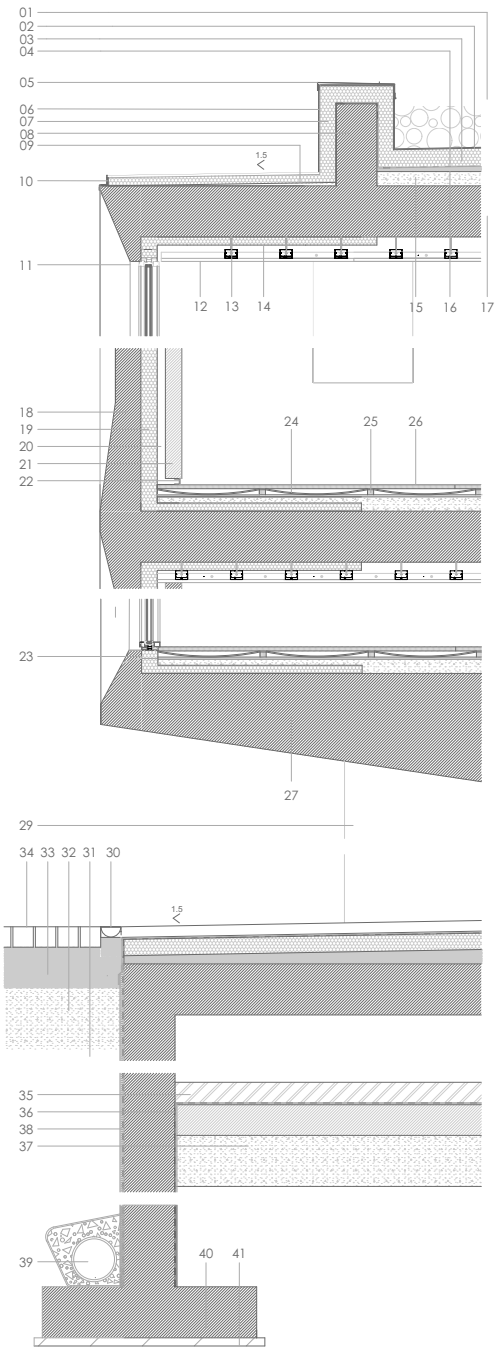




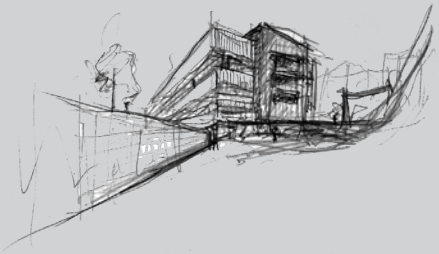


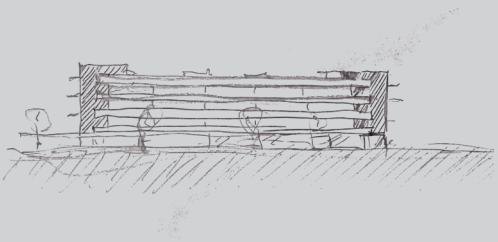


01. Godo
02. Geotêxtil
03. Roofmate 8 cm
04. Telas de impermeabilização
05. Rufo de zinco
06. Chapa de zinco
07. Platibanda em betão
08. Roofmate 4 cm
09. Camada com pendente em betão leve
10. Cantoneira
11. Caixilho fixo PanoramAH
12. Teto falso gesso cartonado
13. Sistema suspensão teto falso
14. Isolamento térmico 4 cm
15. Camada com pendente em betão leve
16. Regularização
17. Laje estrutural cobertura em betão
18. Parede estrutural betão armado
19. Wallmate 8 cm
20. Caixa de ar
21. Placagem de betão
22. Rodapé perfil metálico em U
23. Pré-aro metálico 8x4 cm
24. Tela acústica
25. Ripado do soalho em madeira
26. Soalho de madeira
27. Laje estrutural em betão
28. Caixa técnica
29. Pilar em betão armado
30. Sistema drenagem águas pluviais
31. Terra vegetal
32. Caixa de brita
33. Caixa de areia
34. Cubo granito 10 cm
35. Camada de micro betão endurecido
36. Isolamento
37. Massame de betão
38. Tela drenante "Enkadrain"
39. Dreno 20 cm
40. Sapata estrutural betão armado
41. Betão de limpeza



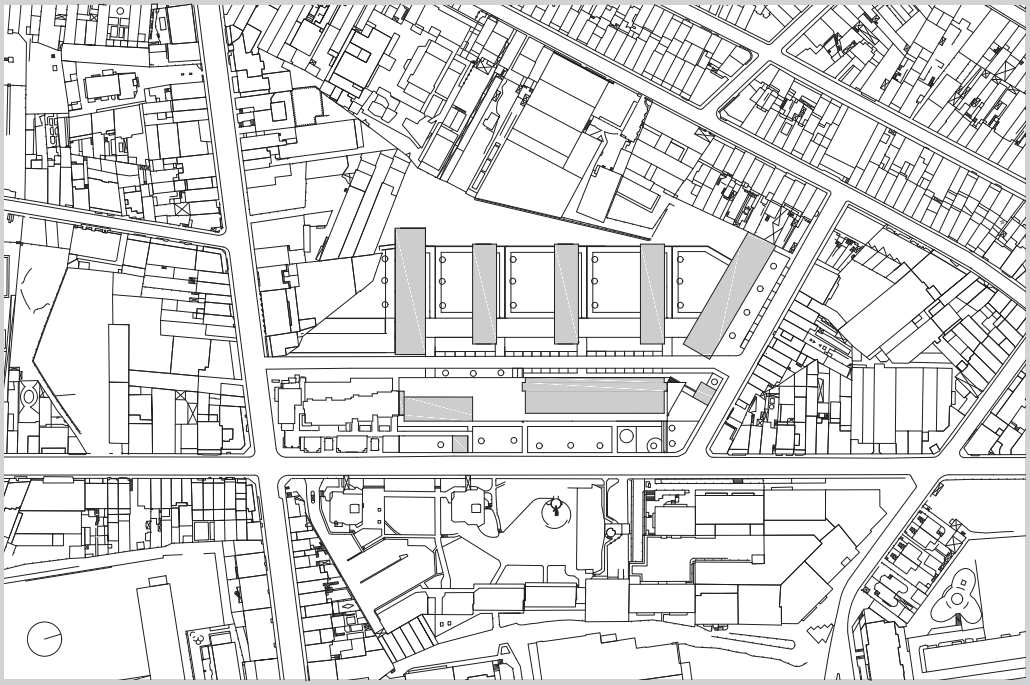


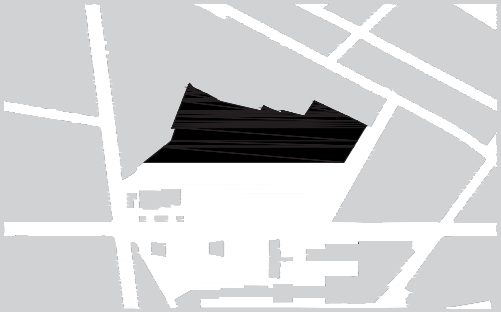


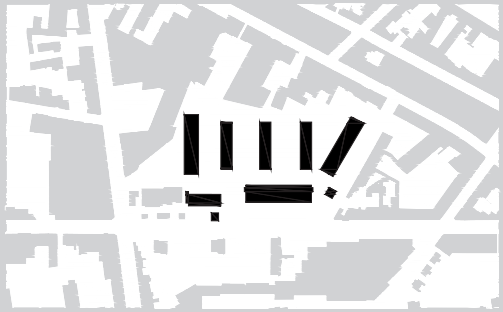


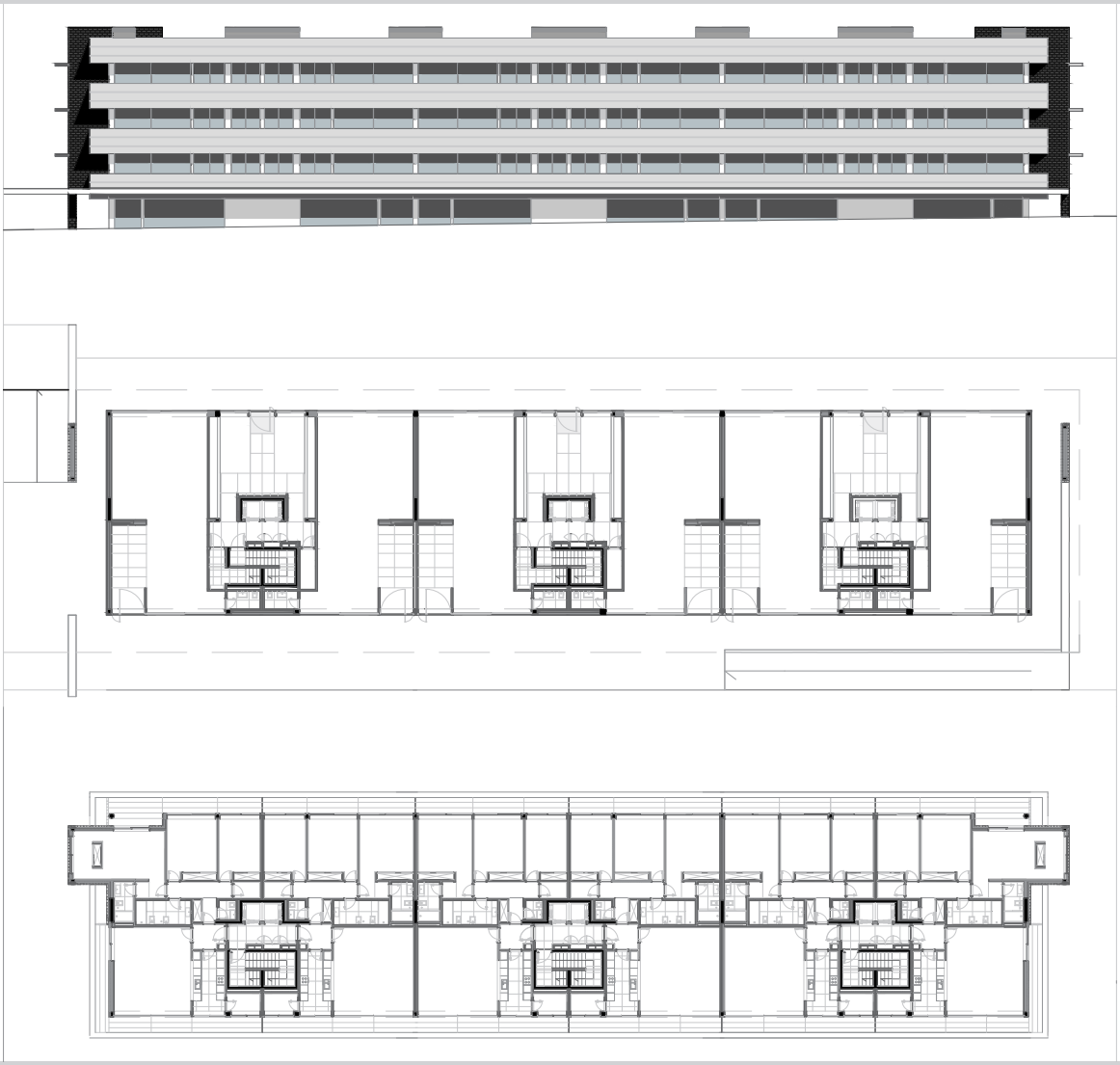
Magda Afonso

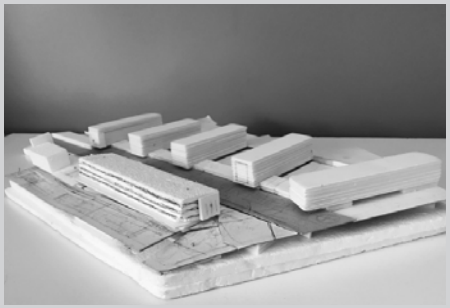
Projetei de modo funcionalista tentando fugir à regra da regularidade no extremo deste sector. Como há a interseção de três vias, o que seria perfeitamente um ponto interessantíssimo de encontro e convívio, criei um ponto estratégico de comércio, café e uma zona de convívio que se desfaza um pouco do movimento da rua. Criando um momento "público" mais resguardado do movimento dos carros e pessoas.
Contudo, o edifício é um volume que assenta em cima de uma cobertura que liga e divide o terreno relacionando as partes.
Quanto à fisionomia do edifício, este é raso de modo a conter a ideia de transição de escalas entre o edifício do Lima 5 e a cota das casas que se encontram na rua do Lima.
Estabelecendo um volume que se marca pela sua horizontalidade e simplicidade nos alçados, mantendo viva a ideia da extensão da rua da Alegria.
Com este projeto procurei, explorar o tema de rua e de ideia de transição e fluidez dela, o qual se aliou ao tratamento do espaço público que pretende tirar partido desta sua ideia de complexidade inevitável de algo que vai surgindo.

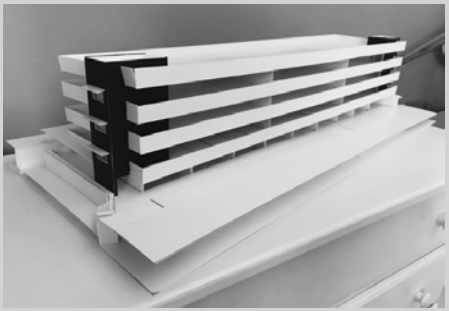


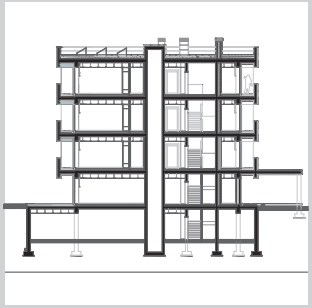


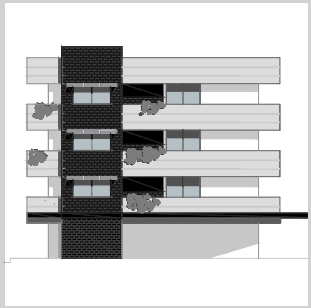


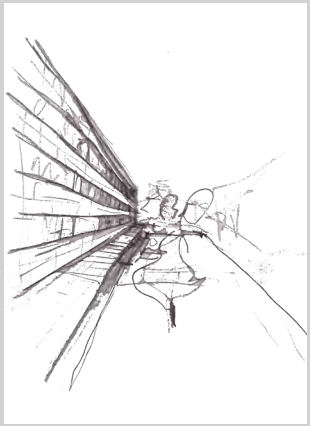


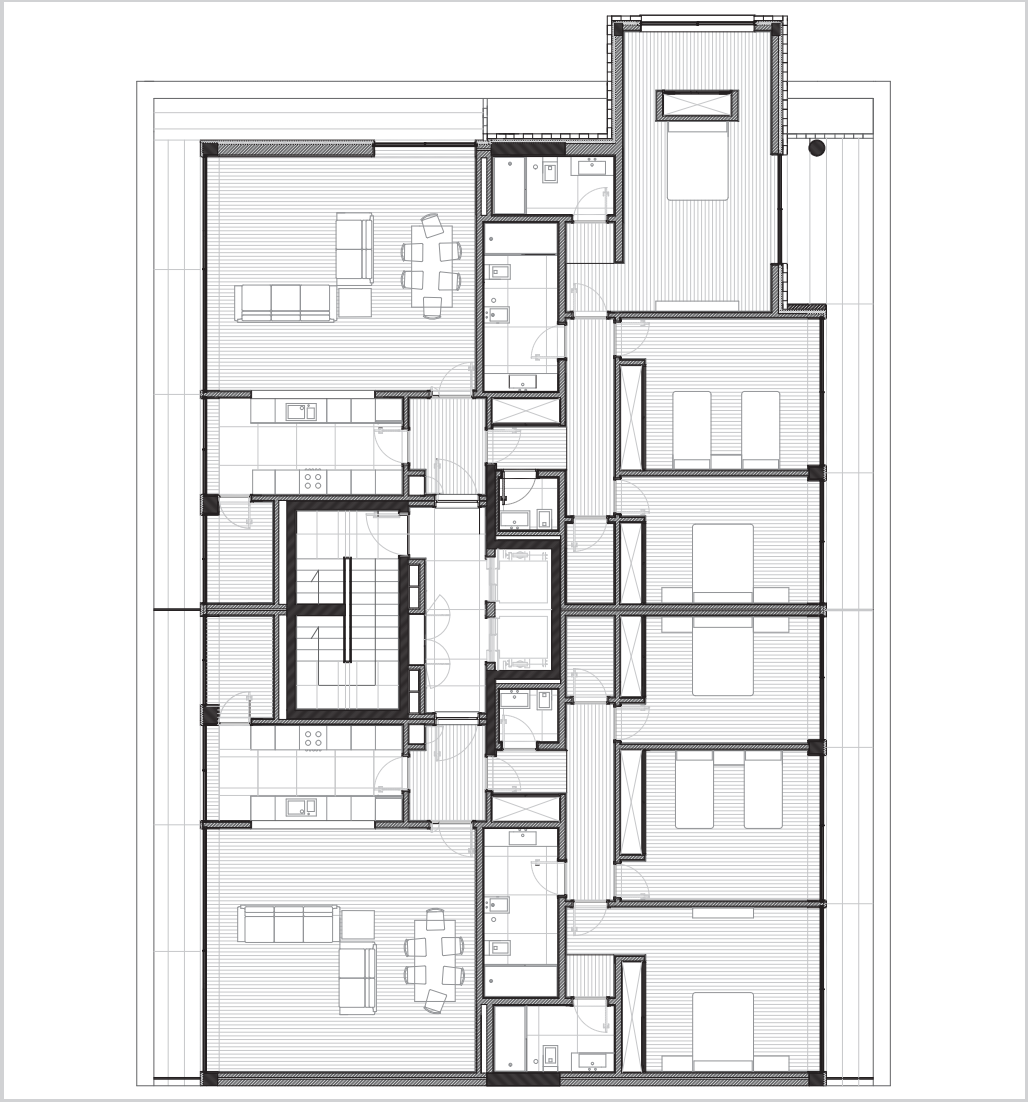


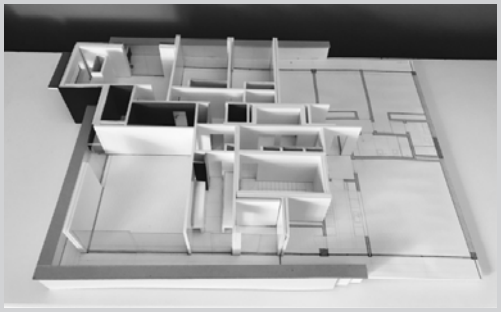


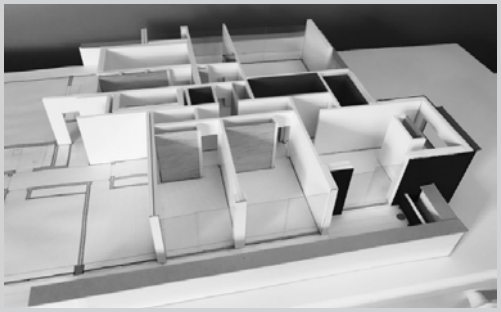


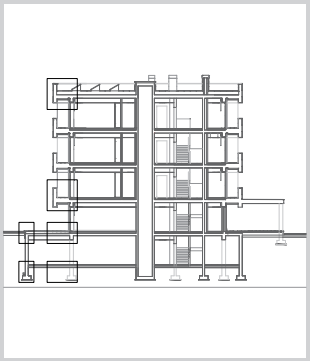




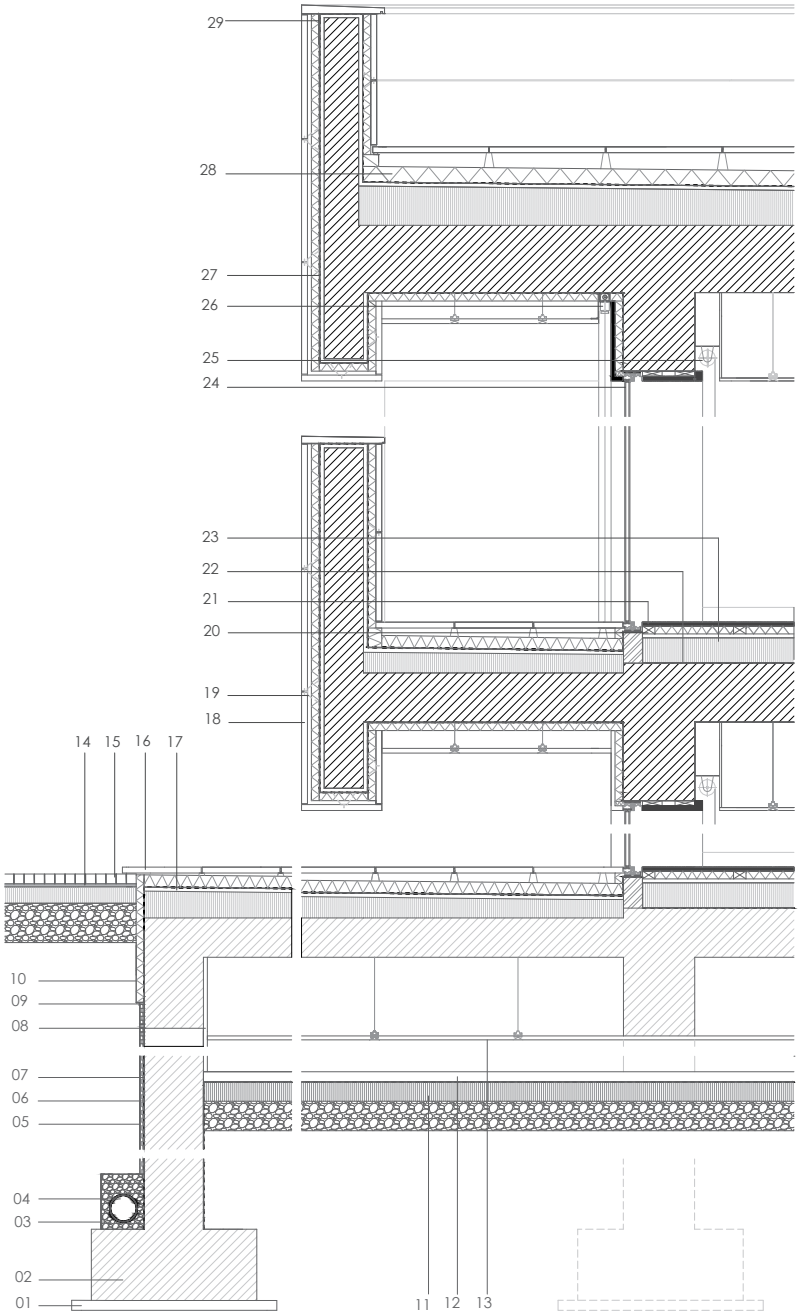




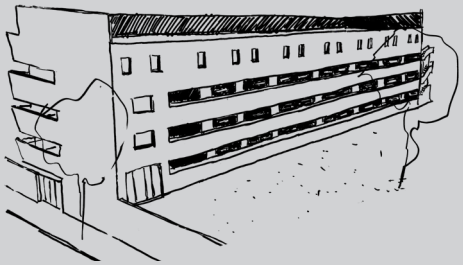


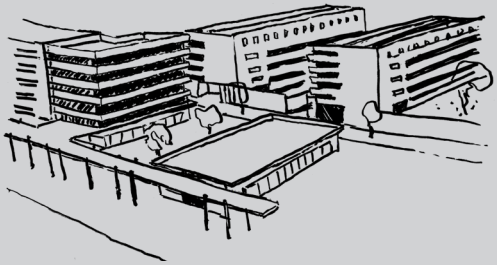


01. Betão de limpeza
02. Sapata
03. Caixa de brita
04. Tubo de drenagem
05. Geotêxtil
06. Tela drenante
07. Impermeabilização reforçada com tela asfáltica
08. Reboco interior
09. Rufo
10. Poliestireno extrudido 4 cm
11. Massame de betão
12. Micro betão
13. Pladur tecto falso
14. Caixa de areia
15. Micro cubo 5 cm
16. Lajeta de pedra
17. Regularização
18. Placagem de pedra
19. Grampo de fixação
20. Ripado de madeira
21. Soalho
22. Tela de corte acústico
23. Enchimento
24. Caixilho de correr, Vitrocsa
25. Estore blackout interior
26. Estores de exterior, Warema
27. Impermeabilização de pintura asfáltica
28. Poliestireno extrudido 6 cm
29. Perfil metálico







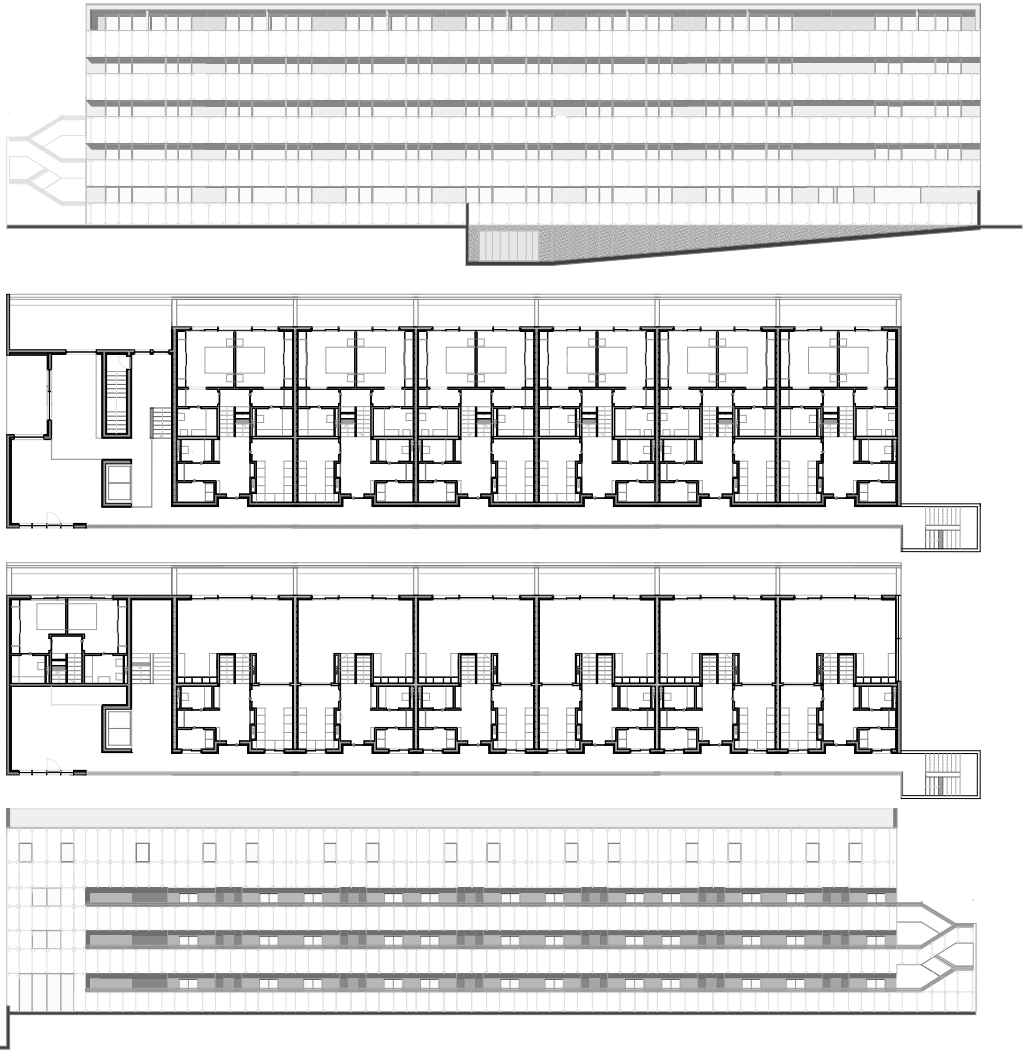


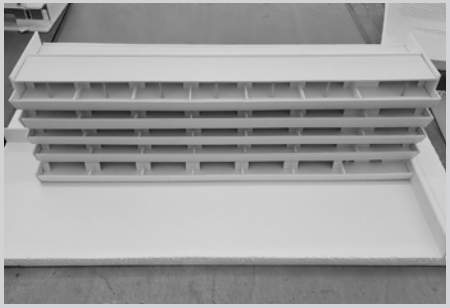
Maria Francisca Pereira

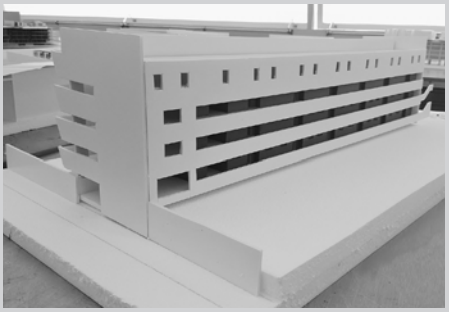
Uma proposta para os terrenos do antigo Estádio do Lima que procura o equilíbrio e a harmonia num local onde o contraste de escalas, as transformações de espaços e a alteração de lógicas urbanas está a decorrer. Entre espaço público e espaço privado, o confronto com o programa de habitação e de comércio procura evocar o equilíbrio que aqui parece ausente.
O desenho de um novo arruamento, paralelo à rua da Alegria, permite ancorar cinco edifícios que ganham autonomia e estabelecem pontos fulcrais em relação ao resto do complexo e da sua envolvente. Perpendiculares em relação àquela nova rua, estes edifícios desenvolvem-se em galeria e criam um ritmo que ordena um jogo entre cheios e vazios, numa solução de meios pisos que permite explorar tipologias T0, T2 e T2+1.
As fachadas são um confronto de opostos. Orientada a Norte, a fachada da galeria procura realçar a ideia do cheio e do vazio, de uma massa escavada. Já a fachada voltada para Sul, procura abrir-se para o exterior através de generosos vãos e pela inclinação aplicada às guardas das varandas.

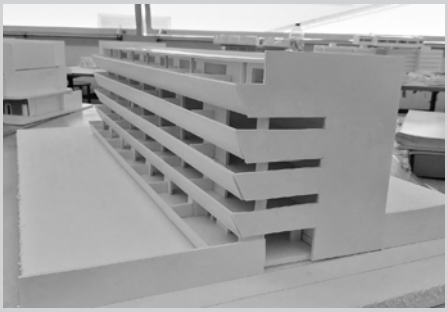


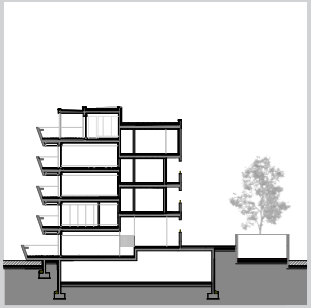




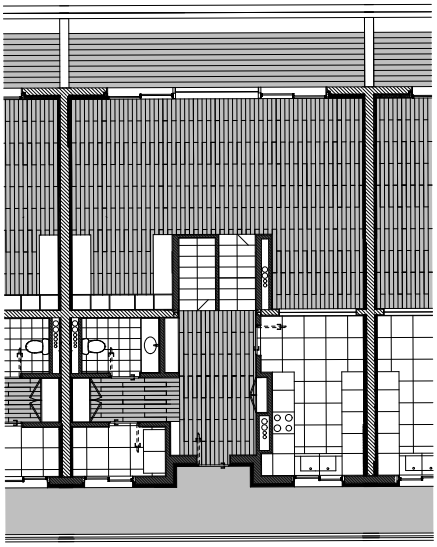


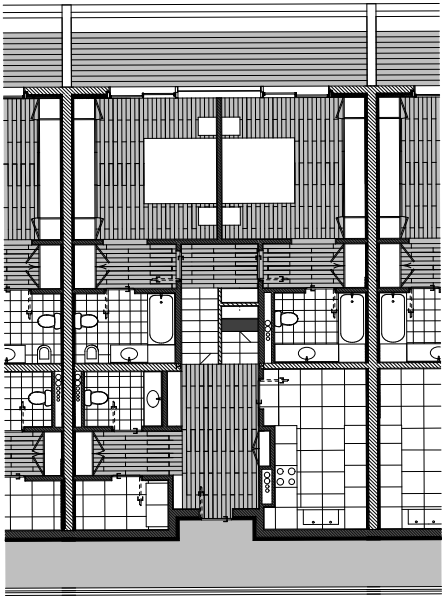


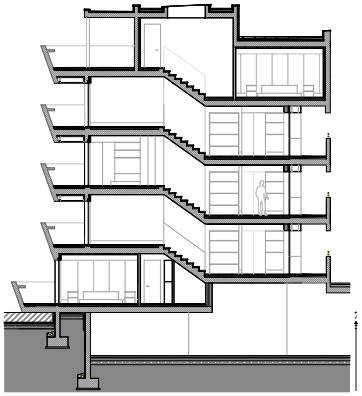




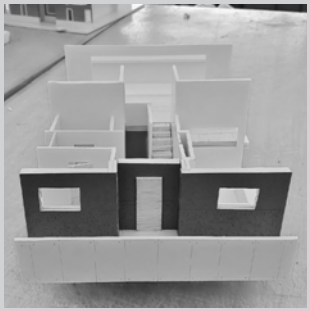


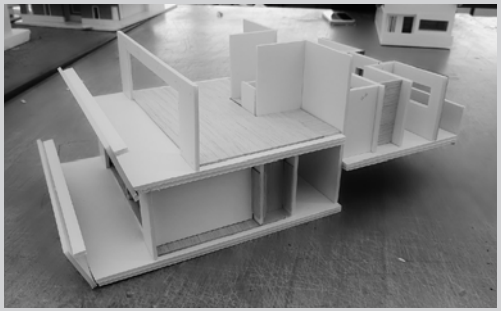


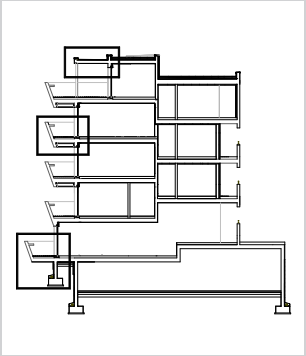




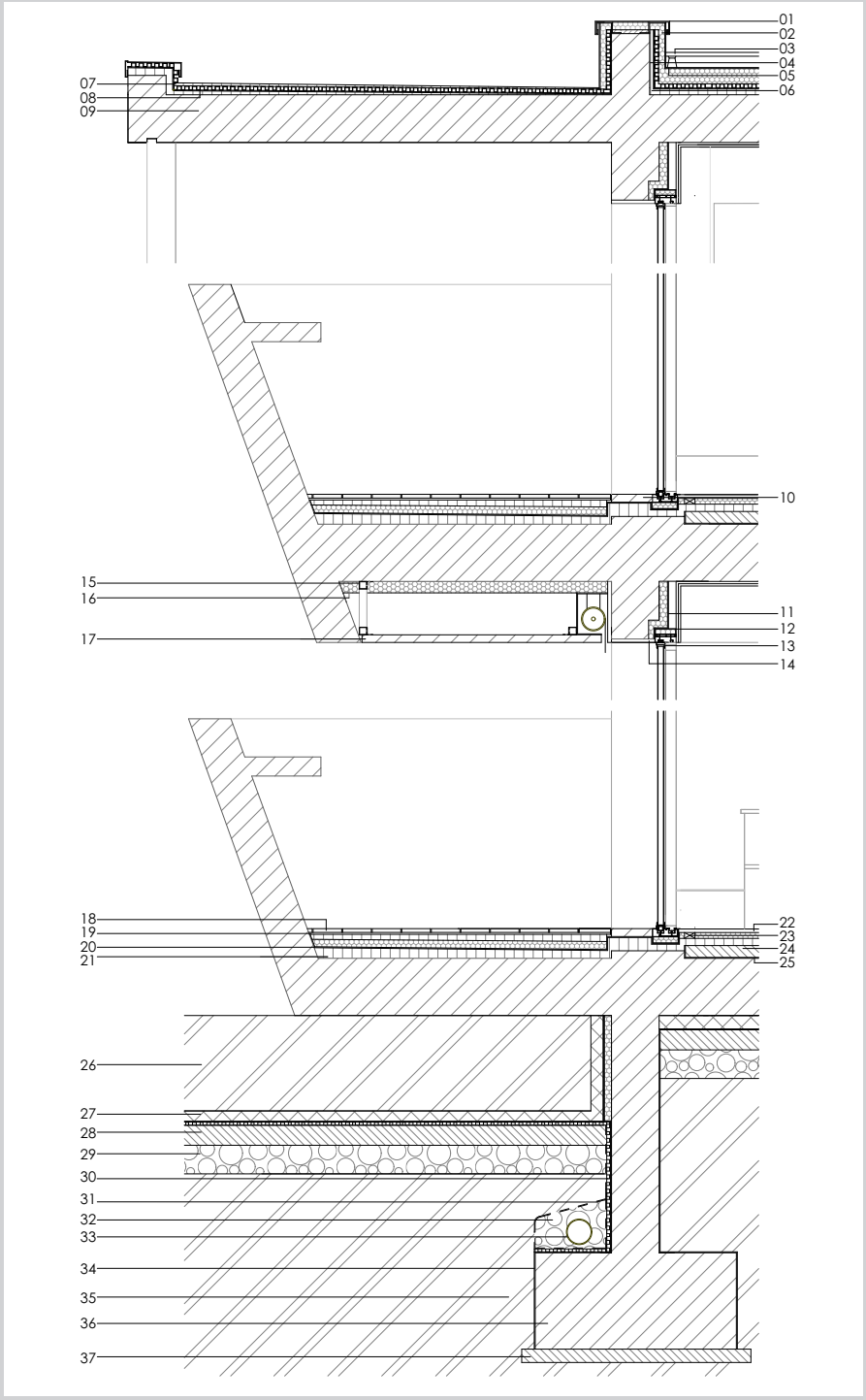






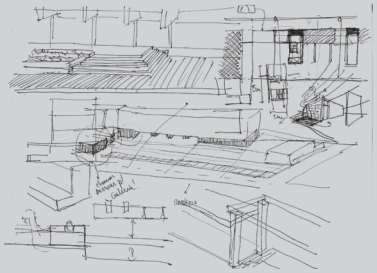


01. Rufo de zinco
02. Poliestireno extrudido
03. Placagem de granito
04. Pintura hidrófuga
05. Tela de impermeabilização
06. Argamassa de regularização
07. Acabamento em reboco
08. Telas PVC
09. Lage de betão armado
10. Soleira bloco de betão
11. Tela de impermeabilização
12. Pré-aro de alumínio
13. Caixilho metálico de correr
14. Perfil metálico
15. Sub-estrutura metálica
16. Isolamento térmico
17. Placa de betão
18. Pavimento em deck
19. Base plástica de prolipropileno
20. Telas asfálticas
21. Camada de forma
22. Soalho de madeira
23. Barrote em madeira
24. Betão leve
25. Tela de corte acústico
26. Camada de vegetação
27. Micro betão
28. Massame de betão armado com rede metálica electro-soldada
29. Caixa de brita
30. Tela drenante
31. Manta geotêxtil
32. Brita
33. Dreno
34. Impermeabilização reforçada com tela asfáltica
35. Solo
36. Fundação
37. Betão de limpeza



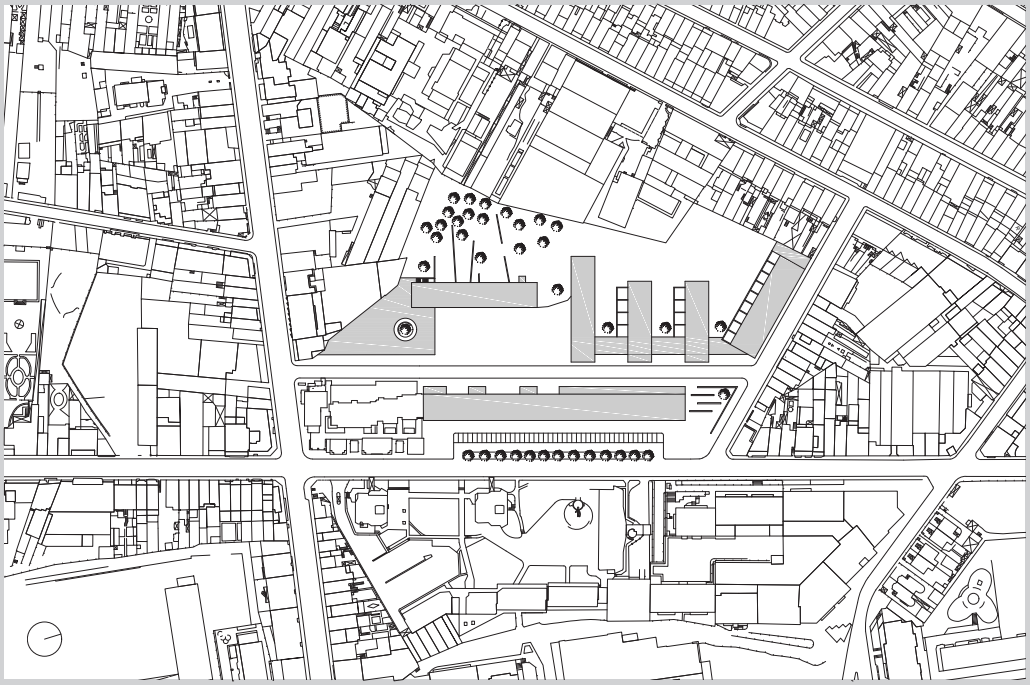




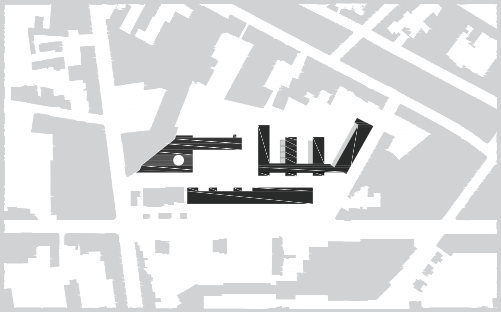


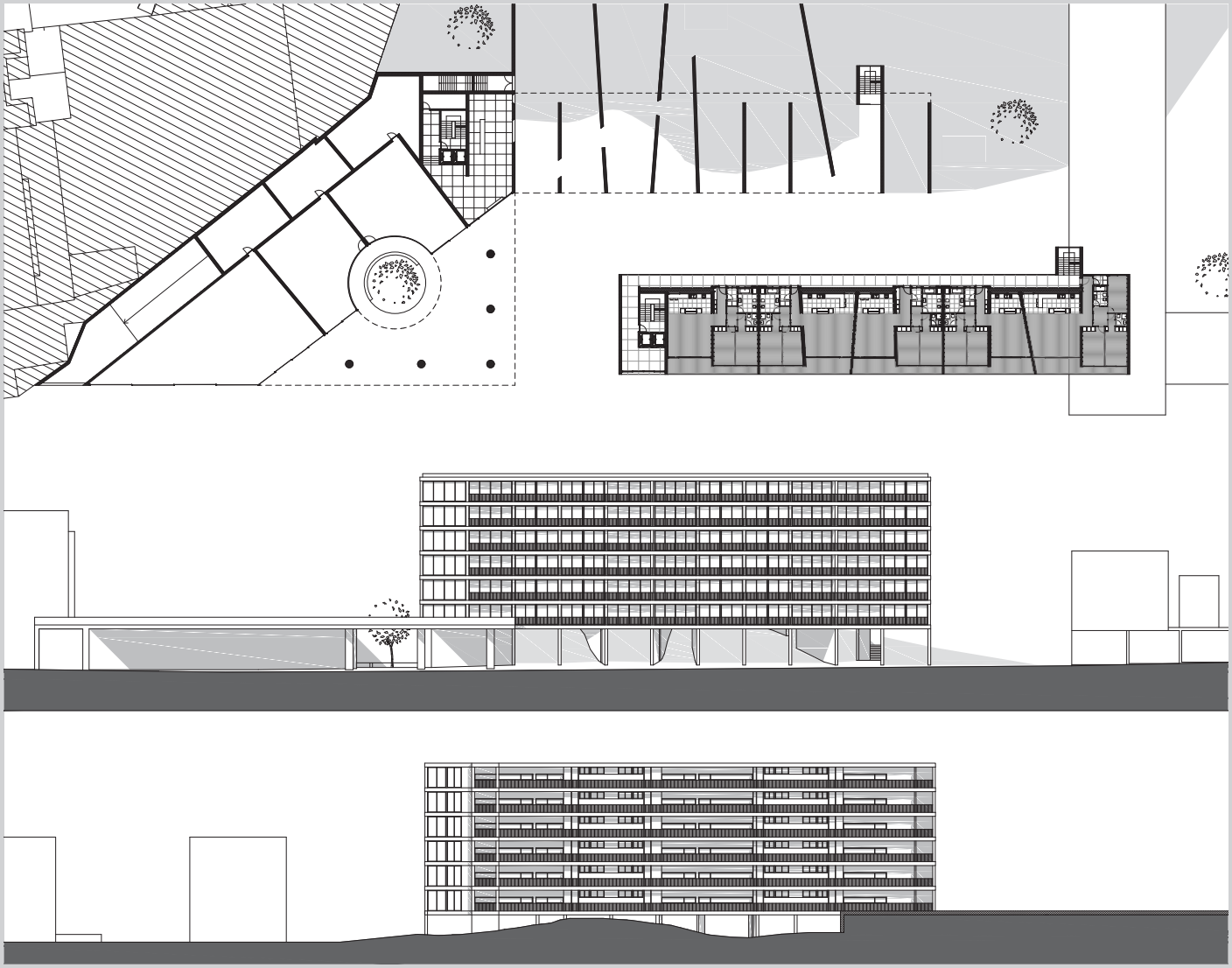
Maria Inês Duarte

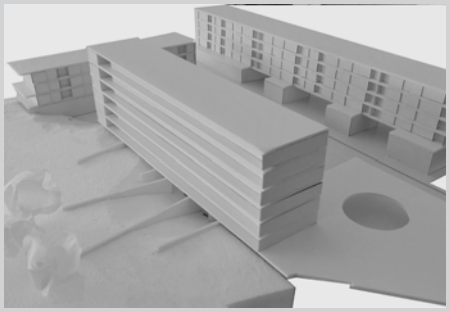
O diálogo entre os vários espaços e edifícios encontra-se presente em toda a composição, procurando relações e alinhamentos visuais que se vão alterando à medida que se percorre o lugar. A cidade feita para as pessoas, não só as que lá vivem, mas todas as que a percorrem, a pé ou com o olhar. A desobstrução do piso térreo em dois edifícios, pontuado apenas pelas entradas e pelo próprio sistema estrutural, cria um momento de ligação da rua da Alegria ao interior do quarteirão, ocupado pela vegetação. As lâminas estruturais prolongam-se para lá do edifício e, a certo momento, não se sabe se é o contruído que se apodera do natural ou se este último o invade e ao próprio espaço público. Uma nova praça surge, associada a espaços de comércio, que convidam à sua ocupação. Uma pala, como espaço de transição entre a cidade densa e aquele espaço de estar, onde cresce uma árvore, captando luz para o seu interior. Um diálogo contínuo entre interior e exterior presente nos próprios edifícios de habitação, onde um sistema de acessos em galeria permite a presença permanente do natural dentro do construído. No fundo, a procura de continuidade da cidade existente, quer através das volumetrias, quer da linguagem dos edifícios, visando, contudo, uma nova identidade e vitalidade para um local que se encontrava ao abandono.



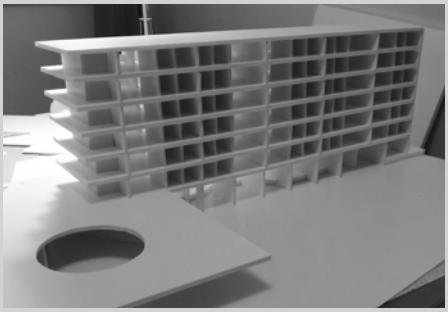


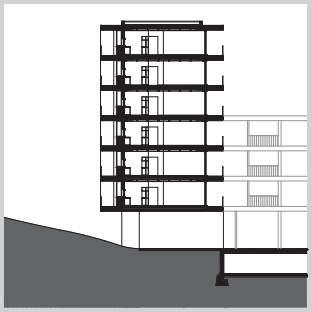


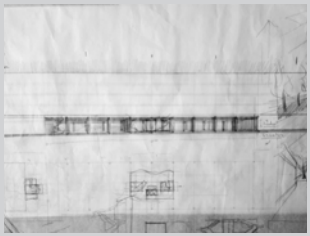


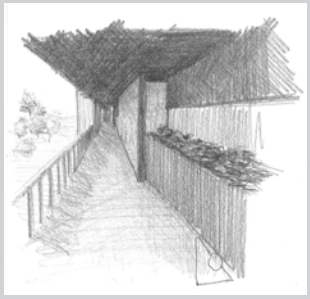


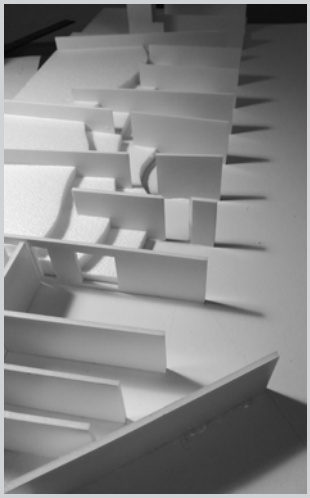


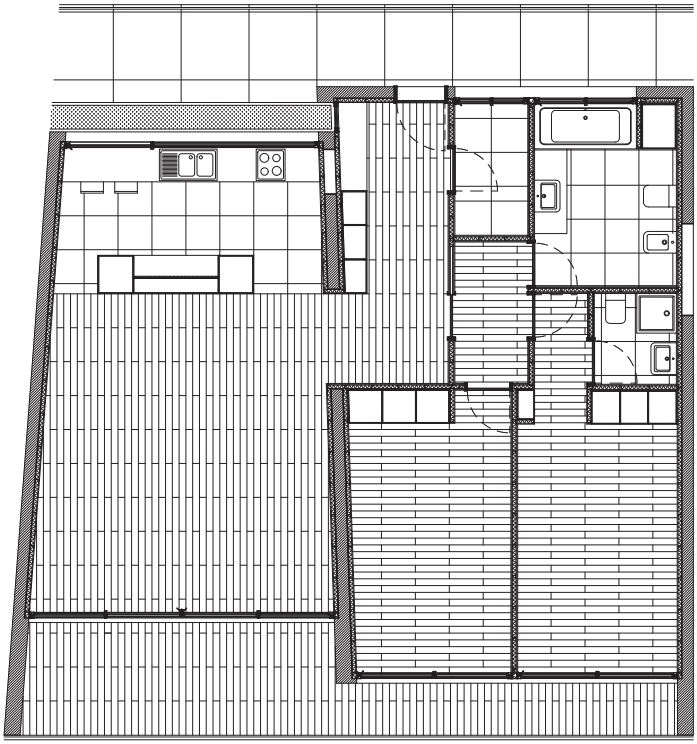


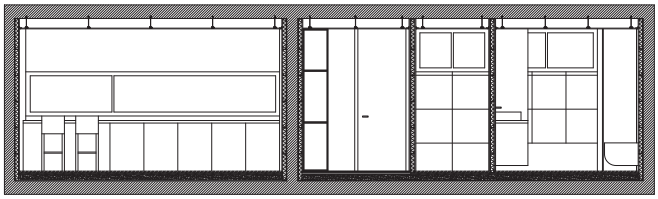


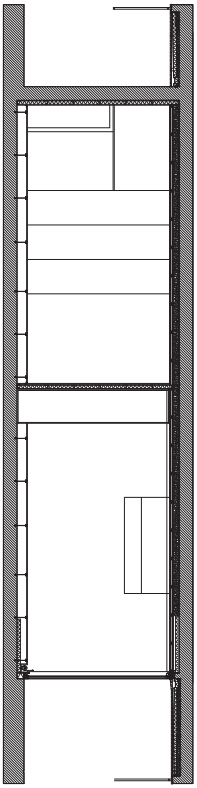


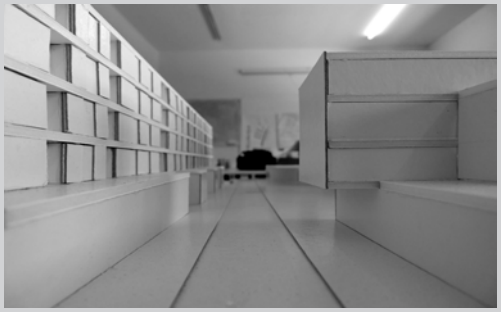


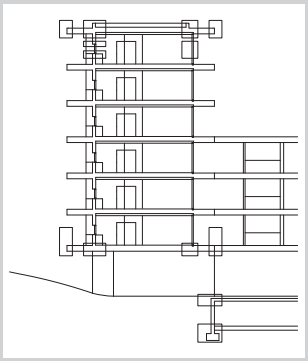


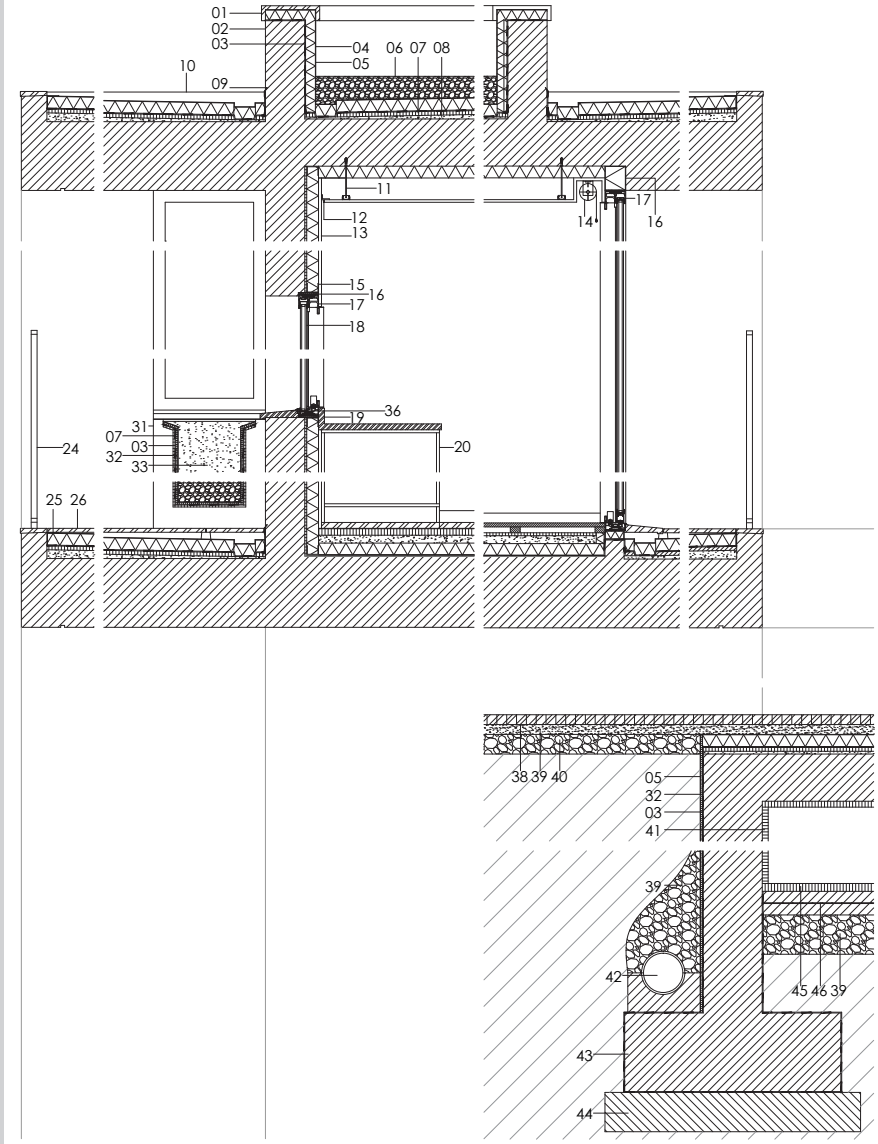






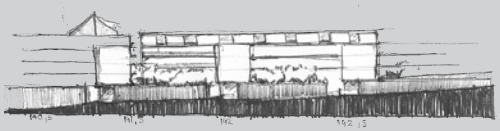


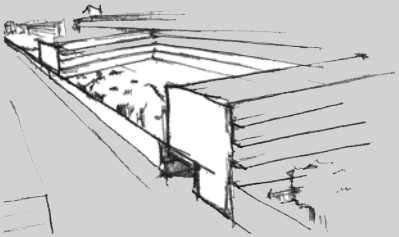




01. Chapim de mármore
02. Betão armado
03. Tela asfáltica
04. Isolamento térmico
05. Espuma geotêxtil
06. Godo
07. Regularização
08. Camada de forma
09. Perfil metálico
10. Microbetão
11. Perfil de fixação de teto falso
12. Alheta
13. Placa de gesso cartonado
14. Cortina de rolo blackout
15. Montante metálico
16. Pré aro
17. Caixilho de correr em alumínio Lumeal
18. Vidro
19. Granito
20. Móvel de madeira
21. Pavimento em mármore
22. Betonilha de assentamento
23. Betonilha com granulado de cortiça
24. Guarda metálica
25. Cantoneira em l
26. Lajetas de mármore
27. Suporte para lajetas de pedra
28. Barrote de madeira
29. Soalho de madeira
30. Lã de rocha
31. Floreira
32. Tela drenante
33. Terra
34. Seixo rolado
35. Caleira
36. Peitoril
37. Soleira
38. Microcubos de granito
39. Caixa de brita
40. Enrocamento
41. Betonilha de regularização
42. Dreno
43. Sapata
44. Betão de limpeza
45. Betonilha de regularização
46. Massame de betão armado

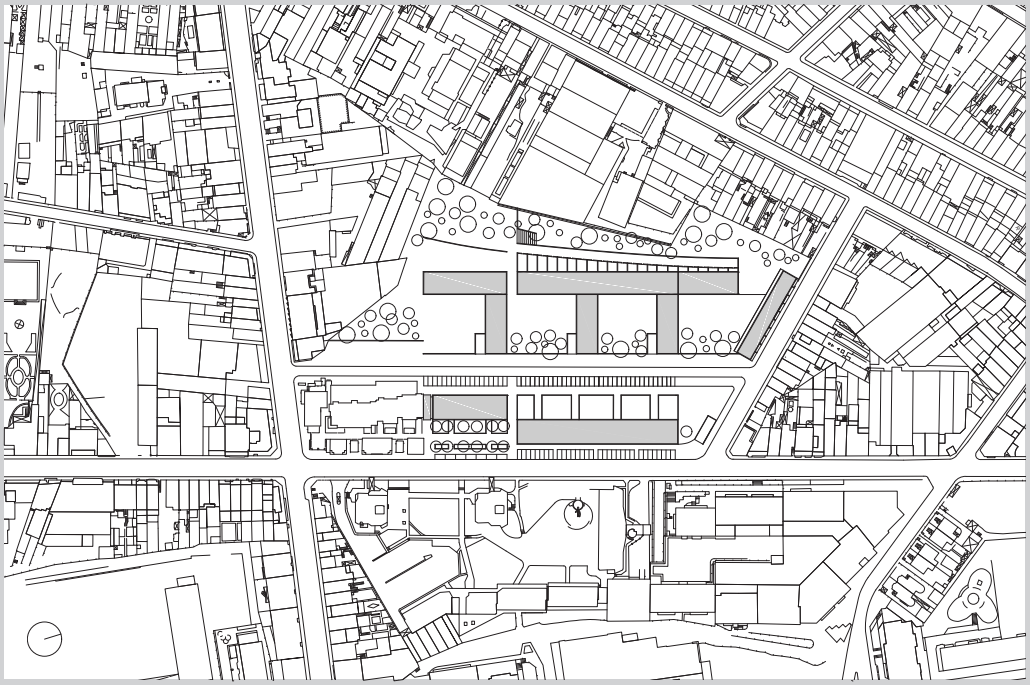


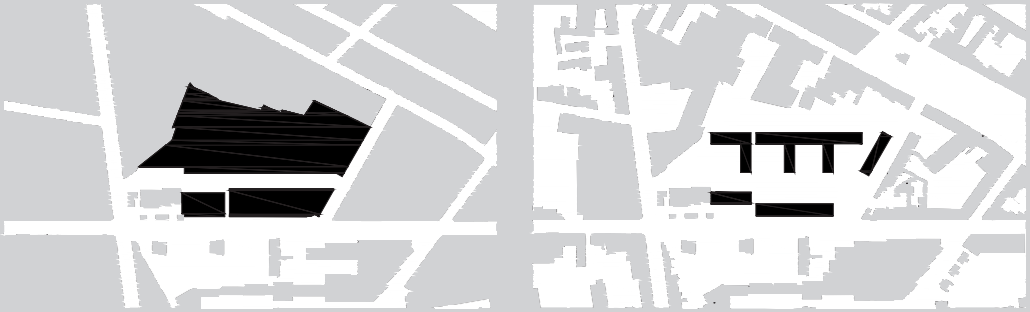


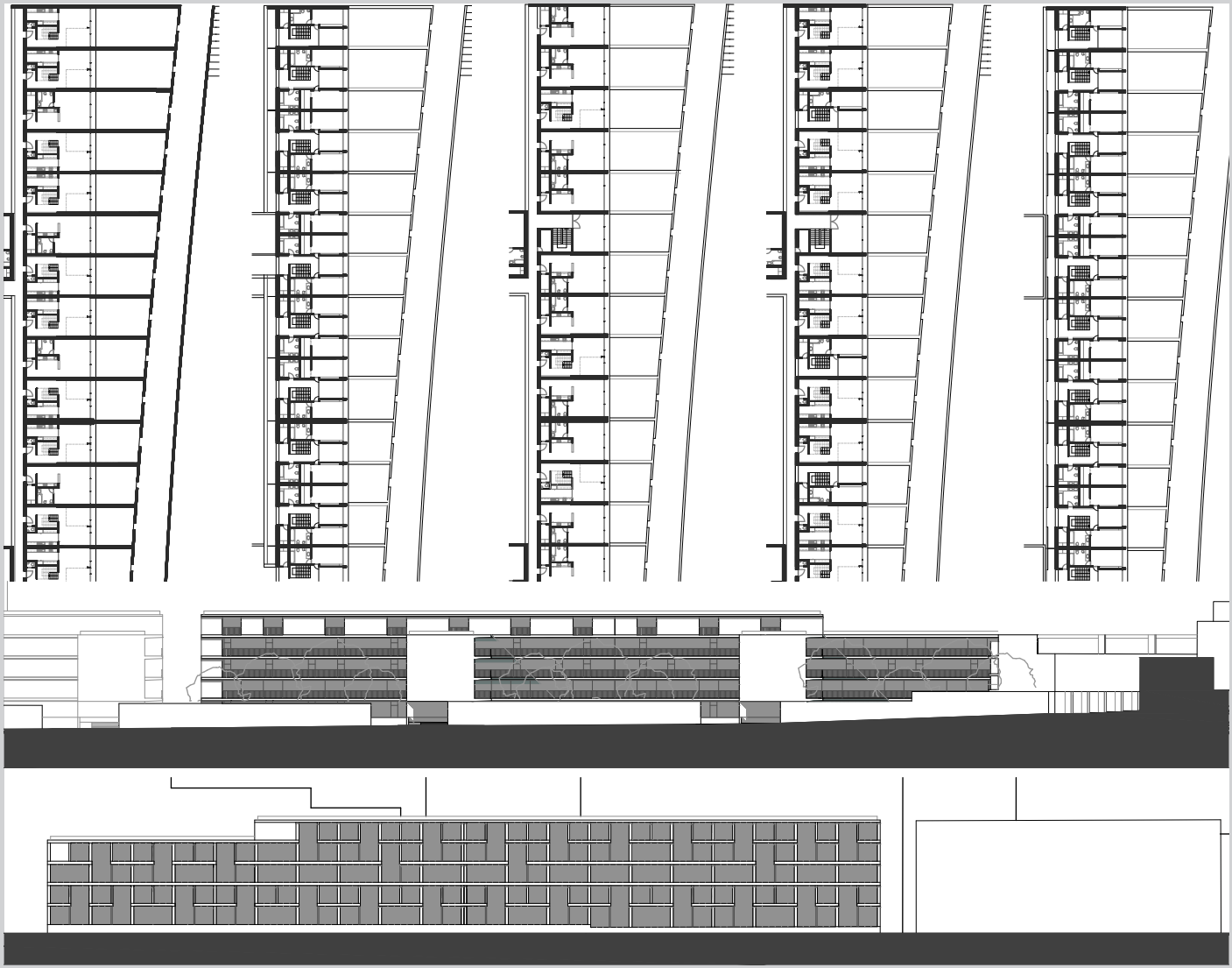


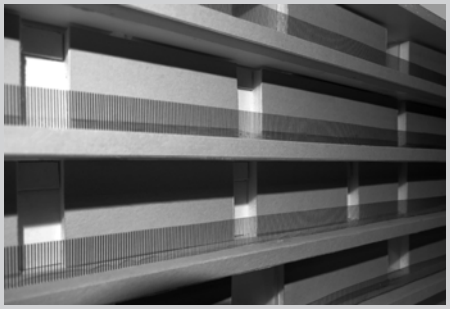
Mariana Aguiar Antunes

O projecto desenvolve-se em torno de um princípio que pretende enfrentar a complexidade do contexto através da criação de um plano unificador como "pano de fundo", ao qual se vão sobrepondo vários elementos.
O resultado é um conjunto que se constrói em profundidade, particularmente na implantação a poente da nova rua proposta: desde o muro que a define, o plano das árvores que acompanha o muro, os planos dos topos que correspondem à entrada no edifício, até ao próprio edifício, que continua esta ideia através das guardas metálicas e da placagem de betão.
Parece igualmente importante garantir a integração do conjunto numa lógica urbana muito estruturada: o muro que parte da rua do Lima e continua pela nova rua é desenhado como objecto de transição subtil entre a lógica da cidade antiga e a nova proposta.
A solução para o edifício a poente, como se viu, é continuadora da ideia inicial nos vários aspectos. A associação relativamente complexa de diferentes tipologias habitacionais tenta responder a modos de habitar diferenciados, procurando compatibilizar a complexidade, que é pretexto, com clareza e unidade.



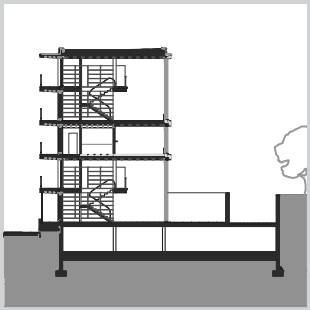




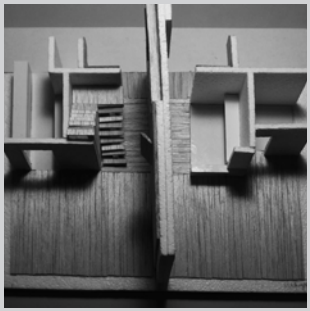


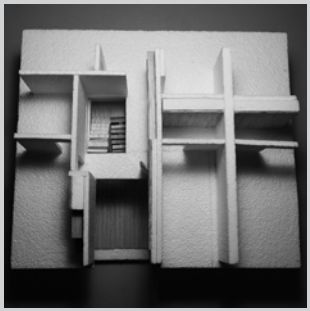


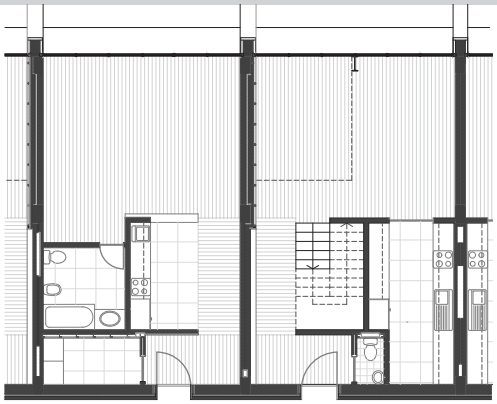


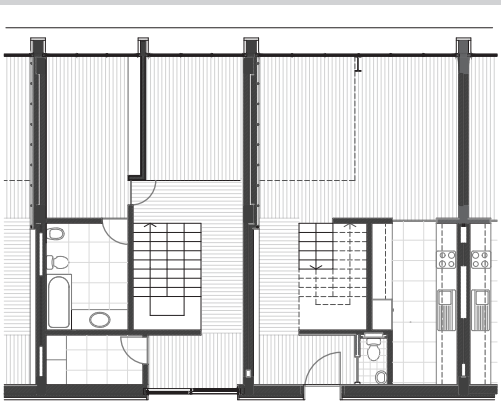


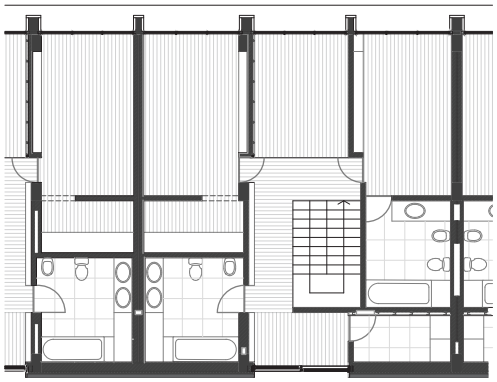


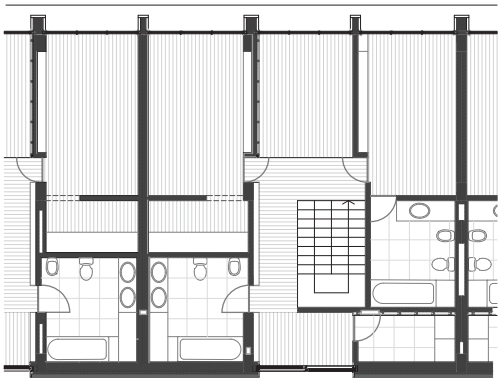


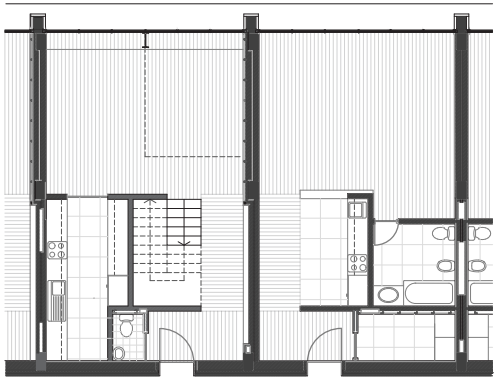


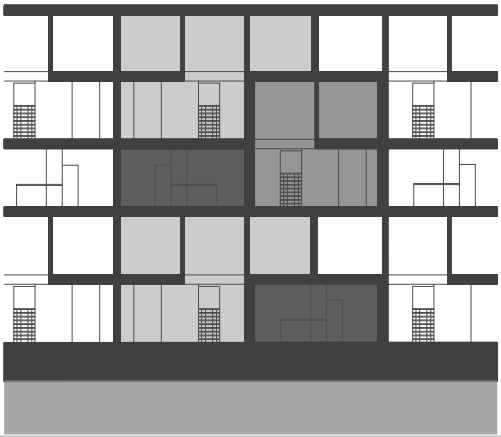


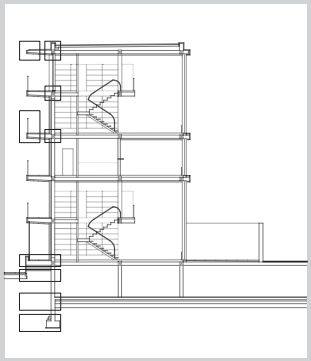




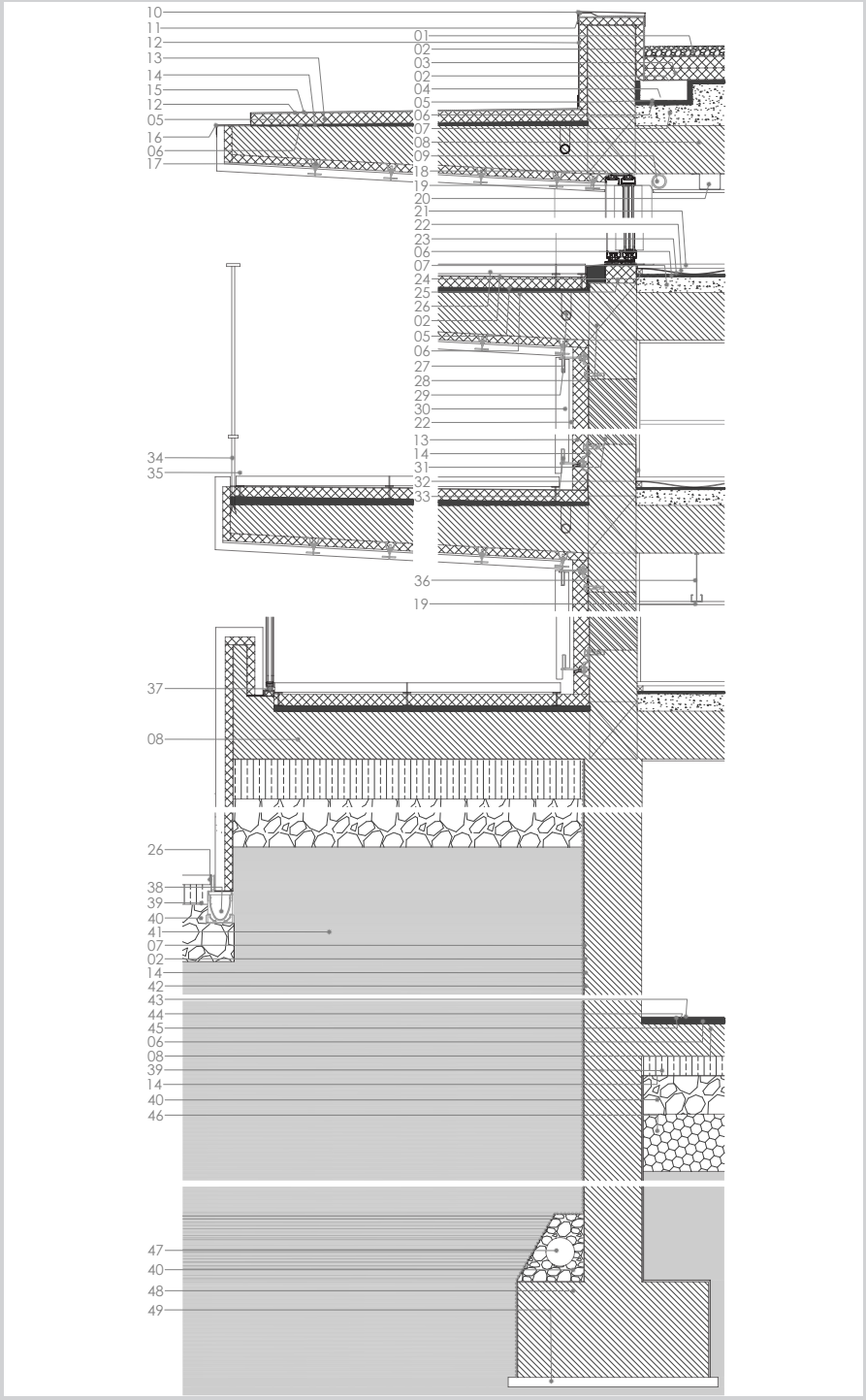




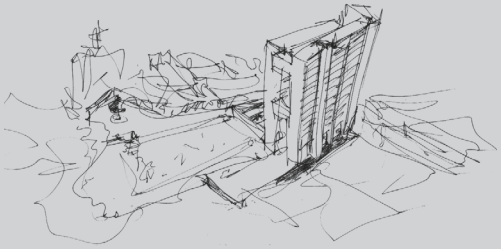


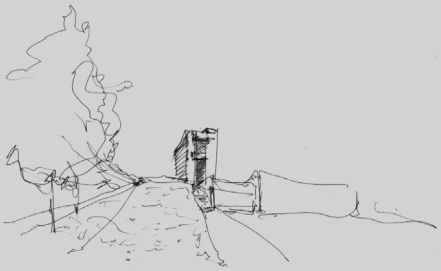


01. Godo
02. Tela geotêxtil
03. Isolamento térmico
04. Caleira
05. Impermeabilização
06. Camada de regularização
07. Camada de enchimento
08. Laje de betão
09. Blackout
10. Rufo de zinco
11. Apoio do rufo
12. Tela drenante
13. Chapa de zinco
14. Grampo, Halfen
15. Caixilho de correr, 2 carris, Panoramah!
16. Tecto falso
17. Grampo perfil ómega, Pladur
18. Soalho em madeira maciça
19. Caixa de ar
20. "Manta" têxtil p/ isolamento acústico
21. Barrote p/ suporte do tabuado
22. Pré-aro metálico c/ iso. térmico
23. Lajeta de mármore polido
24. Tubo de queda
25. Viga invertida, c/ perfil metálico "I"
26. Ferragem p/ fixação superior, Halfen
27. Placagem de betão
28. Parede de tijolo
29. Camada de regularização e reboco
30. Ferragem p/ fixação inferior, Halfen
31. Guarda metálica
32. Suporte de lajetas
33. Montante p/ tecto falso, Pladur
34. Caixilho fixo, 1 carril, Panoramah!
35. Brickslot, Aco Drain
36. Massame de betão
37. Caixa de brita
38. Terra
39. Parede de contenção de terras
40. Pintura epoxídica
41. Betonilha armada c/ endurecedor de superfície afagado
42. Filme de polietileno
43. Enrocamento
44. Dreno
45. Sapata de betão
46. Betão de limpeza



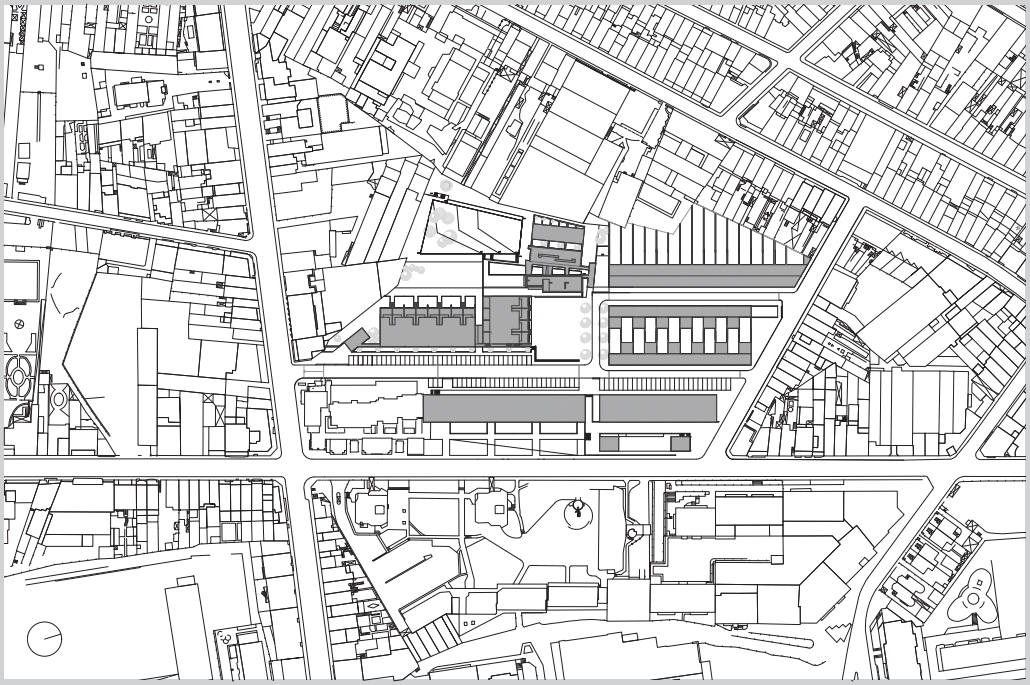


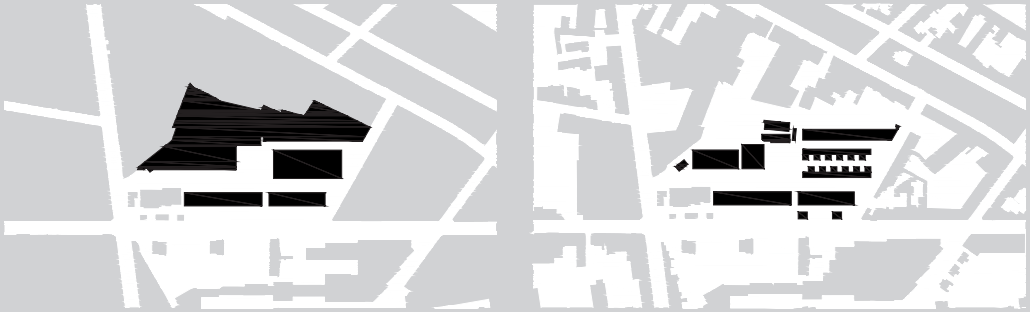


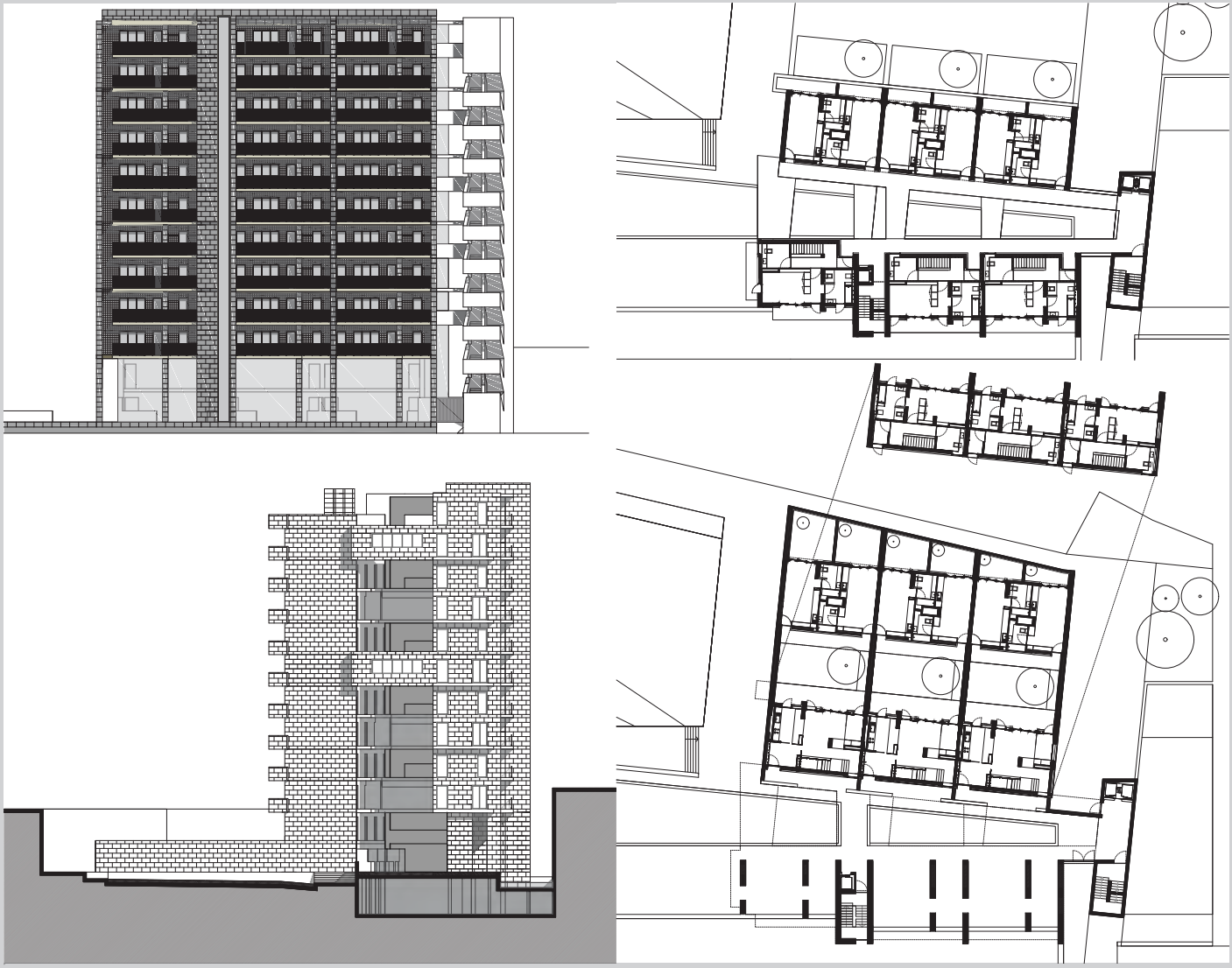


Nuno Sarmento

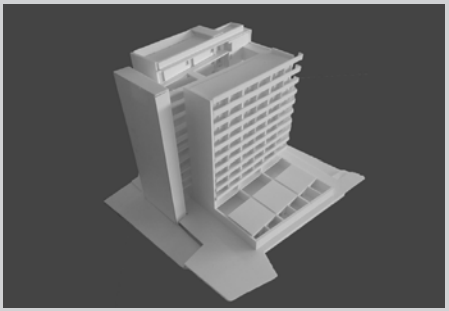
Em permanente transformação
O mundo avança com cada vez mais velocidade e já nada parece ser estacionário. Habitar trata-se agora da apropriação passageira de um espaço, e cada vez menos do compromisso eterno que em tempos se fez crer.
O edifício procura abraçar as diferentes possibilidades. Dois corpos, um composto por unidades completas de habitação, e o outro feito de unidades mínimas, capacitadas, caso necessário, de infraestruturas que permitem a sua apropriação independente. Ao longo dos vários pisos, pontes em diferentes posições surgem para tornar unas as duas unidades, criando conjuntos habitacionais com diferentes dinâmicas e maior número de espaços.
O espaço central torna-se então o élan do projeto, conferindo uma variação de possibilidades, onde pontes se vão cruzando em diferentes posições, em cima e em baixo de nós, dando ritmo, força e entusiasmo à solução.
Todo o edifício é acompanhado por um jardim que se desfaz na paisagem urbana, quase que tornando horizontal e plano o espaço que crescia na vertical por entre as torres e pontes.
É portanto um organismo que se permite adaptar às mudanças que o mundo lhe pode trazer, mas sempre salvaguardando a qualidade e o conforto que qualquer habitação deveria ter.

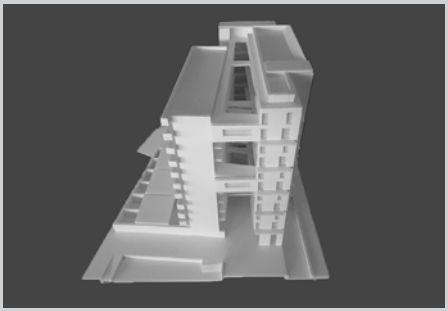


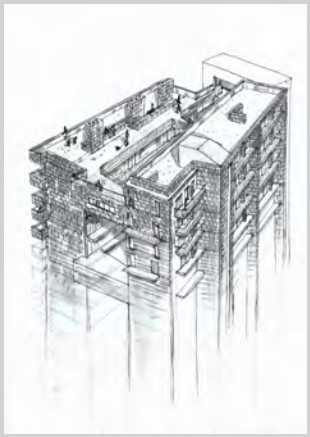




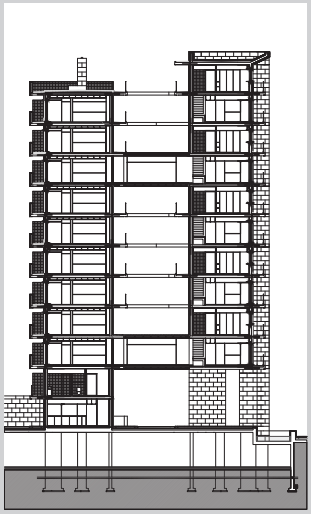


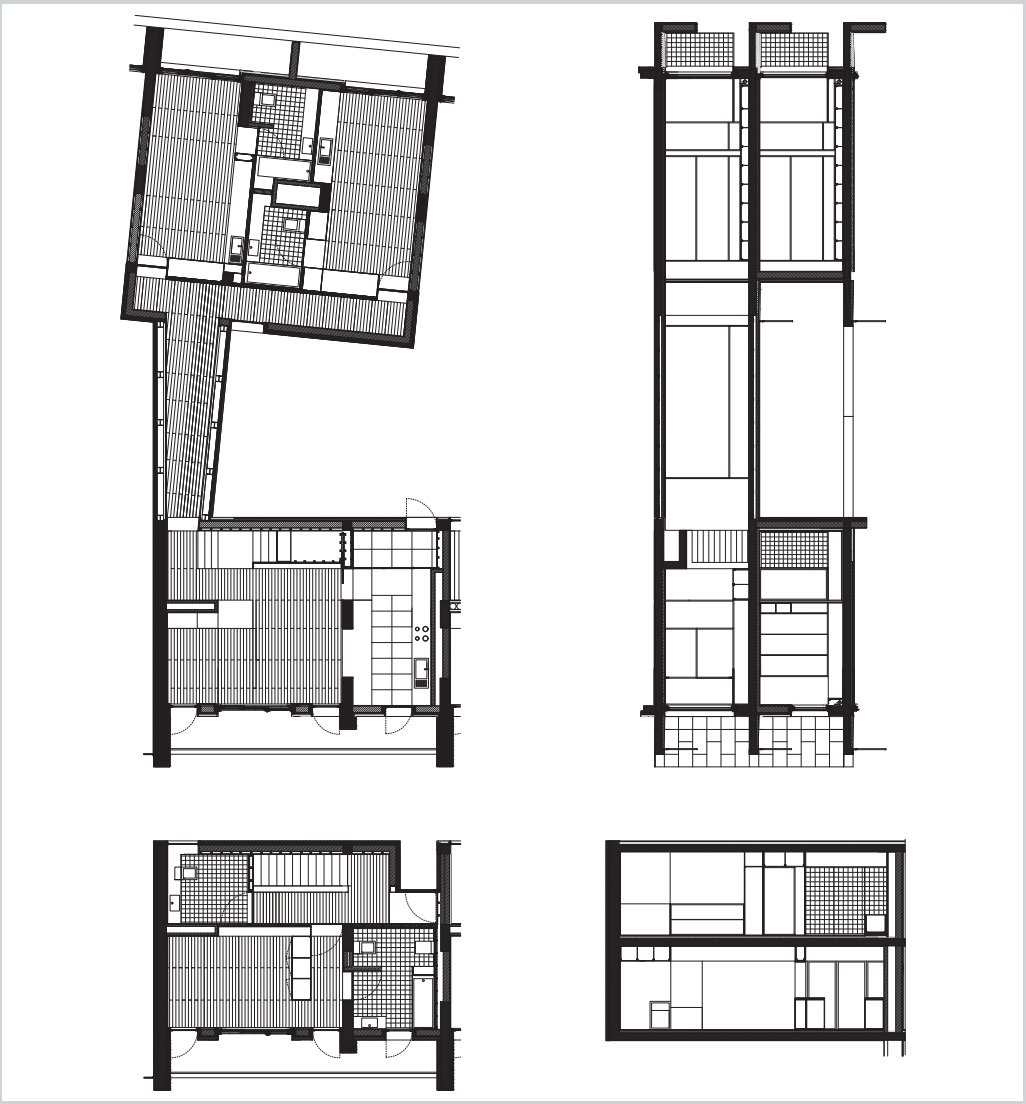


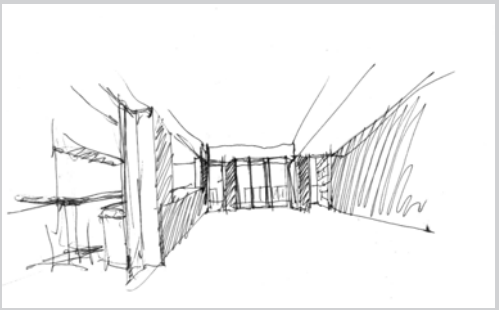


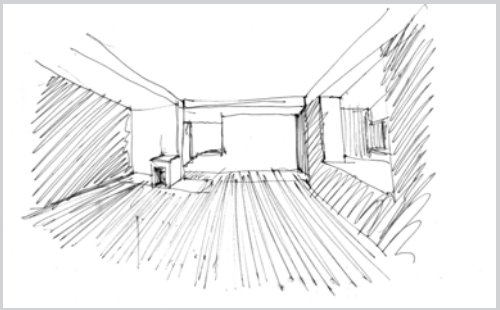


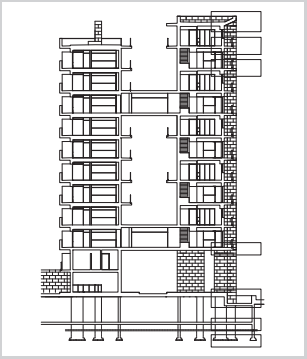




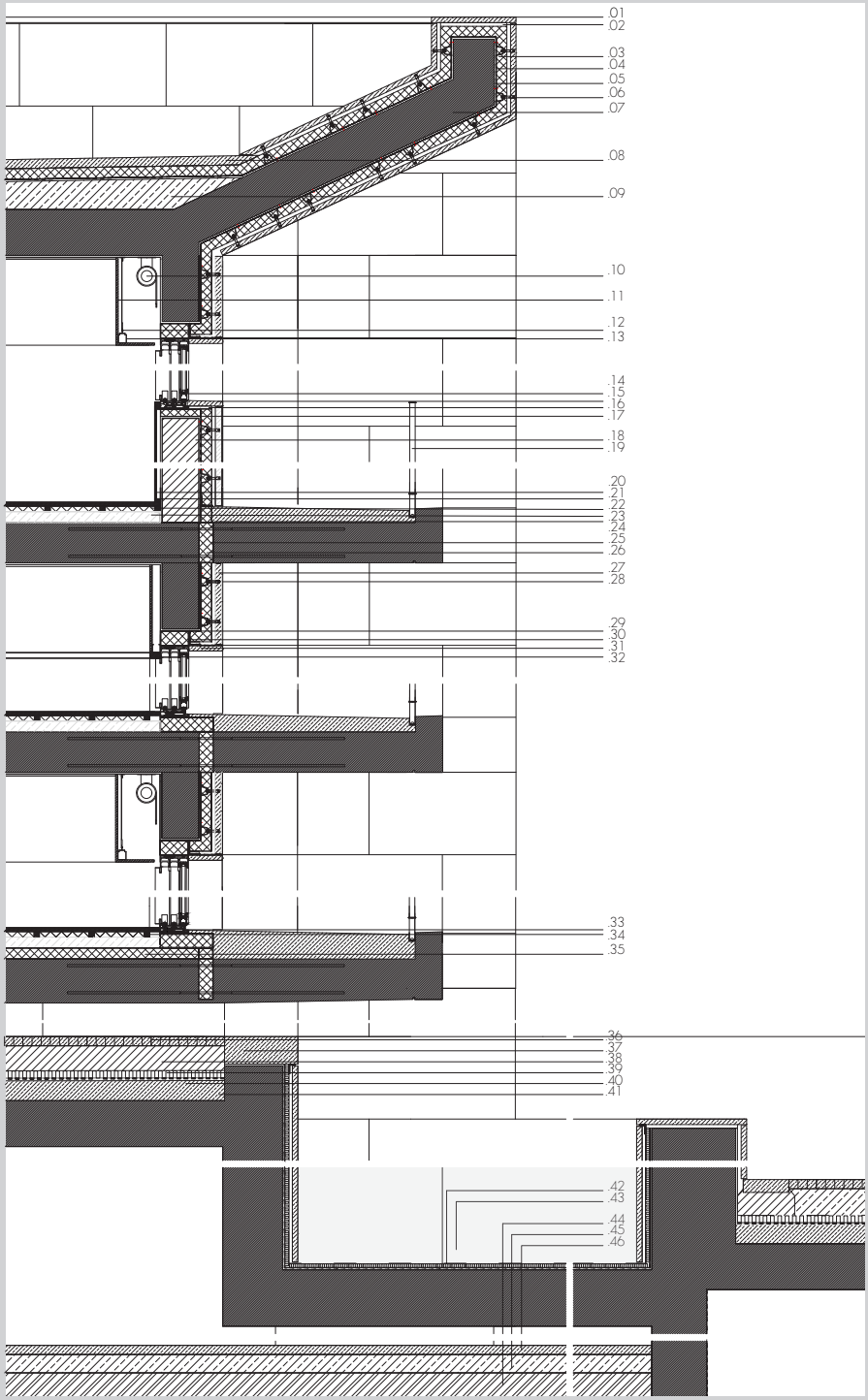




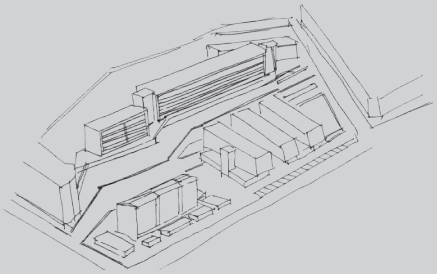


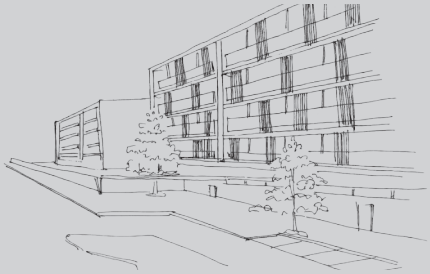


01. Placagem de pedra granítica
02. Argamassa de assentamento
03. Isolamento XPS
04. Tela de impermeabilização
05. Camada de regularização
06. Sistema de fixação Halfen
07. Betão armado
08. Microcimento c/ aditivo hidrófugo
09. Camada de forma
10. Estore
11. Sistema de suspensão e fixação
12. Placa de gesso cartonado
13. Perfil metálico
14. Caixilho de correr Lumeal
15. Placagem de pedra marmórea
16. Argamassa de assentamento
17. Tela de impermeabilização
18. Bloco térmico de betão
19. Guarda de ferro
20. Placa de madeira
21. Barrote de fixação
22. Isolamento acústico
23. Camada de regularização
24. Microcimento com aditivo hidrófugo
25. Viga de corte térmico Halfen
26. Isolamento injetado
27. Placa pré-feita de betão leve
28. Azulejo
29. Pré-aro de alumínio c/ isolamento
30. Perfil metálico
31. Pedra natural marmórea
32. Placa de madeira
33. Soalho de madeira
34. Barrote de madeira
35. Camada de isolamento térmico
36. Microcubo de granito
37. Pedra de remate de granito
38. Areia de enchimento
39. Tela de impermeabilização
40. Tela drenante
41. Camada de forma
42. Sistema de Impermeabilização
43. Espelho de água
44. Microbetão
45. Massame de betão armado
46. Brita



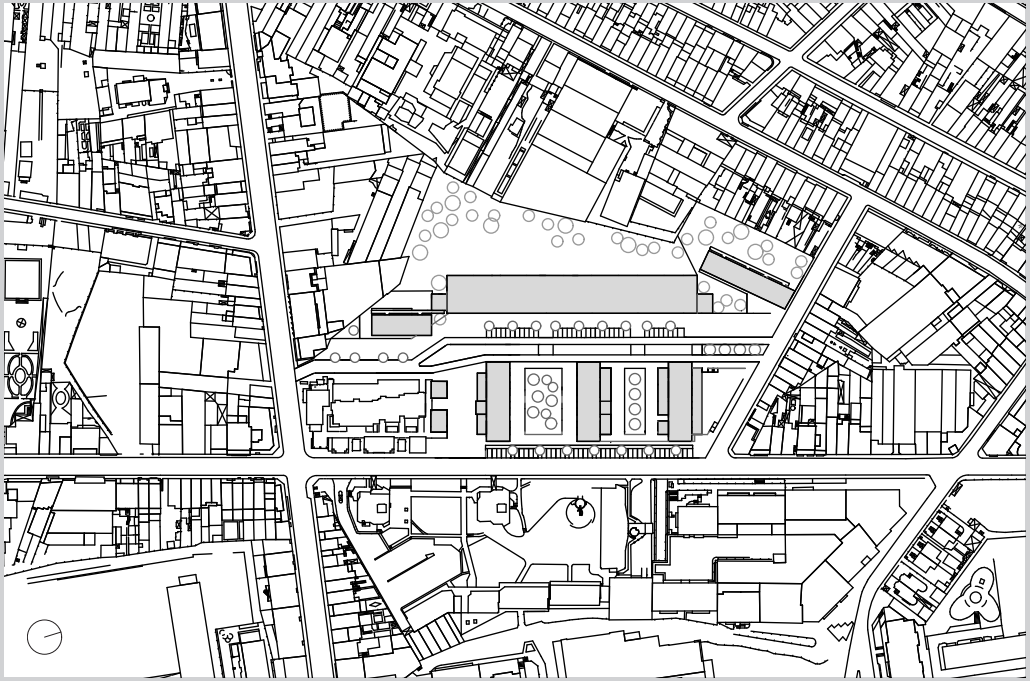


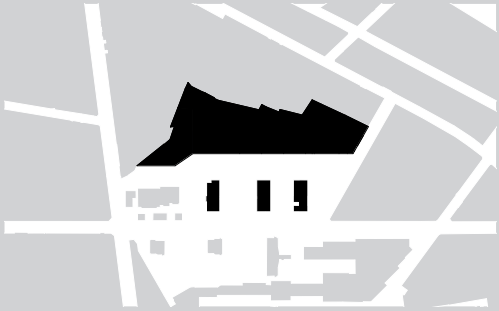


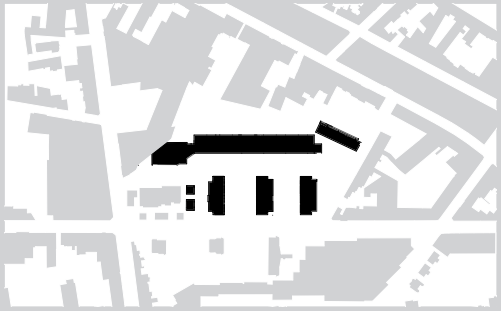


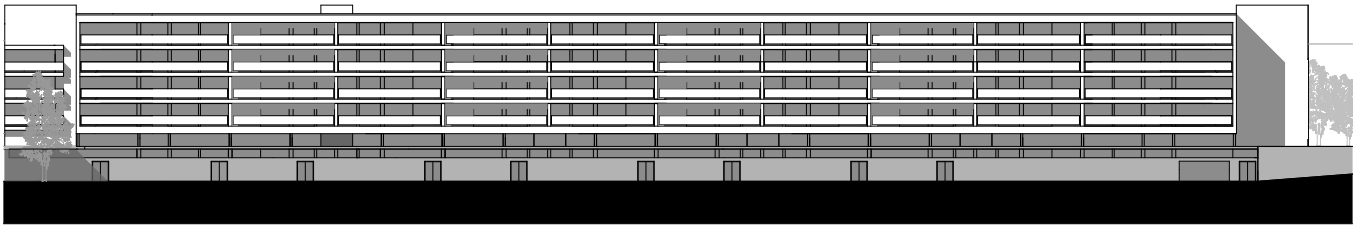
Patrícia Fernandes

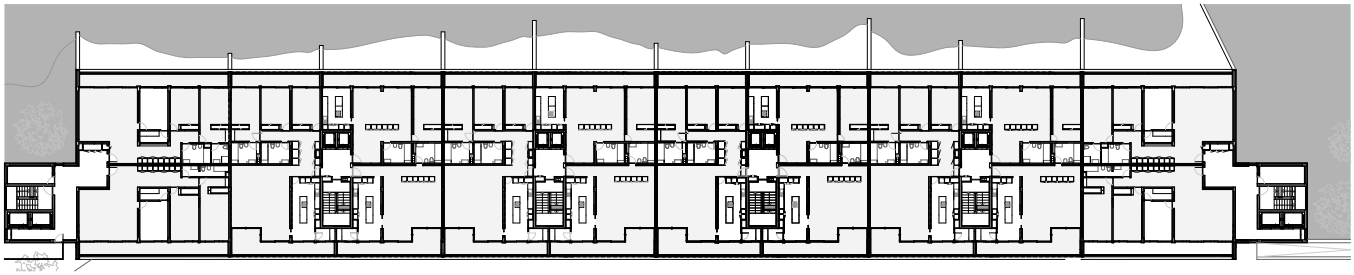
Tratando-se de um terreno inserido num quarteirão da cidade do Porto onde são evidentes tanto aspectos urbanísticos da cidade tradicional como da cidade moderna, a proposta de implantação teve como intuito uma transição harmoniosa entre os distintos modelos de cidade. Nesse sentido, trata-se de uma proposta dividida em duas partes - uma zona pontuada por três edifícios idênticos, independentes e soltos no terreno, alojando o comércio e criando um espaço permeável, público, com zonas verdes e com uma forte ligação com a rua da Alegria, e uma zona com edifícios que completam e reconfiguram o contorno do quarteirão pré-existente, criando espaços verdes de carácter privado acompanhando a rua que atravessa o quarteirão.
Na última fase do projeto, foi aprofundado um edifício multifuncional, com habitação de tipologia de acesso vertical múltiplo, que assenta numa base sólida em placagem de pedra.
A caracterização da linguagem da fachada teve como tema de projeto a sucessão de elementos em diferentes planos de modo a criar um edifício complexo e tridimensional através de elementos simples, assim como evidenciar a presença humana, elemento indissociável na obra, transparecendo aleatoriedade através da aplicação de painéis metálicos, cuja mobilidade permite que sejam apropriados de acordo com a vontade do habitante.

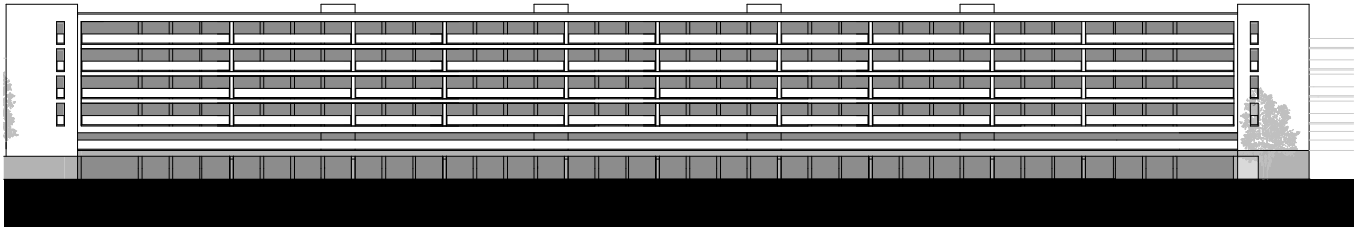


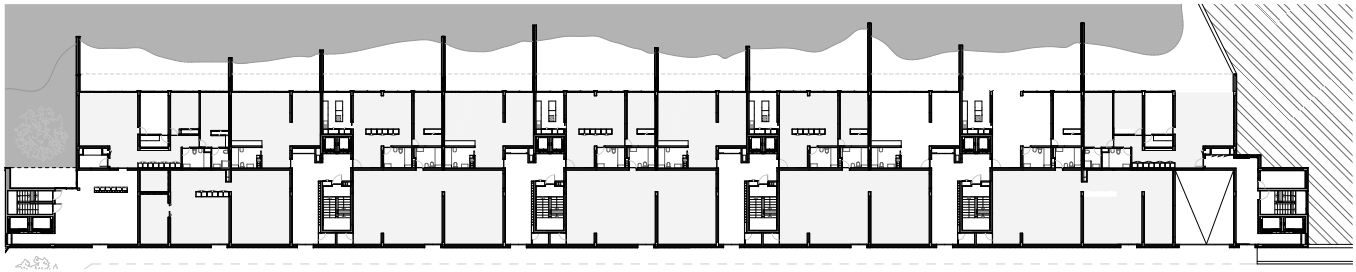


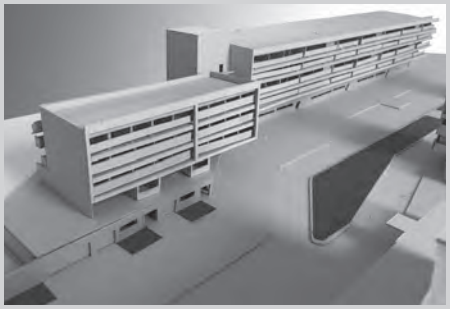


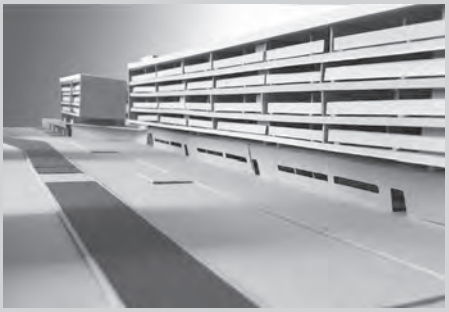




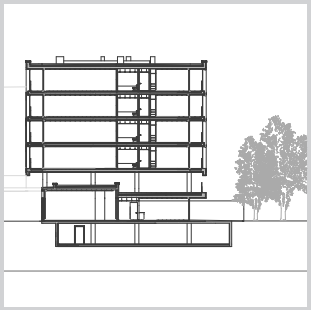


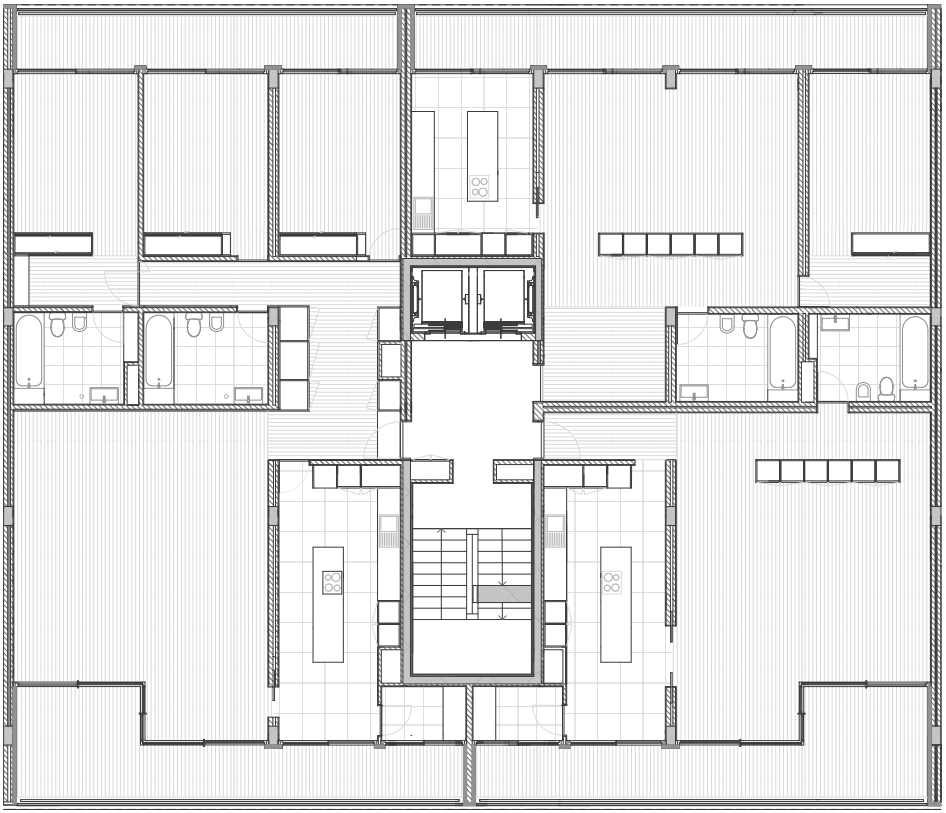


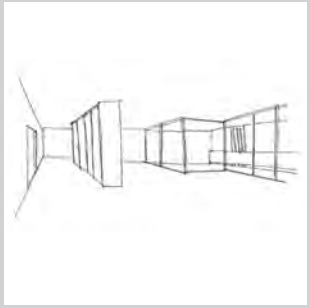


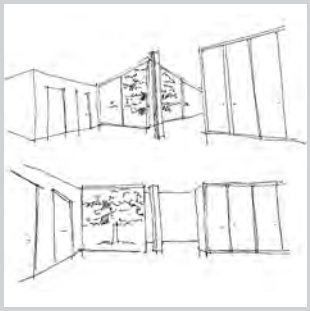


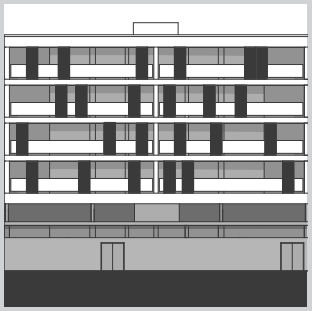


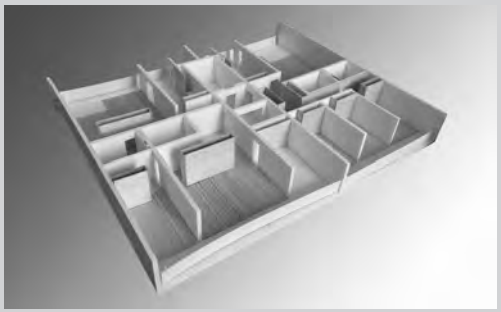


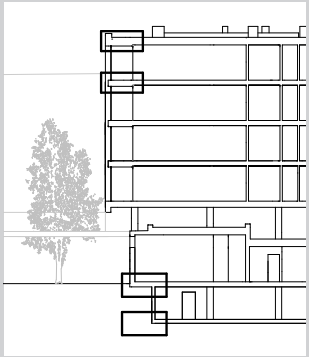




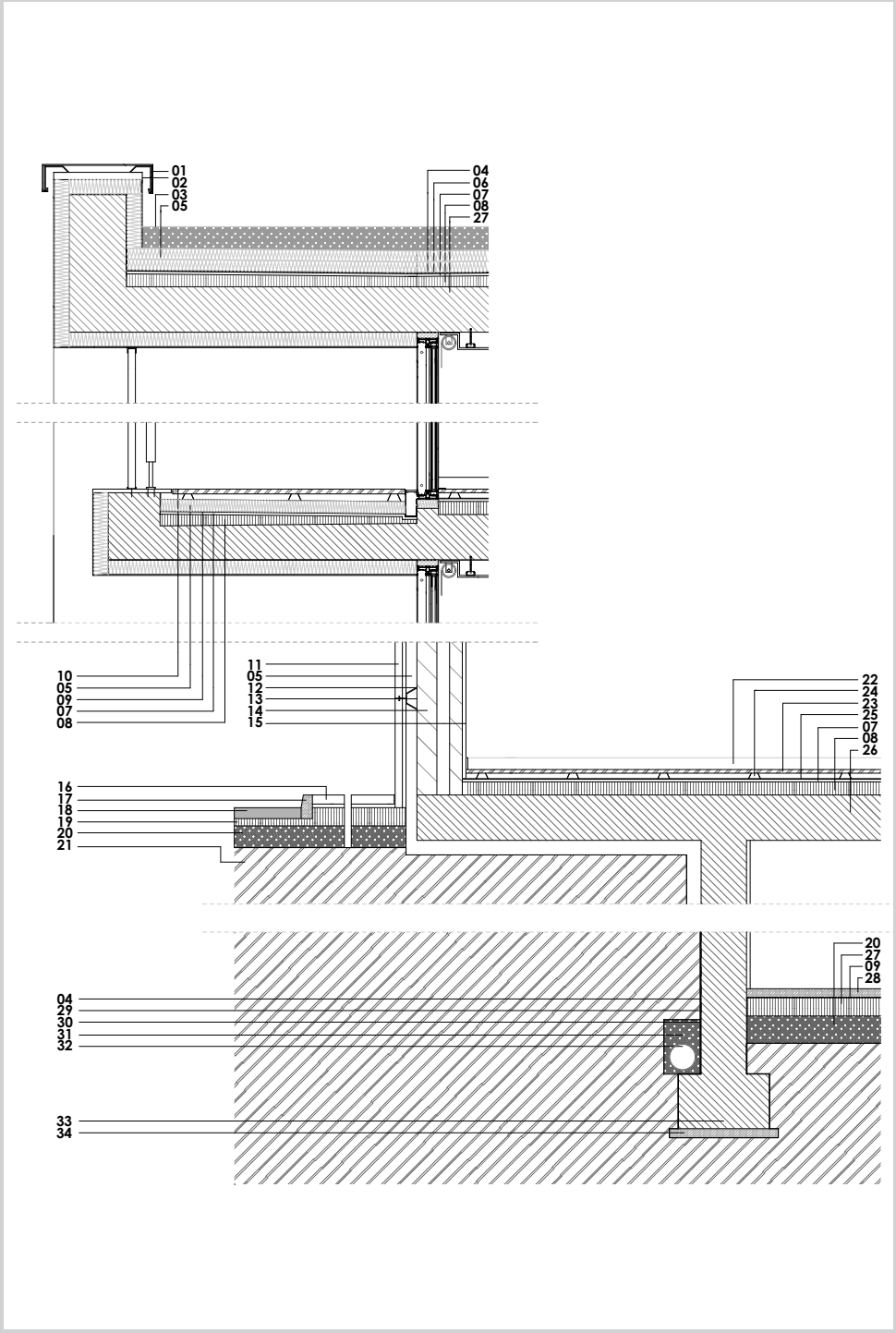




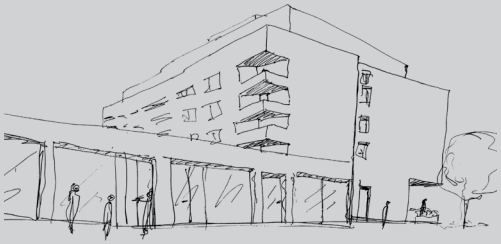


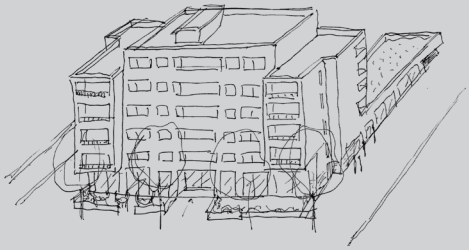


01. Chapa de capeamento
02. Prancha de madeira
03. Seixo rolado
04. Geotextil
05. Poliestireno extrudido
06. Tela asfáltica
07. Regularização
08. Betão leve
09. Impermeabilização
10. Madeira
11. Placagem de pedra
12. Grampo de aço inoxidável
13. Emulsão betuminosa
14. Alvenaria
15. Reboco interior
16. Lajeta de pavimento
17. Lancil
18. Alcatrão
19. Massame de betão armado com rede metálica electro-soldada
20. Caixa de brita
21. Terreno
22. Rodapé
23. Soalho
24. Ripado de madeira
25. Manta acústica
26. Betão armado
27. Massame de betão armado
28. Micro betão
29. Tela drenante
30. Impermeabilização reforçada com tela asfáltica
31. Brita
32. Dreno
33. Fundação
34. Betão de limpeza



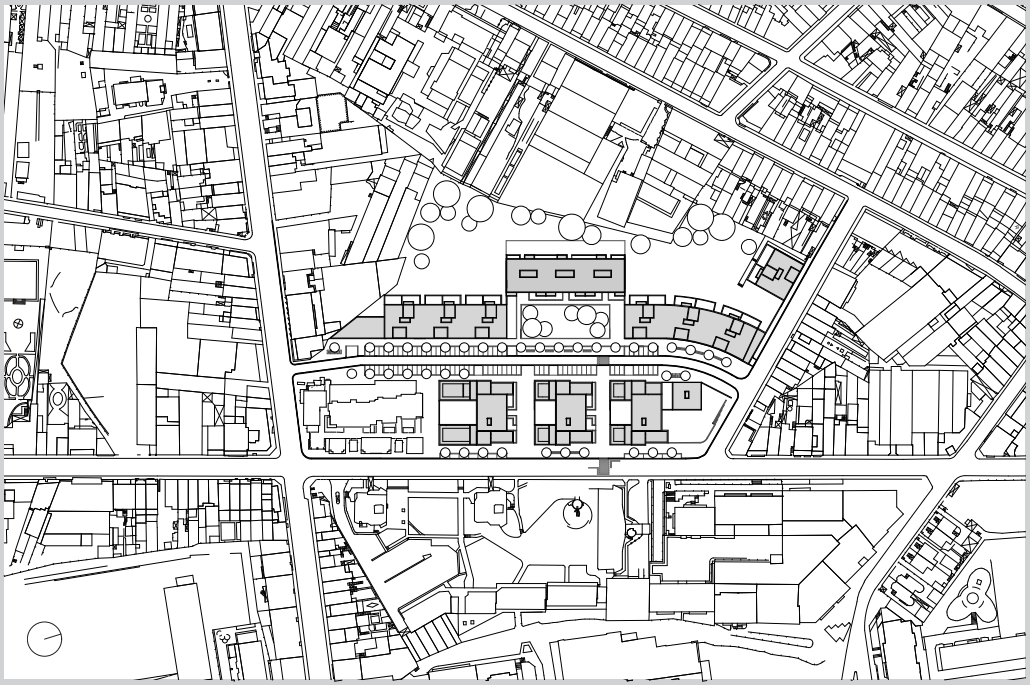


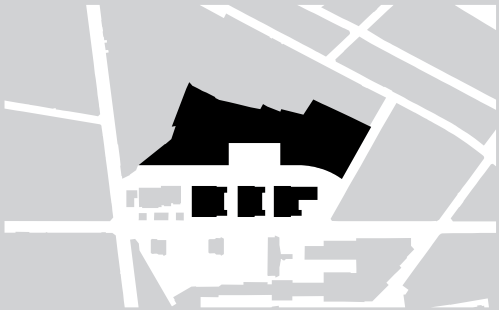




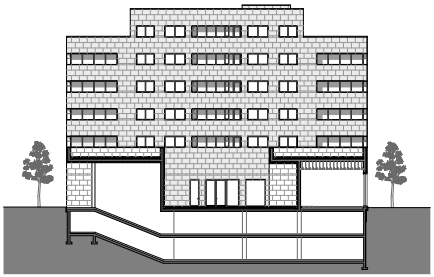
Raquel Silva

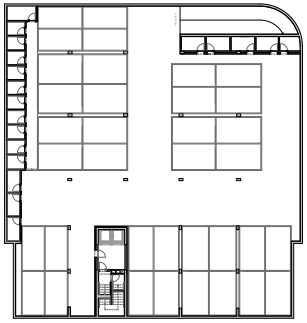
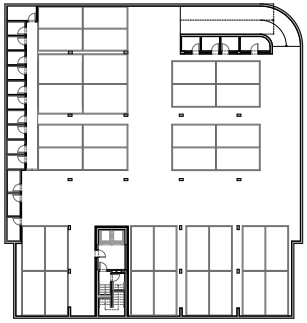
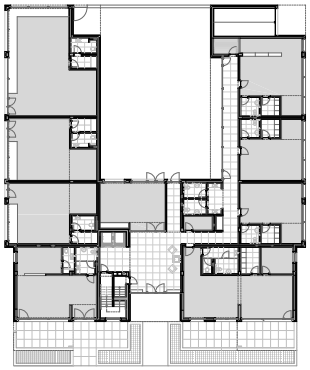
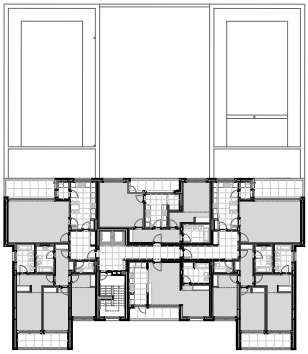
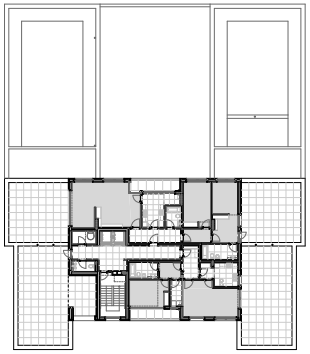
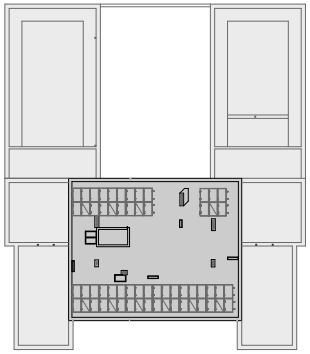
A proposta insere-se num conjunto urbano que se desenvolve em dois espaços: uma zona predominantemente residencial e que fecha a totalidade da rua nova, numa tentativa de solucionar a irregularidade das empenas pré-existentes; e uma zona residencial e comercial, composta por três edifícios autónomos que criam uma ligação com as Torres do Luso, estabelecendo um diálogo com a envolvente. A abertura para a rua da Alegria garante a permeabilidade espacial entre esta zona e a praça interior, procurando captar o movimento dessa via e promover o desenvolvimento de um ponto de interesse na cidade, criando uma área mais dinâmica.
O rés-do-chão do edifício desenvolvido tem um carácter predominantemente público, sendo ocupado por lojas e escritórios. Os pisos de habitação foram desenvolvidos de modo a oferecer o maior número de diferentes tipologias, que comunicam com o exterior através da inclusão de varandas ou terraços.
O jogo de volumes dos corpos salientes pretende dotar o edifício de algum dinamismo, enquanto que a utilização de uma linguagem mais depurada pretende promover a inserção do conjunto arquitectónico numa zona da cidade que possui diferentes tipos de edifícios e de diversas épocas.

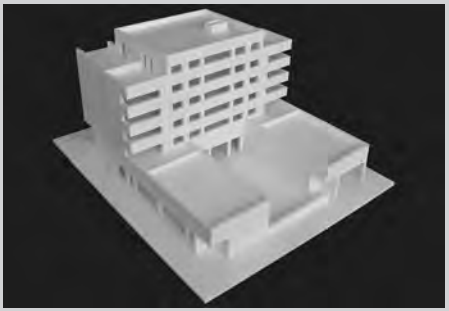
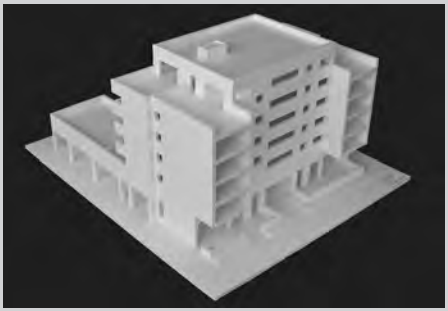


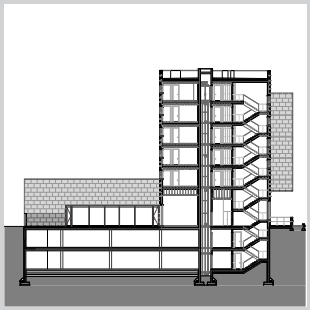


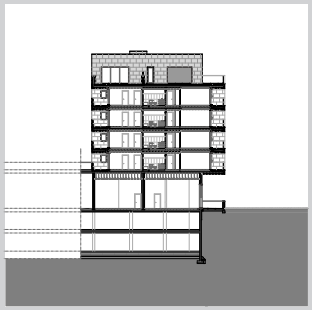


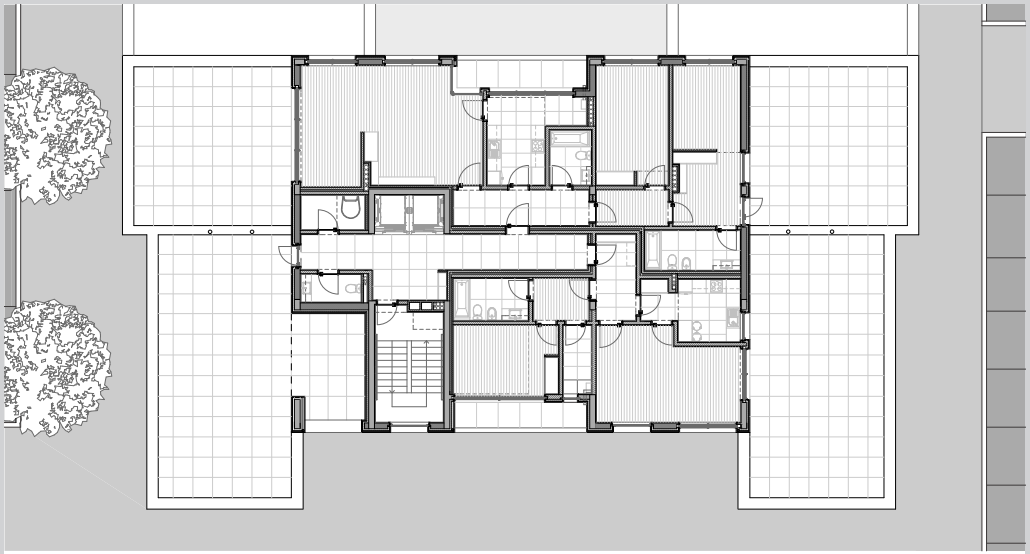









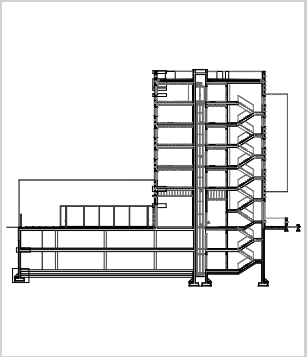




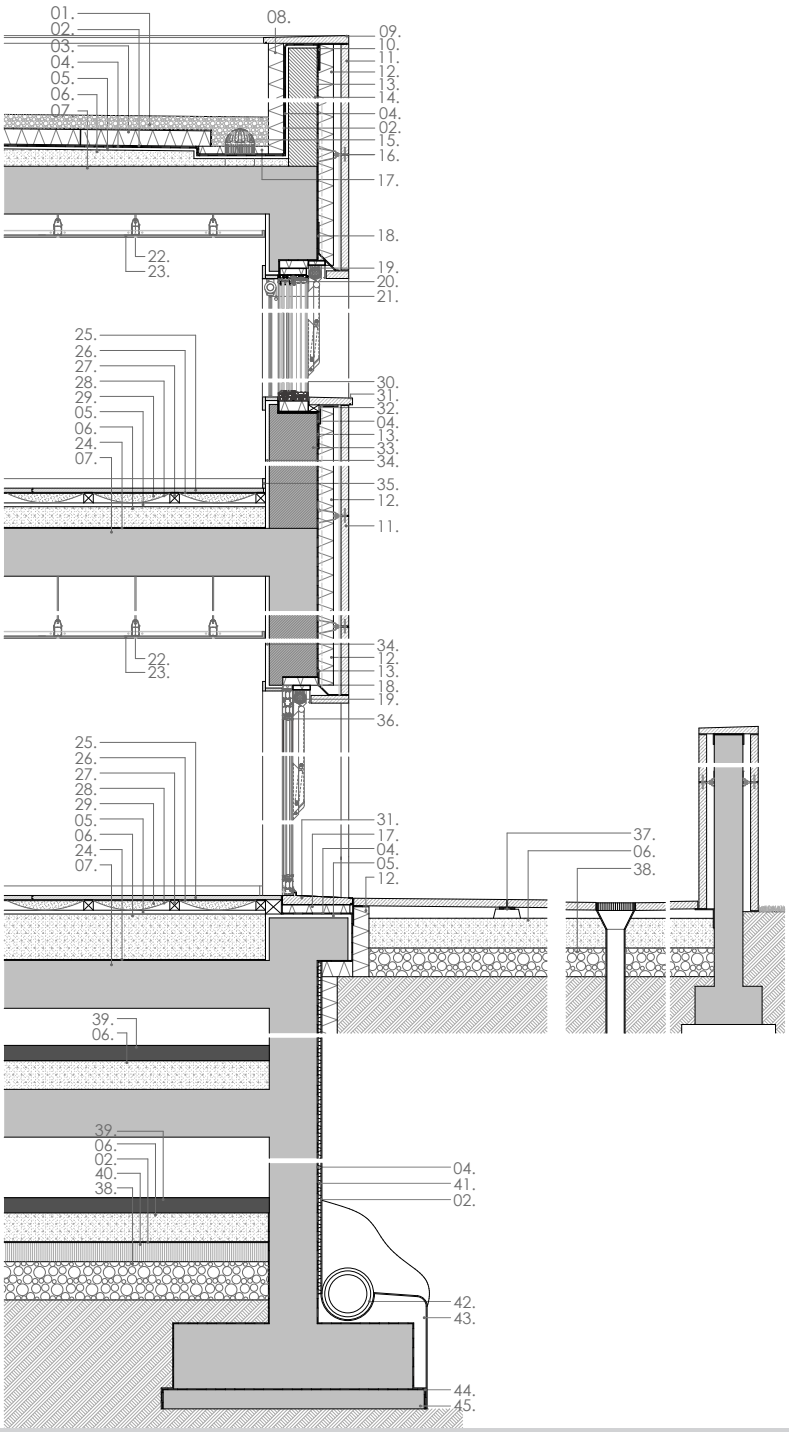




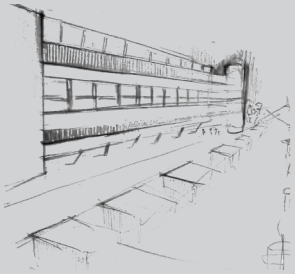


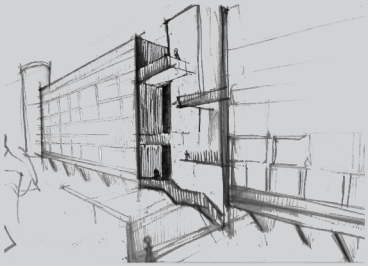


01. Camada de godo
02. Tela geotêxtil
03. Isolamento térmico tipo "Roofmate"
04. Tela asfáltica
05. Camada de regularização
06. Camada de forma em betão leve
07. Laje em betão armado
08. RASIT com 80 mm
09. Rufo: mármore Ataíja beje amaciado
10. Cantoneira de aço com 140x140x5 mm
11. Placagem: mármore Ataíja amaciado
12. Isolamento Térmico tipo "Wallmate"
13. Argamassa hidrófuga tipo "cerezite"
14. Tijolo com 150 mm
15. Ralo de pinha
16. Fixação mecânica Halfen do tipo HRM
17. Isolamento térmico tipo "Roofmate"
18. Chapa metálica: drenagem de água
19. Toldo projectável
20. Sistema n25 400 Luminous life Navarra
21. Estore "Black Out" com guias laterais
22. Montante tipo Pladur GL + T-47
23. Tecto falso em gesso cartonado
24. Barreira pára-vapor
25. Soalho de madeira de afizélia
26. Corticite para assentamento do soalho
27. Sarrafo de madeira
28. ISOFOAM
29. Argila expandida
30. Junta de silicone
31. Soleira: mármore Ataíja beje amaciado
32. Cantoneira em aço
33. Bloco de betão com 250 mm
34. Reboco com 20 mm
35. Rodapé em madeira de afizélia
36. Porta PY: Soleal Technal
37. Nivelador de pavimento
38. Caixa de brita
39. Betonilha afagada
40. Massame de betão
41. Tela pitonada
42. Tubo de drenagem
43. Regularização em betão leve
44. Pintura asfáltica
45. Betão de limpeza



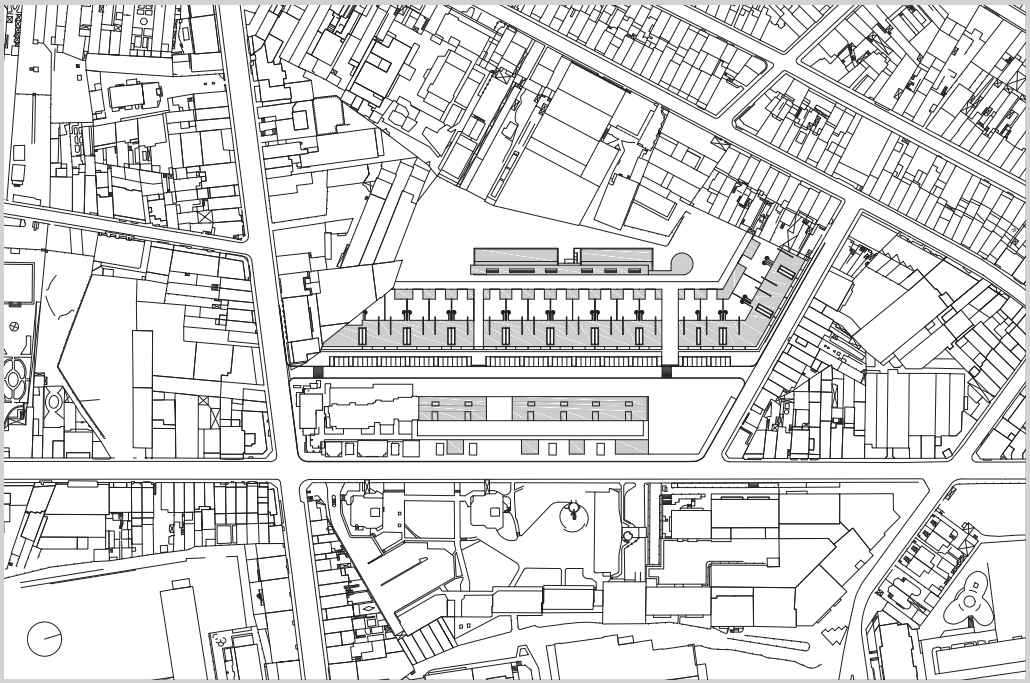


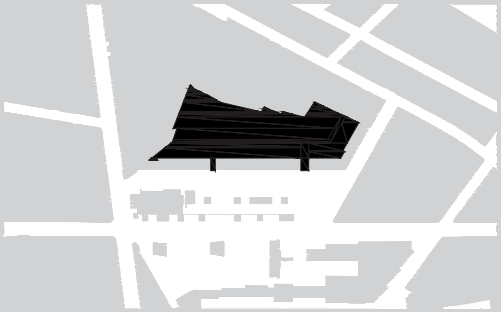


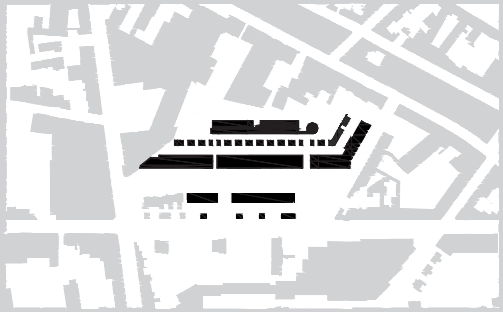


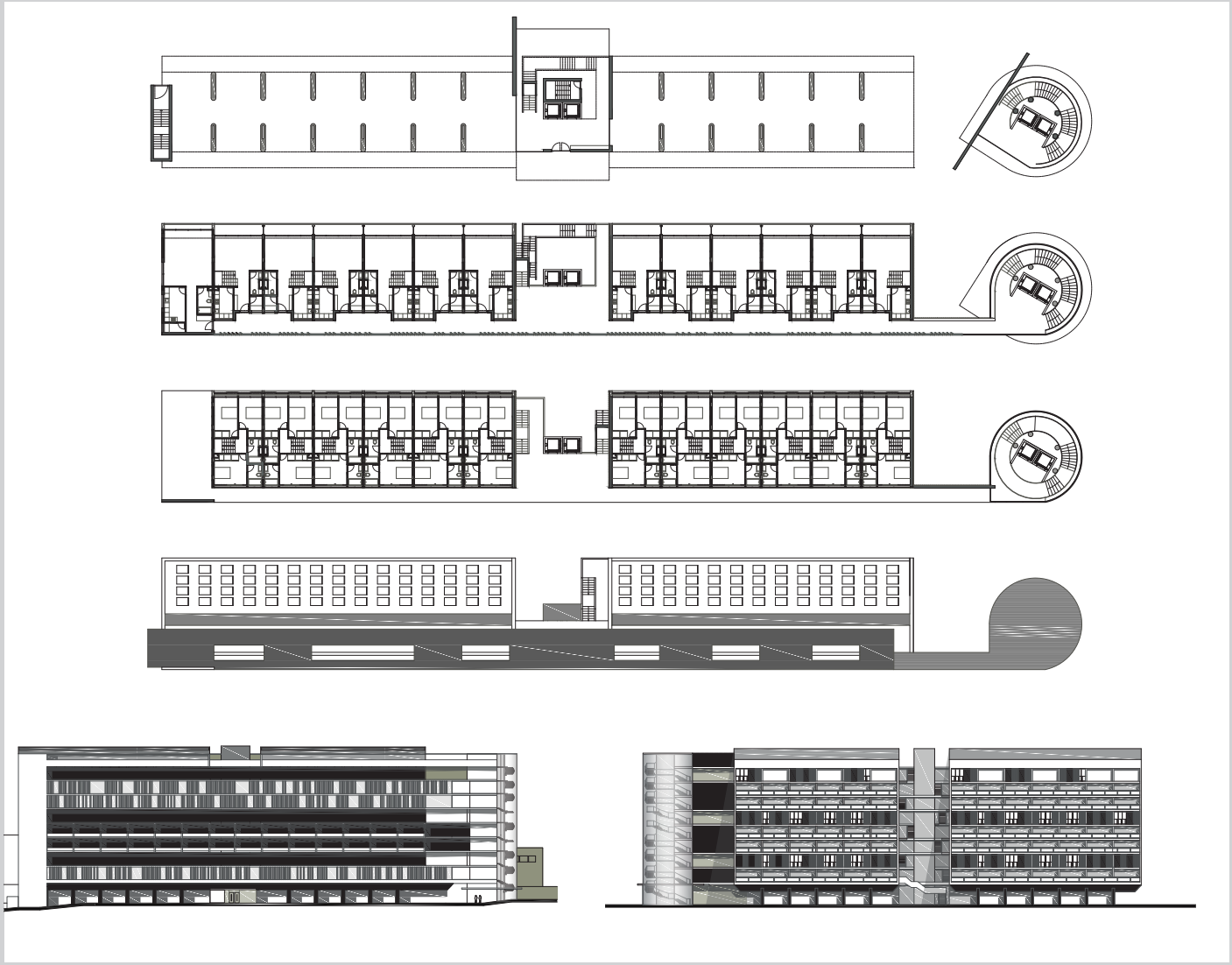
Rita Gandra

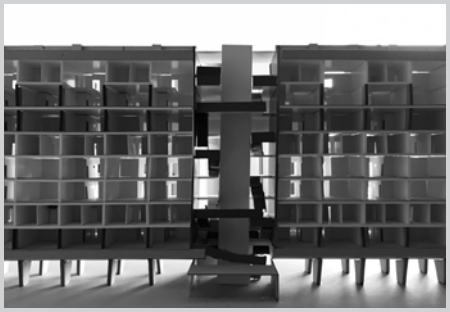
O conceito do projeto surgiu a partir do desenho de um conjunto volumétrico de formas vincadas pela escala e pela implantação. Um jogo de escalas, regido por um eixo linear da rua, a partir do qual, o construído se desenvolve segundo uma dimensão aproximada à do homem, de modo a encerrar o quarteirão e a controlar o espaço público. Do mesmo modo, ao criar esta primeira barreira, no interior do quarteirão é projetado um edifício com outras características, de modo a gerar um momento de rutura e de contraste. Uma dinâmica, marcada pela construção em altura e pela materialidade, que assume uma imposição perante a envolvente. Um edifico projetado para ser lido como um todo e como um volume único, marcado pela tipologia em L da habitação, e pelo acesso vertical conjugado com o acesso em galeria, a partir do qual se unifica a estrutura. Criando um edifício com uma leitura compacta e pouco aberta para o novo arruamento, imputando ao alçado traseiro, interior do quarteirão, uma dinâmica do privado. O projeto, sugere uma estrutura tripartida, entre a leveza do contacto do edifício com o chão, a construção em altura (marcada pelo ponto de excepção central), e o momento de remate na cobertuta, trabalhado com a pala como uma continuidade do espaço e fecho do alçado.

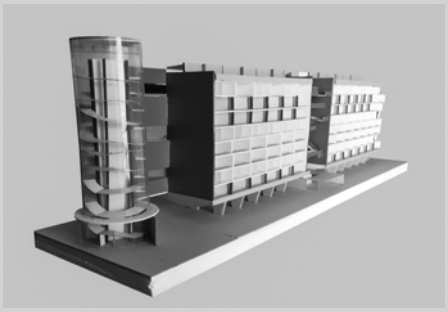


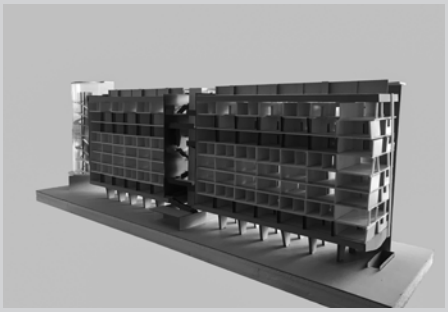


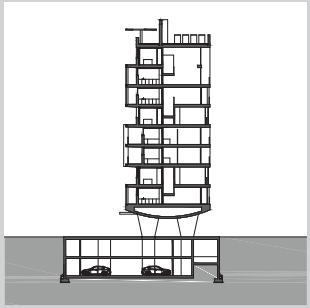


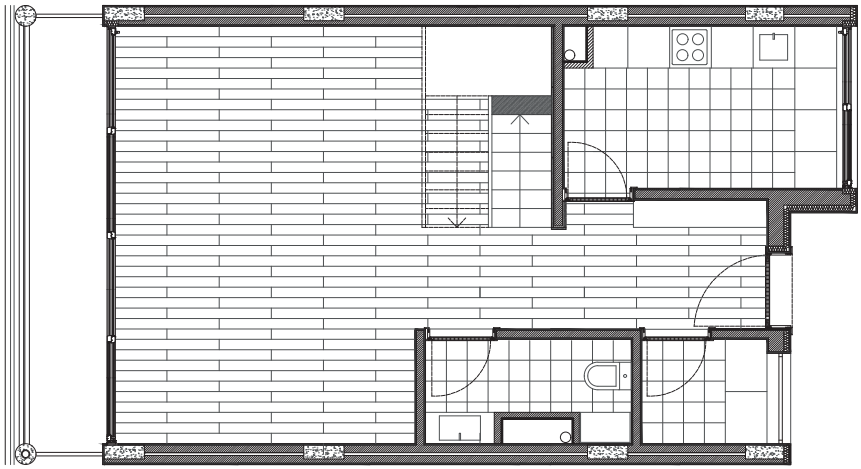


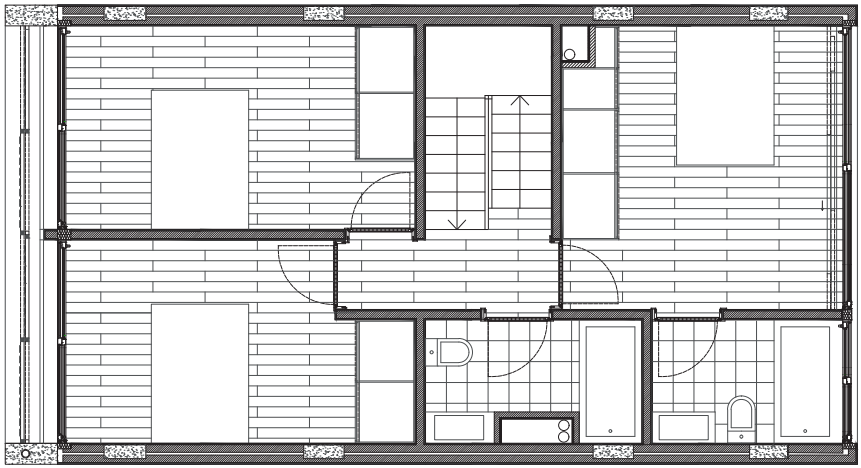




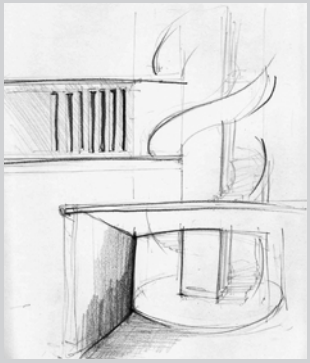




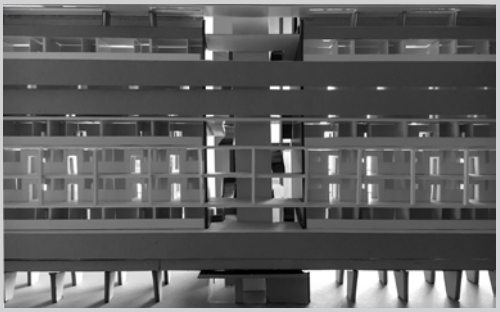


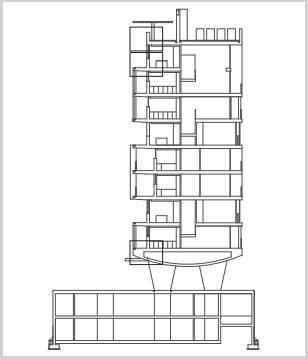




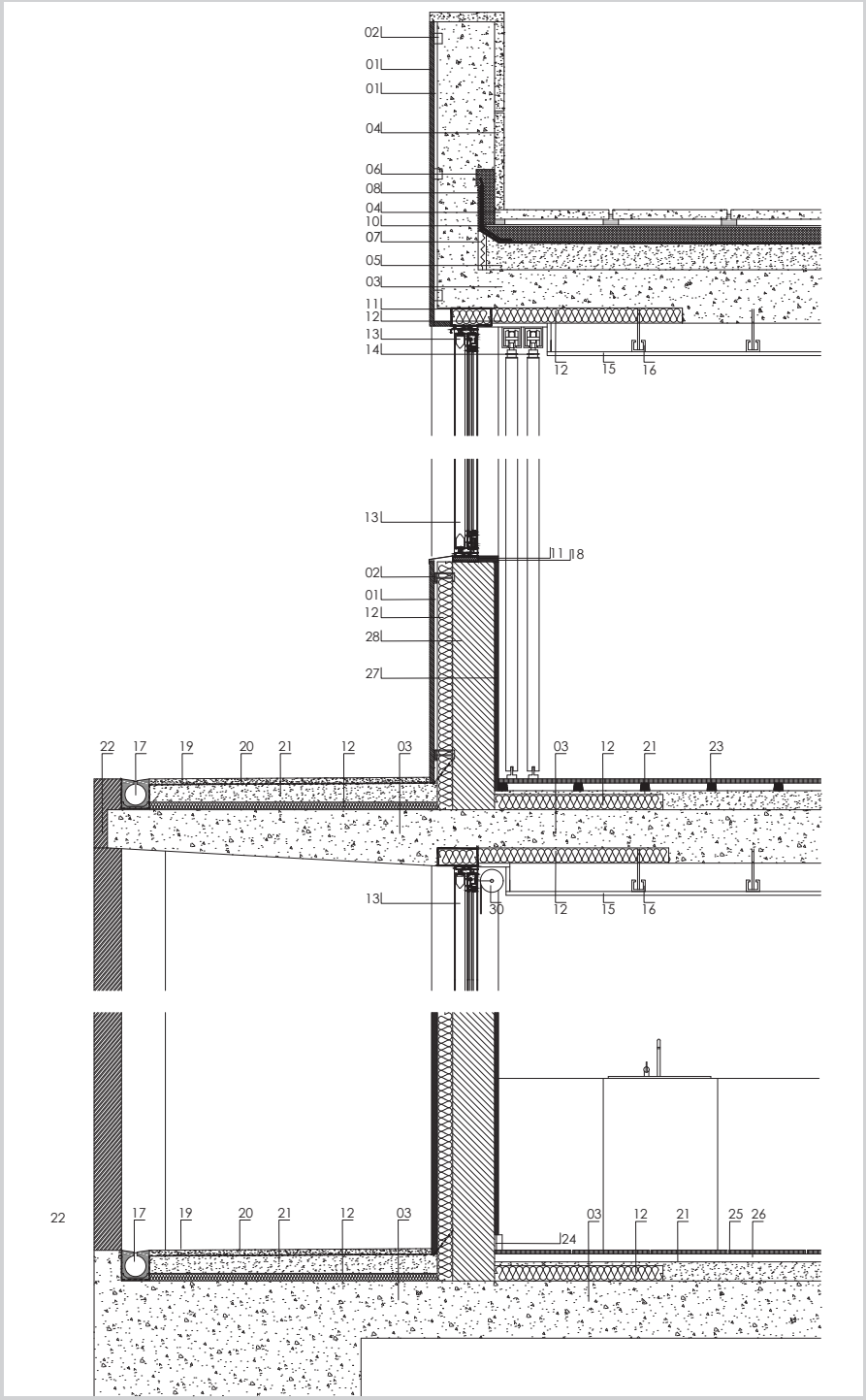




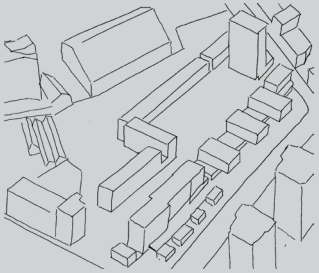


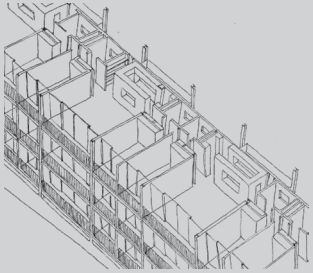


01. Placagem de betão reforçado com fibra de vidro com 2,5 cm e caixa de ar com 1.5 cm
02. Sistema de fixação
03. Laje de betão com 20 cm
04. Lajetas de betão (60 cm x 40 cm x 5 cm)
05. Camada de forma
06. Isolamento térmico tipo Roofmate SL
07. Junta elástica
08. Telas de impermeabilização
09. Peça metálica
10. Tela geotêxtil
11. Pré-aro
12. Isolamento térmico com 8 cm
13. Caixilho de correr alumínio
14. Porta de correr
15. Tecto falso em gesso cartonado Pladur com 3 cm
16. Pivot
17. Caixa de escoamento com 10 cm
18. Peça em madeira maciça
19. Microbetão com 3 cm
20. Tela de impermeabilização
21. Camada de regularização com 10 cm
22. Cobogó
23. Pavimento flutuante em madeira
24. Rodapé em madeira
25. Pavimento tectonic 45/90
26. Camada de argamassa
27. Reboco
28. Tijolo com 22 cm
29. Sistema RASIT – isolamento térmico com 8 cm e reboco com 3 cm
30. Estore interior
31. Guarda metálica
32. Betão leve com 10 cm
33. Brita com 25 cm
34. Tela pitonada
35. Seixo
36. Geotêxtil
37. Dreno em P.V.C.
38. Sapata de betão armado
39. Camada de areia de limpeza
40. Parede de betão
41. Parede dupla de tijolo



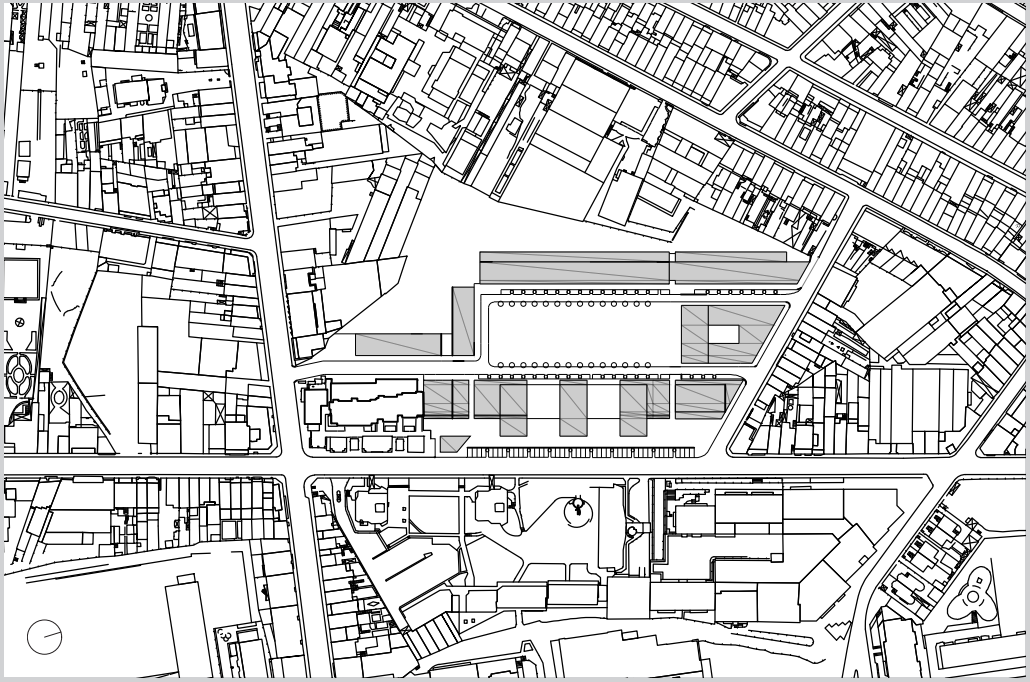


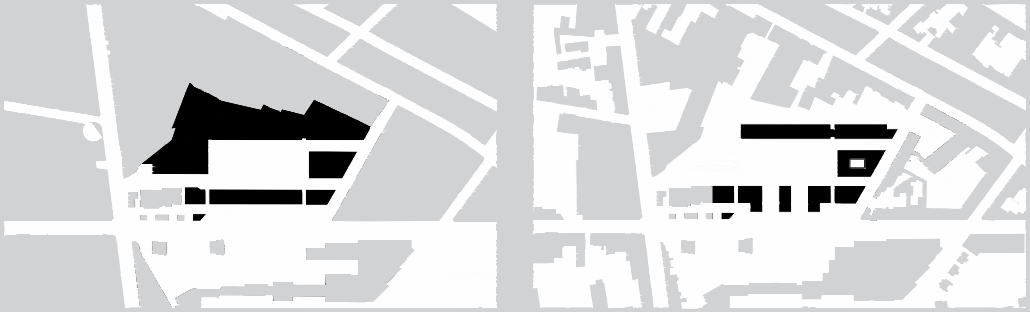


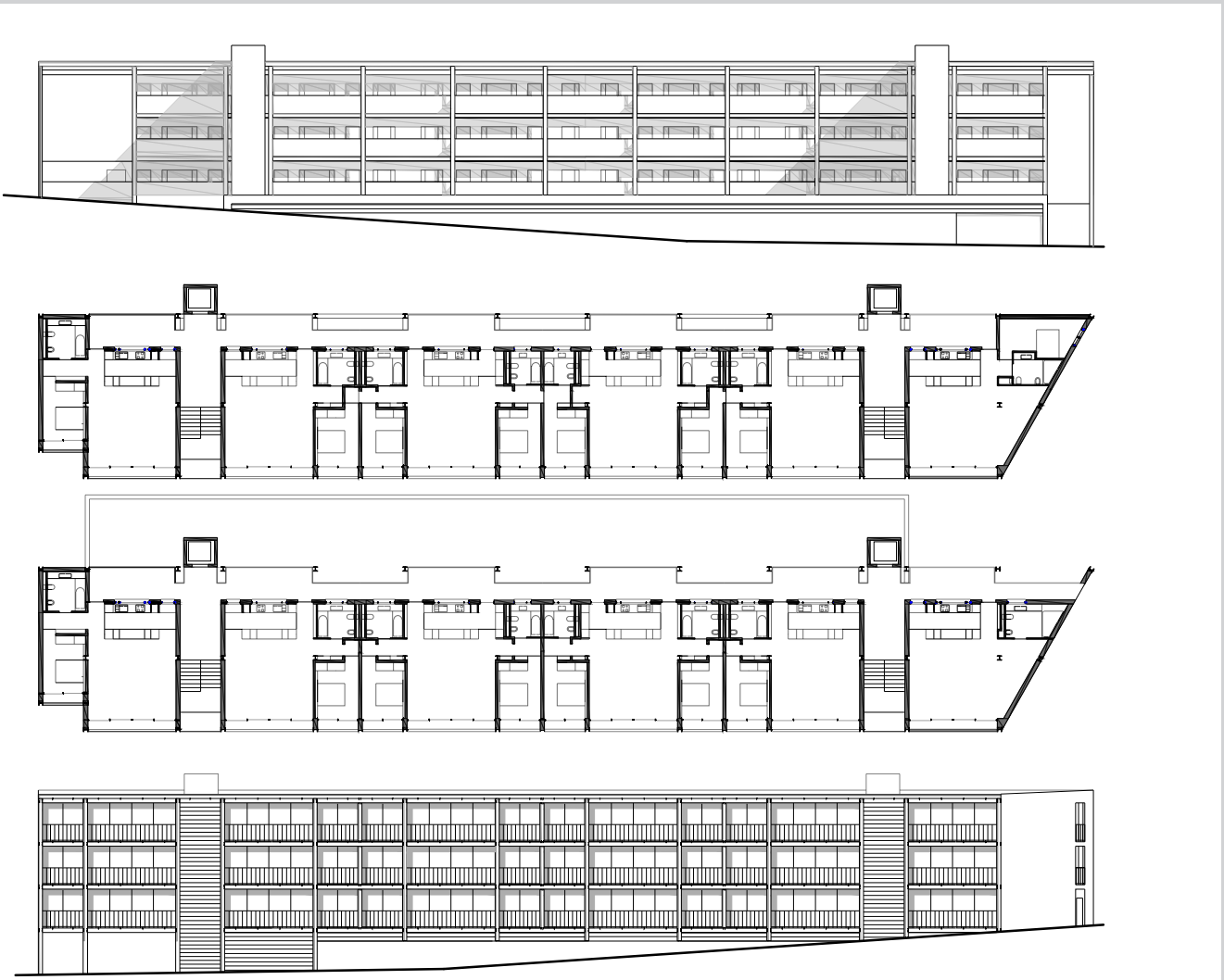


Rúben Silva de Sousa

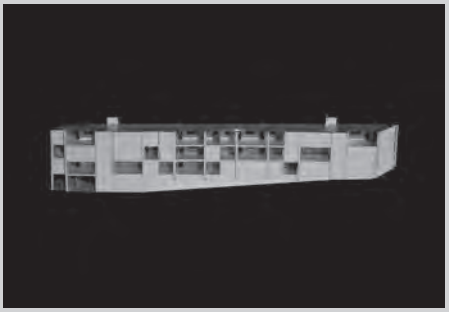
Neste exercício é projetada a habitação plurifamiliar com acesso em galeria. O volume define parte da rua Nova e o seu topo assume a direção da rua do Lima, definindo-a. Dentro dos seus 4 pisos, o primeiro inclui a entrada e o estacionamento; e os três restantes, os apartamentos e respectivos acessos. O intuito principal de toda a organização é o de permitir uma liberdade de adaptação face a um esquema-base, tanto na galeria, como no interior dos fogos. Ao longo da galeria, os espaços exteriores sem programa criam oportunidade de vivência partilhada entre os habitantes. O interior, por sua vez, funciona como um organismo adaptável. Entre as duas escadas do edifício, os fogos podem assumir diferentes dimensões e tipologias consoante a escolha da parede de meação, permitindo que a organização interna varie entre T0 e T4.
A procura de uma forma que revele a verdade estrutural do edifício, conduz à afirmação de pilares e vigas, sendo que a métrica das fachadas acaba ditada por estes elementos metálicos, enquanto que a base do edifício é assumida pelo betão à vista. Em contraponto com esta expressão crua e fria do exterior, consequência do uso desses materiais, opõe-se uma atmosfera interna quente e "acolhedora", materializada por revestimentos de madeira.



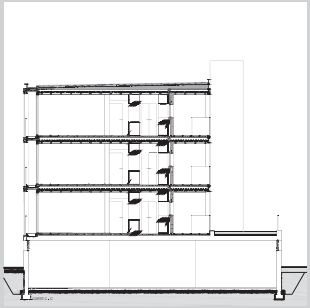


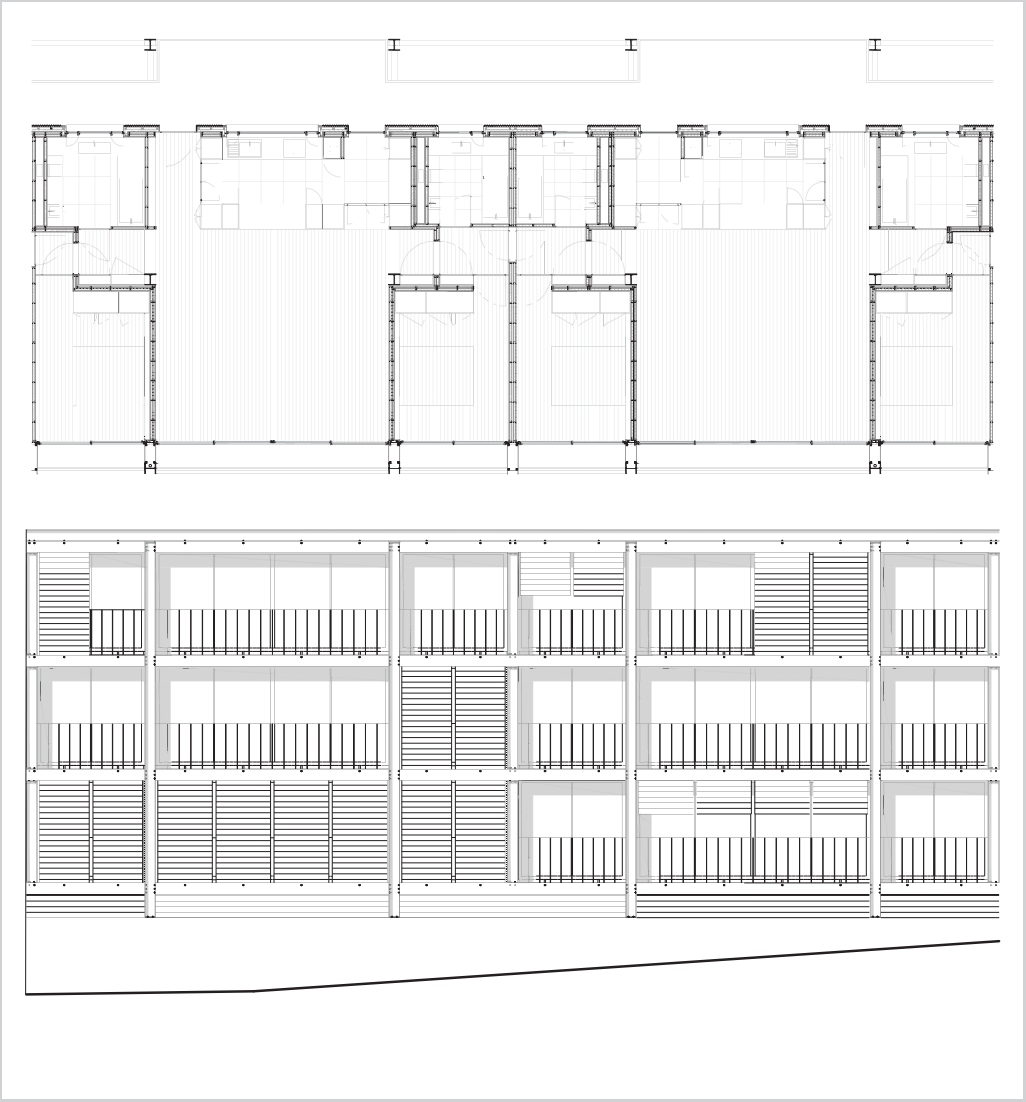




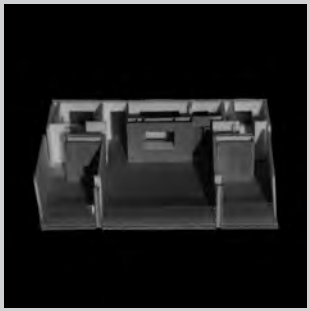


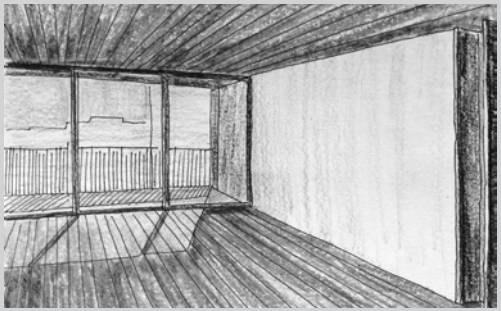


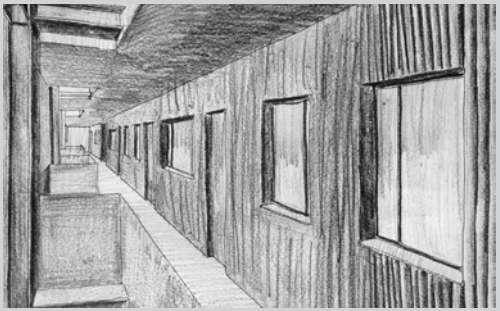


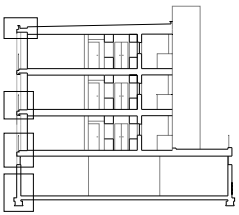




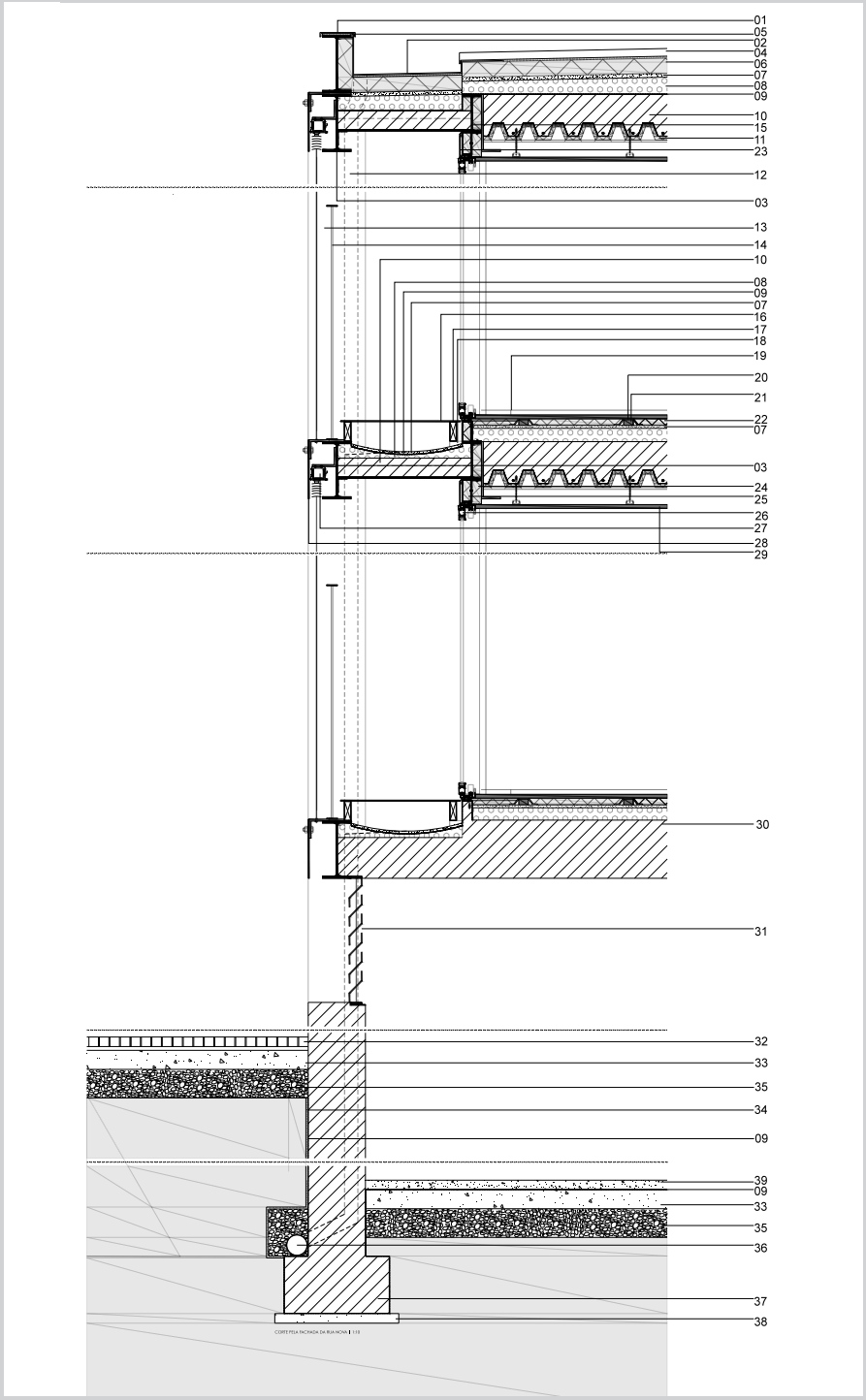




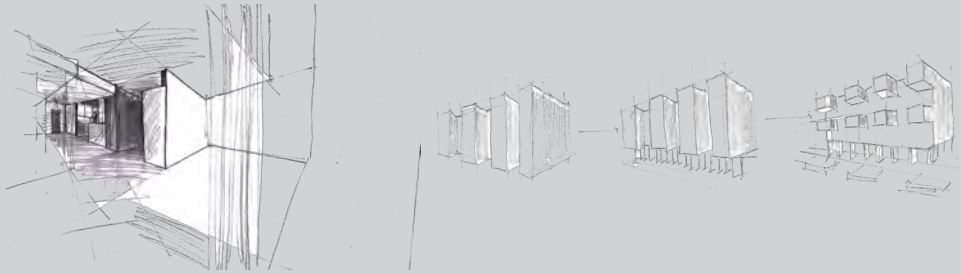




01. Rufo de zinco
02. Caleira de zinco
03. IPE 300 em aço de carbono
04. Chapa de zinco
05. Tela AVM
06. Roofmate com 8 cm
07. Argamassa de regularização
08. Betão leve de enchimento
09. Tela asfáltica
10. Laje colaborante
11. Celulose projetada
12. Tubo de queda de água
13. HEB 300 em aço de carbono
14. Guarda em alumínio
15. IPE 200
16. Chapa perfurada de alumínio
17. Aro de suporte em alumínio
18. Murete em betão leve
19. Perfil cilíndrico em alumínio
20. Borracha de neoprene
21. Barrote de madeira
22. Lã de rocha
23. Chapa de alumínio
24. Wallmate com 6 cm
25. Pré-aro com celulose injetada
26. Caixilho de alumínio Technal Soleal GY (2 carris/4 folhas)
27. Venetian blinds facade system Warema
28. Chapa em aço de carbono
29. Laminado de madeira
30. Laje de betão
31. Grelha de ventilação
32. Micro-cubo
33. Massame de betão armado com rede metálica electro-soldada
34. Manta geotêxtil
35. Brita
36. Dreno
37. Fundação
38. Betão de limpeza
39. Micro-betão

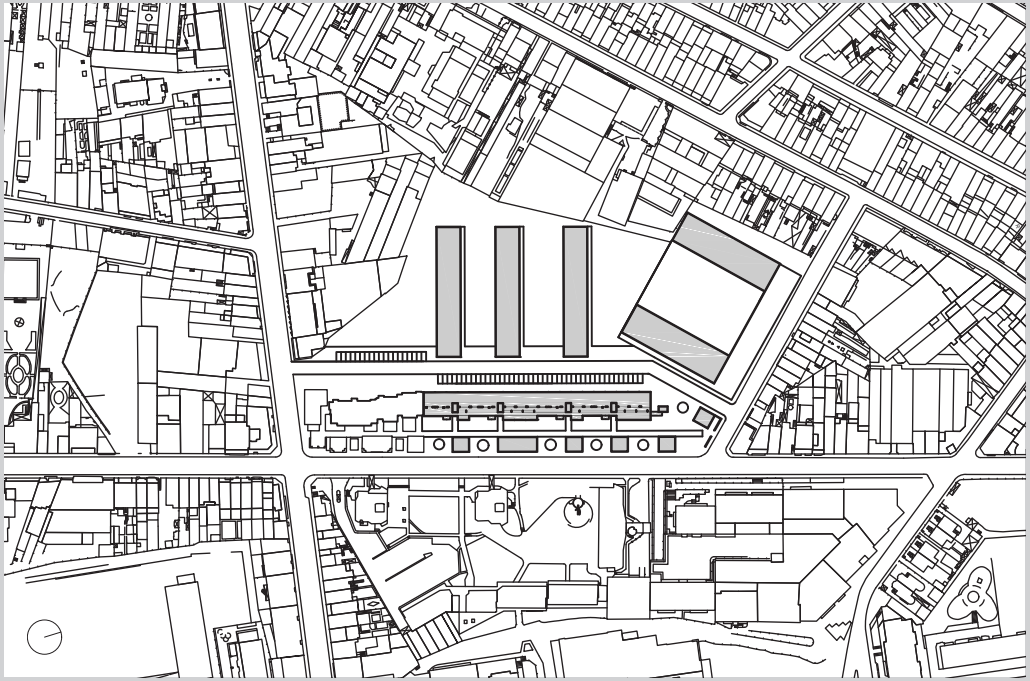


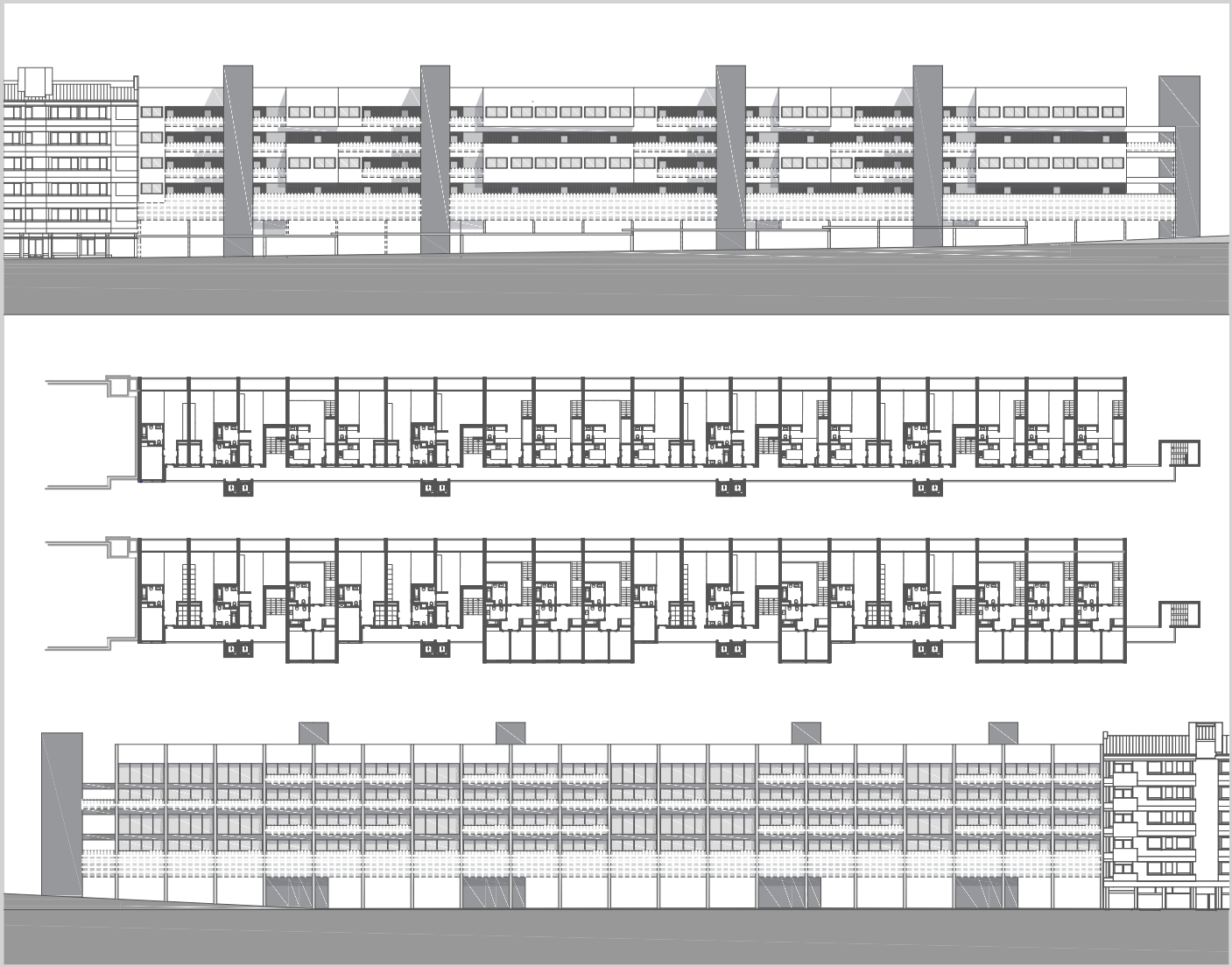


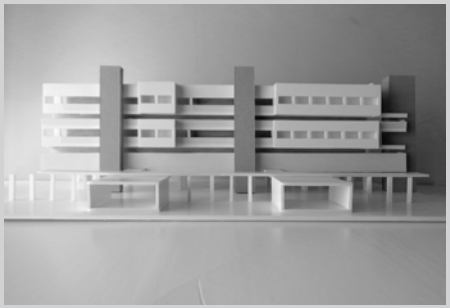


Sara Brites Ramos

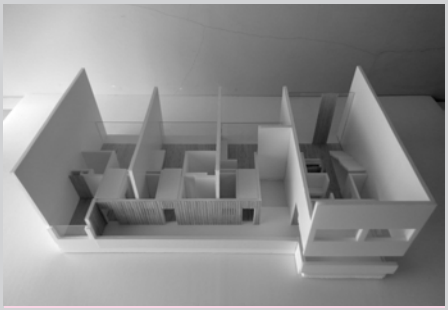
Sobre o terreno do antigo estádio do Lima surge um complexo habitacional que proporciona dois mundos. Um primeiro que se volta sobre a rua da Alegria e o complexo do Luso e um outro que se estabelece na relação com a nova rua que atravessa o quarteirão. Deste encontro procura-se um momento que estabeleça a ponte entre estes lugares. O edifício que se prolonga a partir do Lima 5 é isso mesmo, uma espécie de "umbral" que procura responder aos estímulos da envolvente. Assim, o edifício é encostado à empena e são respeitadas proporções de cércea, a galeria estendida e os serviços multiplicam-se ao longo da rua da Alegria. Paralelamente, o edifício é levantado do chão e a relação com o resto do quarteirão permanece tanto física como visualmente. No que diz respeito às fachadas deste edifício procuraram-se duas respostas diferentes para dois momentos diferentes. O alçado da rua da Alegria é o mais dinâmico oferecendo balanços que resultam dos T3 duplex sobre as galerias e a marcação vertical dos elevadores que contrapõe a horizontalidade das galerias. Já o alçado tardoz é mais sóbrio repetindo uma métrica que é ligeiramente deturpada no encontro com os T3. No interior é mantida uma lógica que passa pelo esquema: T1, T0, T0, T3 onde são incorporadas casas de banho ou caixas de escada salvo raras exceções.

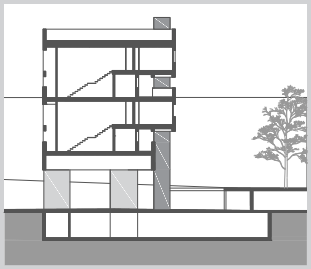


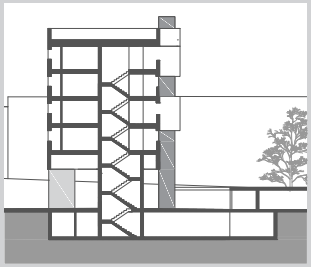


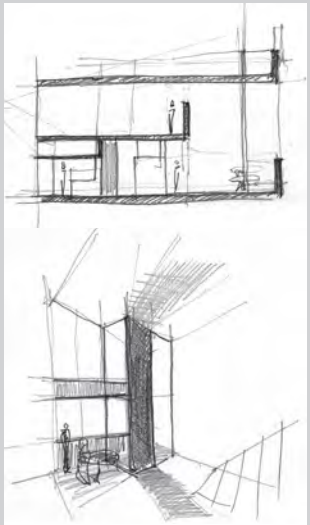










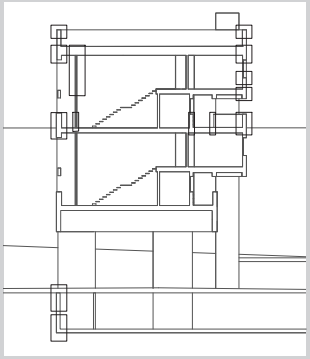




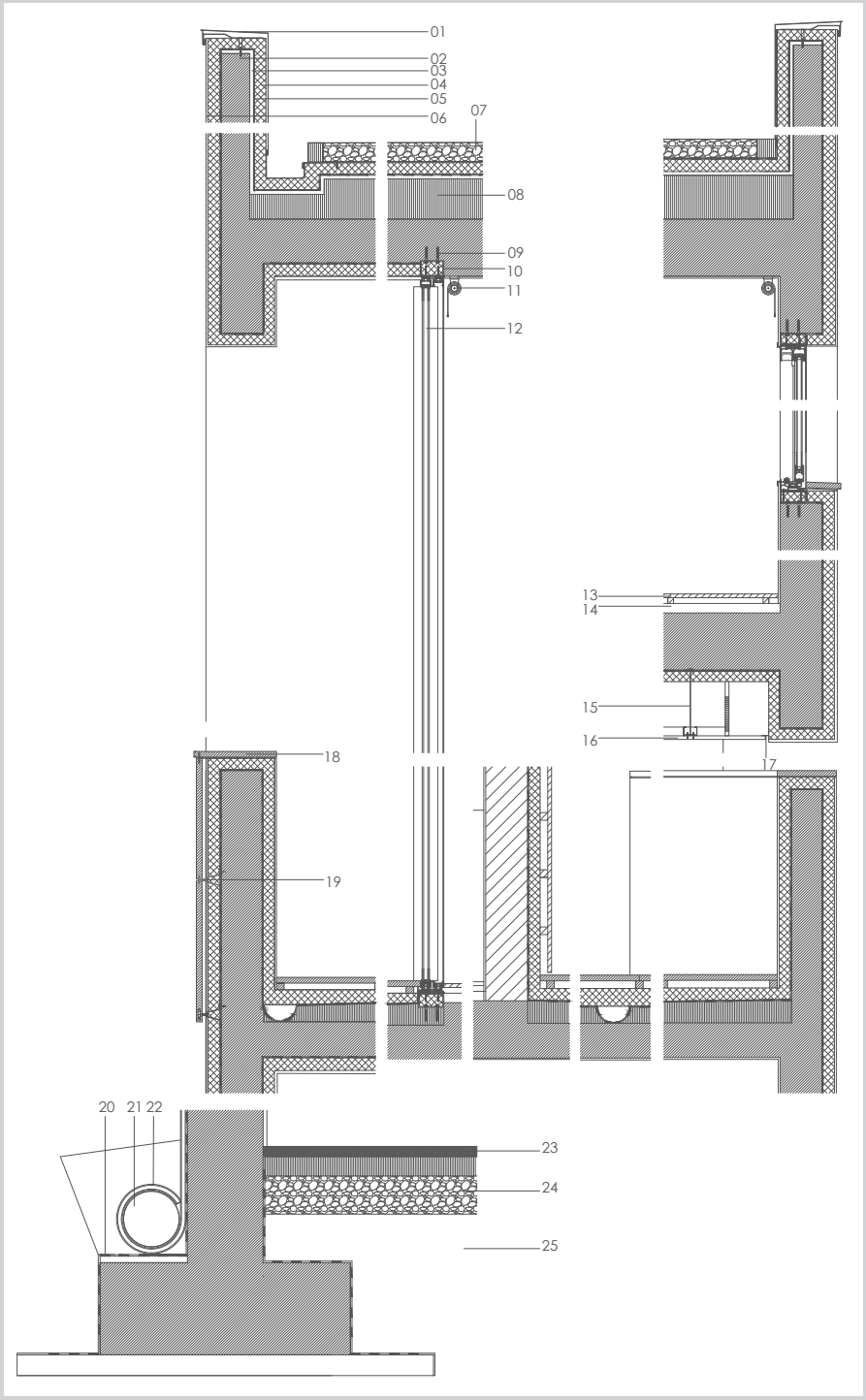




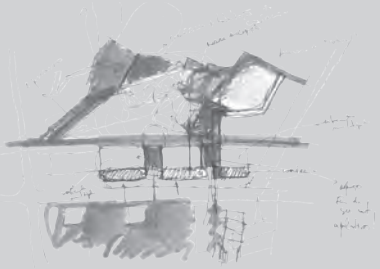




01. Chapa de zinco
02. Parede de betão
03. Camada de betão de regularização
04. Isolamento térmico
05. Tela de impermeabilização
06. Reboco
07. Godo
08. Betão leve
09. Parafuso
10. Pré-aro
11. Sombreamento
12. Caixilharia
13. Soalho
14. Lã de rocha
15. Montante de tipo Pladur M34
16. Placa de gesso cartonado hidrófuga
17. Perfil em alumínio tipo Pladur
18. Placagem de pedra
19. Grampo
20. Impermeabilização de pintura asfáltica
21. Dreno
22. Manta geotêxtil
23. Betão de alta densidade
24. Brita
25. Terra



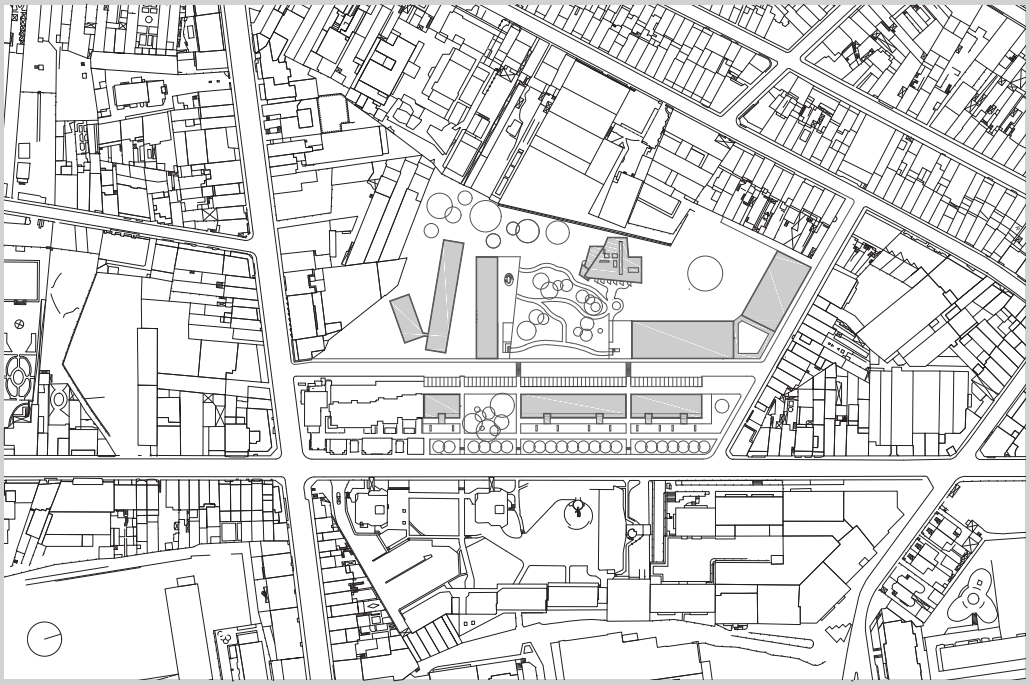


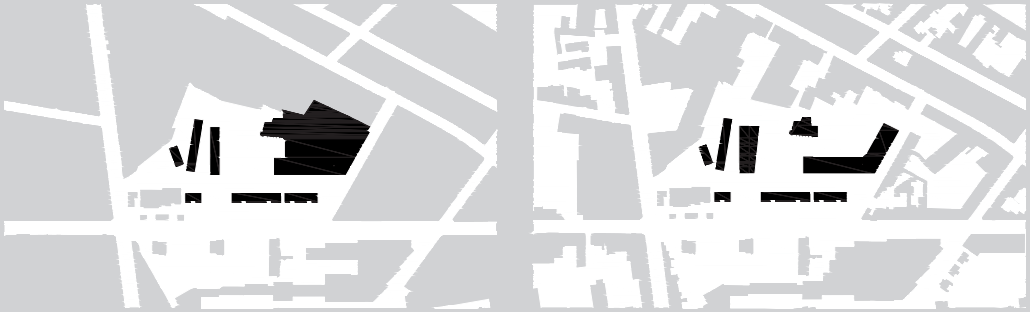


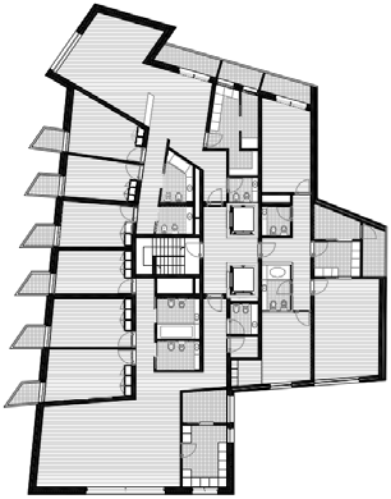


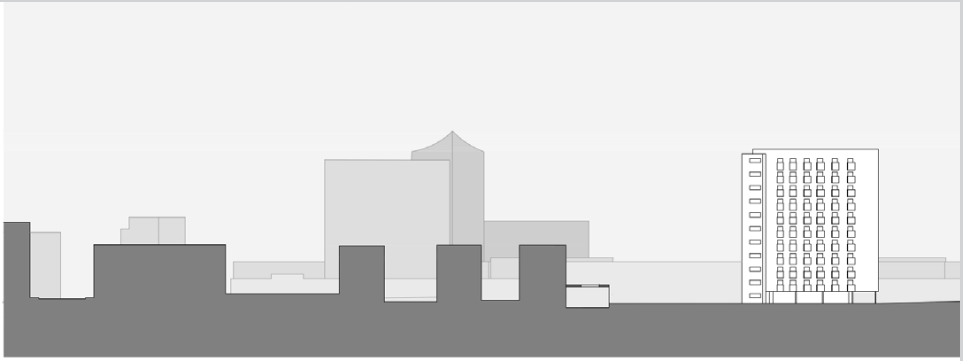
Sofia Borges

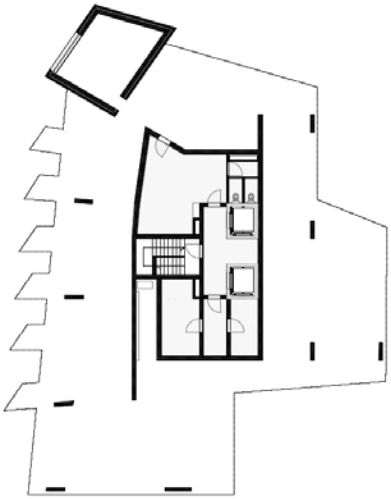
Tendo sido pensado para um determinado espaço urbano, este projeto é, mais do que um edifício de habitação plurifamiliar, um plano que prevê o desenho de um conjunto de espaços públicos e privados associados a edifícios de habitação, sendo a planta de conjunto do piso térreo fundamental para a compreensão de todo a intervenção. As aberturas entre os edifícios com sistema de acesso vertical múltiplo que desenham a frente da rua da Alegria, sugerem uma permeabilidade considerável para o interior do quarteirão. É aí que se desenha um grande espaço público – o jardim - momento aglutinador de todo o projeto.
A torre, como edifício de exceção no quarteirão, é, não só um elemento vertical que quebra a horizontalidade da proposta e estabelece um diálogo com os edifícios do complexo do Luso, como, especialmente, um elemento escultórico, associado ao espaço do jardim. Neste edifício de exceção, o piso térreo é desobstruído (contendo apenas os acessos verticais, espaços de arrecadação e zonas convívio). Os módulos-base, compostos por três apartamentos simplex (dois T3 e um T2), desenvolvem-se nos dez pisos superiores.

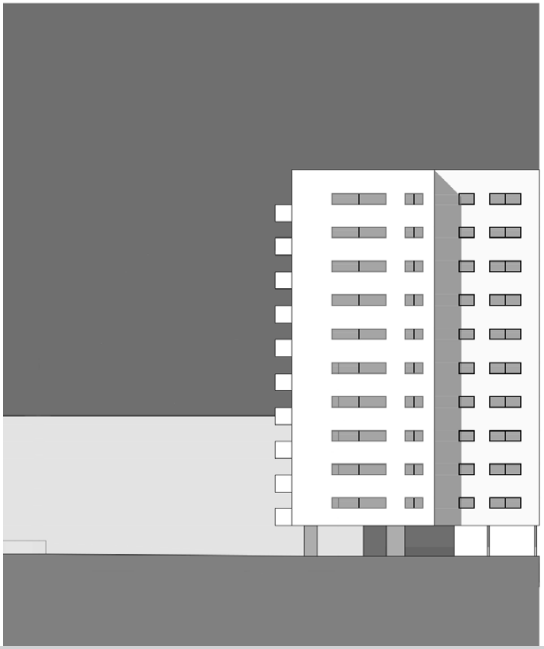


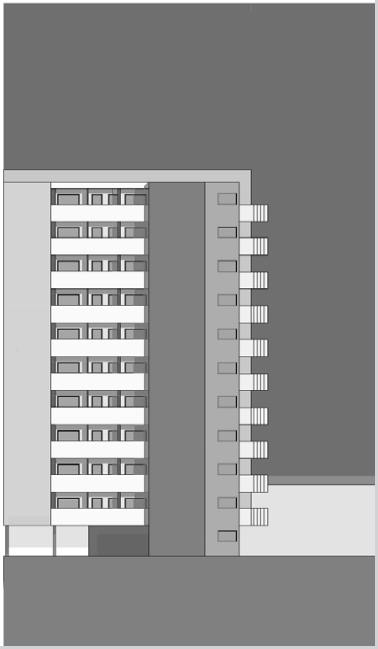








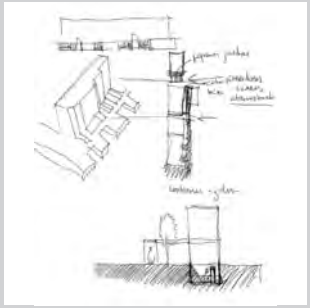




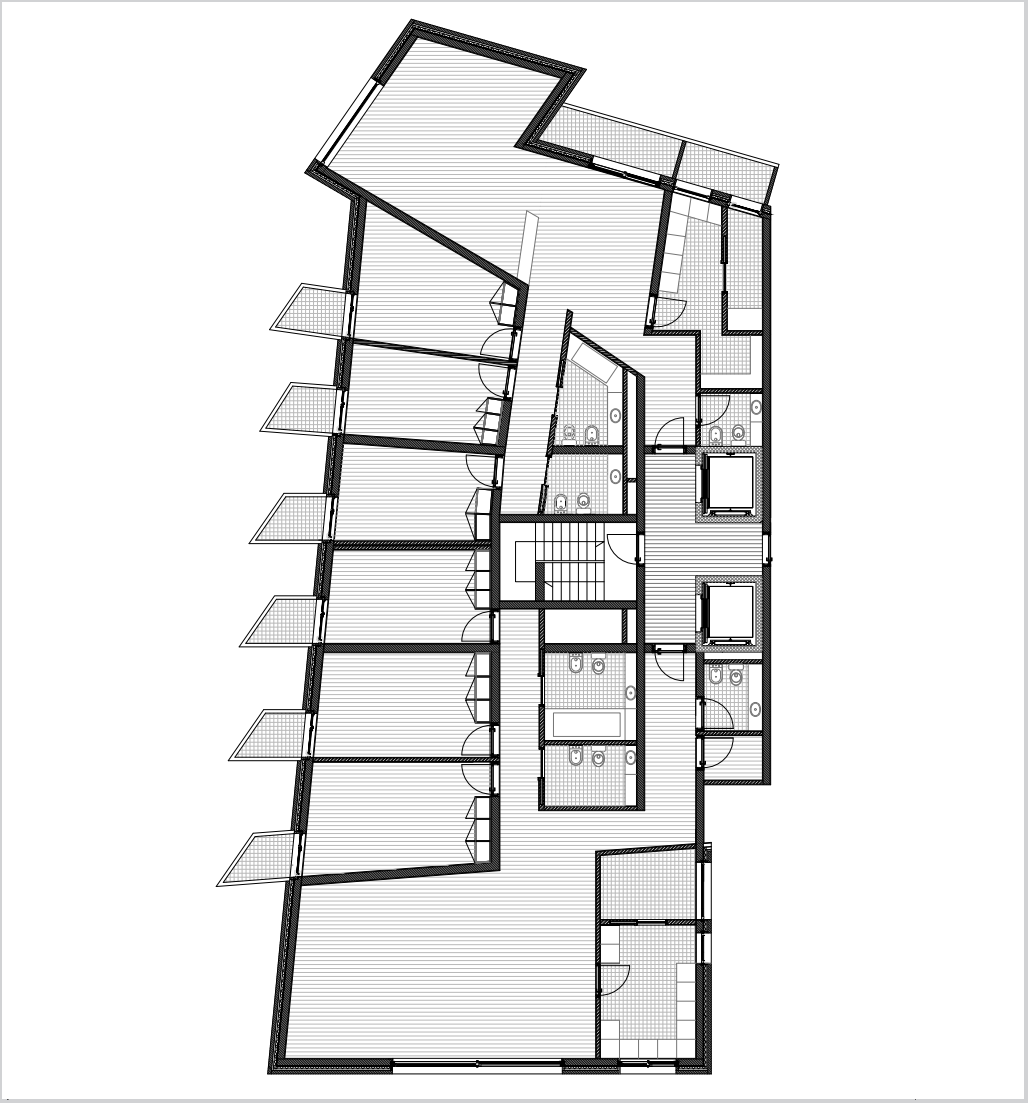










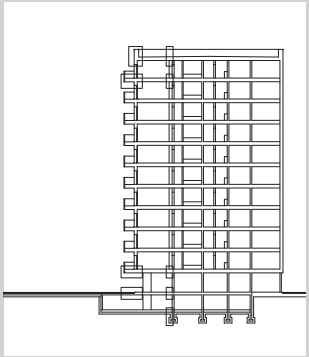




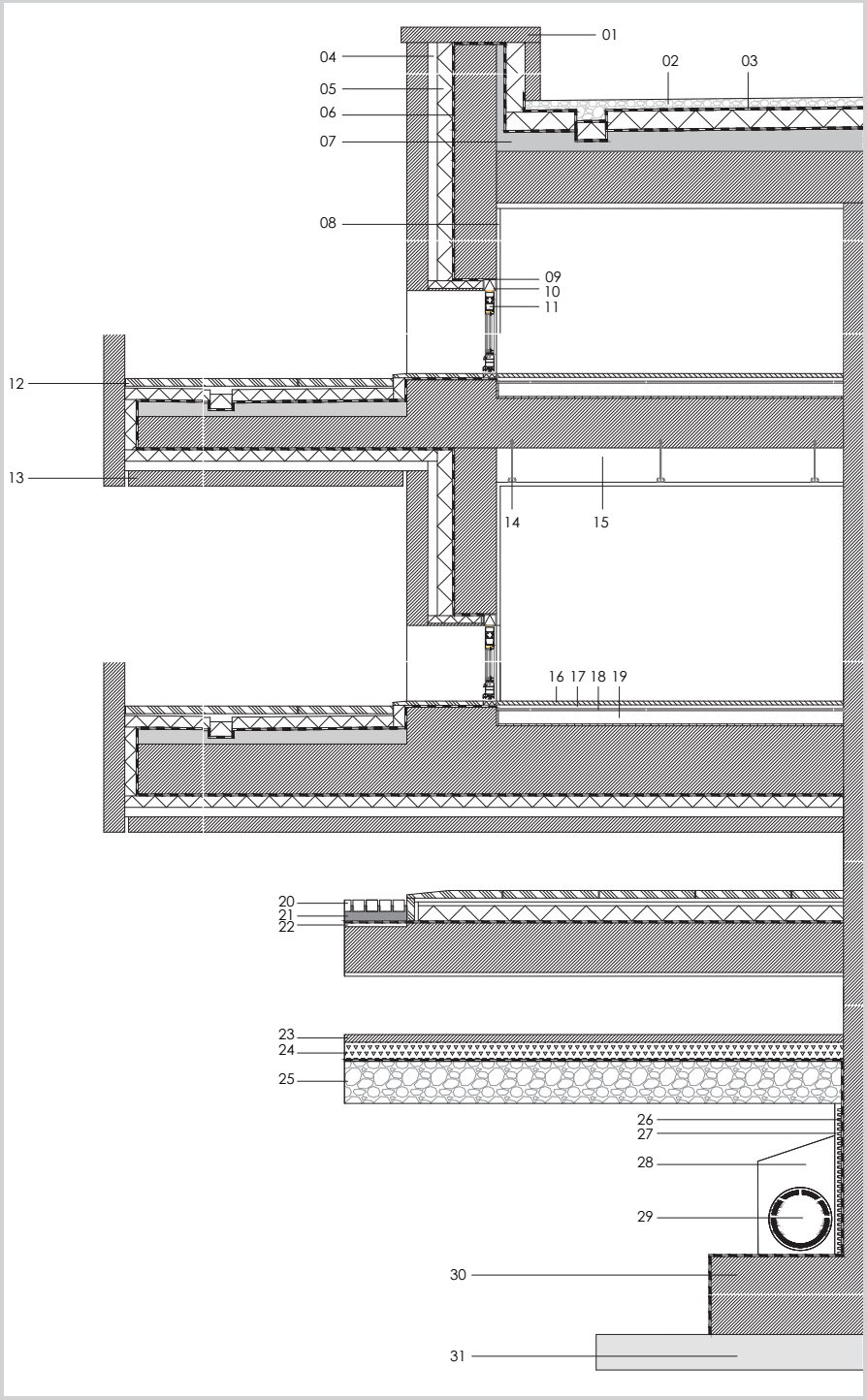




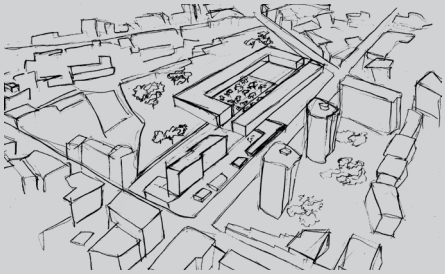


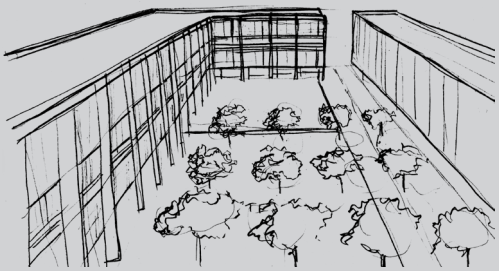


01. Platibanda de betão
02. Godo rolado
03. Camada separadora (manta geotêxtil)
04. Caixa de ar
05. Isolamento térmico (poliestireno extrudido)
06. Impermeabilização (tela asfáltica)
07. Camada de forma (betão leve)
08. Reboco
09. Pré-aro metálico
10. Isolamento térmico
11. Caixilho de alumínio Technal
12. Lajeta de pedra
13. Placagem de betão
14. Grampo de fixação
15. Teto falso
16. Soalho
17. Caixa de ar
18. Isolamento acústico
19. Betão leve
20. Microcubo
21. Caixa de areia
22. Regularização
23. Auto nivelante
24. Massame de betão
25. Caixa de brita
26. Tela drenante
27. Impermeabilização reforçada com tela asfáltica
28. Brita
29. Dreno
30. Fundação
31. Betão de limpeza





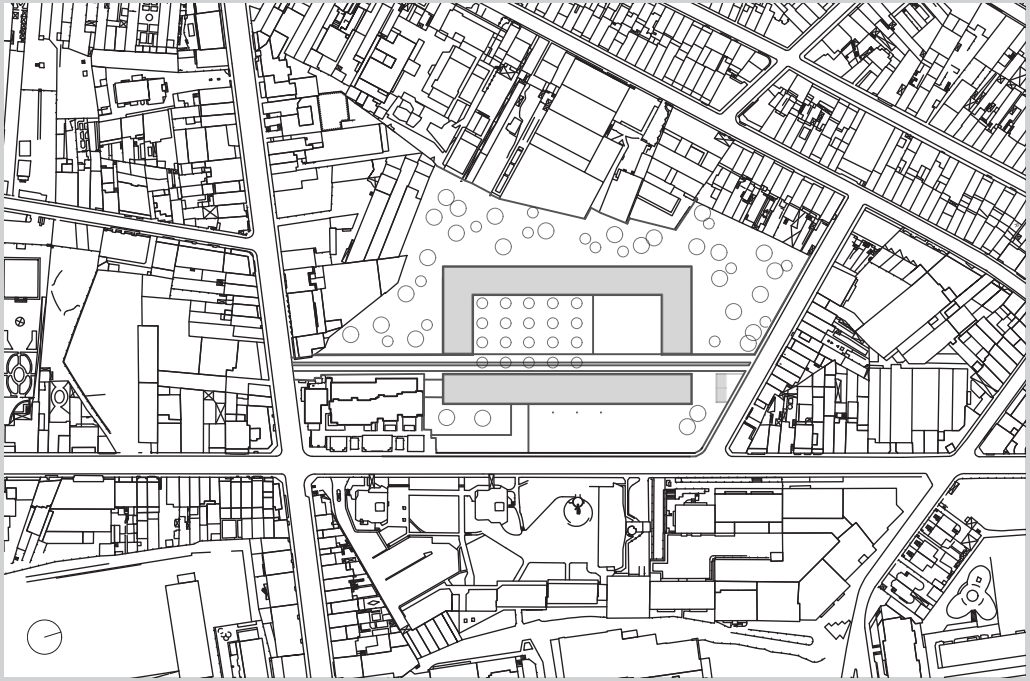


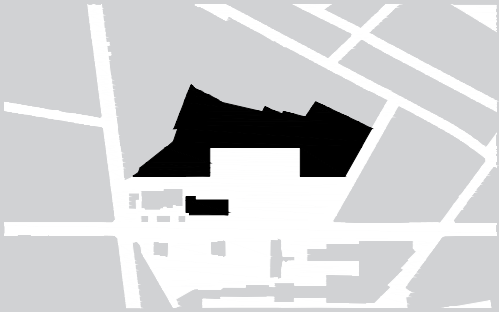


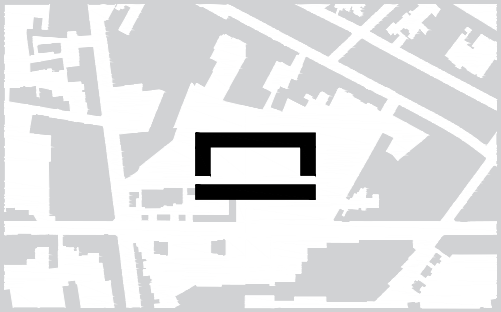
Verónica Pinto

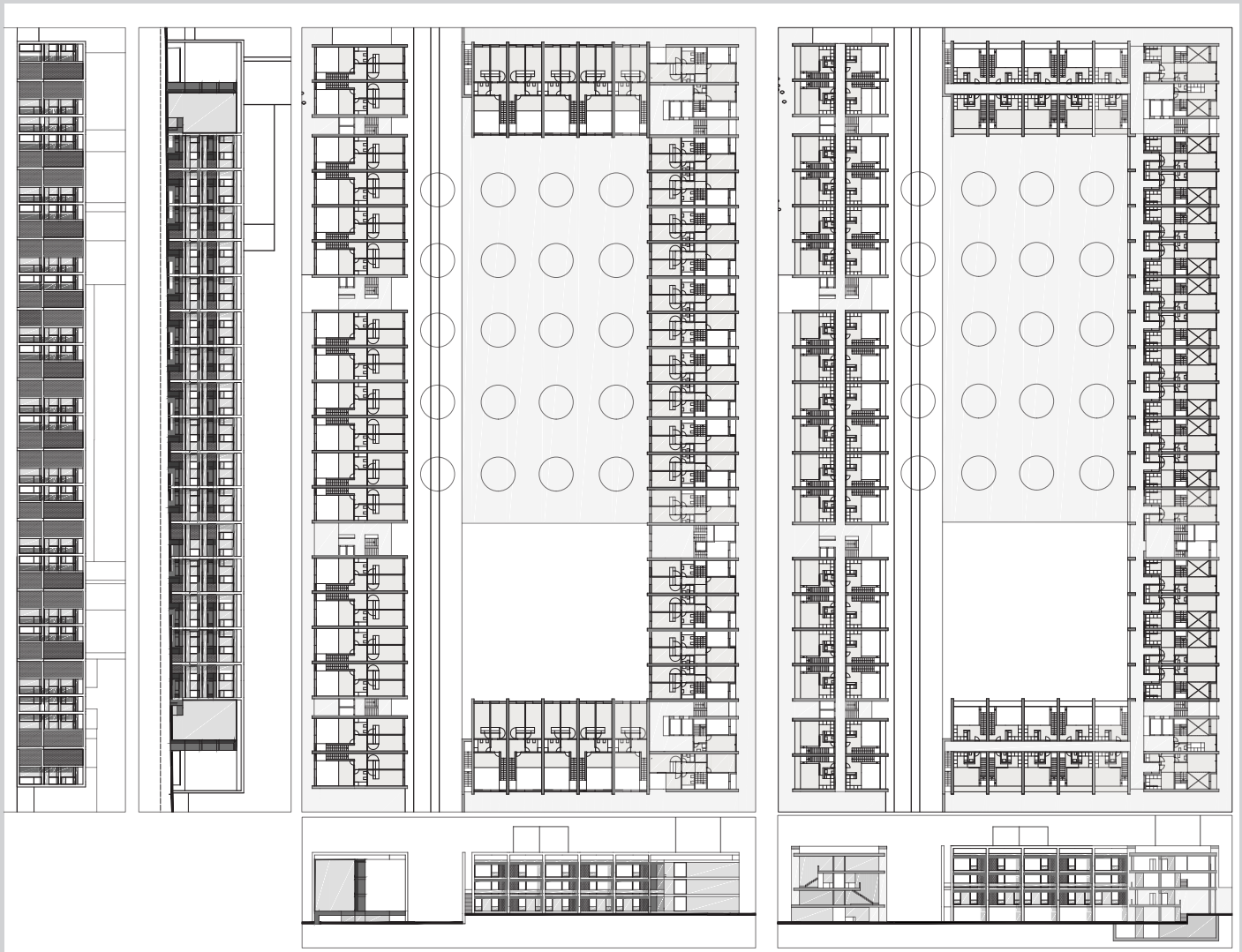
Um gesto contínuo contrasta com os fragmentos da cidade que o envolve, definindo um anel, intersetado apenas pela rua que, em volume, o quebra. No entanto, através do tratamento uniforme da materialidade dos pavimentos e alçados, esta interrupção torna-se o mais silenciosa possível, conservando a identidade e contenção de um espaço central.
O edifício em galeria que, a partir dos gavetos se transforma em galeria interna, é composto por módulos que, em semelhança ao pátio central, variam com o tempo, carácter, e rotina de quem os habita. Montados sob um esquema de pé direito duplo em torno de um espaço central, o número de quartos varia segundo um sistema métrico claro do ponto de vista geométrico e estrutural que, pela regra, permite a exceção. O mesmo princípio se estende ao desenho do alçado, composto por um primeiro plano rígido e regularizador, que enquadra um segundo, mais livre e diverso.
Apesar da continuidade, é na rutura que surge o diálogo com os habitantes que, no seu seio, dialogam entre si. Um lugar que permita "*contestar a ordem, promover encontros, agregar diferenças, gerar choques e instaurar algum caos*"[1].

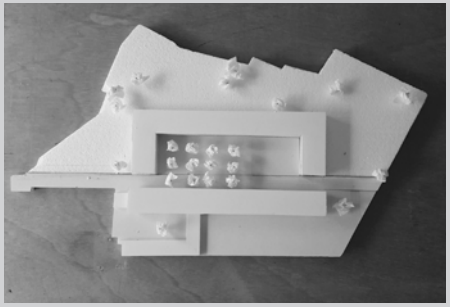
[1]Lina por escrito, Lina Bo Bardi

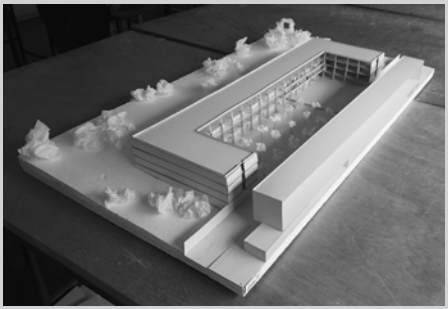


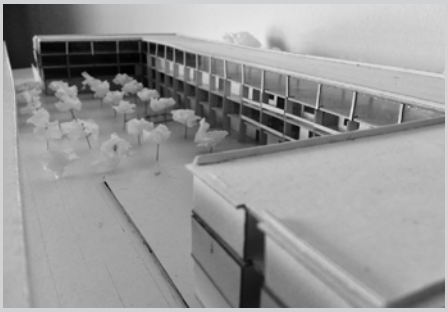


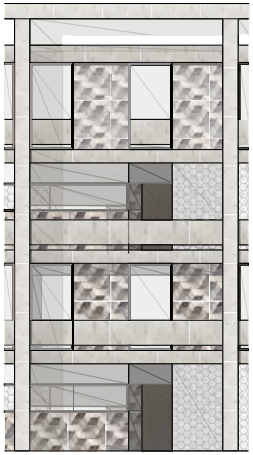


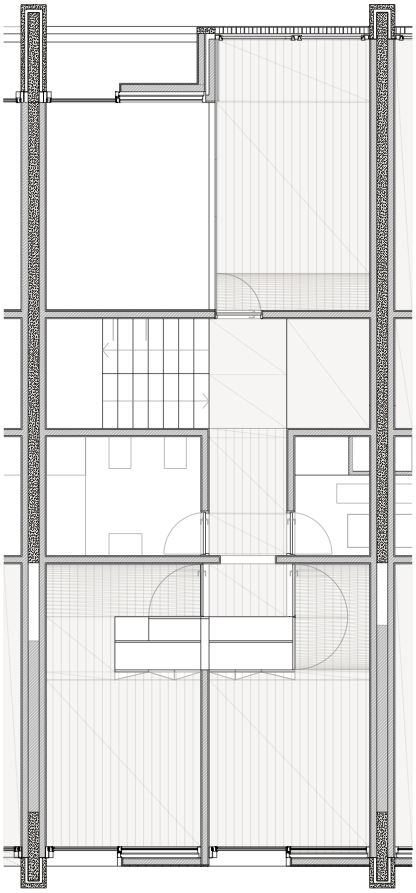


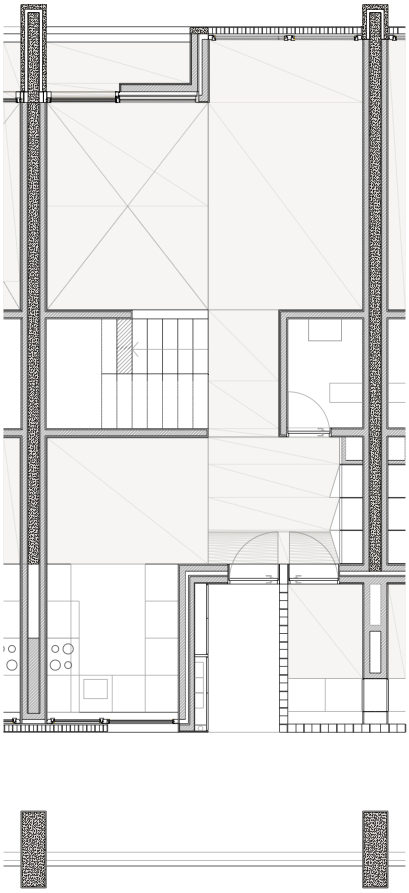




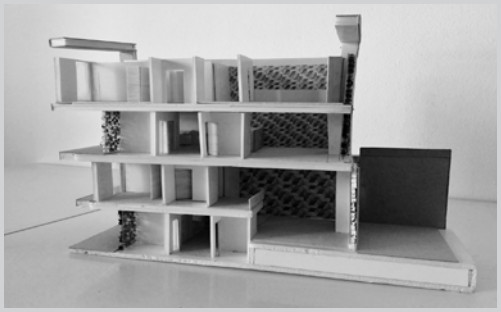


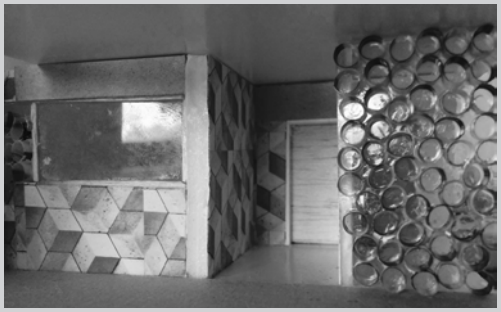


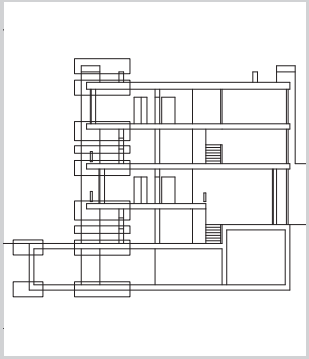




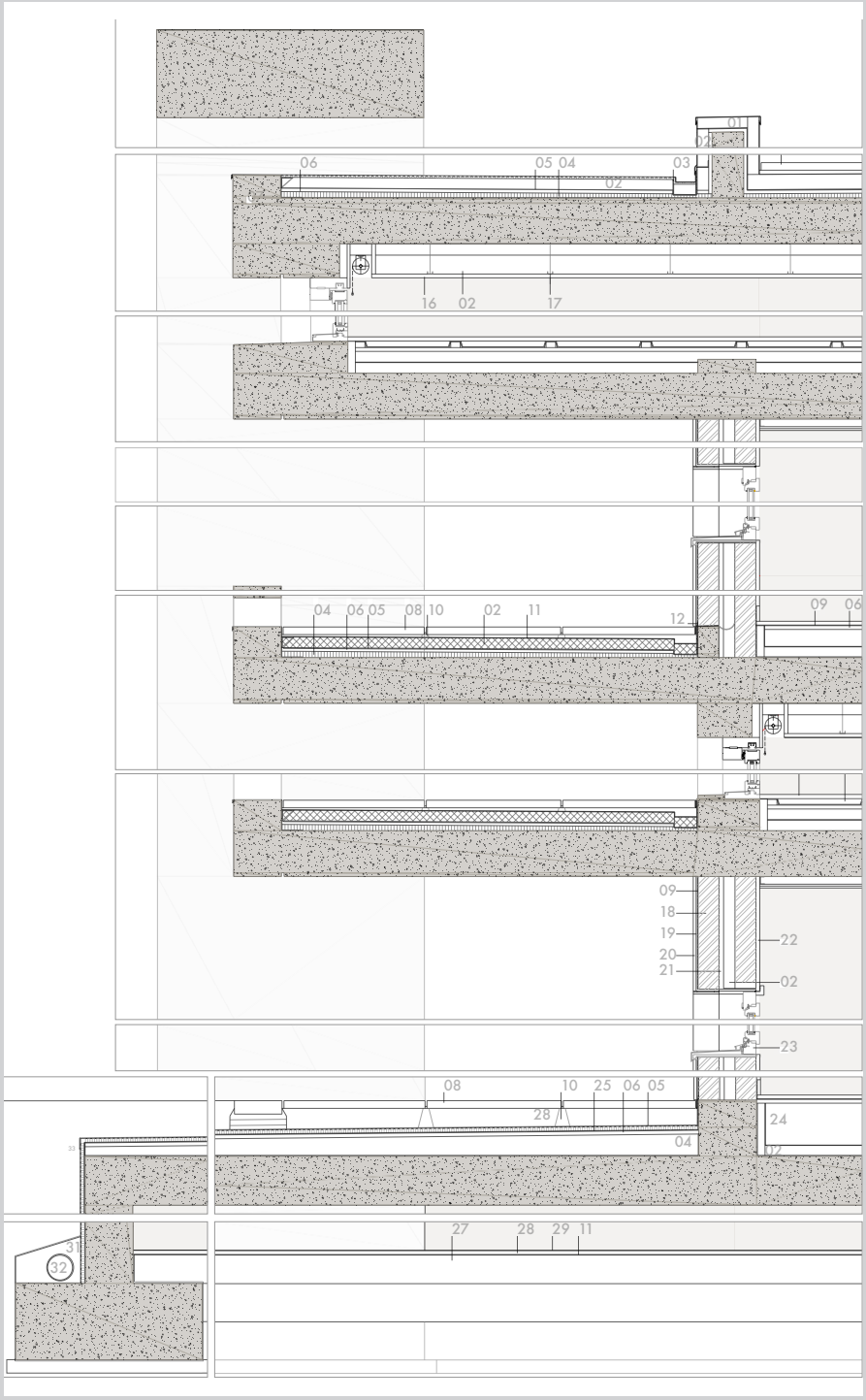








01. Chapa de zinco
02. Isolamento térmico
03. Caleira
04. Betão leve
05. Geotêxtil
06. Regularização
07. Lage de betão
08. Lajeta de betão
09. Cimento cola
10. Apoios plásticos
11. Tela de impermeabilização
12. Rufo de zinco
13. Soalho
14. Granulado de cortiça
15. Tela de corte acústico
16. Placa de gesso cartonado
17. Montante de tipo Pladur M34
18. Tijolo
19. Ceresite
20. Azulejo
21. Caixa de ar
22. Reboco interior
23. Caixilho de madeira do tipo Hubber
24. Enchimento
25. Tela asfáltica
26. Caixa de areia
27. Massame de betão
28. Betonilha de cimento
29. Microbetão
30. Esteira drenante
31. Enrocamento/ brita
32. Dreno
33. Terra



DOCENTES de PROJETO 3 (2016-17)

Luís Soares Carneiro (Regência)

Arquiteto e Professor Associado na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Licenciado pela ESBAP em 1987 e Doutorado pela FAUP em 2003.

Além de manter uma intensa actividade de projecto, ensina (nos curso de Mestrado Integrado e de Doutoramento), escreve e participa em encontros nacionais e internacionais.

Trata sobretudo temas relacionados com Habitação Colectiva, Espaços Teatrais e História da Arquitetura Portuguesa.

Tem diversos livros publicados quer sobre o seu trabalho como arquiteto quer tratando de questões de História da Arquitetura.

André Santos

Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 1989.

É docente na FAUP desde 2006, tendo-se doutorado em 2016 com a tese "Similaridades e singularidades na reabilitação arquitetónica do parque escolar – Programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011)".

Atualmente é Professor Auxiliar na FAUP, lecionando na unidade curricular Projeto 3, centrada no programa da habitação plurifamiliar, sendo regente da UC Optativa Arquitetura e Desenho (2017-18 1S).

Desenvolve paralelamente a atividade de investigador em diversos projetos, passando a integrar o CEAU em 2017.

É coautor dos livros "Siza Vieira" e "Eduardo Souto de Moura" editados pela QuidNovi e tem vários artigos publicados, nomeadamente na Resdomus.

Conta com uma vasta produção profissional, salientando-se a reabilitação do Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra), o Museu do Vinho da Bairrada (Anadia), o Parque Central (Maia), e a reabilitação das escolas secundárias Inês de Castro e de Canelas (Gaia).

Helder Casal Ribeiro

Arquiteto (FAUP, 1992), Doutorado em Arquitetura com a tese "A Experimentação do Moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60" (FAUP, 2013). Docente da FAUP desde 1999 onde, actualmente é Professor Auxiliar.

Visiting Professor no Politecnico di Milano - Scuola di Architettura e Società - Polo Territoriale di Mantova, Itália (2014/15; 2015/16).

Desenvolve, a partir de 1992, atividade profissional de forma contínua. Atribuído o Prémio IHRU 2008_Construção pelo Conjunto de Habitações Sociais nas Fontaínhas, integrado no P.E.R., 1997/2008, em coautoria com Ana Sousa da Costa.

Investigador do CEAU-FAUP, Grupo Atlas da Casa, no projeto Identidade e Transferência, onde desenvolve, entre outros, o tema sobre o processo de desenho no Porto entre anos 40 e 60 do século XX, período experimental no panorama do moderno e fundacional da arquitectura contemporânea portuguesa.

Luís Viegas

Arquiteto, licenciado em 1994 pela FAUP, Mestre em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano (FAUP/FEUP), desde 1998, e Doutor em Arquitetura pela FAUP (2015) com a tese "Diálogos entre Arquitetura e Cidade. Por um Campo Multidimensional Operativo".

É, atualmente, Professor Auxiliar na FAUP e Investigador no CEAU, desenvolvendo atividades entre a prática e a teoria, em diversos níveis da formação académica.

Destas atividades destacam-se: na docência, as da lecionação, como Assistente, de Projeto 3 no curso de MiArq e da regência de Métodos de Investigação em Arquitetura e Urbanismo no PDA; e, na investigação, as da criação e coordenação científica da linha "Diálogos entre a Prática e a Didática em Arquitetura: Produção, Ensino e Investigação, integrada" no grupo Morfologias e Dinâmicas do Território do CEAU.

Neste âmbito, organizou o Ciclo de Aulas Abertas "Mapas e Diálogos da Arquitetura Contemporânea" (2017) e o Ciclo de Conferências "Território(s) da Arquitetura Portuguesa: Imaterialidade e circunstância(s)" (2017) e orienta os trabalhos conducentes ao "Estudo sobre o Ensino na FAUP 2018 (1984-2017)", em curso.

Marco Ginoulhiac

Arquiteto pelo Politécnico de Milão (1999), mestre pela FEUP (2002).

Doutor pela FAUP (2009).

Docente na FAUP nas Unidades Curriculares Projeto 3, Arquitetura e Desenho e regente da cadeira Architectural Toys, Processos de Reprodução Disciplinar em Arquitetura.

Membro do Comissão Cientifica do Mestrado em Arquitetura da FAUP e do Conselho Executivo da Resdomus, revista de cultura arquitetónica da FAUP.

Curador da participação da FAUP na UABB 2015 (Bienal de Arquitetura e Urbanismo) em Shenzhen.

Docente convidado na Ladislav Sutnar Faculty of Design and Art of the University of West Bohemia (Republica Checa), da Guangzhou Academy of Fine Arts (China) e da Hochschule München / Munich University of Applied Sciences (Alemanha).

Maria José Casanova

Arquiteta, licenciada pela ESBAP (1986).

Docente da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto desde 1987, doutorou-se em Arquitetura com a tese "A extinção das Ordens Religiosas e os conventos do Porto: transformação, rupturas e continuidade"(FAUP, 2015).

Enquanto Professora Auxiliar da FAUP integra as equipas de docência da UCs "Projeto 3" e "Arquitetura e Desenho" do Curso de Mestrado Integrado (MIARQ) e a coordenação do Curso Livre "Arquitetura e Desenho - habitação plurifamiliar do Século XX".

É investigadora do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, CEAU (FAUP).

Em simultâneo com a docência, exerceu prática profissional nas áreas da habitação e requalificação arquitetónica e urbana, com trabalhos desenvolvidos em colaboração com diversos arquitetos.

Obteve o Prémio Municipal de Arquitetura (habitação Sousa Magalhães, em coautoria com Vítor Bastos), atribuído pela Câmara Municipal da Maia em 1997.

Marta Rocha

Arquiteta pela FAUP (2001) e mestre em 'Metodologias de Intervenção no Património Arquitetónico' (2007) com a dissertação "Da casa ao museu: adaptações arquitetónicas nas casas-museu em Portugal" (Melhor Trabalho de Museologia 2007 - Prémio APOM. Associação Portuguesa de Museologia), e Doutora em Arquitetura (2017) com a tese "O Valor do Tempo. O Programa Intelectual e Arquitectónico de Raul Lino".

Entre 1999 e 2001, estudou na École d'Architecture de Nancy e trabalhou no atelier de Emmanuelle e Laurent Beaudouin, em França. Dedicou-se a diversos projectos de arquitetura em coautoria com o arquiteto Fabien Vacelet (2001-2009), tendo a obra da CASA RV recebido o 1.º Prémio Nacional de Arquitetura em Madeira (PNAM'15).

Desde Setembro de 2006 faz parte da equipa docente da UC Projeto 3, sendo actualmete professora Auxiliar na FAUP.

No ano lectivo 2017-2018 é regente da UC Arquitetura e Desenho 2, também do MIArq.

Desde 2009 é membro do grupo de investigação Atlas da Casa do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, sendo investigadora do projeto I&D/ FCT, "Mapa da Habitação: Reflexão crítica sobre a arquitetura habitacional".

ALUNOS de PROJETO 3 (2016-17)

Adina Staicu
Adriana Soares
Adriana Faísca
Adriana Costa e Silva
Adriana Carvalho da Silva
Afonso Abreu
Alberta Silva
Alexa Cordero
Alexander Silva
Alexandra Fonseca
Alexandra Paulo
Alexandre Marques
Amanda Franzoni
Ambra Grova
Ana Beatriz Azevedo
Ana Catarina Ferreira
Ana Godinho
Ana Filipa Martins
Ana Filipa Capela
Ana Inês Meireles
Ana Luís Castro
Ana Luísa Alvim
Ana Mafalda Marques
Ana Margarida Cavaco
Ana Maria Calçada
Ana Marta Silva
Ana Olívia Arantes
Ana Patrícia Bernardo
Ana Rita Coelho
Ana Rita Gandra
Ana Rute Malato
Ana Sofia Borges
Ana Sofia Loureiro
André Almeida
Ângela Rodrigues
Antonio Paoletti

Bárbara Miranda
Basak Isik
Beatriz Nunes
Beatriz Merouço
Beatriz Quintiliano
Beatriz Rocha
Beatriz Vieira
Bernardo da Silva
Bruna Campos
Bruno Silva

Carolina Guerra
Carolina Esteves
Carolina Carvalho
Catarina Cruz
Catarina Serra
Catarina Hipólito
Catarina Vilarinho
Catarina Capitão
Catarina Quinaz
Cesare Cantoni
Cristiana Pereira

Damiano Urbani
Damião Franco
Daniel Sá
Deise Rodrigues
Diana Chen
Diogo Fernandes
Diogo Campos
Diogo Santos

Elves Gonçalves
Estela Custodio

Fernanda Araújo
Filipa Azevedo da Silva
Filipe Tavares
Francisca Macedo
Francisco Silva
Francisco Puga
Frederico Barbosa

Henrique Siza Vieira
Hugo Figueiredo
Humberto Ataíde

Inês Sardinha
Inês Pinto de Faria
Inês Lopes
Ismael Sousa
Ivonaldo Pereira

Joana Curval
Joana Ferreira
Joana Abreu
Joana Pereira
Joana Fernandes

João Manarte
João Gomes
João Taveira
João Alves
João Saraiva
João Magalhães
João Lascasas
João Queiroga
João Tito da Silva
Jonas Veiga
José Daniel Mourão
José Cunha
Júlia Gonçalves
Juliana Santana

Laila Gonçalves
Lewis Williamson
Lívia Ferreira
Luís Araújo
Luis Rodrigues

Mafalda Ribeiro
Magda Afonso
Marcela Bernardo
Margarethe Araújo
Margarida Macedo
Margarida Santos
Margherita Chinaglia
Maria Ana Santos
Maria Lamela
Maria Francisca Pereira
Maria Inês Duarte
Maria João Amaral
Maria Luisa Azevedo
Mariana Ribeiro
Mariana Fonseca
Mariana Campos
Mariana Matos
Mariana Pimenta
Mariana Antunes
Mariana Menezes
Marina Uematsu
Mário Vilela
Mário Esteves
Mário Silva
Marlene Macieirinha
Marta Campos

Matilde Pereira
Matteo D'Antonio
Miguel Francisco

Natália Fávero
Nuno Silva
Nuno Neves
Nuno Sarmento

Patrícia Fernandes
Patrick Nunes
Pedro Oliveira

Raquel Silva
Raquel Lagoa
Renan Antiqueira
Ricardo Mota
Ricardo Rodrigues
Rita Marques
Rita Rodrigues
Rodrigo Bernardin
Ruben Sousa
Rui Alves
Rute Morais

Samuel Carreira
Samuel Ramalheira
Sara Rodrigues
Sara Ramos
Sara Alves
Sérgio Moreira
Sérgio Ribeiro
Sofia Lima

Teresa Caruso
Tiago Saraiva
Tingting Yang

Vânia Costa
Verónica Pinto
Vivian Paiva